



**JAKOB ROBERT SCHNEIDER**

**A PRÁTICA DAS CONSTELAÇÕES FAMILIARES**

**Jakob Robert Schneider**

**A Prática das Constelações Familiares**

**Bases e Procedimentos**

**Tradução**

**Newton A. Queiroz**

2007

ATMAN



Do original alemão  
**Das Familienstellen - Grundlagen und Vorgehensweisen**

Copyright © 2005 Jakob Robert Schneider  
Carl-Auer-Systeme-Verlag, Heidelberg  
Printed in Netherlands.  
1a.edição, outubro 2006  
ISBN 13: 978-389670-471-9

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados) sem permissão escrita do detentor do “Copyright”, exceto no caso de textos curtos para fins de citação ou crítica literária.

**1a Edição - junho 2007**  
**ISBN 978-85-98540-14-6**

Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela:  
EDITORA ATMAN Ltda.

Caixa Postal 2004 - 38700-973 - Patos de Minas - MG – Brasil  
Telefax: (34) 3821-9999 - <http://www.atmaneditora.com.br>  
[editora@atmaneditora.com.br](mailto:editora@atmaneditora.com.br)

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

**Designer de capa:** Alessandra Duarte

**Diagramação:** Virtual Edit

**Revisão ortográfica:** Elvira Nícia Viveiros Montenegro

**Coordenação editorial:** Wilma Costa Gonçalves Oliveira

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme o decreto nº 10.994,  
de 14 de dezembro de 2004.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H4771

Hellinger, Bert.

A prática das constelações familiares / Jakob Robert Schneider;  
tradução de Newton A. Queiroz. - Patos de Minas: Atman,  
2007.

p. 216.

ISBN 978-85-98540-14-6

1. Psicoterapia. 2. Relações Humanas. 3. Reconciliação -  
processo terapêutico. I. Título.

CDD: 616.891 4

**Pedidos:**

[www.atmaneditora.com.br](http://www.atmaneditora.com.br)  
[comercial@atmaneditora.com.br](mailto:comercial@atmaneditora.com.br)

*Este livro foi impresso com:*

**Capa:** supremo LD 250 g/m<sup>2</sup>

**Miolo:** offset LD 75 g/m<sup>2</sup>

# Sumário

## Prefácio

## Preliminares

### 1. Introdução

#### **O que há de novo e atraente nas Constelações Familiares? ..... 9**

A pessoa de Bert Hellinger e a concentração no  
inconsciente familiar e coletivo ..... 9

Um exemplo: o medo de falar em público ..... 9

O método das constelações familiares ..... 10

A dimensão anímica ..... 10

A alma e o sistema de relações ..... 11

O destino ..... 11

A ordem ..... 12

A reconciliação ..... 12

A ajuda ..... 13

#### **2.0 processo da Constelação Familiar ..... 15**

A constelação ..... 15

Eu queria finalmente ter uma boa relação com uma mulher!

- Exemplo de uma constelação ..... 16

A análise ..... 21

Da constelação clássica aos “movimentos da alma” ..... 22

Como se processa uma constelação? ..... 23

#### **3. Vínculo e liberação ..... 25**

A alma ..... 26

Amor de vínculo e emaranhamento ..... 27

A consciência ..... 27

*Os três níveis da consciência: o pertencer,  
compensação, ordem ..... 28*

*As três espécies de consciência: consciência de grupo,  
consciência pessoal, consciência universal ..... 28*

O modo de atuação das forças de vinculação  
determinadas pelo destino ..... 30

*O círculo de pessoas do amor de vínculo ..... 30*

*Os excluídos e sua representação ..... 30*

*A imitação ..... 34*

*O seguimento ..... 35*

*A representação ..... 35*

*O desejo de ajudar, reparar e satisfazer ..... 36*

*O espanto e o horror ..... 37*

*A justa compensação, o preço e o ganho ..... 39*

*A aderência dos mortos ..... 42*

A forma de atuação das forças da alma que liberam ..... 43

*A integração dos excluídos ..... 44*

*Fazer o luto e deixar que os mortos se vão ..... 45*

*A despedida da ilusão ..... 45*

*A reconciliação ..... 46*

*A renúncia à justiça e a uma compensação plena ..... 47*

*A superação do trauma ..... 48*

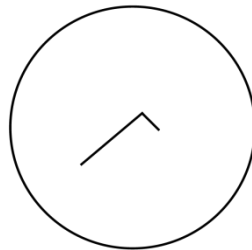
*O amor esclarecido ..... 49*

As ordens do amor .....	49
<i>A ordem pela origem, .....</i>	50
<i>A ordem pela progressão e as relações familiares complexas.....</i>	51
<i>Homem e mulher .....</i>	51
<i>O intercâmbio de dar e receber entre pais e filhos .....</i>	54
O fluxo da vida - Obstáculos e soluções.....	54
<i>Quando os filhos consolam os pais carentes.....</i>	55
<i>Relações de parceria entre pais e filhos.....</i>	55
<i>A interrupção e a recusa do movimento afetivo.....</i>	56
<i>A recriminação.....</i>	57
<i>A depressão .....</i>	57
<i>A espiritualidade .....</i>	58
<i>“Por favor” e “obrigado”, “sinto muito” e “sim” .....</i>	59
<b>4. Método e procedimentos das Constelações</b>	
<b>Familiares.....</b>	<b>61</b>
O contato .....	62
A questão.....	63
As informações.....	65
A escolha do sistema de relações.....	69
A escolha dos representantes.....	71
A constelação propriamente dita.....	72
A imagem da constelação.....	74
A dinâmica da alma.....	76
<i>“Movimentos da alma” .....</i>	77
<i>“Ordens do amor” .....</i>	79
A ordenação do sistema familiar.....	84
A imagem esclarecedora.....	85
A palavra que amarra e a palavra que desamarra.....	86
O ritual que mobiliza.....	87
<i>A reverência .....</i>	87
<i>A fila dos antepassados.....</i>	88
Constelações da <i>grande alma</i> .....	89
O fechamento das constelações.....	92
<b>5. Áreas de aplicação e efeitos das Constelações Familiares.....</b>	<b>94</b>
<i>O setting: Grupo - Sessão individual - Telefone.....</i>	94
Áreas de aplicação.....	95
Os resultados das constelações familiares.....	95
A percepção do efeito das constelações familiares.....	97
O significado das informações para o bom efeito da constelação.....	98
Como o cliente lida com a constelação.....	99
<b>6. Considerações sobre uma teoria das Constelações Familiares.....</b>	<b>100</b>
A percepção representativa.....	101
<i>Modelos de explicação.....</i>	101
<i>A pessoa do representante.....</i>	104
<i>A representação “relativa” .....</i>	104
Verdade e realidade - O método fenomenológico .....	105
O método sistêmico .....	106
Psicoterapia, aconselhamento, ajuda à vida, filosofia aplicada?.....	107
Indicações Bibliográficas .....	110

“Não conheço nenhum outro livro que descreva, em toda a sua amplitude, de um modo tão claro, compactude e ao mesmo tempo abrangente, a prática das constelações familiares.”

“O livro nunca é professoral, tendencioso ou autoritário. Com um estilo simples e vivo, que deixa em aberto o espaço e o sentido das possibilidades, ele convida o leitor a fazer uma imagem pessoal das constelações familiares e de seus efeitos, e a tirar suas próprias conclusões.”

(Do prefácio de Gunthard Weber)



**TSUYUKO SPELTER**

**Jakob Robert Schneider**

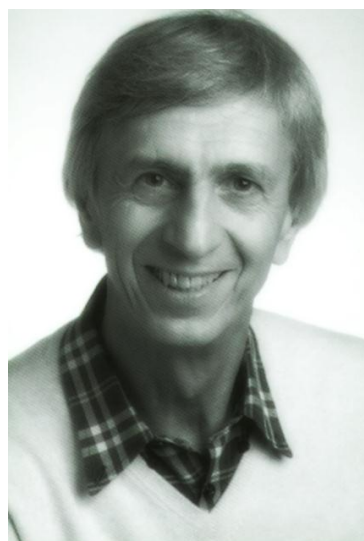
Diplomado em Filosofia, Teologia, Educação Física e Pedagogia.

Trabalha com aconselhamento individual e de casais e com terapia de grupo, em clínica particular.

Dirige e coordena cursos e seminários de formação em constelações familiares, em seu país e no exterior.

Membro do IAG, comunidade internacional para o desenvolvimento do trabalho sistêmico nos moldes de Bert Hellinger, e redator da revista *Praxis der Systemaufstellung* (Prática das Constelações Sistêmicas).

Autor, em colaboração com Brigitte Gross, do livro “Ah! Que Bom Que Eu Sei!” – A Visão Sistêmica nos Contos de Fadas, recentemente publicado pela Editora Atman.



## PREFÁCIO

Na verdade, este livro não precisa de prefácio e dispensa palavras de esclarecimento, preparação ou convite. Ele fala por si mesmo. Foi inicialmente planejado como uma introdução sintética ao método das constelações familiares, dentro de uma nova série editorial de introduções a diversas abordagens e temáticas sistêmicas. Partimos do pressuposto de que o enxugamento e a concisão conferem a um texto maior densidade, interesse e assertividade. Contudo, quando tivemos em mãos o primeiro esboço do texto de Jakob Schneider, fomos unânimes em reconhecer que já era tão claro e denso que só teria a perder se fosse abreviado e, pelo contrário, estimulamos o autor a ampliá-lo.

Assim surgiu, bem estruturado, conciso e recheado de exemplos concretos e muitas vezes tocantes, um manual básico de introdução às constelações familiares, atualizado quanto aos desenvolvimentos mais recentes, nesta área. Ele resume a evolução, os princípios básicos, os objetivos, as atitudes e os diversos procedimentos desse método de trabalho de uma forma lógica, diferenciada e estimulante para o leitor, concluindo com algumas considerações teóricas básicas.

Todos os *insights*, esboços, princípios e fundamentos desenvolvidos por Bert Hellinger (no que se refere, por exemplo, às espécies de consciência e de alma, às ordens do amor e da ajuda, às dinâmicas dos vínculos e dos emaranhamentos anímicos e de suas soluções e aos variados procedimentos) são descritos em capítulos breves, de uma forma bem compreensível e condensada. Não conheço nenhum outro livro que descreva, em toda a sua amplitude, de um modo tão claro, compacto e ao mesmo tempo abrangente, a prática das constelações familiares. O livro nunca é professoral, tendencioso ou autoritário. Com um estilo simples e vivo, que deixa em aberto o espaço e o sentido das possibilidades, ele convida o leitor a fazer uma imagem pessoal das constelações familiares e de seus efeitos e a tirar suas próprias conclusões. O leitor pode experimentar em si, já incorporadas na forma e no modo de expressão, as atitudes que estão na base do trabalho com as constelações familiares: a percepção centrada, a descrição respeitosa, orientada para os recursos e a solução, e a expressão isenta e destituída de intenções.

Jakob Schneider cultiva com Bert Hellinger uma amizade de alguns decênios. Dentre todos os terapeutas, é aquele que pratica regularmente há mais tempo a técnica das constelações familiares, sobretudo em sessões de grupos, na forma inconfundível desenvolvida por Bert Hellinger. Seu agradável estilo de exposição, que não é dogmático, normativo ou erudito, não provoca nos leitores resistências ou reações de defesa, como acontece (pelo menos comigo) na leitura de algumas publicações sobre o assunto. Embora mantendo-se bem próximo das conceituações de Bert Hellinger, o livro de Jakob Schneider revela muita autonomia. As constelações familiares tornaram-se, há muito tempo, o centro do seu trabalho, bem como de sua esposa Sieglinde. Percebe-se neste livro sua intensa dedicação a esse método especial e sua experiência de vinte anos nesse trabalho. Jakob não precisa provar mais nada. Nota-se que esse trabalho já se tomou natural para ele. Também devido à sua longa experiência, ministrando cursos e treinamentos no exterior, seu livro abre um amplo horizonte, ultrapassando muitas vezes o âmbito do aconselhamento e da psicoterapia. Esses processos são descritos por ele de uma forma refinada, porém “profana” - o que me faz bem.

Como aconteceu com Paul Watzlawick, que transmitiu de forma aceitável e atraente muitas ideias de Gregory Bateson, este livro também pode contribuir para aumentar a aceitação dos *insights* de Bert Hellinger e do método das constelações familiares, cujos efeitos profundos e especiais estão constantemente me surpreendendo e emocionando.

A leitura deste livro trará muito proveito, não apenas a quem já trabalha com constelações, como também aos que desejam adquirir uma perspectiva sobre esse trabalho.

*Gunthard Weber*

*Wiesloch, Fevereiro de 2006*

# PRELIMINARES

O método das constelações familiares segundo Bert Hellinger teve um grande desenvolvimento desde os seus inícios. Num tempo surpreendentemente curto ele atingiu um grande número de pessoas, que esperam conseguir, com a ajuda desse método e de sua visão dos contextos anímicos, uma solução para os seus problemas. Muitos psicoterapeutas e aconselhadores, em numerosos campos de trabalho social e psicológico, e com as mais diversas formações, oferecem atualmente constelações em grupos, em sessões individuais, para casais ou para famílias.

Com a enorme difusão das constelações familiares e de outros tipos de constelações, apareceram na mídia alemã fortes críticas a Bert Hellinger, aos “consteladores” e a esse método - frequentemente sem um conhecimento mais preciso da matéria e sem levar em conta o que realmente ocorre nesse trabalho.

O que acontece nas constelações familiares? Que experiências e percepções estão associadas a esse método, às vezes tecnicamente denominado “sistêmico-fenomenológico”? O que precisamos saber sobre o conteúdo básico desse método, sobre os processos que vinculam e que soltam nos sistemas de relacionamento, sobre a consciência, a alma, o destino, o emaranhamento e a aceitação liberadora, se queremos compreender, ou também aprender e praticar constelações familiares? Que valor têm as “ordens do amor” para o êxito dos relacionamentos? Como se harmonizam nas constelações a ordem e os movimentos na alma? A que domínios do aconselhamento e da psicoterapia pode ser aplicada a constelação familiar e quais são os seus efeitos? Em que sentido o método das constelações familiares pode ser entendido como fenomenológico e sistêmico? E como podemos explicar a “percepção representativa”, que é a chave para a compreensão das constelações familiares?

Este livro é dirigido a todos os interessados e aprendizes que buscam informação sobre o trabalho com as constelações familiares. Ao mesmo tempo, reproduz o que se pode dizer até agora, a partir da prática das constelações, sobre a nossa vida nas relações familiares. Quem quiser aprofundar-se no estudo das constelações familiares e de outros tipos de constelações poderá consultar, no apêndice, uma seleção de livros de Bert Hellinger e de outros autores.<sup>1</sup>

Limitar-me-ei à descrição geral do método e dos processos de vinculação e de solução que lhe servem de base, tais como se mostram nas constelações familiares, sem entrar em discussões e com poucas indicações bibliográficas. Escrevo da perspectiva de minhas próprias experiências e reflexões na matéria, sem entrar no mérito das críticas publicadas e das inúmeras diferenças na prática e na fundamentação desse trabalho. Elas se desenvolvem naturalmente quando um método se amplia, ensaia novos passos ou se conjuga com outras abordagens de pensamento e de método. Não obstante, espero dar uma informação sobre o conteúdo básico e os pontos essenciais do trabalho com as constelações familiares, bem como sobre as experiências adquiridas através delas no que tange à nossa vida de relações, apoiando-me no trabalho de Bert Hellinger.

Em favor da legibilidade, termos gerais como “o cliente” são expressos no masculino, quando não há uma explícita referência ao sexo do consulente. Os exemplos (impressos em *itálico*) são geralmente citados de memória. Para evitar a identificação de referências pessoais, introduzi alterações nos dados. Dessa maneira, os exemplos não têm a função de documentar e, menos ainda, de comprovar. Servem apenas para dar visibilidade ao assunto, e, nisso, merecem confiança.

Para evitar mencionar constantemente que o constelador pode ser um psicoterapeuta, um aconselhador, um assistente social ou um ajudante a serviço da vida, limito-me a chamá-lo de “terapeuta”. Pela mesma razão, a pessoa que procura conselho e ajuda é simplesmente designada como “cliente”. Isto não deixa de ser problemático, pois a constelação familiar, considerada em si mesma, não é uma psicoterapia, e aquele que recorre a esse método em busca de conselho, ajuda ou desenvolvimento pessoal não é um “cliente”, no sentido estrito do termo. Contudo, os conceitos “terapeuta” e “cliente” são mais fáceis de compreender no contexto da psicoterapia e do aconselhamento e linguisticamente exprimem, da maneira mais breve, o que temos em mente. Peço,

---

<sup>1</sup> As indicações bibliográficas, limitadas às obras já traduzidas em português, são citadas no final deste livro. Os títulos em alemão mencionados pelo Autor em seu texto são citados em notas de rodapé, com a respectiva tradução. (N.T.)

porém, que esses termos sejam entendidos aqui em seu sentido mais amplo. Disposições legais sobre quem está autorizado a trabalhar com psicoterapia e a intitular-se psicoterapeuta, bem como os diferentes contextos em que as constelações são oferecidas, não são discutidos aqui, embora sejam importantes, pelo menos para a segurança legal da prática.

Ainda um esclarecimento pessoal, para começar. Trabalho há vinte anos com constelações familiares. Desde que vivenciei a constelação de minha própria família com Bert Hellinger, na fase inicial da evolução desse método, senti a necessidade de aplicá-lo, inicialmente no contexto do trabalho com a juventude e com estudantes de nível superior.

A constelação familiar tomou-se rapidamente o cerne imprescindível de meu trabalho como conselheiro matrimonial e familiar. Dentro de uma relação de amizade e como observador atento, vivenciei o método de trabalho e de ensino de Bert Hellinger, segui-o e adaptei-o à minha própria pessoa. Através do trabalho com as constelações familiares pude conhecer muitos colegas em meu país e no exterior, e sempre me impressionaram a dedicação calorosa, a compreensão profunda e a variedade de estilos pessoais com que colaboram no desenvolvimento desse trabalho e o fazem progredir em sua área de atuação. Sem esses encontros, este livro não teria surgido. Uma parte importante dele deve-se, sem dúvida, aos inúmeros clientes de cujo destino e disposição de mudança pude participar e a que me sinto muito unido, através desse trabalho.

Gostaria de agradecer principalmente a meus amigos. Em primeiro lugar, ao Dr. Gunthard Weber, a cujo incentivo se deve este livro. O intercâmbio com ele sobre o trabalho com as constelações tem sido sempre uma experiência prazerosa e estimulante para mim. Sou muito grato ao Dr. Norbert Linz e a Harald Scheubner por seu trabalho na revisão do texto e pelas inúmeras e valiosas sugestões. Minha esposa Sieglinde teve uma participação importante na redação deste livro. Acolheu sempre com muita receptividade minhas numerosas perguntas, deu-me um permanente incentivo e com seu profundo conhecimento técnico muito enriqueceu minhas explicações.

Dedico este livro ao meu professor e amigo Bert Hellinger. Com seus *insights* e com seu coração aberto e incansável, ele abriu para mim e para muitos outros algo que considero muito grande e precioso.

Desejo aos meus leitores, quer já conheçam esse trabalho ou estão buscando um acesso a ele, que esta apresentação resumida enriqueça a sua perspectiva no tocante às constelações familiares.

***Jakob Robert Schneider Janeiro de 2006***

# 1 . INTRODUÇÃO

## O que há de novo e de atraente nas Constelações Familiares?

### **A pessoa de Bert Hellinger e a concentração no inconsciente familiar e coletivo**

Inicialmente, a própria pessoa de Bert Hellinger nos fascina. Muitos experimentaram pessoalmente a sua ajuda em suas necessidades. Vivenciam nele força e sabedoria, uma profunda sensibilidade para as dinâmicas e leis dos relacionamentos, bem como para os efeitos anímicos da ação, seu desassombro na investigação dos destinos humanos e sua coragem em expor-se, com as possibilidades e os limites de sua atuação.

Todavia, a atuação da pessoa de Bert Hellinger não basta para se explicar a rápida difusão das constelações familiares. O que nos foi proporcionado através de sua pessoa e de seu trabalho revelou-se imediatamente como verdadeiro e útil, pela experiência interior, a muitas pessoas, tanto a clientes em suas necessidades quanto a terapeutas em seu trabalho. Nas constelações familiares, praticadas em grupo ou na terapia individual, diversos elementos da psicoterapia se desenvolvem e convergem num instrumental representativo, capaz de trazer à luz os processos anímicos, vivenciá-los e reduzi-los ao núcleo essencial que permite soluções. Ao mesmo tempo, esse instrumental leva a profundas experiências e descobertas humanas, que apontam para amplos domínios coletivos e espirituais, ultrapassando as fronteiras, por vezes estreitas, da psicoterapia. A solução de problemas psíquicos associa-se à descoberta das ligações da alma, em conexão com as ocorrências e os destinos familiares e com os grupos e os contextos maiores que os abrangem.

### **Um exemplo: o medo de falar em público**

*Num curso de formação para psicoterapeutas, um cliente foi convidado para demonstrar o trabalho com as constelações familiares. Quando o interroguei sobre o seu problema, ele respondeu: “Trabalho como gerente de uma empresa e com frequência preciso falar diante de grandes grupos. Apesar de ser muito reconhecido e bem sucedido em meu trabalho, sinto muito medo e sofrimento durante a minha exposição. Presumo que os ouvintes não se apercebem disso, mas fico suando. Às vezes o medo é tão grande que procuro evitar compromissos de palestras. Quando lhe pedi para esclarecer esses medos, ele me respondeu: “Não consigo precisar melhor. É como um medo surdo de que algo terrível venha a acontecer.”*

*Aquele homem de meia-idade e boa aparência não conseguia lembrar-se de nenhuma vivência pessoal que poderia ter provocado esses medos. Era feliz em seu casamento e tinha dois filhos pequenos. Também se entendia bem com a mãe e o falecido pai. Na tentativa de livrar-se de seus medos, tinha frequentado por vários meses uma terapia, que lhe fez bem mas não aliviou o sintoma. Agora ele tinha vindo ao meu curso na intenção de apresentar o problema. Perguntado sobre possíveis ocorrências funestas em sua família de origem, inicialmente não deu nenhuma informação relevante. Diante de sua necessidade e da seriedade de sua questão, pedi-lhe que escolhesse no grupo representantes para seu pai, sua mãe e para si mesmo e, seguindo o próprio sentimento, os posicionasse em suas relações recíprocas. Ele colocou inicialmente seu pai, a seguir o seu próprio representante, a alguma distância do pai e, finalmente, a mãe, um pouco à parte, virada para o pai. O pai, desde que foi ali posicionado, olhava para o chão, com uma expressão ausente e sem conexão com a esposa e o filho. Numa constelação, quando alguém olha para o chão, isso significa geralmente que está olhando para um túmulo ou para um morto. Perguntei então ao cliente: “O que aconteceu ao pai do seu pai?” O homem respondeu: “Meu avô morreu cedo, quando meu pai ainda era pequeno. Minha avó criou sozinha as crianças.” Quando lhe pedi que colocasse em cena um representante para o seu avô, ele o colocou ao lado do pai. Este, sem levantar o olhar, afastou-se alguns passos e virou-se para uma janela. O avô inicialmente ficou imóvel, olhando o neto, que sentia calafrios e parecia totalmente enfeitiçado por seu avô. Então o avô repetiu algumas vezes um estranho gesto, passando as mãos pelo rosto e jogando a cabeça para trás. Perguntado sobre o que fazia com as mãos,*

respondeu: “Não sei, é como se algo voasse nos meus olhos e me arrancasse a cabeça”.

Quando perguntei ao cliente se essa reação lhe despertava alguma coisa, ele respondeu abalado: “Meu pai nunca falou de seu pai, mas minha mãe me contou, certa vez, que meu avô antes da guerra era instrutor no exército e que, certa vez, ao demonstrar como se armava uma granada, ela explodiu em suas mãos, matando-o”. Quando o cliente acabou de contar o destino do avô, o pai<sup>2</sup> na constelação se lançou nos braços do avô, chorando desconsoladamente. Como um rio represado, liberou-se uma dor profunda, que estava, por assim dizer, congelada em toda a família do pai, diante daquela ocorrência terrível e de suas consequências. Então olhei para o homem e lhe disse: “Seu medo provavelmente está associado a isso, que algo terrível possa acontecer durante a sua palestra, como aconteceu ao seu avô, diante de sua tropa.” Pedi-lhe que entrasse na constelação, em lugar de seu representante e se aproximasse do pai e do avô. Os três se abraçaram ternamente. Um evidente alívio perpassou todo o grupo de formação, e o cliente se mostrou muito aliviado.

Este é um exemplo do modo de lidar com a necessidade do cliente nas constelações e do que as torna tão atraentes para tanta gente. Nelas acontece, em pouco tempo, algo visível e imediatamente compreensível, que toca uma necessidade pessoal, inserindo-a num contexto essencial de fatos e relações, de maneira clara e frequentemente liberadora.

### O método das constelações familiares

O que há de extraordinário nas constelações familiares é primeiramente o próprio método. É singular e fascinante observar, quando um cliente coloca em cena pessoas estranhas para representar seus familiares em suas relações recíprocas, como essas pessoas, sem prévias informações, vivenciam sentimentos e usam palavras semelhantes às deles e, eventualmente, até mesmo reproduzem os seus sintomas. Quando os representantes são instados a expressar em movimentos o que sentem, eles frequentemente exprimem uma dinâmica da alma que revela destinos ocultos, que o próprio cliente desconhecia. Algumas vezes, o que os representantes sentiram só fica claro para o cliente depois que ele se informa com sua família. Mesmo quando os representantes não estão totalmente presentes, quando estão envolvidos com seus próprios problemas ou, por consideração, não ousam exprimir adequadamente o que sentem em seus papéis, podemos geralmente confiar neles. A surpresa do cliente, seus gestos de confirmação, o saber interior, o alívio e a abertura liberadora para modificações, o seu assentimento e, finalmente, os efeitos produzidos no cliente e em sua família são, em última análise, critérios para comprovar que os representantes sentiram corretamente.

Reproduzo aqui, como um exemplo entre muitos, um trecho de carta de um professor que participou de um grupo de constelações:

*“... Mesmo admitindo que a perspectiva de uma ligação entre as almas, a necessidade de atuar em termos de reconciliação e de dar a cada ser seu lugar devido tenha muito de verdade, é bem misterioso que pessoas estranhas, tomadas aleatoriamente e em série, caíam sob a fascinação de outras pessoas totalmente desconhecidas e atuam em consonância com elas. Minha própria constelação foi um exemplo disso, pois os representantes, inclusive em alguns detalhes, reproduziram de forma incrivelmente “autêntica” coisas que não podiam ter sabido de nossa conversa preliminar, por exemplo, a reação de minha filha...”*

### A dimensão anímica

As constelações familiares tocam em nossa alma.

*Numa constelação, foram colocados um homem e seus pais. A mãe era uma índia, o pai um industrial brasileiro, que tinha casado várias vezes. Quando o menino tinha dois anos de idade, o pai expulsou a mãe, que nunca mais pôde ver o filho e morreu depois de algum tempo. Na constelação, o pai e o filho se postavam totalmente rígidos. Apenas a mãe, colocada à parte, olhava para seu filho e começou a chorar com uma voz profunda e clara.*

Essa simples cena foi tão tocante que boa parte dos assistentes sentados em volta começou também a

---

<sup>2</sup> A vivência do que ocorre nas constelações é tão “realista”, que com frequência o relato parece atribuir pessoalmente ao representado aquilo que se manifesta em seu representante, sem o uso de ressalvas ou de aspas. O leitor deve estar consciente dessa distinção. (N.T.)

chorar. Todos sentiram imediatamente a dor e a saudade de uma mãe de quem foi tomado o filho, contra a sua vontade. E todos puderam perceber como o filho estava totalmente rígido, dividido entre a saudade de sua mãe e um sentimento de defesa e resistência - pois como poderia saber o que realmente aconteceu? Sentia-se abandonado pela mãe, com a necessidade de permanecer fiel ao pai e o desejo de continuar a amá-lo. A esposa do cliente, que estava presente, sentiu o impulso de entrar em cena para abraçar a mãe de seu marido. Inconscientemente ela sempre percebera o que faltara ao marido, principalmente enquanto criança. Apesar de todas as dificuldades no casamento, ela sempre procurou, em seu amor, substituir essa sogra que não conheceria.

Em cenas simples, com poucas palavras ou mesmo em silêncio, entramos em contato nas constelações com processos humanos fundamentais e geralmente os compreendemos logo, com um profundo saber interior. Nas constelações quase nada precisa ser esclarecido, nada se discute ou se contradiz. Raramente se analisa alguma coisa. Chega-se bem depressa a algo essencial. Para isso não é preciso aprender nenhum jargão psicológico. Poucas informações importantes são necessárias. Nada se estende demasiado. Ocorrências e destinos significativos tomam-se completamente presentes, para além do espaço e do tempo. Vivenciamos imediatamente o que chamamos de “alma humana”. Talvez possamos mesmo dizer: com a constelação familiar, a psicologia e o aconselhamento encontraram-se de novo e totalmente com a alma.

### **A alma e o sistema de relações**

Nos grupos a que pertencemos estamos interligados na alma, de uma forma que ultrapassa a transmissão consciente de informações, a comunicação, o comportamento e os sentimentos individuais. Na alma participamos de algo que confere individualidade a cada grupo particular, a cada família, a cada empresa, a cada círculo de amigos. Nas constelações familiares podemos perceber e “ver” a alma, essa força que une. Muitos se surpreendem muito ao sentirem, durante uma constelação, esse vínculo ao contexto profundo da família.

A ideia de que, numa família, acontecimentos e destinos se comunicam através de gerações, mesmo quando nada disso nos foi contado, causa inicialmente estranheza nesta época da informação, que se julga esclarecida. O fato de continuarmos vinculados à nossa família e aos nossos relacionamentos, mesmo que tenhamos interrompido os contatos, não nos importemos mais com a grande família e mudemos constantemente as nossas relações é algo que contradiz nossa concepção de individualidade e de autonomia. Muitos, porém, percebem, como por instinto, que seus relacionamentos continuam a atuar, mesmo depois de terminados, e que eles próprios permanecem vinculados a acontecimentos importantes em sua família, embora tenham acontecido num passado remoto. As constelações familiares permitem que voltemos a sentir-nos como seres relacionais. Elas fazem valer a dimensão sistêmica e histórica de nossa existência, de uma forma que às vezes parece arcaica ou mesmo mágica.

### **O destino**

Chamamos de “destino” as forças que, a partir do passado, vinculam-nos necessariamente aos efeitos, bons ou maus, de acontecimentos. Esses efeitos nos são “destinados”, independentemente de nossa vontade. Por outro lado estamos sujeitos a uma “sorte”, isto é, a acontecimentos que nos atingem casualmente, sem que possamos escapar. Não temos nenhuma possibilidade de interferir retroativamente naquilo que nos atinge por acaso ou como efeito necessário de um passado. Apenas no que toca ao futuro dispomos de uma certa liberdade de ação, na medida em que lidamos com o destino e podemos abrir-nos a mudanças.

As forças do destino, tais como as encontramos nas notícias dos jornais, na literatura, nos filmes e na televisão nos aparecem nas constelações como uma história pessoal. Vivenciamos dolorosamente quão pouco livres nós somos e percebemos que, sem o nosso conhecimento ou vontade, revivemos, numa espécie de repetição compulsiva, destinos passados, ocorrências funestas e problemas existenciais não resolvidos. As constelações mostram-se particularmente eficazes quando sentimos estar revivendo, sem necessidade própria, necessidades passadas e não pacificadas de outras pessoas, como se através dessa repetição algo pudesse ser reparado e ficar em paz.

A constelação familiar voltou a abrir, no contexto da psicoterapia, um espaço maior à dimensão do destino. As grandes forças da alma, que vão muito além de nossa vontade e de nossas opiniões e que interferem em nossa vida, emergem de uma espécie de inconsciente coletivo e podem ser encaradas,

honradas e acessadas num processo de abertura para algo novo.

A avó que morreu no parto; a filha cuja verdadeira origem a mãe ocultou do marido; o primeiro marido da mãe, morto na guerra; o desertor fuzilado pelo pai; a avó, com seus numerosos abortos; o médico, com seus erros profissionais; a emigração do primeiro marido da avó; a própria vida numa cultura estrangeira... - tudo isso são ocorrências ligadas ao destino que afetam, em muito, as gerações subsequentes. Em face de grandes embates políticos, sociais e militares, sentimos instintivamente o mesmo que disse o jornalista belga sobre a guerra colonial no Congo: “Quantas gerações isso vai durar, até que se cure?”

“Emaranhamento”<sup>3</sup> é uma das palavras mágicas que acompanham as constelações familiares. Constitui a matéria das tragédias e também das comédias. Às vezes, as constelações atuam como uma peça de teatro. De forma comprimida, dramas humanos são “encenados”, sempre como histórias especiais, referindo-se a determinados destinos familiares. Na antiga Grécia as peças teatrais eram dedicadas a Asclépio, o deus da cura. Quem presenciou Bert Hellinger abordando, diante de grandes públicos, temas relevantes como os destinos dos judeus e dos nazistas, os destinos das guerras europeias ou as situações de guerra civil na América do Sul pode perceber algo da dimensão coletiva da alma e do lado coletivo da cura.

### A ordem

Em sua acepção original, o termo grego *therapeuein* significava “servir aos deuses”, “inserir-se na ordem dos deuses”. Ainda hoje, embora encaremos a terapia num sentido profano e não mais religioso, algo nos resta desse sentido primitivo. Buscamos conselho ou ajuda terapêutica, para que em nossa alma ou em nossas relações fiquemos novamente “em ordem”.

Também as relações humanas se configuram segundo determinadas condições, ordens ou regras, que não podemos alterar ao bel-prazer sem sofrer danos. Nas constelações familiares, as “ordens do amor” desempenham um papel importante. Para muitas pessoas isso soa como uma provocação pois quem pode saber ou, mais ainda, determinar o que está em ordem e o que não está? Entretanto, partimos do pressuposto de que precisamos de certas ordens anímicas para crescer, assim como nosso corpo precisa de determinadas condições para crescer e sobreviver. Nas constelações familiares é possível perceber o influxo dessas ordens. Elas nos permitem orientar-nos no meio da complexidade de nossa vida relacionai. Para o bom êxito das relações temos múltiplas possibilidades de ação, se bem que não arbitrarias. Quando se desenvolve, a partir de uma constelação, um processo capaz de reparar relacionamentos ou quando o terapeuta, em razão de sua experiência, aponta para ordens que trazem solução, é possível comprovar isso por seus efeitos. As constelações permitem o que a sabedoria proporciona, a saber, associar situações, que sempre são individuais e únicas, a “regras” gerais da alma. Dessa maneira, o particular e o geral podem colaborar no cliente e em seu sistema de relações, no sentido de um processo esclarecedor e ordenador. Então vivenciamos a ordem, embora ela exija algo de nós, como algo liberador e criativo, que pode tirar nossa vida do círculo vicioso de esforços inúteis e mal sucedidos.

### A reconciliação

Conflitos surgem na alma quando forças contrárias nos dividem internamente e em nossas relações, obrigando-nos a lutar ou a reprimir. Então sentimo-nos divididos, dilacerados, indecisos, intranquilos, estressados ou à beira da loucura. A psicoterapia e o aconselhamento, quando buscados como ajuda, operam um trabalho de reconciliação. A principal eficácia e atratividade das constelações familiares reside justamente em sua força de ligação e de reconciliação. Elas recuperam os excluídos para as famílias. Ajudam a reconhecer, em pé de igualdade, todos os que pertencem a um determinado sistema de relações, estejam vivos ou mortos e seja qual for o destino a que estejam sujeitos. As constelações ajudam a reconciliar vítimas e perpetradores, bem como seus familiares, principalmente em casos mais graves, como abuso sexual, estupro, assassinato ou injustiça política.

É motivo de constante surpresa vivenciar com que receptividade é acolhido em todo o mundo um método e um trabalho de alma criado por um alemão, que leva em conta igualmente vítimas e

---

<sup>3</sup> No sentido forte de um emaranhamento em destino alheio. O original *Verstrickung* é também ocasionalmente traduzido por “envolvimento” ou “enredamento”. (N.T.)

perpetradores, com vistas à sua reconciliação. Quando se trata de amor, justiça, vida e morte, os processos anímicos e os sentimentos profundos são os mesmos em todos os países. Não existe quase nenhum país que não tenha sido assolado por guerras ou onde não existem graves culpas, decorrentes de extermínios, guerras civis ou conflitos sociais. Por toda parte há choques de culturas diferentes, no contexto de migrações, deportações e grandes movimentos de povos. Por toda parte percebe-se um profundo desejo de reconciliação, tranquilidade e paz entre os vivos e com os mortos. Nesse particular, as constelações familiares têm tocado em corações receptivos.

Ao mesmo tempo, o trabalho de reconciliação nas constelações permanece ligado aos destinos individuais. Não se proclama a ideia de um mundo pacífico. Permanecemos limitados e vinculados a grupos. Oposições, conflitos, interesses e partidos, luta e guerra fazem parte da realidade. Nas constelações cuida-se principalmente de lidar com conflitos com um coração pacífico. Na culpa ou na inocência, o fato de confiar-nos e confiar outras pessoas, vivas ou mortas, a uma força maior, quer a chamemos de morte, *grande alma*, evolução, Deus ou por qualquer outro nome, pode levar-nos nas constelações além dos processos terapêuticos e tocar-nos num nível amplo anímico, mental ou espiritual.

## **A ajuda**

As constelações familiares, embora sejam eventualmente oferecidas no contexto de uma psicoterapia, não constituem uma psicoterapia no sentido usual. A psicoterapia objetiva curar. Ela busca a dissolução de distúrbios da personalidade e de doenças anímicas, psicossomáticas, traumáticas e psiquiátricas, definidas segundo determinados critérios. Ela acompanha o cliente ou paciente pelo tempo necessário até que o sintoma desapareça e que advenham melhoras, a cura ou até que o cliente não possa mais ser ajudado por vias psicoterapêuticas. Tudo isso pode acontecer nas constelações familiares, como um efeito colateral, de acordo com a formação anterior e a habilitação legal do terapeuta. Nada disso, porém, é o seu objetivo imediato.

As constelações familiares podem ser quase comparadas a uma “profecia” ou a um “oráculo”. Elas simplesmente trazem à luz a conexão entre um destino e seus efeitos. Elas ajudam a “ver” a realidade de uma vida e, se possível, a preenchê-la com amor, sem influenciar o cliente quanto à forma de aplicar isso em sua vida. Os consteladores não fazem acompanhamento ou o fazem apenas em escala reduzida. Não propõem nem verificam tarefas (embora muitos terapeutas que trabalham com constelações o façam). As constelações proporcionam um *insight* liberador sobre os efeitos do destino, colocam em ordem relações, de uma forma saudável e que estimula o crescimento e proporcionam força, como um efeito indireto, na medida em que as pessoas aprendem a receber sua vida de seus pais e dos seus antepassados. As constelações confiam na capacidade do cliente, em sua responsabilidade e competência para lidar bem com aquilo que vivenciou.

Essa forma de encarar a ajuda difere da que prevalece em muitas formas da psicoterapia tradicional. Embora se trate frequentemente de destinos difíceis, essa maneira reservada de ajudar atua com mais leveza. Ela não tem um “cheiro” de psicoterapia. As pessoas se sentem acolhidas tais como são, com suas famílias e suas vidas. Sentem que o amor é uma base de sustentação e não precisam mudar para conseguir mudanças em suas vidas. A responsabilidade individual é respeitada e ninguém precisa justificar-se. As pessoas não entram numa relação terapêutica e nas formalidades de uma psicoterapia convencional. Isso faz bem a muitas pessoas em necessidade, e elas apreciam isso.

Para o profissional da ajuda, essa outra maneira de considerá-la significa que só pode ajudar quem assumiu, ele próprio, os seus pais e a sua vida. Só pode ajudar quem renuncia a dar, a quem busca ajuda, mais do que essa pessoa precisa e pode aceitar. Toda ajuda precisa adaptar-se às circunstâncias da vida do ajudado, ao seu destino, à sua determinação pessoal, à sua capacidade e às suas decisões e só pode interferir como apoio, onde e como a dignidade dele o permitir.

Quem ajuda precisa naturalmente de capacidade para estar à altura da necessidade em questão. Necessidades pessoais não resolvidas de quem ajuda o seduzem a buscar, na simpatia por fracos e vítimas, a força de que precisa para a sua própria vida. O hábito de ser o “grande” e o “salvador” em sua própria família leva-o à ilusão de que precisa estar à altura dos destinos dos clientes e ser melhor para eles do que os seus pais. Porém a ajuda precisa ser cuidadosamente separada da própria pessoa do terapeuta. A ajuda é totalmente sustentada pelas forças e pelo saber da alma da família do cliente e,

para além dela, pela atuação de forças superiores que temos dificuldade em nomear. Dessa forma, a constelação familiar também faz bem a quem ajuda.

## 2. O processo da Constelação Familiar

O método de evidenciar processos psíquicos e relações de um cliente por meio de uma representação espacial com pessoas desconhecidas não é uma novidade. O médico J. L. Moreno já tinha utilizado experiências do teatro de improviso em seu *psicodrama*, para dramatizar conflitos psíquicos e relacionais. Jogos de papéis têm sido utilizados, há bastante tempo, como um método apreciado para ensaiar, não apenas com palavras, mas também com posições e gestos, soluções para processos sociais. Virginia Satir, com sua marcada sensibilidade para os contextos das interações familiares e seus efeitos sobre os indivíduos, encenou de modo impressionante, em suas reconstruções familiares, grandes famílias em sua totalidade, abrangendo várias gerações. Com a ajuda de muitos diálogos, à maneira de um detetive, esclareceu histórias familiares com os clientes e para eles. Com suas “esculturas”, ela fez modelar e modificar traços de personalidade, para evidenciar conflitos psíquicos e colocá-los num movimento favorável.

A sensibilidade de Bert Hellinger para métodos psicoterapêuticos úteis, ordens familiares e intervenções essenciais, visando à imediata experiência e compreensão, fez com que ele adotasse o método da constelação de pessoas, para condensá-lo à sua própria maneira. Bert Hellinger logo reconheceu que as constelações são um método excelente para representar processos psíquicos e vinculações familiares. Utilizando livres movimentos dos representantes, trocas intencionais de posições, introdução de pessoas excluídas e curtos diálogos liberadores, elas permitem provocar processos favoráveis num cliente.

### A constelação

O método da constelação é muito simples em seu processo básico. O terapeuta pede ao cliente, num grupo terapêutico ou de desenvolvimento pessoal, que posicione, de acordo com suas mútuas relações, pessoas significativas no tocante à questão ou necessidade apresentada por ele. São, por exemplo, pessoas mais íntimas de sua família de origem, a saber, ele próprio, seus pais e irmãos, às vezes apenas ele e seus pais ou ele e um sintoma que o incomoda. Para representar os personagens, o cliente escolhe certos participantes do grupo e os posiciona no recinto, de acordo com suas mútuas relações, sem fazer comentários. Ele deve fazer isso a partir de seu sentimento ou do “coração”, portanto, sem buscar justificativas, sem escolher um determinado período de sua vida, e sem imaginar determinadas cenas que vivenciou em sua família. Simplesmente se deixa conduzir por um impulso interno indiferenciado e por uma atitude amorosa. Normalmente é preciso haver clareza sobre quem representa uma determinada pessoa da família ou algum sintoma, como o “medo” ou alguma entidade abstrata, como o “segredo” ou a “morte”.

Eventualmente o terapeuta solicita ao cliente, no início do trabalho, informações sobre a história de sua família, para sentir seu “peso anímico” e saber com que personagens poderá começar a constelação. Quanto menos souberem os representantes, tanto mais convincente será para o cliente o saber que partilharem na constelação. Contudo, via de regra, é apenas através de informações essenciais que uma constelação recebe o impulso para sua condução. É surpreendente verificar que no decurso da constelação os representantes se guiam mais pelo que sentem do que pelas informações do cliente ou pelas suposições eventualmente levantadas pelo terapeuta.

Depois de posicionar os representantes, o cliente se senta. Após algum tempo de concentração, o terapeuta pede aos representantes que comuniquem seus sentimentos, eventuais percepções e sintomas corporais. Eventualmente pode pedir-lhes que expressem seus sentimentos apenas seguindo seus impulsos de movimento ou então combina o movimento espontâneo dos representantes com perguntas, depois de algum tempo.

Dessa maneira, o conhecimento que a alma do cliente tem sobre sua família e sobre as forças que nela atuam torna-se visível e experimentável para o próprio cliente, o terapeuta e todos os participantes do grupo. O decisivo é que o movimento dos representantes, seja ele autônomo ou conduzido pelo terapeuta, conduza, através da descoberta da dinâmica anímica da família, a um final que traga liberação e alívio, a uma “imagem de solução”. Quando estaciona o processo de descoberta no encaminhamento de uma solução o terapeuta intervém. Baseado nas informações anteriores, ele pode introduzir outras pessoas da família, por exemplo, os avós do cliente, ou uma ex-noiva de seu pai.

Ainda, a partir de novas informações levantadas junto ao cliente, pode ampliar a constelação introduzindo outros representantes, por exemplo, uma tia que tenha morrido abandonada num asilo psiquiátrico.

A constelação fica em paz quando, ultrapassando a dinâmica do destino, os membros da família ali representados se reencontram com respeito e amor, os anteriormente excluídos são reintegrados e cada um pode assumir o lugar que lhe compete.

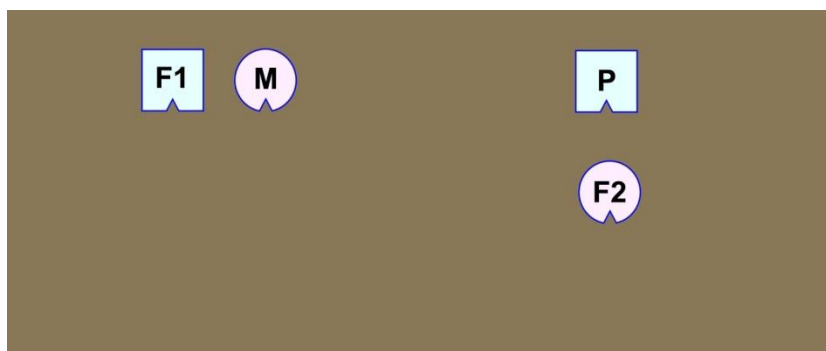
Quando a dinâmica e o caminho da solução ficam claros, o cliente é muitas vezes introduzido pessoalmente na constelação para sentir, em seu próprio lugar, o sistema reconciliado ou reordenado. Frequentemente, além do movimento dos representantes com vistas ao futuro, as soluções demandam ainda um ritual, por exemplo, uma reverência ou uma frase curta entre determinadas pessoas ou entre o cliente e determinadas pessoas, principalmente seus pais, para que o movimento da alma em seu conjunto possa ser levado a um bom termo e também para que fique claro para o cliente, através das frases, o que o prende e o que o solta no sistema.

### **“Eu queria finalmente ter uma boa relação com uma mulher!” – Exemplo de uma constelação**

Um homem jovem procura ajuda para que finalmente consiga ser bem sucedido numa relação com uma mulher. Além disso, deseja sentir mais alegria de viver. O terapeuta o interroga brevemente sobre seus relacionamentos anteriores com mulheres, sua situação profissional e sobre as pessoas que pertencem à sua família de origem. Então comunica ao cliente sua percepção, dizendo: “Você se esforça muito em sua vida”. O cliente concorda, e o terapeuta lhe pede que escolha representantes para sua família e os coloque em relação.

O cliente coloca o seu próprio representante à direita, ao lado de sua mãe; do outro lado posiciona o pai, a uma certa distância e sua irmã mais nova, na frente do pai e olhando na mesma direção.

Figura 1



P – Pai

F1 – Filho mais velho (cliente)

M – Mãe

F2 – Filha mais nova

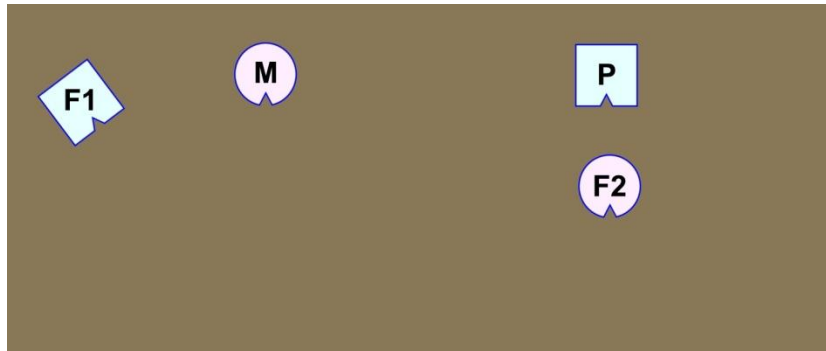
Depois de algum tempo, os representantes, ao serem interrogados, respondem o seguinte:

Pai: “Minha filha me tolhe a visão. Não percebo absolutamente nada e não sinto nada por minha mulher. Estou isolado, prefiro ir embora.”

Mãe: “O filho ao meu lado me faz bem. Ele me aquece. O marido e a filha eu não percebo. Sozinha com meu filho eu ficaria muito bem.”

Filho: “Não me sinto bem, estou meio indisposto, sinto raiva e gostaria de sair gritando. Não suporto isso aqui, preciso ir embora.” *(Move-se espontaneamente dois passos para a direita, afastando-se da mãe.)*

Figura 2



P – Pai

F1 – Filho mais velho (cliente)

M – Mãe

F2 – Filha mais nova

Filha: “O pai atrás de mim me faz bem e me faz sentir-me aquecida. Gostaria de me apoiar nele, para que ele me tome nos braços, e fechar os olhos.” *(Ela faz isso, e o pai abraça-a pelas costas.)*

O terapeuta indica ao cliente, que está sentado junto dele na roda, que todas as pessoas da constelação olham numa só direção, e que isso geralmente significa que estão olhando para pessoas que faltam, frequentemente também falecidas ou atingidas por destinos difíceis. Ele pergunta ao cliente o que aconteceu em sua família e nas famílias de seus pais.

O moço relatou os seguintes acontecimentos em sua família:

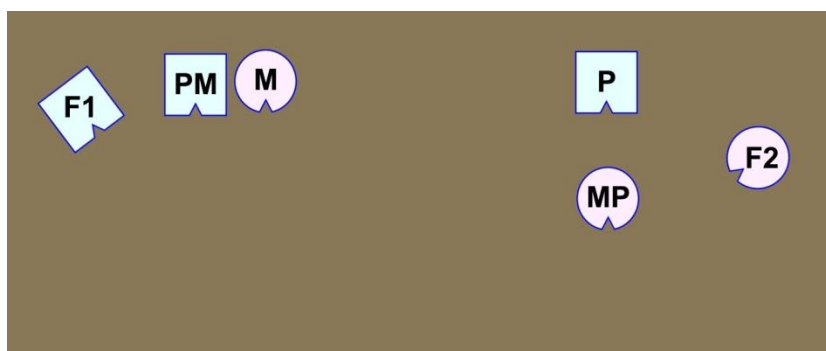
O avô materno separou-se da avó quando a mãe do cliente tinha sete anos. Esta, em sua infância, ainda teve algum contato com o próprio pai, mas então ele se casou de novo e o contato foi interrompido. Quando ela tinha dezesseis anos seu pai faleceu. Nem a ex-mulher nem a filha, a mãe do cliente, compareceram ao enterro, porque não foram avisadas da morte a tempo.

A mãe do pai faleceu quando o pai, que era filho único, tinha cinco anos de idade. Durante algum tempo o pai do pai, o avô do cliente, cuidou do filho, depois precisou entregá-lo a uma irmã de sua falecida esposa. Essa tia, que não tinha filhos, adotou então, junto com seu marido, esse menino, e o contato da criança com seu pai foi interrompido. A vida ulterior do pai da criança é desconhecida.

Com base nessas informações, o terapeuta faz as seguintes mudanças na constelação:

Escolhe um representante para o pai da mãe e coloca-o ao lado da mãe, no lugar inicialmente ocupado pelo filho. A seguir desloca a filha um pouco para o lado e coloca em seu lugar uma representante da mãe do pai.

Figura 3



P – Pai

F1 – Filho mais velho (cliente)

PM – Pai da Mãe

M – Mãe

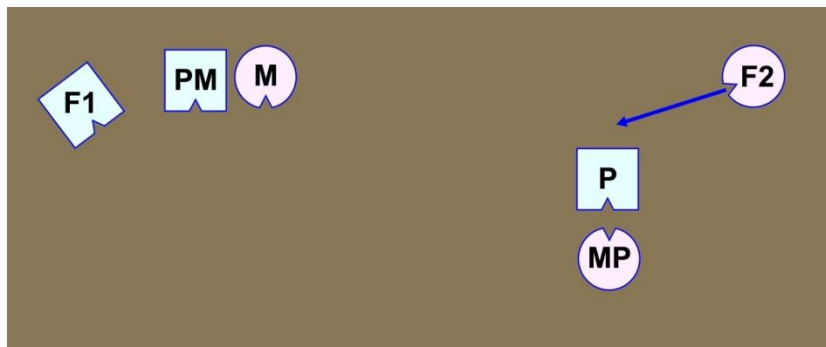
F2 – Filha mais nova

MP – Mãe do Pai

Espontaneamente a mãe se volta para o seu pai, aninha-se nele como uma criancinha, dá um profundo suspiro e sorri feliz. Enquanto isso, a mãe do pai caminha para a frente como uma sonâmbula, até esbarrar na cadeira de um participante do grupo na roda. A filha acompanha a avó com o olhar e faz menção de segui-la, mas permanece no lugar, intranquila. O pai fecha os olhos e fica totalmente rígido.

Então o terapeuta, sem dizer nada, toma o pai pelo ombro e o leva para trás de sua mãe. Depois de algum tempo o pai estende o braço para sua mãe e pousa a cabeça, ainda com olhos fechados, em suas costas. O terapeuta vira a avó. Ela olha para o seu filho, aperta-o ao peito. Ele prorrrompe num forte choro, luta interiormente entre os impulsos de defender-se e de entregar-se e finalmente se abraça com sua mãe e, lentamente, tranquiliza-se. A filha, com lágrimas nos olhos, vai até o pai e, como se fosse maior, coloca a mão em suas costas, num gesto de consolação.

Figura 4

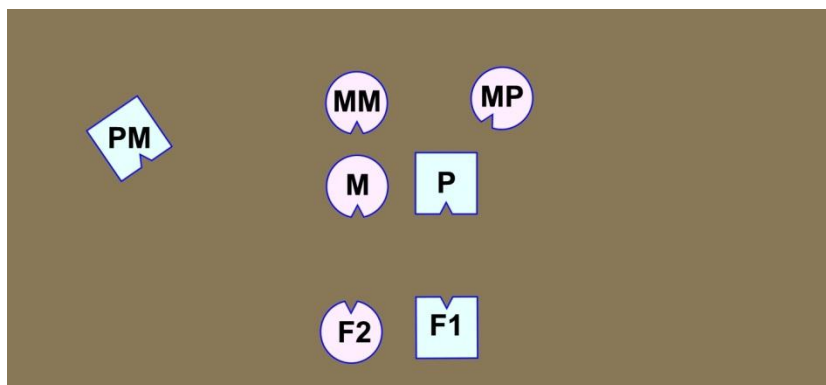


P – Pai  
 M – Mãe  
 F1 – Filho mais velho (cliente)  
 F2 – Filha mais nova  
 PM – Pai da Mãe  
 MP – Mãe do Pai

O filho não se mostra muito afetado e diz, quando perguntado: “O pai de minha mãe me faz bem. Sua presença me alivia e me faz sentir melhor. O que acontece com meu pai está, de certo modo, muito distante para mim.” A mãe se coloca ao lado de seu pai e diz: “Agora tenho, pela primeira vez, um sentimento por meu marido e noto que ele está fazendo falta ao meu lado. Eu bem gostaria que ele voltasse. Com meu pai ao meu lado, sinto-me muito bem e protegida.”

Então o terapeuta traz de volta o pai, coloca-o ao lado de sua esposa e leva sua mãe para perto e atrás dele, de modo que ela possa ver os seus netos por cima do ombro dele. A seguir coloca ambos os filhos diante dos pais: o filho diante do pai e a filha diante da mãe. Desloca o pai da mãe um pouco para o lado e introduz uma nova representante para a mãe da mãe, colocando-a atrás dela. Com isso o terapeuta exhibe uma certa ordem, de modo que o pai da mãe, falecido prematuramente, fique à vista e receba um lugar, um pouco separado de sua filha e de sua primeira mulher. A mãe da mãe fortalece sua filha, e a mãe do pai se posta, como uma boa força, por trás de seu filho.

Figura 5



P – Pai  
 M – Mãe  
 F1 – Filho mais velho (cliente)  
 F2 – Filha mais nova  
 PM – Pai da Mãe  
 MP – Mãe do Pai  
 MM – Mãe da Mãe

O terapeuta torna a interrogar os representantes, que informam:

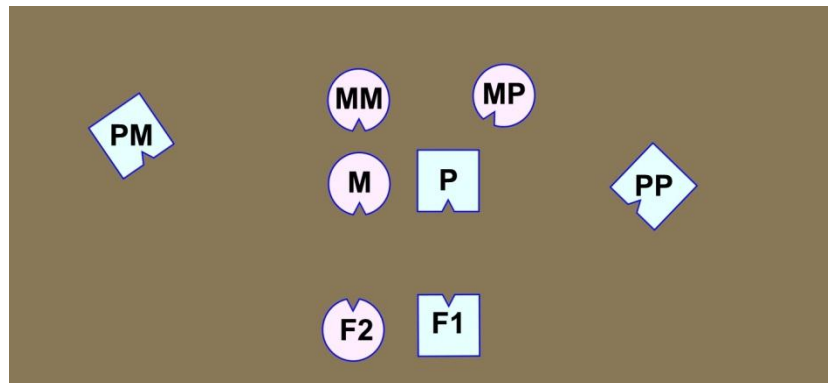
Pai: “O calor que antes me vinha de minha filha na frente, agora me vem de minha mãe atrás. É muito bom para mim. Agora também percebo minha esposa e também percebo bem, pela primeira vez, os

meus filhos, principalmente o filho. De algum modo estou agora um tanto orgulhoso. Contudo, minhas pernas ainda estão meio fracas.”

Mãe: “A presença de minha mãe às costas me faz muito bem, mas o pai está muito distante de mim. Não estou contente. De algum modo somos agora uma família, mas sinto uma saudade insatisfeita, e meu filho está muito distante de mim. Ainda existe alguma coisa entre meu marido e eu como se algo ainda nos separasse.”

Filho: “Aqui me sinto muito melhor. Agora tenho o meu pai, e o olhar amoroso da avó me toca o coração. Quando minha mãe olha com tanta saudade, sinto uma certa saudade. Eu poderia precisar de mais alguma força. Quem sabe um homem junto de meu pai, o avô? *(O terapeuta introduz um representante para o pai do pai e o coloca, a alguma distância, ao lado do pai.)*.”

Figura 6



P – Pai

F1 – Filho mais velho (cliente)

PP – Pai do Pai

M – Mãe

F2 – Filha mais nova

PM – Pai da Mãe

MP – Mãe do Pai

MM – Mãe da Mãe

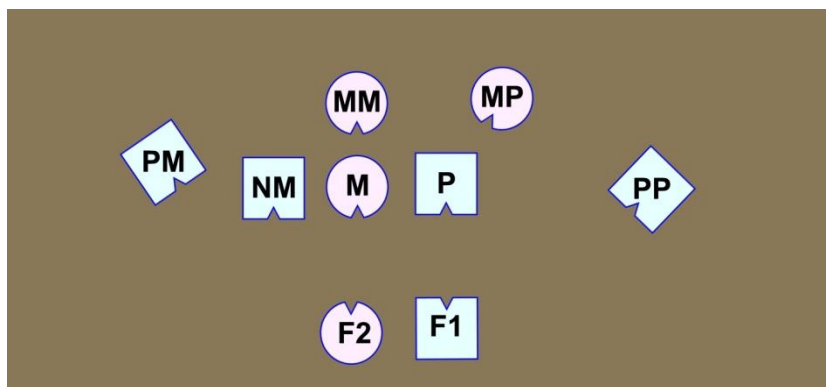
Filho: “Sim, isso é muito bom, muito bom. *(Ele sorri feliz para o avô, que também sorri para ele.)* Agora existe um equilíbrio aí.”

Filha: “Sinto-me muito melhor. As duas avós me fazem bem. Agora o papai está bem cuidado, já não preciso temer por ele. Somente agora estou bem viva. Minha mãe ainda me faz um pouco de falta.”

O terapeuta ainda se informa com o cliente se o pai ou a mãe tiveram outros relacionamentos antes do casamento e se lhe ocorria mais alguma coisa importante. Então diz o moço: “Meu pai não teve antes nenhum relacionamento. Ele também é um pouco mais jovem do que minha mãe. Sobre minha mãe, tenho uma lembrança meio vaga, como se ela tivesse falado alguma vez de um noivo que ela tinha abandonado. Nada mais me ocorre. Talvez ainda, se isso for importante, depois do nascimento de minha irmã, minha mãe abortou uma criança. Ela me contou isso há pouco tempo, depois de uma briga séria com meu pai. Tive a impressão de que ela se sentia culpada por esse aborto.”

O terapeuta introduz um representante para o noivo da mãe e o coloca bem junto dela.

Figura 7



*P – Pai*

*F1 – Filho mais velho (cliente)*

*PP – Pai do Pai*

*M – Mãe*

*F2 – Filha mais nova*

*PM – Pai da Mãe*

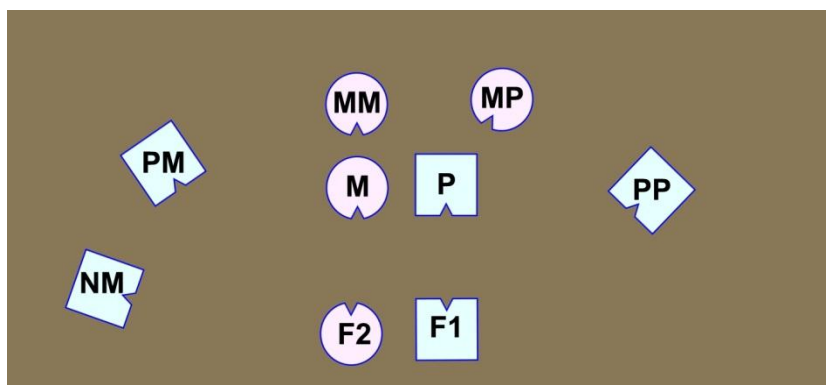
*MP – Mãe do Pai*

*MM- Mãe da Mãe*

*NM – Ex-Noivo da Mãe*

A mãe pousa a cabeça no peito desse homem, do mesmo modo como fez no início com seu pai, e tem lágrimas nos olhos. O terapeuta lhe pede que encare o homem e lhe diga: “Você me faz muita falta. Eu o amei muito e, apesar da dor porque você foi embora, eu tinha sempre saudade de você. Agora chegou a hora de realmente deixar você ir embora. Guardo uma boa lembrança sua.” O terapeuta leva o noivo para o lado, mas de modo que ele fique voltado para todos e possa ser visto por todos, e coloca o pai da mãe um pouco mais perto dela e da mãe da mãe.

Figura 8



*P – Pai*

*F1 – Filho mais velho (cliente)*

*PP – Pai do Pai*

*M – Mãe*

*F2 – Filha mais nova*

*PM – Pai da Mãe*

*MP – Mãe do Pai*

*MM- Mãe da Mãe*

*NM – Ex-Noivo da Mãe*

Então ele pede à mãe que olhe para o filho e lhe diga: “Querido filho, você foi meu consolo. Quando eu olhava para você, sempre sentia algo do meu amor por meu pai e por meu noivo. Sua presença sempre me deu muito alívio, mas agora eu libero você. Com meu pai no coração e com minha mãe muito perto de mim, sinto-me bem. Agora deixo meu noivo ir embora e com ele minha antiga dor e minha antiga saudade. Deixo você com seu pai.”

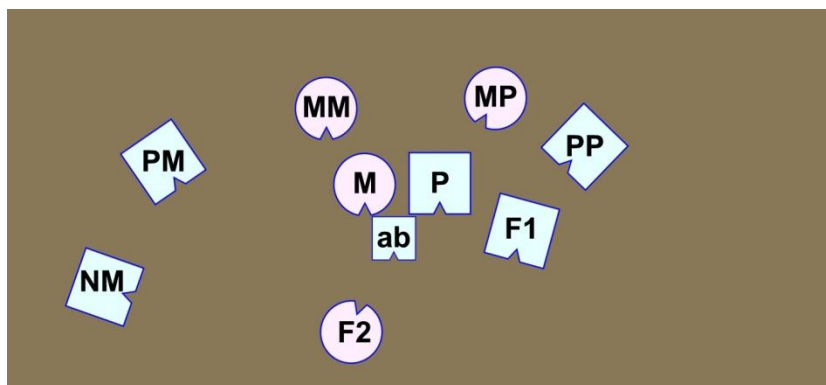
O cliente, ainda sentado na roda, respira visivelmente aliviado.

Finalmente, o terapeuta ainda coloca no chão, diante dos pais, um representante da criança abortada, de modo que ela possa encostar-se neles.

Tanto o pai quanto a mãe pousam espontaneamente uma das mãos sobre a cabeça da criança abortada e se olham pela primeira vez diretamente e com muito afeto.

Então o cliente é solicitado a ocupar o seu próprio lugar na constelação. Ele se posta ali por algum tempo, depois enlaça sua irmã com um braço, solta-a de novo e se aproxima do avô paterno, toma-o pela mão e o leva ao seu pai. Então, sem dizer nada, abraça ambos. O terapeuta afasta com cuidado os braços do cliente e pede ao pai e ao avô que abracem o filho e neto. Eles fazem isso com muita energia e se olham pela primeira vez, direta e abertamente. O cliente cai nos braços dos homens num pranto cheio de soluços. Uma grande tensão parece dissolver-se e algo parece “derreter-se” em relação ao pai. O cliente, em sua própria percepção, sempre teve uma relação muito distante e indiferente com o pai. Agora, de repente, seu pai se toma próximo, e o cliente também pode perceber o seu amor por ele. O terapeuta pede ao cliente que reprima seu forte choro e, em lugar disso, respire profundamente, até que realmente sinta o pai fisicamente. Depois de algum tempo, o terapeuta separa o jovem do pai e do avô e o vira, de modo a senti-los em suas costas. O cliente se apruma visivelmente, seu rosto se ilumina e passa ao terapeuta um gesto afirmativo e enérgico da cabeça.

Figura 9



*P – Pai*

*M – Mãe*

*F1 – Filho mais velho (cliente)*

*F2 – Filha mais nova*

*MP – Mãe do Pai*

*NM – Ex-Noivo da Mãe*

*PP – Pai do Pai*

*PM – Pai da Mãe*

*MM- Mãe da Mãe*

*ab – criança abortada*

Com isso o terapeuta encerra a constelação.

Nessa constelação, que durou uma boa meia hora, ficou clara para o cliente e também para o grupo uma série de informações e processos nessa família. Muitos participantes fizeram frequentes sinais de concordância, e alguns tiveram em alguns momentos lágrimas nos olhos. Ficaram emocionados. O terapeuta não precisou explicar nada. As informações e os movimentos e frases na constelação proporcionaram suficiente clareza sobre o que tinha atado o filho em sua família e sobre o que o deixou mais forte e livre. Ele tinha colocado como seu problema o insucesso nas relações com mulheres. Tivera duas namoradas, mas sempre se afastava. Elas se zangavam porque ele ficava inacessível e não queria assumir responsabilidade. Na profissão era bem sucedido, mas isto não lhe dava segurança e alegria. Agora ele pôde, pelo menos, perceber as conexões e, o que era mais importante, sentir qual era o seu verdadeiro lugar. Com esse lugar e tendo encarado o destino da família, pôde sentir sua ligação amorosa com seus pais e nova vitalidade e confiança na vida.

## A análise

Naturalmente, podemos em retrospecto analisar essa constelação. O que tinha acontecido nessa família?

A mãe do cliente, devido à separação entre os seus pais, perdeu prematuramente o seu pai, primeiro parcialmente, depois pela interrupção do contato e finalmente pela morte dele. Ela sempre conservou um amor infantil e uma saudade do pai. Na relação com o noivo algo disso tomou a acender-se. Contudo, também com ele ela vivenciou da mesma forma sua situação infantil. Não obstante, conservou em seu coração a saudade e o amor por ele, como também pelo pai - até que o filho chegou e passou a ocupar, para a mãe, o lugar do pai e do ex-noivo. No filho ela continuou a amar a ambos. Disso resultou para o filho uma grande proximidade à mãe, o que ele sentia como um peso, principalmente porque tinha vivenciado o seu pai como destituído de força para liberá-lo de sua grande proximidade

com a mãe e excessivamente preocupado consigo mesmo.

O pai do cliente tinha permanecido numa espécie de paralisia cega e de insensibilidade a respeito da morte de sua mãe, como acontece frequentemente com pessoas que perdem a mãe prematuramente. Ele se deu bem com seus pais adotivos, mas a adoção acrescentou à perda da mãe uma total separação de seu pai. Em consequência, ele se sentiu abandonado e só e bloqueou os seus sentimentos. Quando deixava fluir seu amor, sentia a dor e a saudade, principalmente de sua mãe e o impulso de segui-la na morte - esse era o seu medo profundo e justificado.

A filha sentia, por trás dos sentimentos ocultos do pai, seu desejo de morrer. Ela se colocou com todas as suas forças contra esse impulso, ficando perto do pai e tentando segurá-lo em vida, dando-lhe, ao mesmo tempo, o que ele já não podia receber da mãe dela. Com isso, ela perdeu algo da despreocupação da infância e a proximidade com sua mãe. Ao entrar na idade adulta, precisou de tratamento contra depressão e passou por uma curta etapa de anorexia que, contudo, conseguiu controlar. Na época da constelação de seu irmão ela estava casada há dois anos e adoecia com frequência.

A ligação de cada irmão ao destino dos pais também os separava. Cada um tinha a sua “tarefa”, mas perderam o sentimento de serem ambos filhos de seus pais. A relação real entre os irmãos não era problemática, mas distante. As soluções que resultaram na constelação para os pais aliviaram muito os filhos. Eles puderam, atuando retroativamente em sua imagem anímica, tomar seus lugares como filhos. Também os avós receberam um lugar e, de algum modo, o amor na família, em vista dos destinos, pôde fluir em vias ordenadas.

Esses esclarecimentos da dinâmica familiar não fornecem, naturalmente, uma imagem completa da realidade da família. Eles atuam de modo um tanto deficiente, inclusive em referência às vivências da constelação. Também não é necessário relatar ao cliente, desta maneira, a dinâmica da constelação. Os esclarecimentos atuam de uma forma bem mais viva quando são sentidos indiretamente através dos movimentos dos representantes e das frases pronunciadas. No desenvolvimento da constelação também se pode sentir imediatamente o que está certo ou não, e o terapeuta pode corrigir suas pressuposições, com a ajuda das reações dos representantes e do cliente. Também não é preciso abordar outros aspectos da dinâmica familiar, além daqueles que trazem um claro alívio. Essa concentração no essencial e no que pode ser vivenciado é realmente o grande ganho que se obtém com as constelações. A vivência e a compreensão dispensam reflexões que apenas ocupariam a cabeça.

Quando acompanhamos interiormente uma constelação como essa, podemos imaginar que ela mudará as relações do cliente com as mulheres, com seu sucesso profissional e naturalmente com seus pais ainda vivos. Podem, porém, ocorrer a alguém muitas perguntas, que nos grupos costumam ser colocadas pelos participantes: isso realmente ajudará o cliente depois da constelação? Os representantes realmente reproduzem o que aconteceu na família do cliente? E, em caso afirmativo, como isso é possível? O que acontece quando não tenho nenhuma informação relevante sobre minha história familiar? Esses acontecimentos familiares básicos serão realmente mais importantes do que o que vivenciamos imediatamente, como crianças, sobre a atitude dos pais em nossa educação? - Voltarei mais tarde a essas e a outras perguntas.

### **Da constelação clássica aos “movimentos da alma”**

A constelação descrita pode ser caracterizada como constelação “clássica”. No desenvolvimento do trabalho com as constelações, configuraram-se várias facetas que contribuíram para reduzir a constelação, cada vez mais, a um “horizonte de acontecimentos” essencial com respeito à necessidade ou à situação de vida de um cliente. A constelação é mais confiada ao livre movimento dos representantes, inclusive no que respeita a busca de novas ordens e soluções. Eventualmente pedem-se muito poucas informações ou apenas uma única, durante uma constelação ou depois dela. Algumas constelações transcorrem totalmente sem palavras. Confia-se que o que acontece em termos de imagens corporais com os representantes já proporcione ao cliente uma suficiente clareza. Com isso, as interpretações e intervenções do terapeuta podem tomar-se extremamente reduzidas.

Como exemplo, gostaria de mencionar brevemente uma constelação que, apesar de simples e breve, foi uma das mais emocionantes que já dirigi.

*Um homem, que também era um terapeuta, sentia, desde o suicídio de uma irmã sua com 21 anos e da*

*morte de seu pai, pouco depois, por uma grave doença súbita, um grande desejo de morrer. Sem pedir outras informações, o terapeuta solicitou-lhe que constelasse sua mãe, seu pai, sua irmã e a si mesmo.*

*O homem colocou o pai e a irmã muito próximos e de frente um para o outro, a si mesmo algo afastado e olhando para os dois, e sua mãe perto e atrás dele. Depois de algum tempo, sua irmã, que olhava com incrível ternura para seu pai, recostou-se lentamente nele, beijou-o e deitou-se no chão diante dele, com os olhos fechados. O pai olhou para sua filha e começou a chorar silenciosamente, mas deforma tão profunda que quase todos os participantes do grupo tinham lágrimas nos olhos.*

*Assim ele ficou ali chorando, talvez por cinco minutos, depois se deitou no chão ao lado de sua filha, e ambos se abraçaram ternamente. Então o representante do cliente se aproximou deles e se deitou do outro lado de sua irmã. Embora ela não o tivesse percebido, ele ficou deitado muito tranquilamente, até que depois de algum tempo eu lhe pedi que se levantasse e se postasse ao lado de sua mãe. Então ele se levantou, concordou com a cabeça e depois de algum tempo de total silêncio terminei a constelação.*

O que acontecera ali? Por que todos ficaram tão tocados? Não houve perguntas do cliente ou do grupo. O cliente pareceu muito sereno. Também ele tinha chorado abertamente na roda. Contudo, a expressão inicial de tristeza, que tomava sua fisionomia tão fechada e oprimida, desapareceu totalmente no final. Ele pareceu entender completamente, embora não soubesse o que realmente tinha se passado em sua família diante dele e o que tinha unido tanto seu pai e sua irmã até a morte. Notícias posteriores mostraram que ele perdeu o desejo de morrer e ganhou um grande reforço de energia.

### **Como se processa uma constelação?**

- O cliente apresenta sua questão ou a necessidade que tem procurado resolver. O “peso” dessa questão sustenta toda a constelação. Sua formulação e os gestos do cliente que a acompanham fornecem as primeiras informações importantes. Um retomo adequado do terapeuta ao que se “irradia” do cliente cria, frequentemente, confiança no processo que se segue.
- Poucas e breves perguntas do terapeuta delimitam o “campo” da constelação, a saber, os personagens que serão introduzidos na constelação e a dinâmica anímica que parece estar em questão.
- Pelo menos uma pessoa é colocada no “campo” da constelação; no mais das vezes, duas ou mais, tantas quantas pareçam necessárias para desencadear o processo. Também podem ser colocados representantes de entidades abstratas: um sintoma, um sentimento, um segredo, a morte, a guerra, um país ou algo semelhante.
- Os representantes, uma vez posicionados, abrem-se às forças que atuam no campo da constelação e as refletem através de seu movimento corporal, da expressão de seus sentimentos, por palavras, por uma lenta mudança de movimentos livres ou ainda por movimentos conduzidos pelo terapeuta.
- Esse movimento pode levar, por si mesmo, a uma solução que se apresenta como, por exemplo, um abraço entre uma mãe e uma filha, depois de um longo tempo de resistência mútua; ou então o terapeuta, a partir de sua imagem interior e do sentimento de conveniência, leva os representantes a um movimento ou muda suas posições, verificando depois as reações deles e as do cliente.
- O terapeuta pode ainda intervir, solicitando do cliente novas informações. Pode fazer com que representantes troquem de lugar, introduzir novos representantes, pedir que sejam pronunciadas determinadas frases que vinculam ou que liberam no sistema, que seja executado um ritual, por exemplo, uma reverência. Pode compor a constelação numa imagem final de solução, que permite que o cliente se reorienta e tome o lugar que lhe compete no seu sistema de relações.
- Às vezes uma constelação precisa ser interrompida, se os representantes não conseguem entrar em sintonia, ficam confusos, se o movimento para e faltam informações que o façam progredir ou se o cliente não consegue absolutamente acompanhar e sentir a constelação.
- Quando for necessário e esclarecedor para o cliente e o grupo, abre-se posteriormente espaço para comunicações dos representantes ou para esclarecimentos do terapeuta.
- O terapeuta verifica, por sua própria percepção ou por perguntas diretas, o efeito da constelação sobre o cliente. Quando é necessário, ele complementa a constelação com uma breve intervenção adicional, evocando, por exemplo, imagens que retomam, da maneira mais liberadora possível, algo que ficou oculto na constelação: “Feche os olhos, olhe sua mãe e lhe diga...” ou: “Imagine

o seu pai...”

- Quando a constelação não traz nada de novo para o cliente, pode-se geralmente esquecê-la no que toca aos seus efeitos.
- Com isso termina, no essencial, a “oferta de ajuda” ao cliente, com poucas exceções (uma sessão individual posterior ou outras constelações no grupo, cartas, conversas telefônicas). O verdadeiro processo de solução se mostra, depois da constelação, no comportamento do cliente e nas modificações reais resultantes em seus sistemas de relação e em seu estado físico e mental.

No capítulo 4 deste livro darei indicações mais detalhadas sobre o método. Para entender o método em suas numerosas facetas, é naturalmente útil ao aprendiz a vivência de constelações, por exemplo, num grupo de formação. Também a bibliografia no apêndice do livro fornece novas informações. Apenas fique claro aqui que a constelação feita com a ajuda de representantes se desenvolve, quanto possível, de uma forma bem condensada e espontânea, sem prescrições aos representantes (por exemplo, que se deem as mãos, ajoelhem-se ou subam numa cadeira). Esses movimentos podem ocorrer eventualmente nas constelações, a partir dos próprios representantes. Nesse caso eles têm maior força de expressão e de convencimento, porque reproduzem, sem interferência externa, algo que acontece no cliente ou em seu sistema de relações. Apenas fique claro aqui que a constelação se estrutura espontaneamente, com base nos fatos e destinos nas famílias e com o mínimo possível de intervenções por parte do terapeuta.

O fundamental é que elas podem mostrar de uma forma nova, preferivelmente surpreendendo e convencendo, como os destinos de outras pessoas nas redes de relações importantes para nossa vida atuam sobre nós e sobre nossos problemas e como a percepção de processos, até então geralmente inconscientes, pode colocar em ação as forças de mudança. O terapeuta nada pode planejar. Terapeuta, representantes e cliente, tanto quanto possível sem prévias ideias, intenções, expectativas, medo ou considerações benevolentes, expõem-se a um processo cujo resultado é incerto, buscando uma solução que não se conhece por antecipação. Tanto no livre movimento dos representantes quanto nas ocasiões em que o terapeuta intervém, motivado pelo surgimento de imagens internas ou de hipóteses, ele respeita os efeitos e os acompanha. A escolha do método a ser utilizado, desde a clara condução pelo terapeuta até a concessão de plena liberdade de movimento aos representantes, releva de uma decisão que depende, em última instância, dos efeitos perceptíveis e compreensíveis sobre o cliente. Os efeitos, porém, não são imutáveis. Eles se inserem nos múltiplos processos - onde determinamos e somos determinados - que caracterizam a vida e as relações do cliente. Quando a constelação é bem sucedida, eles colocam novos marcos para uma mudança liberadora.

### 3. VÍNCULO E LIBERAÇÃO

Basicamente, as constelações procuram responder a duas perguntas: a primeira é: “O que enreda nas famílias umas pessoas no destino de outras e o que as libera de tal enredamento?” A segunda: “Como pode o amor ser bem sucedido?”

Estas perguntas se desdobram de várias maneiras no trabalho com as constelações. Em nossos relacionamentos e, portanto, em nossa alma, estamos profundamente ligados a outras pessoas, principalmente nas trocas importantes em nossa vida, entre o dar e o receber. Acontecimentos passados, mesmo remotos no espaço e no tempo, continuam produzindo seus efeitos em nossa alma, em nossas vivências e sentimentos, em nosso pensamento e ação, estejamos ou não conscientes deles. Todos sabemos disso, e esse conhecimento acompanha as pessoas, como o atestam seus testemunhos escritos.

O que nos prende uns aos outros? O que sucede quando queremos desprender-nos desses vínculos, se isso realmente é possível? De que maneira eles nos conduzem? Como nos ajudam ou nos prejudicam? Quando nos prejudicam, somos realmente capazes de desprender-nos? De que maneira? O que nos liga aos mortos e o que nos desprende deles? O que nos prende a uma velha dor, a uma culpa antiga, a um velho pavor, não só de nossas vivências pessoais, mas também de outras pessoas que amamos e às quais pertencemos? Como podemos livrar-nos de necessidades antigas e da compulsão de repetir coisas dolorosas, que invadem nossas novas situações de vida com eventos passados que ainda precisamos dominar?

O que importa nas constelações familiares é a superação de traumas, não apenas daqueles que resultaram de experiências pessoais, mas principalmente de traumas de outras pessoas a que nos ligamos pela compaixão, por um amor muitas vezes cego e por um cego desejo de uma compensação, deslocada no tempo e no espaço. O tema das constelações são o amor e suas consequências: o masculino e o feminino, a relação entre pais e filhos, o fluxo da vida e do amor entre as gerações e os fatores que o inibem. Nas constelações encaramos a vida e a morte, os acontecimentos funestos e terríveis que irrompem em nossa vida, a justiça, a culpa e a expiação, as vítimas e os perpetradores, os bons e os maus, a verdade e a mentira, o segredo e as confidências imprudentes, o ódio e a reconciliação, a retribuição no mal e no bem. O que está aí em jogo é a união e a solidão, o

retrospecto e a perspectiva, o contentamento e a felicidade, o medo, a depressão e o desespero. Contemplamos tudo aquilo que constitui nossa vida interior em face dos acontecimentos de peso em nossa vida. Procuramos ver o que nos ameaça e o que de algum modo nos impede de realizar nossa vida. Procuramos ver o que nos toma um pouco mais livres de problemas para o futuro. As constelações giram sobre o que nos vincula, como destino ou sorte accidental, e sobre o que deriva de nossa responsabilidade, seja como for que possamos ser livres.

O que nos é determinado na vida? Como podemos deixar para trás coisas passadas que se imiscuem entre nós e o nosso futuro, para que o passado não desfigure nosso olhar para o futuro, mas antes o sustente? Que “leis” atuam pelo destino e que “ordens” contribuem para o sucesso do amor? Como podemos chegar a um bom termo entre as forças que vinculam nossa alma e nossa mente e as forças que as liberam?

Todas estas perguntas compõem as constelações, encaixadas em contextos sistêmicos. As respostas não são buscadas no nível pessoal e autônomo do indivíduo, mas no contexto das relações familiares e sociais e dos eventos que as influenciam. Naturalmente, sempre se trata do amor. Apesar de toda a funcionalidade da reprodução e do crescimento, das condições biológicas, das leis físicas e de outras normas imanentes aos sistemas, apesar de tudo o que assegura ao nosso corpo e ao nosso cérebro a sobrevivência e a transmissão dos genes, o amor é a qualidade básica da vida humana e do que chamamos de “alma”.

Pretendo descrever a seguir as experiências que se acumularam nas constelações, com respeito às “normas” que regulam a vinculação e a desvinculação nas relações e, portanto, em nossa alma. Antes, porém, acrescento algumas palavras sobre o conceito de “alma”.

## A alma

A psicologia científica e a psicoterapia convencional, como é notório, pouco falam sobre a alma. Enquanto as funções cerebrais e, numa certa medida, também os comportamentos e os sentimentos são considerados operacionais, o mesmo não acontece com o conceito de “alma”. Além disso, muitos entendem “alma” no sentido de um núcleo imortal do ser humano e, com a morte de Deus, também a consideram morta. Isso me deixa ainda mais surpreso com a frequência e os contextos em que essa palavra é usada na imprensa diária, não tanto para designar sentimentos individuais ou um “núcleo” pessoal imortal, quanto para caracterizar processos de identificação de grupos. Assim, ouve-se falar da “alma ferida do Camboja”, ou de “dar uma alma à Europa” ou mesmo da “alma” de um time de futebol.

De uma forma parecida, usando ou não esse termo, vivenciamos nas constelações a alma numa perspectiva sistêmica. Podemos chamar de alma a força invisível que congrega num todo as experiências parciais, de forma que o todo é mais do que a soma de suas partes e de suas funções. Ela não se identifica com nossa consciência, pois também inclui o inconsciente. Não se identifica com os processos fisiológicos e físicos em nosso corpo e em nosso cérebro, por mais que esteja indissoluvelmente ligada a eles. Não se identifica com o nosso sentimento, embora ele seja a sua forma de expressão sensível. Ela não é o “núcleo” ou a “substância” de um todo; é, antes, um espaço que envolve uma totalidade viva é um “campo” que, abrangendo espaço e tempo, une e confere identidade a tudo o que constitui uma pessoa ou um grupo.

Nessa perspectiva, poderíamos falar de uma alma individual como aquilo que faz de alguém essa determinada pessoa e congrega tudo o que lhe pertence: seu corpo, seu cérebro, seu espírito, seu pensamento, seu sentimento e sua ação, suas vivências, sua história - tudo o que fundamenta suas afirmações como um “eu”.

Contudo, podemos também falar de uma “alma familiar” - e é principalmente nela que se movem as constelações - como algo que, abrangendo espaço e tempo, faz de uma família esta determinada família, com suas respectivas pessoas, eventos, vivências, lembranças, decisões etc.

De uma forma análoga, podemos falar da alma de uma linhagem ou de um clã, da alma de uma fábrica, da alma de um país ou de uma comunidade linguística. Em todas as relações que constituem nossa vida, desde o *eu, tu, ele, você, isso, nós, vós, eles*, até nossa relação com a natureza ou com o cosmos em sua totalidade (o *isso*, em sua acepção mais ampla), estamos ligados, de diferentes maneiras, a “campos anímicos”. Essa ligação, em sua grandeza e em sua totalidade, é o que Bert Hellinger denomina a *grande alma*. Com isso ele não entende algo místico ou sobrenatural, mas a totalidade da existência individual, coletiva e cósmica, que nos aparece de forma incompreensível e cada vez mais misteriosa, à medida em que aumenta o nosso saber. É ela que nos vivifica, sustenta, une e talvez mesmo dirige. Na alma, entendida dessa maneira, atua um saber que nos obriga - uma “consciência” - que nos proporciona, para além das informações conscientemente transmitidas e interpretadas, uma participação ciente - ou um conhecimento participante — em tudo aquilo a que somos vinculados. Albrecht Mahr fala, nesse contexto, de um “campo ciente”.

O enfoque metodológico de uma ciência natural que, de acordo com o princípio do “nada-mais-que”, investiga as partes e as partículas em suas conexões funcionais, não permite que se encontre uma alma. Nossa experiência diária depende, entretanto, do “mais-que”. Nenhum diálogo, nenhuma arte, nenhuma política, nenhuma vida de relação acontece sem uma experiência anímica<sup>4</sup>. Como essa experiência não pode ser reduzida a algo material ou quantificável, a língua desenvolveu “palavras da alma”, como *liberdade, paciência, espírito, coragem, amor*, etc. O que entendemos por amor não pode ser adequadamente compreendido a partir de genes ou de funções cerebrais. Sabemos que nos domínios da alma dependemos de imagens, metáforas, linguagem imaginativa, vivências, experiências, com- preensões e avaliações sensíveis para a comunicação e o entendimento mútuo. Por mais que a ciência natural nos ajude a progredir com seus conhecimentos e nos obrigue a repensar os processos do espírito, tais como a liberdade de decisão, a investigação da alma, no contexto da práxis humana, pertence mais a uma psicologia das ciências do espírito e a uma avaliação sistemática das experiências

---

<sup>4</sup> Os termos *Seele* e *seelisch*, de uso muito frequente neste livro, são traduzidos geralmente por “alma” e “anímico”, mais raramente por “psique” e “psíquico”. A “alma”, tal como é descrita no presente capítulo, tem uma conotação mais ampla do que habitualmente entendemos por *psique*. (N.T.)

de vida. Dentro do contexto da prática e da teoria psicológica atuais, a constelação familiar é talvez o procedimento que, de um modo mais decisivo, se volta para a alma e para as forças espirituais e corporais que nela atuam.

## Amor de vínculo e emaranhamento

Em virtude de nossa geração e de nosso nascimento, e pela necessidade que temos dos grupos para sobreviver e crescer, somos reciprocamente ligados nesses grupos, de um modo profundo e geralmente inconsciente. A força anímica que, precedendo qualquer amor pessoal, mantém unidos os grupos para gerar, sustentar e desenvolver a vida, é o amor de vínculo<sup>5</sup>. Esse amor é uma força que provê a consciência moral, que está a serviço da sobrevivência do grupo e da transmissão e do desenvolvimento da vida, sem que precisemos pensar a respeito e planejar algo com essa finalidade.

A energia e os efeitos desse amor de vínculo podem ser sentidos - muitas vezes, de uma forma impressionante - nas constelações familiares, nos processos em que há um emaranhamento. Está envolvido, ou enredado, aquele que, sem o querer ou mesmo perceber, revive compulsoriamente o destino de outras pessoas em sua família ou em seu grupo, ou direciona cegamente a própria vida, em domínios essenciais, para identificar-se com destinos alheios.

O amor de vínculo, que encara o indivíduo apenas em sua função para a sobrevivência do grupo, entra num duplo conflito: de um lado, com o instinto individual de autopreservação, pelo qual um grupo se mantém e se reproduz às custas do egoísmo individual; e, de outro lado, com a simpatia com que os membros individuais do grupo se percebem e inter-relacionam, como pessoas que amam. As forças do vínculo, conscientes ou inconscientes, atuam sobre nossa consciência. O conhecimento da forma de atuação dessas forças, comandadas pelo destino, é imprescindível para a compreensão e para a prática das constelações familiares. A descoberta e a descrição, recentes e atuais, desses processos de vínculo e emaranhamento anímico através da consciência constituem, talvez, juntamente com os caminhos de solução reconciliadores e integradores, o principal mérito de Bert Hellinger.

## A consciência<sup>6</sup>

De uma forma bem abrangente, Bert Hellinger generalizou seus *insights* no contexto das constelações familiares em sua caracterização da “consciência”. Ela é entendida como um órgão da psique que vela pelo equilíbrio nas relações. Por mais que sejamos impelidos por nosso código genético, cuja única função é aparentemente manter-se e ser transmitido, somos sempre vinculados a relações num campo social onde nos comportamos. A consciência é descrita, de modo geral, como a capacidade de avaliar moralmente o próprio comportamento. Pela própria origem da palavra, ela significa um “saber comum”, um “saber compartilhado”, de acordo com o latim *conscientia* e o grego *syneidesis*. O conceito de consciência originou-se na antiga Grécia, a partir da ideia de que em todas as nossas ações diante dos homens e dos deuses existe internamente “alguém que também sabe”. A partir daí desenvolveu-se a compreensão cristã da consciência como uma norma divina absoluta para a percepção do bom e do mau.

Quando, porém, encaramos o comportamento das pessoas, podemos ver que muitas vezes fazemos ações más com a melhor consciência e somos impedidos, pela má consciência, de fazer boas ações. Com essa percepção no processo terapêutico, Bert Hellinger começou a descrever a consciência de uma nova maneira. A consciência me diz apenas o que preciso fazer para poder pertencer a um grupo e o que preciso evitar, para não ser punido ou excluído. O comportamento correto é, portanto, avaliado pela consciência apenas em função da necessidade e das possibilidades de se pertencer ao respectivo grupo. Na descrição dos processos em nossa consciência podemos, a partir dessa abordagem,

---

<sup>5</sup> Para o termo composto *Bindungs liebe*, preferimos a tradução “amor de vínculo” a “amor do vínculo”, entendendo que o vínculo não é o objeto do amor, mas antes a sua forma e razão de ser, analogamente ao que acontece com nossas expressões populares “amor de paixão” e “amor de perdição”. (N.T.)

<sup>6</sup> As considerações a seguir referem-se à consciência moral (*Gewissen*), não à consciência psicológica (*Bewusstsein*). Esta distinção é importante para prevenir equívocos devidos à duplicidade de sentidos da “consciência” em algumas línguas, que não ocorre no alemão. (N.T.)

Devido à dualidade de sentido apontada em nota anterior, há aqui um paradoxo, que soa como uma aparente contradição: a consciência moral (*ÍGeunsseri*) pode atuar como um mecanismo automático, sem que haja consciência (*Bewusstsein*) do sujeito. (N.T.)

distinguir três níveis e três espécies de consciência e, além disso, uma forma consciente<sup>7</sup> e uma forma inconsciente de sua atuação.

### **Os três níveis da consciência: o pertencer, compensação, ordem**

Relativamente ao nível do pertencer a um grupo, temos boa consciência quando fazemos algo que nos permite pertencer a ele, junto com os demais membros e ser acolhidos e respeitados por eles como seus iguais. Temos má consciência quando nos comportamos de tal forma que somos excluídos ou mesmo proscritos, perdemos ou corremos o risco de perder a proximidade e a segurança do grupo.

Em relação ao nível da compensação e, portanto, do equilíbrio nos grupos com respeito à justiça, ao balanço entre o dar e o receber e à percepção dos direitos e deveres, temos uma boa consciência quando, por ter dado, adquirimos o direito de receber algo e quando contribuimos para aplinar desequilíbrios e possibilitar uma justa convivência. Temos má consciência quando, por ter recebido, estamos, por nossa vez, obrigados a dar e quando ocasionamos desequilíbrios e injustiças que ameaçam a coesão e a paz do grupo.

Relativamente à ordem nos sistemas de relações, portanto à hierarquia ou à posição que assumimos e à convivência confiável, temos uma boa consciência quando nos atemos às regras e normas vigentes e somos “conscienciosos”, e temos má consciência quando nos opomos às hierarquias, ordens, verdades, tabus e regras e, por isso, tememos ser castigados.

### **As três espécies de consciência: consciência de grupa, consciência pessoal, consciência universal**

Os três níveis de consciência se encontram em cada uma das três espécies de consciência: na consciência pessoal, na consciência coletiva ou grupai e na consciência universal. Não sabemos exatamente como se constituíram essas três espécies de consciência na evolução humana. Pode-se presumir que a consciência se formou inicialmente no grupo como uma espécie de órgão de orientação coletiva, atuando instintivamente. A seguir, a partir das relações pessoais entre os indivíduos no grupo, ela se diferenciou em termos de *eu*, *tu*, *nós* e *vós* e se tomou consciente. Finalmente, através das imigrações de grupos, de seus encontros e miscigenações, ampliou-se até uma consciência universal, no sentido de uma experiência religiosa de uma única Terra e do universo inteiro.

A consciência grupai não olha para o indivíduo como uma pessoa, mas para o grupo como um todo e vê o indivíduo apenas em sua função para o grupo. Ela atua como um movimento comum de todos e assemelha-se à imagem da direção de um cardume de peixes ou de um bando de aves. Seu objetivo é a conservação e a sobrevivência do grupo. O indivíduo olha para as exigências do grupo, mas o grupo não leva em consideração o indivíduo. A consciência grupai, que atua de modo arcaico, hoje geralmente não é mais percebida por nós. É como se ela tivesse descido às áreas mais íntimas de nossa existência ou permanecesse no âmbito de fenômenos de campo biológicos e transpessoais, que agem por nós como funções superiores, importantes para a sobrevivência, sem que estejamos sempre conscientes de sua atuação. Muitos fenômenos anímicos que se manifestam nas constelações relacionam-se com os processos dessa consciência coletiva, que pode ser de um grupo, uma horda, um clã, uma estirpe ou uma família. Como geralmente não sentimos essa consciência, só podemos percebê-la em seus efeitos sobre os grupos. Na medida em que podemos percebê-la, isso nos dá a possibilidade de assumir conscientemente a condução, conseguindo boas soluções que satisfaçam a consciência grupai e simultaneamente ajudem a superar suas limitações.

Com a crescente diferenciação dos grupos em diversas tarefas, habilidades e relações internas, a importância atribuída ao indivíduo pelo seu desempenho, o desenvolvimento do que chamamos “pessoa”, com a simpatia e o amor pessoal, a consciência evoluiu, passando de um órgão geral de orientação a uma instância individual que “fala” ao indivíduo. Essa consciência é geralmente sentida por nós como uma força que nos dirige, através de sentimentos de prazer e desprazer. O indivíduo é

---

<sup>7</sup> Devido à dualidade de sentido apontada em nota anterior, há aqui um paradoxo, que soa como uma aparente contradição: a consciência moral (*Geunsseri*) pode atuar como um mecanismo automático, sem que haja consciência (*Bewusstsein*) do sujeito. (N.T.)

valorizado como pessoa, as relações individuais dentro do grupo tomam-se mais importantes e as diversas necessidades emergentes dos indivíduos e dos subgrupos precisam ser harmonizadas com as demandas do grupo inteiro. É necessária uma moral que vincule os indivíduos ao grupo, preservando e mantendo em ordem o tecido das relações, agora diferenciadas.

O “bom” e o “mau” tomam-se então um marco de distinção para o correto comportamento no grupo, e também um laço que une o grupo delimitando-o em face de outros grupos. É bom o que serve ao próprio grupo, e é mau o que serve a grupos que competem pelo mesmo lugar e pelos mesmos recursos. É bom o que coloca o indivíduo a serviço de seu grupo ou subgrupo e o conserva vivo. É mau o ato do indivíduo que ameaça as normas vigentes, em prejuízo do grupo, de seus membros e do próprio indivíduo. Dessa maneira, com “boa consciência” e visando à preservação e à moral de nosso grupo, frequentemente causamos graves danos a outros grupos e a seus membros ou a outros membros de nosso próprio grupo.

Essa consciência humaniza os relacionamentos através da simpatia, mas apenas dentro do próprio grupo e, mesmo aí, muitas vezes, somente entre determinados indivíduos do grupo. Comparada à consciência coletiva, a consciência pessoal é um “progresso”, porque diferencia os indivíduos como pessoas e permite o amor pessoal. Ao mesmo tempo, porém, ela cria a possibilidade de grandes conflitos entre as relações pessoais, os interesses do grupo e as ordens arcaicas em ação.

A consciência universal que se refere ao “Um” é necessária quando grupos diferentes entram em intercâmbio e se congregam em unidades maiores, como as nações, que por sua vez entram em contato recíproco, até que finalmente sentimos que todos nós fazemos parte de uma só terra e temos uma origem cósmica. Essa consciência se volta para o indivíduo como um “ser humano”, que leva em si o que é comum a todos os homens e também para o “grande Todo”, em que nos inserimos como suas “partes”. O valor da pessoa, a simpatia e o saber compartilhado expandem-se igualmente sobre toda a terra. Os indivíduos transpõem limites e constroem pontes ao criarem novas relações pessoais, familiares, intergrupais, nacionais, linguísticas e culturais. A consciência se orienta pela participação num *éthos* compartilhado. Talvez seja essa consciência que o apóstolo Paulo tinha em mente quando falou da lei inscrita em todos os homens. Quando Bert Hellinger fala dos “movimentos da alma”, ele não designa o procedimento metódico que permite o livre movimento dos representantes, mas o próprio movimento dos representantes na busca de soluções, ultrapassando os limites dos indivíduos, dos casais, dos pequenos e grandes grupos. Nisso ele tem em vista essa espécie de consciência que sentimos como algo totalmente leve e sem paixão, como algo universalmente “válido” que atua sobre o particular. A consciência grupai e a consciência pessoal atuam, nos movimentos da alma, em relação ao que abrange todos os seres humanos, enquanto “acolhidos” (no sentido de “liberados”, “preservados” e “elevados”).

Cada uma das três espécies de consciência conserva, entretanto, sua própria necessidade para a nossa vida de relações. Elas atuam, dirigem e fluem juntas e se completam, mas também se contradizem. Mesmo no nível individual da consciência aparecem contradições, por exemplo, entre as exigências do pertencer e as imposições da segurança. No trabalho terapêutico é preciso saber que espécie de conflito de consciência está, conscientemente ou não, por trás de um problema, que vínculos, eventos e comportamentos dos indivíduos e dos grupos estão atuando e que espécie de consciência e, em que nível, oferece caminhos para a solução. Uma criança que vive separada de seu pai e percebe que a mãe foi ferida pelo pai e tem um baixo conceito dele, tem diante da mãe uma boa consciência, na medida em que renuncia ao máximo ao contato com o pai. O preço disso é que ela tem má consciência em relação ao pai. Quando ela prefere ficar com o pai, tem boa consciência diante dele e má consciência diante de sua mãe. A consciência pessoal, por si só, não ajuda a progredir, nesse caso, e deve ser completada pela percepção dos efeitos da consciência grupai, que leva em conta o pertencer e a união de todos no grupo, independentemente do que os indivíduos pensem uns dos outros.

O direito, que assiste a uma criança falsamente apresentada como legítima, de saber quem é o seu verdadeiro pai e ter contato com ele e com sua família é eventualmente obstado pelo tabu familiar ou pela boa intenção da mãe de não prejudicar as relações na família. A necessidade sentida por uma mãe, durante uma fuga, de deixar insepulta uma criança para colocar as demais e a si mesma em segurança, entra em conflito com o seu impulso de manter todos unidos, inclusive os mortos, enterrando-os dignamente junto dos antepassados e também com o amor pessoal da mãe por esse filho. A necessidade de submeter-se às normas vigentes no lugar de trabalho ou no espaço político pode entrar

em conflito com os impulsos morais da família.

A solução geralmente consiste em ultrapassar uma consciência excessivamente estrita, na direção de um contexto e de um quadro relacionai de maior amplitude. Às vezes, porém, a solução também exige que uma consciência excessivamente ampla reduza essa amplitude para colocar em ordem vínculos estreitos e próximos. As constelações abrem possibilidades para trazer à luz os variados conflitos de consciência e tomá-los passíveis de solução. A partir do profundo saber que todos nós compartilhamos como seres humanos, os representantes nas constelações, quando têm liberdade de movimento e tempo suficiente para superar os estreitos vínculos do sistema representado, frequentemente encontram soluções abrangentes. O terapeuta, conhecendo os processos de vinculação e os processos psíquicos e mentais de liberação, também pode ajudar, com discretas intervenções, os representantes e o cliente a encontrarem a solução adequada para o caso.

### **O modo de atuação das forças de vinculação determinadas pelo destino**

A partir de suas experiências com a terapia primai, ficou claro para Bert Hellinger que os vínculos familiares não se constroem apenas pelas vivências marcantes da criança com as pessoas de suas relações imediatas. Quando reforçamos, com o auxílio de técnicas respiratórias, a evocação de sentimentos importantes, predominantemente infantis, eles se expressam de uma forma incompreensível para os espectadores, se forem levadas em conta apenas as vivências da própria criança. Porém esses sentimentos tomam-se imediatamente compreensíveis, quando percebidos em conexão com o destino de alguma outra pessoa da família. Carregamos em nossos sentimentos vivências de outras pessoas e, quando são revelados os destinos dessas pessoas, às vezes totalmente desconhecidas para nós, esses nossos sentimentos deixam de valer como expressão de algo que pessoalmente vivenciamos. Tais “sentimentos alheios” não podem ser dissolvidos pela regressão, e a psicoterapia tradicional frequentemente não obtém resultado enquanto não leva também em conta essa conexão com destinos alheios.

### **O círculo de pessoas do amor de vínculo**

Que pessoas pertencem ao círculo de atuação das forças do vínculo, acionadas pelo destino? Obtemos a resposta quando consideramos os efeitos das exclusões nos sistemas de relações. Aquele cuja exclusão pode marcar o destino de outras pessoas pertence ao sistema familiar. A experiência com as constelações familiares delimitou o seguinte círculo de pessoas, que aqui denominamos “família” e “pertencentes a uma família”: os filhos, inclusive os meios-irmãos; os pais e seus irmãos e meios-irmãos; os avós e, às vezes, também seus irmãos; com frequência, também bisavós e, de vez em quando, outros membros mais antigos da família.

O círculo da família, porém, como uma alma comum a todos, não se limita à linha imediata dos consanguíneos, vivos ou mortos, mas também se estende a todas as pessoas que pertencem à família em razão de perda ou ganho ou de ligação existencial. Esse círculo abrange os parceiros anteriores dos pais e dos avós, na medida em que cederam o lugar aos que vieram depois. Também fazem parte dele os pais adotivos. Também pode pertencer a ele, por exemplo, algum camarada do pai que morreu na guerra, enquanto o pai se salvou. Quando alguém, com ou sem culpa, provoca um acidente onde morre um desconhecido, essa pessoa passa a pertencer à sua família, em virtude desse vínculo do destino. Isto é muito importante no tocante aos efeitos de destinos de perpetradores e vítimas, muitas vezes de gerações passadas, sobre os membros das famílias envolvidas.

São estas as perguntas que se fazem para saber quem pertence ao círculo do amor de vínculo: a quem deve alguém a vida ou a sobrevivência? Quem causou a alguém um grave ferimento ou mesmo a morte? Quem dá a vida ou o sustento a alguém? Quem provocou um trauma existencial ou a morte de alguém?

### **Os excluídos e sua representação**

Quando uma pessoa é excluída no sistema familiar e lhe foi recusado o direito à existência ou a um pleno pertencer ou quando seu destino, por exemplo, o seu suicídio, é mantido em segredo, a “consciência grupai” “toma” um outro membro, geralmente de uma geração posterior, para representar no sistema a pessoa excluída, sem que ele o saiba e, menos ainda, queira-o.

Essa consciência grupai que atua de modo arcaico confere aos mais antigos prioridade em relação aos

mais novos. A representação do excluído através de outra pessoa deve restaurar a integridade do grupo. A igualdade nos respectivos destinos e a equiparação de todos os membros estão a serviço da unidade do grupo, responsável por sua sobrevivência. Esse processo só faz sentido como um processo anímico que abrange o espaço e o tempo.

Por que razão quem nasceu depois deve representar o excluído, sentindo-se como o representado e partilhando de algum modo o seu destino?

É como se somente assim o destino do excluído pudesse ser percebido, sentido, dignificado e assim trazido de volta à comunhão do grupo. A vinculação ao grupo, que atua cegamente na consciência grupai, é reprimida na consciência pessoal, para que a pessoa se livre da dor e da culpa. As constelações possibilitam levar em conta a integridade grupai que atua cegamente na alma, de modo que o excluído, que foi reprimido em sua existência e em seu destino, possa ser conscientemente acolhido pela consciência pessoal, voltando a integrar-se ao grupo e ao fluxo do amor.

Por exemplo, um filho de mãe solteira é frequentemente excluído pelo pai e pela família do pai. Por sua vez, o pai é muitas vezes excluído onde a criança cresce.

*Uma mulher, que estava doente de câncer, desde criança teve o sentimento de não pertencer à sua família e de não ter lugar na vida. Quando ela constelou sua família de origem, a representante de sua mãe disse espontaneamente: "Está faltando alguém junto de meu marido." Suspeitando de algo, o terapeuta colocou junto do pai uma outra mulher, mas a mãe disse: "Ainda falta alguém." Então foi colocada uma criança, e a mãe constatou: "Agora estão todos aí". Como a cliente nada sabia sobre um irmão desconhecido, o terapeuta interrompeu a constelação.*

*A constelação não deixou a mulher em paz. Interrogando naquela noite o seu pai, veio a saber que ele, quando tinha dezoito anos, teve relações com uma mulher casada que o iniciara sexualmente. Partindo para a guerra, ele esqueceu esse relacionamento. Depois da guerra, já casado com a mãe da cliente, recebeu uma carta daquela mulher, contando que tivera um filho dele e que talvez o levasse para vê-lo. Não indicou, porém, o seu próprio endereço nem voltou a entrarem contato, de modo que o pai deixou as coisas como estavam. Numa nova constelação foi introduzida essa criança. Apesar da dor, manifestou-se então uma ligação cordial entre os irmãos, e a cliente se mostrou muito aliviada. Não sei se ela realmente procurou e encontrou esse irmão. Também deve ser considerada uma possível conexão entre a exclusão e a doença, pois nas constelações as doenças aparecem, às vezes, como expiação por culpas próprias ou alheias.*

*Uma outra mulher, aliás muito bonita, revelou num grupo que "O patinho feio" era sua história favorita, e que ela sempre se sentira assim em sua família, quando criança. Essa história refere-se a uma criança falsamente apresentada como legítima. Na constelação a representante da cliente não sentiu ligação com o pai, mas sim com outro namorado da mãe, introduzido em razão da suspeita. Interrogada sobre se seria possível que seu pai não fosse o seu verdadeiro pai, a cliente respondeu: "Não sei. De fato, pareço-me com meu pai, mas sinto-me aliviada quando penso que tenho um outro pai." Conversando então com sua mãe, soube que realmente tinha outro pai, um homem que alugara por algum tempo um apartamento vizinho e que, mesmo depois de mudar-se, visitava com frequência os seus pais e brincava com ela quando era bem pequena. Numa ligação posterior, essa mulher contou que encontrara o seu pai verdadeiro e tinha uma boa relação com ele.*

*Num seminário na Espanha, uma psicóloga alemã contou o que ocorrera recentemente em sua família. Desde criança ela sentia o desejo de viajar para o exterior. Quando terminou os estudos escolares, matriculou-se como estudante de psicologia numa universidade espanhola e, depois de formada, começou a clinicar na mesma cidade. Durante o almoço ela contou que, pouco tempo antes, uma jovem sueca, mais ou menos da mesma idade, apresentara-se na casa de seu pai, na Alemanha, dizendo que provavelmente era filha dele. Essa moça tinha sido criada normalmente numa família sueca, mas quando tinha treze anos aproximou-se certa vez da mãe e lhe disse: "Mamãe, eu gosto do papai mas não consigo senti-lo como meu pai." Nessa conversa a mãe admitiu que ela poderia ter um outro pai e lhe deu o nome e o endereço de um americano. Quando a jovem sueca completou dezenove anos, viajou para os Estados Unidos, procurou esse homem, encontrou-o junto com sua família e apresentou-se como sua presumida filha. Ele se lembrou do relacionamento com a mãe dela, e a época do encontro deles se harmonizava com a idade da moça. Ao contrário de sua família, o americano se alegrou por ter uma filha sueca. Quando a moça viajava de volta, já no avião começou a ter dúvidas. Falou com sua mãe, que lhe disse: "Eu refleti a*

*respeito. Há um outro homem que também poderia ser seu pai. ” Então deu à filha o nome desse alemão, com quem estivera numa única noite, num fim de semana, quando ele estava em Estocolmo a serviço. Depois de alguns anos de espera, a jovem sueca tomou coragem, foi à Alemanha e encontrou esse homem. Fizeram um teste e revelou-se que ele era o seu pai.*

*Depois de contar essa história, a terapeuta alemã sorriu e comentou: “Todos nós nos alegramos muito com nossa irmã sueca. Minha mãe não soube do caso, pois tinha morrido havia alguns anos, mas uma coisa é estranha: desde que essa irmã apareceu, estou sentindo, pela primeira vez, que posso voltar a viver na Alemanha.”*

Às vezes, a excluída também pode ser uma mãe.

*Uma mulher ainda jovem, ao receber no cartório as certidões para o seu casamento, soube que a mãe que a criara era, na verdade sua tia, irmã da verdadeira mãe, que morrera ao dar-lhe a luz. Seu pai casou-se então com a irmã da falecida mãe e, embora toda a família soubesse dos fatos, ninguém contou à criança o que tinha sucedido e quem era a sua verdadeira mãe. Talvez quisessem com isso protegê-la, pois a constelação mostrou que a cliente sentia uma forte atração pela falecida mãe. A revelação da verdade teve inicialmente um efeito devastador. A mulher cancelou o convite a todos os familiares para o seu casamento, o que provocou sérias brigas. O que aconteceu na constelação aliviou muito a mulher. Consistiu essencialmente num reencontro amoroso e numa despedida entre ela e a sua mãe. Muito emocionada, a cliente comentou no final: “Agora quero engravidar. ” Realmente engravidou, reatando também as relações com a sua família.*

São também excluídos, com frequência, parceiros anteriores dos pais. Como cederam lugar aos que vieram depois, eles também pertencem ao sistema e precisam ser lembrados, para não precisarem ser representados.

*Uma solteirona que, devido à sua agressividade, era abandonada por todos os homens em suas relações, veio a saber, após perguntar, que seu pai abandonara uma noiva para casar-se com sua mãe, e que essa mulher ficou sozinha por toda a vida, sempre ressentida com seu pai.*

*Um homem ainda jovem me procurou para uma sessão individual. Sua mulher, que conhecia o trabalho das constelações, enviara-o a mim porque ele tinha um tumor benigno no cérebro que sempre voltava a crescer, e as repetidas operações representavam um alto risco para ele. Perguntado sobre sua necessidade, não deu nenhuma resposta pertinente. O moço era muito amável, mas parecia sem graça e sem força. Falava em voz muito baixa, quase num sussurro, e parecia conformado com sua condição de saúde. Depois de alguma conversa, o terapeuta pediu-lhe que constelasse, com o auxílio de figuras, a sua família de origem: seu pai, sua mãe e ele próprio, que era filho único. A constelação com as figuras carecia de consistência, e o terapeuta perguntou por possíveis ligações dos pais, anteriores ao casamento. Com uma leve ênfase, ele respondeu: “Não houve ninguém. De fato, minha mãe contou, certa vez, que antes de meu pai teve um namorado, mas estou certo de que não houve nada entre eles. ” Também não conseguiu relatar nenhum destino especial em sua família e parecia não ter entendido o sentido dessas perguntas. Durante algum tempo ainda conversamos sobre diversos assuntos. Não tendo identificado, em nenhum lugar, nas tentativas de conversa, uma força com a qual pudesse trabalhar, o terapeuta encerrou a sessão. Ao despedir-se, sugeriu ao jovem que indagasse aos seus pais informações sobre parceiros anteriores, pois tinham bem mais de trinta anos quando se casaram.*

*Duas semanas depois, ele ligou e disse: “Fiz as perguntas. Minha mãe tinha sido casada e meu pai também. ” O terapeuta perguntou: “Houve filhos nesses casamentos?” Ele respondeu que não perguntara isso. O terapeuta observou que era algo que ele também poderia perguntar.*

*Depois de mais duas semanas, o jovem tornou a ligar. Algo tinha mudado. Sua voz soava no telefone muito firme e forte, e ele disse: “Do primeiro casamento de meu pai eu tenho ainda um irmão. Baseado em minhas próprias reflexões, e sem consultar o meu pai, eu o localizei e lhe falei pelo telefone. Ele não ficou muito animado com minha ligação, mas concordou em encontrar-se comigo. Já combinamos data e lugar para isso. ”*

Ignoramos se os relacionamentos anteriores dos pais e a existência do irmão, que ele desconhecia, tinham qualquer relação com o seu tumor cerebral. O único ponto que chamou a atenção do terapeuta foi a mudança da voz do cliente, como se com o aparecimento dessas pessoas ele tivesse recebido maior plenitude e força vital.

Também são frequentemente excluídos irmãos prematuramente falecidos, principalmente os que nasceram mortos ou foram abortados. Eles têm importância para o sistema, aproximadamente, a partir do quinto mês de gestação. (Isso pode ser testado nas constelações.) Às vezes, eles absolutamente não são mencionados aos filhos vivos ou o são de uma forma que implica dizer-lhes: “Não se impressionem com isso!”, seja por dor, vergonha, sentimento de culpa ou talvez não seja considerada importante uma criança que morreu tão cedo. Porém os irmãos, especialmente o próximo a nascer, sentem a falta de uma criança ou têm, em lugar dela, um sentimento de não serem considerados, de estarem no lugar errado, um inexplicável desejo de morrer e uma intimidade com o “nada” ou uma procura interior, que dura toda a vida, pelo irmão que falta. Ele é frequentemente buscado nos posteriores relacionamentos com parceiros. Às vezes, os pais dão a um novo irmão o nome da criança que faleceu prematuramente, e ela também não é enumerada na série dos irmãos. Nas constelações é sempre emocionante perceber, através dos representantes, que os prematuramente falecidos não sofrem por causa de sua morte, mas por não serem vistos e não terem um lugar. É como se quisessem, ainda uma vez, ser tomados nos braços pelos pais, percebidos pelos irmãos e reconhecidos como iguais, com o seu destino, para que encontrem a sua paz.

*Um jovem homossexual constelou a sua família. Foram efetuadas algumas mudanças de posição na família, e foram recebidos com carinho os avós, que tinham falecido relativamente jovens. Não obstante, o representante do rapaz comentou: “Falta algo do meu lado direito, algo muito próximo.” Telefonando para sua mãe, o rapaz veio a saber que antes dele, que se julgava filho único, uma irmã tinha nascido morta. Fez-se uma nova constelação, apenas com os pais, ele e a irmã natimorta. Misturando lágrimas e sorrisos, ele abraçou a irmã com tanta ternura que todo o grupo ficou emocionado. Sua ternura e a identificação que inconscientemente sempre sentiu com essa criança natimorta talvez tenha contribuído para a sua homossexualidade. Num encontro casual, mais tarde, ele relatou que estava casado e comentou, sorrindo, que isso contrariava os prognósticos do terapeuta no grupo, de que nos homens a homossexualidade geralmente não pode ser revertida.*

*Um outro homem já tinha constelado várias vezes, junto com sua esposa, sua família atual e sua família de origem, sem encontrar solução para suas frequentes infidelidades, embora amasse sua mulher e seus dois filhos. Certo dia, já separado de sua esposa, ele ligou pedindo para fazer uma nova constelação, pois sua mãe, numa festa de família, dissera-lhe casualmente: “Na verdade, você é um gêmeo”. Ele ficou tão perplexo que não perguntou mais nada. Na constelação ele colocou a criança, que supunha ter sido uma menina, de uma tal maneira que ninguém na família olhava para ela, exceto o representante dele, e ela também só olhava para ele. Eles correram um para o outro e se abraçaram longamente, entre lágrimas, até que o processo da constelação foi levado ao fim e a irmã recebeu um bom lugar na família. Quando o homem, muito aliviado, pouco depois da constelação, voltou a falar com sua mãe sobre a possível irmã gêmea, ela lhe disse que não se lembrava mais de nada.*

*Num grupo de Bert Hellinger presenciei, certa vez, um homem que dizia, de modo extremamente agressivo: “Hoje eu mato minha mãe” e depois: “Hoje eu mato meu pai”. Bert perguntou-lhe se alguém fora assassinado em sua família. Ele inicialmente não sabia de nada, até que se lembrou vagamente de que, certa vez, uma criança teria sido assassinada. Telefonando para seu pai, soube da seguinte história: quando o cliente tinha um ano de idade, sua mãe estava no sexto mês de uma nova gestação. O médico comunicou aos pais que havia complicações e que ele só poderia salvar a vida da mãe ou a da criança. Depois de muita luta, os pais se decidiram a preservar a vida da mãe, às custas da criança, um menino. Tendo contado isso, esse homem, um arquiteto bem corpulento, acrescentou: “Eu me alimento por duas pessoas, tenho duas famílias. Com minha esposa tenho dois filhos e mais dois, com uma outra mulher. Às vezes moro com uma, às vezes com outra. Para minha primeira família construí há muitos anos uma residência dupla. Numa metade mora minha família, a segunda metade está vazia, desde o início. Em meu escritório mantenho há muito tempo uma segunda escrivãzinha para um outro colaborador. Também essa escrivãzinha eu jamais utilizei. É como eu tivesse em minha vida deixado livre um lugar para meu irmão.”*

Outra coisa que constantemente ocorre nas famílias é que pessoas sejam excluídas, não quanto à sua existência, mas quanto ao seu destino.

*Um homem que trabalhava como enfermeiro numa clínica psiquiátrica e não estava feliz com seu trabalho, veio a saber durante um curso, interrogando pessoas da família, que uma tia sua, de cujo paradeiro a família alegava nada saber, fora vítima de eutanásia numa clínica psiquiátrica no regime*

*nazista. Essa constelação o esclareceu sobre quem era o verdadeiro objeto de seu desejo de prestar cuidados e de fazer reparação. Pouco tempo depois ele se transferiu para um hospital comum.*

*Um homem procurou aconselhamento porque seu filho de dezoito anos deixara a família e fora morar na casa de um velho mercador de trastes. O rapaz tinha sempre fracassado em sua carreira escolar porque constantemente intervinha com muita agressividade para defender colegas maltratados. Agora o pai tinha muito medo que ele se suicidasse. Interrogado, o homem falou do destino de seu próprio pai, que perdera muitas propriedades em razão de injustiças e que depois da guerra foi preso por seis meses pelos americanos, por causa de um pequeno furto. Nessa ocasião, a mãe do cliente, já saturada pela vida com seu difícil marido, relacionou-se com um outro homem, muito amável. Alguns dias depois de ser liberado e voltar para casa, o pai se enforcou no teto da casa, onde foi encontrado pelo filho, que tinha então doze anos.*

*Perguntado se tinha contado isso aos seus filhos, o cliente respondeu:*

*“Não, eles jamais devem saber disso. Conteí a eles que meu pai morreu de um infarto.” Quando o adverti de que seu filho talvez precisamente por essa razão sentia-se atraído pela morte, ele se assustou muito. Comentou que o filho mais novo tinha gritado para ele, depois de uma discussão na mesa do jantar: “Quando é que você vai finalmente desaparecer e abrir um lugar aqui?” De repente ele percebeu a conexão entre o comportamento de seus pais e o de seus filhos. Algumas semanas depois dessa conversa ele contou a seus filhos a verdadeira história de seu pai. Isso levou o filho mais velho a inscrever-se num grupo. Em sua constelação, feita nesse curso, ficou clara a sua ligação com aquele avô.*

O destino silenciado pressiona pósteros a repeti-lo, como se com isso pudessem trazer algo à memória da família e retroativamente deter ou reparar alguma coisa. Silenciar, portanto, não traz nenhuma ajuda nesses assuntos. Parece que, mesmo sem informações conscientes, temos um saber mais profundo sobre os destinos de outros. Entretanto, esse saber interior se desvanece com nossa percepção consciente, e isso gera perturbações e uma busca de clareza que se desloca para outras situações da vida. Tudo isso, com base em pressentimentos ocultos, pode levar a repetições de destinos, a sentimentos estranhos e também a sintomas de doenças ou de comportamentos.

*Uma mulher contou que sua filha mais velha, de nove anos, fora adotada em lugar de uma criança própria, falecida no nascimento. À pergunta do terapeuta, se a criança sabia que era adotada, respondeu que sim. À pergunta seguinte, sobre o que tinha acontecido com a mãe da menina, ela respondeu: “Ela procurou nossa família depois do nascimento da filha, para entregá-la para adoção. Depois subiu numa alta ponte e se precipitou para morrer.” Quando o terapeuta lhe perguntou: “Você contou isso à criança?”, ela respondeu, horrorizada: “Mas não, não se pode contar isso a uma criança!” O terapeuta retrucou: “Por que não? Ela sabe disso, de qualquer maneira.” Então a mulher se assustou e disse: “Agora preciso contar uma coisa. Há poucas semanas fizemos uma excursão nas montanhas, junto com famílias amigas. Em cima, no pico, nossa filha adotiva chegou até a beirada do precipício. Tive um mau pressentimento e me aproximei. Quando cheguei perto dela, ela se postou com os olhos fechados, abriu os braços e disse: ‘Voar lá para baixo deve ser muito bonito.’*

## **A imitação**

Quando se trata de problemas e de sua possível conexão com um vínculo de destino, a primeira pergunta que se faz é sobre a existência de exemplos anteriores: quem na família já sentiu algo semelhante? Alguém já perdeu toda a sua fortuna? Alguém ficou só? Em nossa infância, temos a tendência de nos assemelharmos às pessoas próximas que amamos, como se uma voz interior dissesse: “Quero ser como você.” Isso não consiste numa simples adaptação passiva ou num aprendizado automático, mas provém do esforço ativo da criança para ficar bem perto de seus parentes, principalmente, como é natural, de seus pais. A criança tem a fantasia de que só pode estar perto se imitar e partilhar o comportamento e o destino dos pais. Uma criança aprende dos pais e quer ser igual a eles. Isso lhe dá segurança e proximidade, embora possa prejudicá-la. Esse tipo de proximidade e esse sentimento de pertencer através da imitação das pessoas mais importantes de suas relações são traços característicos das crianças.

Às vezes uma mãe se queixa, por exemplo, de uma rebeldia permanente por parte da filha. Perguntada como foi isso com ela própria, quando tinha a mesma idade, talvez responda sorrindo: “Sim, eu era justamente assim.” Um pai que sofre com o mau desempenho escolar de seu filho e com seu

permanente isolamento, é obrigado a ver que seu filho se comporta exatamente como ele, na mesma idade. Um certo menino, durante um certo tempo, vestia sempre as roupas de sua mãe. O pai, quando foi perguntado, respondeu: “Sim, está certo, eu também fiz isso quando criança.” Sua mãe falecera quando ele tinha três anos e, entre os cinco e os oito anos, ele sempre vestia escondido as roupas de sua madrasta. Isso mostrou também uma conexão profunda do menino com a esquecida mãe de seu pai. Uma criança fica aliviada quando sabe que um de seus pais, quando criança, teve as mesmas dificuldades que ela, principalmente porque sabe que o pai ou a mãe se desenvolveram bem, posteriormente.

## O seguimento

Nas constelações pode-se observar com frequência o seguinte fenômeno: quando viramos uma pessoa constelada de costas para a sua família e a afastamos alguns passos, como sinal de sua morte ou quando pedimos a uma pessoa que, para significar a mesma coisa, se deite no chão (se ela ainda não o fez por própria iniciativa), então frequentemente uma outra pessoa constelada a segue, coloca-se atrás ou junto dela ou deita-se ao seu lado, às vezes sem nenhum sentimento, outras vezes com lágrimas nos olhos ou ainda com uma ostensiva satisfação. Fica claro que tendemos a seguir outros na morte. Principalmente as crianças têm o impulso de seguir os seus pais, sobretudo quando morrem prematuramente. Sabemos que em pessoas de idade é comum acontecer que, quando um dos parceiros morre, o outro diga: “Agora também quero morrer” ou “Quero juntar-me ao meu marido (à minha mulher)”. O mesmo acontece, mais ou menos conscientemente, com muitas pessoas, quando uma pessoa querida ou muito ligada morre mais cedo do que julgamos justo.

Quando o pai ou a mãe (às vezes também outras pessoas próximas) morrem cedo, é como se algo dissesse na alma da criança: “Querida mamãe (querido papai), quero ir para você.” A criança sabe instintivamente que a mãe ou o pai não voltarão a viver, mas que ela própria pode morrer. Assim, quando a criança não quer abrir mão da proximidade com a pessoa falecida, uma voz nela diz: “Querida mamãe (querido papai), eu sigo você e, então, não vou mais ficar só e você não vai ficar só. Também quero morrer.” Talvez a criança morra ou pegue uma doença grave ou, pelo menos, diga abertamente que deseja morrer. Pode ser que se suicide mais tarde ou que seja “salva”, como adulta. Pode ser que envelheça normalmente, sempre com o desejo de morrer. As pessoas que mais tarde se aproximam dessa criança percebem o seu desejo, ficam inseguras e com medo.

*Uma mulher de meia-idade constelou sua família de origem. Ficou claro, através dos representantes, que a mulher se sentia atraída para a morte para seguir o pai, que morrera de uma doença súbita quando ela tinha três anos. Depois de um encontro terno e liberador com o pai moribundo, vivenciado na constelação, a mulher pareceu muito aliviada e alegre. Ela contou posteriormente: “Há alguns meses sofri um grave acidente de automóvel. Na via expressa um outro carro veio por trás, em alta velocidade, e chocou-se contra o meu carro. Graças a Deus o acidente não causou grandes danos, mas quando eu rodei na pista com meu carro, fez-se ouvir bem alto dentro de mim esta frase: ‘Até que enfim!’”*

*Uma mulher que padecia de um câncer incurável mostrou-se, através de sua representante na constelação, visivelmente atraída para a morte, para seguir seu pai. Em sua juventude ele servira na brigada nazista e depois da guerra sofrerá muito pelo que teve de presenciar ou mesmo fazer, como membro da divisão de execuções. Ele suicidou-se quando sua filha era ainda bem jovem. Também aqui o terapeuta procurou uma solução para o reforço da vida, a partir do pai e de suas vítimas. Nisso pareceu ter sido bem sucedido, pela atuação dos representantes, mas quando a própria cliente entrou em seu lugar “liberador” na constelação, ao lado de seu marido e dos filhos, ela olhou de forma suplicante para o terapeuta e disse: “Por favor, por favor, deixe-me ir para o meu pai.” A um aceno positivo do terapeuta, deitou-se, chorando e rindo, ao lado do representante de seu pai e o abraçou ternamente, até que, totalmente relaxados, ficaram em paz. Depois ela colocou muitas perguntas concretas sobre a melhor maneira de tomar providências sobre a sua herança e sobre outros assuntos familiares. Ficou claro que estava se preparando para a morte.*

## A representação

Quando crianças percebem, numa família, que pessoas queridas e próximas são atraídas pela morte ou por um destino difícil, surge na alma delas um novo movimento: “Querida mamãe (querido papai), eu faço isso por você, eu carrego isso por você, eu morro por você.” É sempre impressionante ver com que

intensidade atua na alma a força com a qual tentamos salvar os outros de seu destino, na medida em que o tomamos sobre nós, como se com isso pudéssemos livrar os outros de sua atração pelo funesto. A força com que essa tendência atua em nossa alma, revela-se até dentro das religiões, quando se diz: “Que cada um carregue o peso do outro” ou quando imagens e mitos religiosos sugerem que com a própria morte se pode dar a vida (eterna) a outros. Sacrificar-se por outros é um poderoso impulso na alma. Podemos observar isso de muitas maneiras em tomo de nós, não apenas nas constelações.

*Na constelação da família de origem de um homem doente de câncer ficou patente que ele se sentia muito atraído por sua mãe, que morrera prematuramente. Quando ele era criança, ela sofria de frequentes depressões e frequentemente dizia ao filho que preferia morrer. Quando o representante do cliente foi colocado, não ao lado da mãe, mas da falecida avó, a mãe disse: “Agora posso ficar com minha família ” e postou-se ao lado de seu marido. Quando o cliente, sentado na roda, presenciou o ocorrido, disse espontaneamente: “Que fazer? Quando uma mãe tem três filhos, é melhor que morra um filho do que a mãe.”*

*Uma mulher que padecia de esclerose múltipla sentia um forte impulso de seguir o seu tio, que morrera aos cinco anos quando, brincando com o seu irmão mais velho, o pai da cliente, foi atingido pela explosão de uma granada que tinham encontrado. O pai dos meninos estava ausente, pois era prisioneiro de guerra. A mãe culpou o irmão mais velho pela morte do mais novo e lhe disse certa vez, numa explosão de dor e raiva impotente: “Quem me dera que a morte tivesse levado você e não o meu querido Paulinho!” Quando a cliente foi colocada diante do falecido tio, o terapeuta lhe pediu que dissesse a ele esta frase: “Querido, pequeno tio, eu vou encontrar você, para que o papai possa viver. ” Ela disse a frase com muito amor e satisfação. Foi solicitada umas dez vezes a repeti-la, o que sempre fazia com muita ternura, até que se assustou e começou a perceber o que realmente estava fazendo. Quando foi solicitada a dizer: “Querido tio, seja amável se eu continuo viva, mesmo se o papai morrer antes da hora e se encontrar com você”, ela disse essa frase com voz muito baixa e sem força. Quando foi colocada de volta na fila de seus irmãos, o representante de seu pai sentiu-se fortemente atraído por seu irmão. Então ela começou a chorar, não conseguiu mais ficar de pé, sentou-se no chão e enterrou o rosto nas mãos. Então o pai a tomou nos braços e disse: “Não quero que você fique mal”.*

*Outra mulher fora internada, quando jovem, numa clínica psiquiátrica, onde a diagnosticaram como psicótica. Ela se recuperou mas sua vida continuava difícil, seus relacionamentos não prosperavam e, profissionalmente, apesar de um início bem sucedido, muita coisa andava mal. Percebia-se que ela estava na iminência de uma doença mental. Na constelação, quem agiu “como um louco” foi o seu pai. Aos dezesseis anos, numa fuga, o pai tinha fuzilado um homem que tentava violentar sua mãe. Na constelação, colocado diante de sua vítima e de sua mãe<sup>8</sup>, ele quase enlouqueceu e foi difícil levá-lo a um movimento que desse um final pacífico ao terrível acontecimento. Quando finalmente se “conseguiu ” isso, a representante da mulher, que se sentia muito atraída na direção do pai, postou-se ao lado de seus irmãos. Então, de repente, a representante de sua irmã mais nova exclamou: “Agora estou ficando louca!”. Ouvindo isso, a cliente, que ainda assistia de fora, bradou em alta voz: “Não, então prefiro eu mesma enlouquecer de novo!”*

### O desejo de ajudar, reparar e satisfazer

As crianças têm muitas vezes a capacidade de superar, de forma surpreendente, as necessidades que elas próprias sofreram. É sempre impressionante vivenciar tudo o que os clientes em sua infância tiveram de superar e efetivamente superaram. O que é muito difícil para as crianças, porém, é lidar com as necessidades das pessoas queridas. Quando elas atingem os seus três anos, começam a olhar para todas as pessoas que pertencem à sua família. “Quem é ela?” Passam a enxergar não apenas todas as pessoas que pertencem à família, mas também as necessidades por que passam. Então a alma da criança assume, para carregá-lo, aquilo que a análise transacional identificou como o seu “roteiro de vida” (Eric Berne). Esse *script* atua como se uma voz interior nessa criança dissesse: “Querida mamãe (querido papai, querida irmã maior, querida vovó...), não fique triste, eu ajudo você a sair de sua necessidade. Agora sou muito pequena, mas espere até que eu cresça, então irei ajudá-la”. Assim a criança “esboça” um papel para a sua vida, um plano de onde espera ajuda para livrar da necessidade a pessoa querida. Essa decisão alivia extremamente a criança, mas quando ela cresce e continua

<sup>8</sup> Como já foi ressaltado em nota, neste e em outros exemplos, tenha-se presente que a cena é vivida pelos representantes e não pelas pessoas representadas. (N.T.)

marcada por esse plano secreto, esse modelo se toma uma ilusão limitadora. Em muitos roteiros de vida temos que lidar com essa dinâmica anímica. Algumas pessoas se recordam, por exemplo, de terem dito, ainda quando crianças: “Eu nunca me casarei”, ou: “Algum dia irei para outro país”.

*O violinista Yehudi Menuhin contou numa entrevista a dor que sentiu em sua infância quando sua mãe, conduzindo-o pela mão, saiu para procurar moradia em Nova York e, por serem pobres judeus, todas as portas se fecharam diante deles. Ele recorda que, diante do desespero de sua mãe, decidiu-se a tornar-se tão famoso que as portas nunca mais se fechariam diante de seus familiares.*

*Um pediatra, dono e chefe de uma clínica infantil, compareceu muito nervoso a um grupo. Ele trabalhava sem descanso, era bem sucedido, mas seus filhos e sua mulher tinham se afastado dele, e sua saúde ameaçava não resistir ao estresse. Induzido a uma viagem de fantasia, veio-lhe à memória uma cena em que ele, aos cinco anos de idade, abraçado às pernas de sua mãe, gritava: “Mamãe, mamãe, eu vou reparar isso!”, pois, brincando com seu irmão menor, tinha inadvertidamente esbarrado nele, fazendo com que caísse de uma ponte e morresse.*

A dinâmica da alma: “Eu ajudo você a sair de sua necessidade”, nascida da compaixão da criança e de sua impotência, muitas vezes insuportável, diante dos acontecimentos em sua família, é uma força muito poderosa que nos impulsiona na vida. Muito podemos fazer e conseguir com ela, se com o tempo ela perder o seu caráter ilusório. Fracassaremos, porém, se apesar de nosso esforço não conseguirmos desprender-nos daquela necessidade original da outra pessoa, que geralmente já foi superada.

Os temas familiares que aparecem nos secretos planos de vida são encontrados nos contos de fadas, em histórias literárias, filmes, peças teatrais, óperas etc., que mais nos tocaram no decurso de nossa vida. Presenciamos essa dinâmica nas constelações, quando crianças cheias de força e grandeza amorosamente se colocam acima de seus pais ou de outras pessoas, tomam-nas em seus braços e consolam, como se fossem grandes e onipotentes<sup>9</sup>.

Existe uma dinâmica semelhante quando, diante da morte prematura de uma pessoa querida, dizemos interiormente a ela: “Vou levar sua vida a um bom termo: vou viver também por você!” Às vezes “trabalhamos por dois”, levamos uma “vida dupla”, assumimos espontaneamente, sem saber por quê, múltiplas profissões, sem saber que eram profissões de membros excluídos da família. Temos dificuldade em suportar a perda de pessoas queridas da família. Também suportamos com dificuldade que, em razão de morte prematura ou de outro grave destino, por exemplo, uma deficiência física, uma vida não possa mais desenvolver-se como se desejava. Assim “pulamos na brecha”, com o amor e a dedicação de nossa alma infantil e, com nosso empenho, preenchemos, além de nossa própria vida, uma outra vida que foi interrompida, como se assim pudéssemos completá-la.

## O espanto e o horror

Diariamente somos confrontados, através da mídia, com os fatos espantosos e terríveis da vida. Embora a percepção do sofrimento nos fascine, de um modo peculiar, ele geralmente permanece afastado de nós, a não ser que sejamos testemunhas imediatas de algum acontecimento apavorante.

O que se passa, porém, quando as coisas terríveis acontecem em nossa família de uma forma sensorialmente perceptível? Se uma criança, ao brincar num campo minado, inadvertidamente pisa numa mina e tem a perna arrancada, ela vive um terrível trauma pessoal. Então seu corpo mobiliza todos os seus recursos para assegurar a sobrevivência. Se a criança receber a necessária ajuda, poderá continuar sua vida com sua única perna sã, do modo que lhe for possível. O que se passa, porém, se a criança, ao caminhar atrás da mãe, vê que a mãe pisa numa mina e tem a perna arrancada? O que sucede à criança? Como poderá ela lidar com a visão da mãe gritando de dor, do sangue e da perna arrancada, e com seu próprio pavor, sua compaixão e impotência?

As impressões pavorosas perseguirão a criança mesmo depois de superada a situação, e ela precisará despende uma enorme energia para reprimir aquelas imagens. Entretanto, para nos livrarmos das terríveis impressões que continuam a atuar na lembrança, oprimindo nossa alma, precisamos frequentemente reprimir também o amor à pessoa que se acidentou ou que morreu de modo cruel, pois junto com o amor, afloram de novo as imagens terríveis e a dor. Dessa maneira, os membros da

---

<sup>9</sup> Consultar a respeito Gross, B. e Schneider, J.: “Ah! Que bom que eu sei!” – A visão sistêmica nos contos de fada. Editora Atman, 2005.

família que sofreram graves acidentes ou morreram de forma cruel são muitas vezes excluídos da lembrança de seus familiares e do fluxo da vida, e isto por muitas gerações. Quando se fala deles, é geralmente de uma forma distante e sem participação. Não é raro que descendentes apresentem sintomas psíquicos ou físicos, que de modo surpreendentemente preciso apontam para a pessoa acidentada. Essa experiência constantemente se repete nas constelações.

*Uma mulher tinha grandes problemas com sua filha de cinco anos. Quando algo acontecia contra a vontade da menina, ela se atirava no chão, gritando e batendo os pés, e não havia como segurá-la. Como último recurso, a mãe muitas vezes também apelava para gritos e tapas para trazer a criança à razão, mas sofria muito com essas brigas. Na constelação, as representantes da mãe e da filha foram colocadas frente a frente. A “mãe” parecia totalmente fria e indiferente, mas os olhos da “filha” se arregalaram. Ela começou a vacilar, atirou-se no chão e começou a bater os pés como louca. Gritava, rastejava pelo chão com as mãos nos ouvidos e se arrastou para debaixo de uma cadeira. O terapeuta precisou dispensar o representante do seu papel e ajudá-la a acalmar-se, tão intenso fora o seu envolvimento.*

*Interrogada sobre o que evocava nela a cena a que assistira, a mulher contou que seu pai pertencera a um comando de guerra que colocava minas para impedir o avanço dos soldados russos. Ele sempre temera que algo acontecesse nessa ocasião. Realmente, certo dia, pisou inadvertidamente sobre uma mina e perdeu ambas as pernas. Com a ajuda de próteses, conseguiu voltar a caminhar, casou-se, teve seis filhos e conseguiu provê-los bem com sua profissão.*

*A cliente era a filha mais nova e a favorita de seu pai, mas, uma vez, quando tinha seis anos, seu amor pelo pai subitamente pareceu murchar, quando ele lhe mostrou suas próteses pela primeira vez e lhe contou o que tinha acontecido. Mais tarde, na adolescência, ela teve muitas brigas com o pai e em sua vida adulta ela o contrariou em tudo o que ele desejava para ela. Quando o pai morreu ela estava no exterior e não teve mais ocasião de falar com ele.*

*Agora ela tinha esses problemas com sua filha, e a representante da filha mostrou na constelação um comportamento que lembrava o acidente do avô. (Por casualidade, a cliente escolhera, sem o saber, uma representante que tinha perdido uma perna num acidente de automóvel e levava uma prótese oculta por uma saia comprida). O que aconteceu, neste caso? Não sabemos com precisão. Parece que a mulher, quando criança, deu-se conta subitamente da invalidez de seu pai (reforçada pela forma como ele a narrou) e isso a levou a terríveis fantasias do acidente de guerra. A criança provavelmente só conseguiu superar isso afastando-se do amor ao pai e agora a filha, com seu comportamento, levava a mãe a confrontar-se de novo com o destino de seu pai e com a própria impotência infantil.*

*A cliente foi mais tarde na constelação confrontada com seu pai, e a conversa que teve com ele, por um efeito retroativo, abrandou o terror que sentira como criança no colo do pai. Então ela se entendeu com ele a respeito de suas decisões posteriores e, amorosamente e com alívio, despediu-se dele.*

A recordação de familiares mortos por alguma desgraça é muitas vezes difícil por estar associada a uma censura ao morto. Temos a tendência de recriminar por sua infelicidade aqueles a quem realmente amamos. Não suportamos a impotência, e a censura sugere que, se o acidentado tivesse tomado cuidado, o evento funesto não teria acontecido. Além disso, os acidentes também costumam ter graves consequências para os familiares.

*Num grupo de supervisão uma terapeuta quis trabalhar um problema pessoal. Sua perna esquerda estava engessada. Ela contou que era a terceira vez em pouco tempo que se acidentava com a perna e afirmou que não podia continuar seu trabalho como terapeuta se não descobrisse o que isso significava. Inicialmente o terapeuta não queria entrar nesse assunto, até que notou como era sério para a mulher. Na constelação foram colocadas duas personagens: a mulher e a perna ferida. A mulher queria afastar-se da “perna”, mas a “perna” se apegava a ela, de modo amável mas obstinado. Foram colocados também os pais da mulher. Então a “perna” se aproximou da mãe da mulher e se apegou a ela. Também a mãe quis fugir, mas a “perna” continuou perseguindo-a. Foram introduzidos na constelação os pais da mãe. Então a “perna” se aproximou do avô, que a abraçou carinhosamente. Em seguida a mulher e sua mãe também se aproximaram do avô e o abraçaram com lágrimas. Apenas a avó voltou as costas. A cliente olhava calada e com olhos úmidos para a cena que transcorria sem palavras. Então ela disse: “Sim, naturalmente, agora me lembro. Quando minha mãe tinha três anos, meu avô sofreu um grave acidente de moto. Sua perna esquerda ficou gravemente ferida, e os médicos queriam amputá-la, ele porém se recusou. A perna não sarou. Com o tempo, o avô teve de ficar de cama, finalmente contraiu um câncer na*

*perna e morreu dez anos depois do acidente. Para minha mãe, o pai dela permaneceu distante e estranho em sua infância. Depois do acidente do avô, a avó ficou depressiva e minha mãe, logo que conseguiu, saiu de casa.”*

Quando familiares são envolvidos em eventos terríveis de maiores proporções, como em guerras ou catástrofes, muitas vezes os sobreviventes são tomados de horror e não conseguem suportar a realidade que impressionou os seus sentidos. Filmes que mostram a perseguição aos judeus e as terríveis ocorrências dos campos de concentração frequentemente perturbam pela impassibilidade das vítimas judias diante dos sofrimentos de sua gente. Mas como poderiam eles suportar um sentimento de compaixão nessa situação de luta pela sobrevivência pessoal? Quem escapa e sobrevive, geralmente não consegue mais tarde olhar para trás, pois seria transformado em pedra, como as filhas na história de Lot. Entretanto, a recusa de ver, para poder sobreviver, também pode acarretar consequências funestas. A traumatização estrangula o sentimento, o comportamento e o fluxo do amor. Não apenas o que sofremos pessoalmente força a nossa consciência e exige cura e uma real conclusão, também os que morreram de modo terrível forçam nossa recordação. Parece que os pósteros precisam resgatar os “fantasmas” esquecidos, para que algo aconteça que lhe dê de novo um lugar no coração dos sobreviventes e dos seus descendentes e lhes traga a redenção definitiva de sua infelicidade e a paz da morte.

*Uma brasileira pediu uma sessão individual para resolver problemas com seu marido e com as crianças. A constelação com figuras mostrou logo que o problema era bem mais profundo. Seus pais, judeus emigrados da Europa, estiveram em sua juventude num campo de concentração, junto com suas famílias. Ambos sobreviveram, casaram-se mais tarde e por diversos desvios chegaram ao Brasil, onde nasceram os filhos. Da família do pai ninguém morreu no campo de concentração. Da família da mãe, todos foram mortos ali.*

*O terapeuta colocou sobre a pequena mesa várias figuras representando os membros da família lado a lado e, diante deles, duas figuras representando a mulher e sua mãe. À pergunta do terapeuta sobre que movimento sua mãe gostaria de fazer, a mulher colocou a figura da mãe junto das figuras de sua família e chorou. Pela primeira vez ela olhou conscientemente para todos os assassinados, pela primeira vez sentiu uma profunda compaixão por sua mãe. Percebeu que sua mãe sempre se sentira atraída pela morte para unir-se à família assassinada. Ela nunca tinha falado sobre os acontecimentos no campo de concentração nem sobre sua família. Pode-se imaginar que a mãe estava como que ausente e dificilmente poderia permitir-se sentimentos amorosos pelas crianças, porque isso reavivaria sua imensa dor, mas as crianças ficaram ressentidas com a mãe por causa disso.*

*Quando a mulher, que também era terapeuta, visitou sua mãe em Israel, algum tempo depois da constelação, a mãe lhe contou espontaneamente, pela primeira vez, o que tinha vivido no holocausto. A filha soube que, na mesma tarde em que ela olhava para toda a família da mãe em sua sessão individual, sua mãe contava suas vivências ao regente Spielberg, o primeiro a saber delas. - Certas coincidências são estranhas.*

*Em seu leito de morte a mãe foi acompanhada por seus filhos espalhados por todo o mundo.*

## **A justa compensação, o preço e o ganho**

Atua na alma uma profunda necessidade de compensação e de justiça. Ficamos conscientes disso através das inúmeras formas de compensação entre o dar e o receber nos relacionamentos, como liquidação de dívidas e reparação de culpas. Experimentamos isso como necessidade de vingança e de expiação. Por meio de nossa consciência percebemos desequilíbrios e injustiças, e desejamos que as relações sejam postas em ordem através de ações de justa compensação. Tememos desníveis, em termos de felicidade e de contentamento, em nossas relações mais íntimas. Por exemplo, quando um dos parceiros diz, pela manhã: “Eu dormi muito mal”, o outro costuma responder: “Meu sono também não foi grande coisa”, mesmo que tenha dormido bem.

As experiências humanas universais sugerem que, de modo cego ou consciente, somos atrelados pelo destino a movimentos de compensação. É como se a coesão do grupo ficasse ameaçada se uma pessoa tem um destino feliz e outra, um destino cruel. É como se houvesse uma espécie de lei de entropia da alma, que arrasta a vida e a ordem para a morte e a destruição, ou como se uma lei do fracasso e da morte puxasse a corda do sucesso e da vida. Não podemos resgatar alguém da morte para a vida, mas

buscar a morte está ao nosso alcance.

Quando alguém teve um ganho em sua vida e em seu destino, porque uma outra pessoa pagou um alto preço em sua vida e em seu destino, isso é frequentemente compensado na medida em que aquele que ganhou volta a pagar esse preço. Essa pressão é sentida pela criança cuja mãe morreu ao dá-la à luz; pela segunda mulher de um homem cuja primeira esposa se suicidou; pelos herdeiros de uma grande fortuna conseguida pela família à custa de injustiça ou pilhagem; pelo novo chefe que recebeu o seu cargo porque seu antecessor foi injustamente forçado a pedir demissão. Tais movimentos compensatórios se estendem frequentemente por várias gerações.

*Num curso no México, um jovem mexicano quis fazer sua constelação. O terapeuta notara que ele era frequentemente escolhido como representante e em todas as constelações caía sempre no chão da mesma maneira e com uma expressão irradiante. Isso fazia sentido dentro da dinâmica das constelações, mas parecia excessivamente dramático. As constelações se realizavam num palco, de modo que as pessoas precisavam subir uma escada. Ao subi-la, o jovem mexicano tropeçou e caiu estirado no chão. Levantou-se com um grande sorriso e sentou-se ao lado do terapeuta. Este olhou para ele e disse: "Você é um kamikaze!" Ele levou um susto. "Você vive perigosamente!" Ele sacudiu a cabeça e disse: "Não, de maneira nenhuma. "Nisso sua namorada se manifestou da plateia e exclamou: "Mas é claro que você vive perigosamente. Você corre tanto com seu carro que já me recusei várias vezes a acompanhá-lo." Interrogado, revelou-se que o jovem costumava voar de parapente e já sofrera duas quedas, sem que sofresse maiores danos. O terapeuta olhou para o rapaz e disse a ele: "Além disso, você não parece mexicano, mas japonês."*

*Então ele contou a seguinte história. Seu avô, que era japonês, aos dezesseis anos, durante a segunda guerra mundial, alistou-se voluntariamente entre os kamikazes, pilotos suicidas que dirigiam seus aviões contra o alvo para atingi-lo com sua carga explosiva. Quando o pai dele soube disso, pegou seu filho e o despachou imediatamente para o México, para colocá-lo em segurança. Lá o rapaz se casou com uma japonesa, e desse casamento nasceu a futura mãe do cliente. Não foi informado se ela se casou com um japonês ou com um mexicano. De qualquer maneira, o jovem parecia um japonês.*

*O terapeuta escolheu uma pessoa para representar os pilotos kamikazes que deram a vida pela pátria, pediu-lhe que se deitasse no chão e colocou diante dele os representantes do bisavô, do avô e do neto. Então aconteceram os seguintes movimentos: o piloto kamikaze tremia de raiva, que literalmente o lançou no chão. O avô deu as costas e afastou-se alguns passos. O bisavô tentou cuidar do piloto kamikaze, mas isso só aumentava a raiva dele. Assim, o bisavô olhou em torno, desconcertado, e afastou-se alguns passos. O representante do jovem mexicano abriu um largo sorriso e deitou-se ao lado do piloto. Isso mostrou a dinâmica da alma. Era como se ele, pelo fato de que o avô se salvou às custas do país e de uma "traição" aos outros pilotos, só pudesse aceitar sua vida se a sacrificasse também (de preferência voando).*

*O terapeuta perguntou ao jovem se já estivera no Japão. "Ainda não", respondeu ele. Então o terapeuta lhe disse: "A melhor coisa a fazer é que você voe ao país de seus antepassados. Lá certamente deve existir algum monumento em honra desses kamikazes. Coloque lá um buquê de flores e diga a eles interiormente que você respeita o sacrifício deles e que, em vista desse sacrifício, irá valorizar de modo especial a sua vida. Talvez faça algum bem, mesmo pequeno, ao Japão.*

*O "piloto kamikaze" na constelação encontrou alguma paz nos braços da representante do Japão, depois que os três homens se curvaram diante do "Japão" e diante dele, como representantes de todos os outros pilotos. No final o jovem ficou muito sério e voltou pensativo para o seu lugar.*

Na introdução, mencionei brevemente o exemplo tocante do jovem brasileiro, cuja mãe índia foi expulsa pelo pai quando o menino tinha dois anos de idade. Na constelação mostrou-se, de um modo altamente tocante, a profunda dor dessa mãe pelo filho perdido, que ela nunca mais pôde ver. Ela morreu quando o menino tinha oito anos de idade.

*O jovem, acompanhado de sua esposa, procurou o grupo, porque as consequências de seus fracassos nos negócios pesavam muito sobre sua relação conjugal. O pai dele, um empresário bem sucedido, tinha-lhe confiado uma de suas duas empresas. O filho estava administrando-a com sucesso mas, certo dia, o prédio da empresa se incendiou devido a um curto-circuito. Como o seguro não era suficiente, o homem ficou arruinado, então seu pai o transferiu a outra empresa e se aposentou. Também essa empresa o filho estava gerindo com sucesso, mas, como se pesasse sobre ele uma maldição, também ela pegou fogo, por*

*causas desconhecidas. Então, pela segunda vez, a vida do homem ficou arruinada. Com isso perdeu-se o resto da herança do pai, que nesse ínterim havia falecido. Agora o homem, com muito esforço e ajudado por sua mulher, dirigia um pequeno negócio, que proporcionava a eles e a seus filhos apenas o suficiente para viver.*

*Na constelação, que começou com ele e sua mulher e na qual foram depois introduzidos seu pai e sua mãe, o terapeuta colocou mais tarde representantes para ambas as firmas. Na constelação, que emocionara pela reação da mãe mas que de resto parecia congelada, a introdução das empresas provocou um movimento surpreendente. O representante da primeira firma deitou-se espontaneamente junto da mãe do rapaz e se aninhou nela, como uma criancinha.*

*Perguntado pelo terapeuta sobre uma possível ligação de seu pai antes do casamento, o homem contou que seu pai tivera uma primeira família com dois filhos, mas não sabia o que acontecera com eles.*

*Não conhecia seus irmãos e jamais tivera contato com eles. Então foram introduzidos na constelação a primeira mulher do pai e os seus dois filhos. Nisso o representante da segunda empresa aproximou-se espontaneamente dessa primeira família do pai, postou-se atrás dela e colocou os braços em volta dessas três pessoas.*

*Esses eventos pareceram surpreendentes e estranhos. É como se o acaso e a necessidade sistêmica tivessem se associado para compensar alguma coisa, independentemente das consequências reais para as pessoas envolvidas. O pai do cliente cometera uma dupla injustiça. Tinha expulsado a mãe de seu filho e impedido o contato entre ambos e tinha excluído e deserdado os filhos do segundo casamento. Seu filho mais novo, o seu predileto, recebeu tudo o que o pai tinha construído, mas nada lhe restou. O preço pago por sua mãe e pelos seus irmãos fora excessivamente grande. Assim o “ganho”, que eram as duas empresas, volatilizou-se no incêndio, e o homem se igualou aos que antes tinham perdido. Quando o cliente foi levado até sua mãe e colocado como uma criancinha em seus braços, fluíram sua dor e seu amor pela mãe, por longo tempo represados. Ele chorava sem parar, enquanto a mãe sorria e consolava o filho. A esposa do cliente chorava também, mas com olhos abertos e cheia de amor por seu marido e pela mãe dele. No final da constelação o cliente foi colocado diante de seus irmãos, e estes o abraçaram com muito carinho. Os representantes de ambas as empresas se afastaram do centro da constelação. Também o pai tinha lágrimas nos olhos. Sua cabeça, antes levantada, se inclinou. Aproximou-se de seu filho, abraçou-o e depois se juntou às duas empresas.*

Quando alguém traz a uma sessão individual ou a um grupo uma questão como essa, onde algo se perde na vida, não dá certo ou constantemente fracassa por razões inexplicáveis, convém procurar no sistema familiar por pessoas que tenham pago por isso um alto preço em seu destino, fazendo com que os futuros beneficiários tenham dificuldade em assumir a própria vida e a própria felicidade.

Se um homem abandonou sua noiva, levando-a ao suicídio, como ficam sua nova mulher e seus filhos do novo casamento? Mesmo que não saibam do suicídio e de sua causa, eles devem o seu casamento e a sua vida à separação entre o pai e essa mulher. Quando a separação não traz a ninguém consequências dolorosas, a “dívida” contraída com o parceiro anterior não pesa tanto, mas o que acontece quando são tão graves as consequências da separação? Independentemente da existência de uma relação de causalidade, a alma conecta os destinos de uma tal forma que o suicídio da noiva, como um “preço”, onera fortemente o “ganho” da família posterior. Para escapar da pressão do desequilíbrio entre o preço e o ganho, os beneficiários procuram uma compensação. A noiva não pode ser trazida de novo à vida, mas pode-se reduzir o “ganho” por meio de uma perda pessoal ou mesmo renunciar a ele. Assim, pode acontecer que a segunda esposa, em função da noiva, permita o fracasso de sua relação ou mesmo se separe do marido ou que uma filha procure mais tarde homens que a abandonem e fique só ou sinta, por sua vez, vontade de suicidar-se ou mesmo o faça. Nesse caso provavelmente ninguém pensará numa conexão com a noiva do pai, pois esses movimentos de compensação de eventos funestos geralmente ocorrem de modo inconsciente e “impessoal”.

*Um homem procurou um grupo. Era um artista alemão que vivia na Itália, totalmente isolado de sua família, numa pequena cabana num bosque. Conseguia manter-se com dificuldade, com alguma ajuda social. Parecia agitado e dava a impressão de estar fugindo. Seu pai lhe contara, antes de morrer, que no fim da guerra, na Itália, na mesma província onde agora vivia o filho, seus chefes militares lhe ordenaram que perseguisse os desertores e os fuzilasse imediatamente. Na constelação foram colocadas três pessoas, representando o pai, o filho e um desertor. Este procurou desesperadamente esconder-se do pai, mas em*

*vão. O filho, para profunda consternação do pai, deitou-se então ao lado do desertor. Como o desertor, o filho “se escondeu ” realmente em sua cabana do bosque. Sua arte permaneceu sem sucesso e sem proveito. Até em seu exterior ele se tornou semelhante ao desertor em fuga.*

*Um outro homem vivia adoentado, não conseguia manter uma relação com uma mulher e várias vezes desejou matar-se. Pouco antes do curso de constelações, por investigações em sua família, veio a saber que era judeu. Os pais de sua mãe, que eram judeus, conseguiram falsificar os passaportes de seus antepassados, conseguindo assim sobreviver. Mesmo depois de passar o perigo, a origem judaica continuou sendo escondida na família. Não obstante, aquele homem sentia-se sempre, de um modo inexplicável, atraído pelo judaísmo. Em sua constelação ele pôde vivenciar, de um modo doloroso e ao mesmo tempo liberador, o quanto estava unido aos judeus assassinados.*

Nesses casos a alma procura a justa compensação num determinado nível, de um modo cego e impessoal. Isso é mais evidente no que se refere aos destinos de vítimas e de perpetradores. Já mencionei que, nas famílias de uns como de outros, tanto as vítimas quanto os perpetradores são representados por descendentes - geralmente apenas na geração dos netos e dos bisnetos. Quando se trata da vida e da morte, do lugar onde se vive e das bases materiais da existência, as vítimas e os perpetradores de atos injustos ficam ligados entre si, independentemente de seu conhecimento e de sua vontade. Essa ligação acontece em virtude dos próprios fatos, independentemente de haver culpa ou responsabilidade pessoal. Quando essa ligação não é reconhecida - pois isso naturalmente é difícil para as vítimas e seus descendentes imediatos - a consciência coletiva pressiona descendentes a representar as vítimas e os perpetradores - que são excluídos e reprimidos na recordação consciente - e a reviver o destino deles, como se fosse esse o único caminho para se chegar a uma reconciliação que aceite o vínculo entre as vítimas e os respectivos perpetradores.

Nota-se nas constelações que o movimento de compensação mais forte é aquele que se dá entre as vítimas e os seus perpetradores imediatos. Os mandantes e os políticos que operam na retaguarda e não tiveram um contato físico direto com as vítimas, frequentemente não exercem nos sistemas familiares o mesmo efeito sobre as vítimas como aqueles que, muitas vezes cumprindo ordens, ferem, lesam, desonram ou matam suas vítimas de modo sensível e cruel. A energia assassina direta, odiosa ou fria, parece exercer o maior efeito psíquico sobre os movimentos individuais e familiares de compensação, independentemente do contexto político e social e dos pressupostos políticos justos ou injustos, “objetivamente” encarados.

Também em acidentes de trânsito, a morte e as graves consequências do acidente são o mais decisivo e criam um vínculo entre os envolvidos. A culpa pessoal, que agrava a dinâmica, não é necessária para que se crie o vínculo. O progresso humano, com suas possibilidades técnicas e médicas, amplia os domínios de ganhos e perdas, por exemplo, através de transplante de órgãos. O destino é, cada vez mais, feito por pessoas. Assim, o domínio dos movimentos de compensação se amplia na medida em que outros indivíduos ou grupos possam ser responsabilizados por nosso destino e na medida em que ganhos e perdas nos vinculem mutuamente na rede de relações sociais.

### **A aderência dos mortos**

Na maioria das constelações trata-se, de uma forma ou de outra, da vida e da morte. Difícilmente se encontra uma família onde a morte não tenha arrebatado um membro mais cedo do que julgamos ser justo. Despedir-se dos mortos de um modo digno e consciente é extremamente importante para a saúde de nossa alma. Isso se percebe também pela energia e pelo esforço que se despendem na guerra para abrigar e sepultar dignamente os mortos. Os monumentos pelos que tombaram, erigidos em toda a Europa, também dão testemunho disso. Isso é perfeitamente compreensível pelo lado dos vivos; mas que também os mortos necessitem que os vivos saibam de sua morte e se despeçam deles é algo difícil de entender, pois nada sabemos sobre os mortos. Entretanto, nas constelações eles são representados por pessoas vivas, elas não podem representá-los, em sua realidade, como mortos, mas podem representá-los em seus efeitos sobre a alma dos vivos, na alma que liga os vivos e os mortos, mesmo para além da morte. Pelo comportamento muitas vezes surpreendente dos representantes dos mortos e pela força que deles provém, em muitas constelações, podemos apenas pressentir que aí atuam forças mais poderosas do que podemos imaginar com a nossa maneira habitual de considerar os mortos.

Estas perguntas são essenciais quando se trabalha com constelações: onde é que um morto foi excluído da lembrança e do amor dos vivos? Onde é que os vivos estão separados de um morto por uma discórdia ou por uma situação não resolvida, de modo que o morto continua atuando na alma como um excluído e sem descanso?

Quem na família teve uma morte súbita e continua apegado à alma dos vivos, como se não tivesse morrido e como se o processo de sua morte não tivesse se completado?

Com relação aos mortos que não estão em paz na alma da família e, por isso, parecem não estar realmente mortos, o trabalho das constelações se assemelha muitas vezes a um ritual xamânico. Através dos representantes, acontecem encontros entre vivos e mortos, como também de mortos entre si. Isso ajuda para que os mortos não precisem manifestar-se como “fantasmas” ou “assombrações” para encontrar sua paz. Ajuda também para que possa fluir no coração dos vivos o amor entre vivos e mortos e, - na medida em que o possamos afirmar - também nos mortos entre si e para os vivos. Através dessa conexão anímica, os mortos podem morrer, e os vivos podem viver. Num filme sobre o trabalho de curandeiros do Nepal perguntou-se a um curandeiro quem, entre as pessoas da vizinhança, procurava um médico e quem procurava um curandeiro. Ele respondeu: “Procura um médico quem tem uma doença comum. Procura um curandeiro quem não está em paz com um morto.”

Despedidas entre vivos e mortos, que não puderam acontecer na realidade, podem ser resgatadas nas constelações. Vários mortos ainda necessitam de uma palavra de paz e de liberação por parte de uma ou de mais pessoas vivas, e vários vivos ainda precisam da palavra liberadora de um morto. Há mortos aos quais é preciso repetir que estão mortos, para que deixem os vivos. Frequentemente os “mortos” só encontram paz quando se deitam tranquilamente ao lado de outros mortos, da mãe que morreu cedo, de um gêmeo natimorto, de um grande amor, de um assassino ou de camaradas de guerra mortos.

*Uma mulher era a única sobrevivente de quatro irmãos: dois irmãos e uma irmã mais velhos morreram logo depois do nascimento. Na constelação a mulher olhava sem emoção os irmãos mortos que jaziam lado a lado no chão. Enquanto isso, a mãe chorava pelos dois filhos homens. O pai parecia ter tomado distância da esposa e dos filhos, como se quisesse sacudir a dor e deixar a vida continuar. Estranhamente a mãe olhava somente para os filhos homens, e ninguém se importava com a filha morta. Ao ser interrogada, a representante dessa menina disse: “Eu não estou morta” e levantou-se. O terapeuta lhe disse: “Não, você está morta!” Ela, porém, olhava com curiosidade para os pais e a irmã viva e repetia: “É claro que estou viva.”*

*Então ocorreu uma ideia ao terapeuta. Escolheu uma pessoa para representar um médico, colocou-o diante da menina. Ele olhou para ela por um momento e lhe disse: “Preciso tirar-lhe de novo a vida. Do jeito como você está, não poderá sobreviver e só será um espanto para seus pais.” Então, disse a representante da menina aparentemente natimorta.- “Sim, então vou deitar de novo no chão”, fez isso e fechou os olhos. A mãe e a irmã sobrevivente se aproximaram dela com lágrimas e a abraçaram, cheias de dor e de amor.*

*Não sabemos exatamente o que aconteceu no nascimento dessa menina. Talvez não tenha nascido morta, mas com uma grave deficiência. Só pôde ser percebida a paz que desceu de repente sobre a família na constelação, e que, depois das palavras do “médico”, algo terminou de modo benéfico para todos. A própria cliente, que antes se mostrara fria e distante, parecia muito aliviada e irradiava cordialidade e calor.*

*Eu mesmo senti com emoção, certa vez, como representante de um jovem sequestrado pela junta militar argentina, que o que mais me afligiu não era o sofrimento que me fora causado, mas o fato de estar morto e ninguém perceber isso. Duas coisas mexiam comigo e não me deixavam em paz: não pude me despedir de minha mãe, e a comemoração das mães na Praça de Maio em Buenos Aires impedia que eu fosse chorado no círculo de minha família. O que me faltava era um túmulo em minha família. Eu teria gostado muito de “ver” meus familiares diante de meu túmulo, trazendo flores e mostrando cordialidade e satisfação. A comemoração pública e o desejo das mães de descobrir o meu destino e o dos outros sequestrados me assustavam. A ideia de que eu seria percebido como morto, visitado de vez em quando no túmulo por minha família e por meus amigos e, assim, ainda pudesse ter parte em sua vida dava-me paz. Qualquer que tenha sido a participação de minhas próprias ideias nesses sentimentos, pude vivenciar algo do que significa uma despedida entre vivos e mortos.*

## **A forma de atuação das forças da alma que liberam**

As forças do vínculo na alma atuam, de forma implacável e persistente, procurando assegurar a plena integração familiar e a comunhão dos vivos com seus antepassados, buscando compensar os desequilíbrios. Quando determinados eventos interferem na integridade da vida de uma forma que a elaboração da alma não consegue acompanhar, essas forças pressionam no sentido da repetição desses eventos. Assim, membros posteriores da família são “tomados a serviço” com suas vidas - e, conseqüentemente, no lugar “errado” e com aumento da infelicidade -, para complementar e terminar

o que no sistema familiar ficou sem solução. Essa é a essência do emaranhamento, e ele reduz grandemente a nossa autonomia.

As constelações familiares nos ajudam, antes de tudo, a obter uma compreensão desses processos. Elas buscam a experiência da descoberta, que exerce um efeito imediatamente liberador sobre o cliente e, com frequência, também sobre sua família. As constelações possibilitam ao cliente “ver” os acontecimentos, de uma forma que lhe permita dizer: “Agora tudo ficou claro para mim.”

Além disso, procuram mostrar-nos como podemos, com as forças do espírito e da alma, encontrar caminhos que nos ajudem a deixar para trás desgraças passadas e a ganhar mais liberdade em nossa vida, com suas próprias necessidades e sua própria felicidade. Isso envolve uma aceitação expressa de que participamos do sofrimento e da culpa de nossos pais e de nossa família e de que estávamos entregues, impotentes, aos efeitos dos acontecimentos. Um passo ulterior é que nos desprendamos do destino e da responsabilidade de nossos pais e de outros familiares. Dessa maneira permanece a ligação de amor, mas o amor cego transforma-se num amor que vê, face a face, unindo as pessoas e simultaneamente desprendendo-as uma da outra. Precisamos aprender a assumir os efeitos do emaranhamento sem tomá-los, porém, como responsabilidade pessoal. Assim, por exemplo, os descendentes dos nazistas não são responsáveis pelos crimes deles, mas precisam enfrentar os seus efeitos. Finalmente, faz-se necessário, muitas vezes, um processo sensorial “construtivo”, que possa dissolver, no passado ou para o futuro, as marcas funestas inconscientemente preservadas no sistema. Como se pode recordar ou modificar ativamente a lembrança, para que possamos aceitar a realidade e esquecê-la com amor e sem repressão?

### A integração das excluídos

*Há pouco tempo uma mulher que estivera num grupo meu alguns anos antes, escreveu-me contando o que tinha feito desde então. Em sua constelação se evidenciara a falta de um irmão, provavelmente fruto de um relacionamento anterior de seu pai. Ela perguntou ao pai se isso era possível, e ele respondera que sim, pois certa vez lhe escrevera uma antiga namorada da Suíça, dizendo que estava grávida dele, mas que não queria que ele tivesse contato com a criança. Entretanto, ele nunca comprovou a verdade dessa declaração. A observação do pai não deixou a cliente em paz. Com a ajuda de uma irmã, ela procurou e achou esse meio-irmão. Desde então toda a família, inclusive o pai, tem um bom contato com ele, e a relação entre os pais melhorou sensivelmente. O pai realmente floresceu e agora cuida bem da própria saúde. A cliente, por sua vez, terminou um relacionamento que sempre tinha considerado como “fraterno” e agora estava enamorada de outro homem.*

Nem sempre se oferecem logo essas boas soluções quando pessoas excluídas são olhadas e integradas na família. Frequentemente é possível perceber na própria constelação quando um sistema ainda não tem condições de abrir-se aos excluídos. O terapeuta pode testar então que palavras precisam ser ditas, entre que pessoas, para que o gelo se quebre. Este é um teste para saber o que falta no sistema e o que é preciso para que o excluído seja acolhido. Por exemplo, um irmão que nasceu morto e sobre quem se silenciou em seguida poderá ser tomado nos braços dos pais, chorado, acolhido no coração e despedido. Talvez seja preciso que nessa ocasião o pai diga à mãe uma frase liberadora: “Você não tem culpa. Eu carrego isso com você”, para que a criança natimorta volte a receber um lugar. Num outro caso, será preciso que um pai reconheça sua ex-noiva como sua primeira mulher, de modo que ela abandone sua raiva contra ele e contra sua família. Se a mãe de um cliente foi filha de mãe solteira e nunca teve contato com seu pai, será preciso dizer ao cliente: “Procure o túmulo de seu avô!”

O terapeuta oferece ajuda para que o coração do cliente e o coração de sua família se abram ao excluído, e assim aqueles que se pertencem possam reaproximar-se, ainda que seja no túmulo. Quando existe a possibilidade de um contato pessoal com um excluído, geralmente é preciso que o processo de conversão interna da alma seja complementado pelo encontro real. Isso nem sempre é fácil ou mesmo viável. Às vezes, o representante ou mesmo o próprio cliente resiste a esses esforços e conselhos do terapeuta. Não cabe a este “fazer” soluções. Elas devem provir da alma do grupo, mas quando a verdade é revelada e se consegue a aproximação, isso frequentemente estabelece novos marcos para a convivência. O conhecimento recíproco e, na medida do possível, a relação real liberam desse vínculo do destino, e essa ligação que, de um modo ou de outro, está na alma, toma-se aberta e ganha forma.

## Fazer o luto e deixar que os mortos se vão

No relato dos rituais de sepultamento de um povo primitivo da floresta tailandesa, que vive bem distante da civilização, conta-se que quando morre alguém na aldeia, seu cadáver é colocado sobre um esquife e levado em procissão a um lugar distante. Lá é cremado e suas cinzas são colocadas numa urna, que é guardada em segurança nesse local. A comunidade volta para a aldeia e tem início um ano de luto. Transcorrido o ano, faz-se uma nova procissão. A urna é trazida de volta à aldeia e sepultada junto com os antepassados, fazendo-se, então, uma grande festa.

Esta história é uma bela imagem dos processos necessários em nossa alma quando falece uma pessoa próxima. O primeiro passo é deixar que o falecido se vá. Ele morreu, a relação real acabou. Isto é doloroso, e o luto é a reação adequada. Depois de um certo tempo, antes curto do que longo, o luto precisa cessar, e o morto volta para perto como um antepassado e recebe um lugar no coração dos vivos. Celebra-se então a comunidade dos vivos e dos mortos, a serviço da vida.

Algumas pessoas não permitem que o morto se afaste, e outras não o acolhem mais no coração. Ambas as atitudes podem ser reparadas nas constelações. Isso é especialmente tocante quando alguém perdeu em criança um dos pais. Muitas vezes as crianças não podem fazer o luto. A dor é grande demais, o luto dos adultos às vezes intimida a criança ou a deixa sozinha. Também os sentimentos de culpa ou mesmo de alívio em seguida a uma morte que põe fim a sérias brigas entre os pais ou a uma doença longa e incurável podem onerar o sistema. Conseguir-se o luto liberador numa constelação quando os obstáculos ao luto são expressos e, em lugar deles, pode fluir a dor e para além dela o amor. A emoção sentida pelos participantes do grupo e o alívio e a alegria geral que se sente depois da constelação são sinais de que a retomada do luto foi bem sucedida. Um processo como esse é frequentemente acompanhado por todo o grupo com impressionante profundidade, e todos se sentem enriquecidos.

Esse processo, naturalmente, não requer sempre uma constelação, e pode ser realizado também por meio da imaginação dirigida.

*Uma mulher que sofria de grave depressão contou que seu único filho, de acordo com a versão oficial, suicidara-se. Era viciado em drogas. A mãe, porém, estava convencida de que ele tinha sido assassinado. Apelando para medidas judiciais ela forçara a exumação, mas não foram encontrados indícios concludentes. A mulher ficou na incerteza e caiu em depressão. Julgando o relato da cliente excessivamente difuso para uma constelação, o terapeuta pediu-lhe para fechar os olhos, olhar interiormente o seu filho, vendo como ele era amável, e então imaginá-lo caminhando lentamente atrás dela. Ela abaixou a cabeça e começou a chorar silenciosamente. Depois de vários minutos, ergueu lentamente a cabeça, seu rosto se iluminou, abriu os olhos e disse: "Agora sei o que significa que precisamos deixar os mortos para trás."*

## A despedida da ilusão

Como já mencionei, com nossa compaixão infantil e em nossas fantasias infantis de onipotência, com que frequência nos precipitamos na ilusão de podermos, com a nossa vida, impedir coisas funestas, salvar outras pessoas ou tomá-las felizes. Às vezes, depois de uma euforia inicial com a solução numa constelação, o cliente volta a ficar deprimido ou se decepciona ao constatar em que medida um amor inútil determinou sua vida, trazendo-lhe prejuízos e sem ajudar a seus pais ou a outras pessoas queridas. É uma sensação difícil de suportar. Somente com uma profunda aceitação é possível recuperar o alívio proporcionado pela constelação. Com o fim da ilusão desmoronam muitos esforços, preferências e hábitos nossos. Como é possível preencher internamente esse "vazio"? Dizemos que buscamos uma vida bem sucedida, mas evitamos as soluções, porque nos unem pelo amor à desgraça de outros e também porque deixam em nosso pensamento e sentimento "lugares vagos" que precisam ser preenchidos com algo novo e desconhecido.

*Uma mulher envolvia-se constantemente com homens que depois se revelavam como beberrões. Todos os irmãos de seu pai e também os seus avós paternos eram viciados na bebida. Por isso o seu pai desprezou sua própria família e cortou relações com ela. Na constelação a cliente teve um forte e cordial contato com a família do pai e sentiu muita liberdade e prazer de viver. No dia seguinte, porém, voltou a sentir-se mal. Tomando plena consciência da desgraça na família do pai e dos seus próprios relacionamentos fracassados, onde investira e esperara tanto, sentiu-se vazia e insegura. Algum tempo depois do trabalho*

*no grupo, ela sentiu uma grande paz e percebeu uma força nova. Visitou os irmãos do pai ainda vivos, cuidou de uma tia abandonada, mudou-se para um emprego melhor remunerado e começou um novo e mais cuidadoso relacionamento com um outro homem.*

A ilusão é necessária na vida da criança, mas no adulto ela precisa transformar-se numa atitude de perceber a realidade, aceitar a sua vida passada da forma como foi, amar os próprios pais com um amor maduro e assumir uma responsabilidade em face do futuro. O terapeuta só pode ajudar evitando conduzir as constelações a soluções ilusórias que não levem em conta os eventos decisivos e os conflitos funestos nas famílias. Às vezes o terapeuta julga que em quaisquer circunstâncias precisa encontrar na constelação uma boa solução para todos, apoiando com isso o falso sentimento de onipotência do cliente. O terapeuta só poderá ajudá-lo se não tiver medo de confrontá-lo com a realidade da própria vida e com a própria responsabilidade, renunciando a levar as constelações mais longe, na busca de soluções do que o permita a situação real do sistema familiar do cliente.

### A reconciliação

Toda terapia consiste, em última análise, num trabalho de reconciliação. Temos de reconhecer sua importância e reintegrar as partes nossas que foram isoladas, bem como as pessoas e ocorrências que excluímos, em conexão com elas. Isso pode ser bem difícil, por exemplo, quando uma criança foi gravemente ferida ou dada por seus pais, quando dois parceiros se ofenderam gravemente ou quando nos afligem sintomas físicos e psíquicos. É especialmente difícil quando se trata da luta e da reconciliação entre vítimas e perpetradores.

Os representantes nas constelações sentem muito precisamente essas tensões. Mesmo quando se dispõem à reconciliação, precisam primeiro, como vítimas ou como perpetradores, mencionar o ato funesto e reconhecer o que tiveram de sofrer ou de cometer. Declarações erradas ou gestos falsos nessa oportunidade geralmente provocam uma recusa ao processo da reconciliação.

A busca, ou melhor, o encontro da palavra, do gesto e do movimento certo em constelações que envolvem vítimas e perpetradores é uma das experiências mais impressionantes de clientes, representantes e terapeutas.

Nem sempre uma constelação encontra um caminho que reconcilia: às vezes, é como se a ocasião para isso ainda não tivesse amadurecido. Em constelações realizadas na Polônia vivenciei uma emocionante abertura para a reconciliação em relação à guerra, ao holocausto, às numerosas deportações e a outros eventos terríveis daquela época. Já no que toca aos eventos durante o regime comunista foi bem mais difícil encontrar caminhos de reconciliação.

Quando se começou a trabalhar com constelações familiares, os perpetradores eram frequentemente expulsos de cena, como um sinal de que perderam o direito de pertencer ao seu grupo e para evitar que descendentes se excluíssem no lugar deles. Mais tarde ficou cada vez mais claro que o alívio trazido por esse procedimento aos familiares dos perpetradores e das vítimas era apenas aparente. Evidenciou-se sempre mais, em numerosas constelações, que as vítimas e os perpetradores se atraem e que se cria entre eles um vínculo indissolúvel, que seria antes reforçado pela exclusão dos perpetradores. A compaixão pelas vítimas pôde desenvolver-se melhor quando se pôde aceitar que vítimas e perpetradores estão ligados e são juntamente acolhidos na morte ou na *grande alma*. Isto reforçou a tendência de admitir que não somente as vítimas mas também os perpetradores precisam receber reconhecimento e um lugar na família. Só assim eles têm a oportunidade de perceber o efeito de seus atos e de sentir compaixão por suas vítimas. Como podemos lidar com eles de forma a possibilitar a paz e a reconciliação entre as vítimas e os perpetradores e entre suas gerações, em função do futuro? Esta é a pergunta mais difícil sobre o tema da reconciliação.

*Uma mulher se apavorou num grupo com a ideia de que seu pai fora um assassino. Como engenheiro responsável, ele participara da fabricação dos foguetes V2. Na constelação o terapeuta escolheu dez pessoas para representarem os ingleses que morreram em ataques das bombas voadoras e lhes pediu que se deitassem no chão, lado a lado. A seguir, escolheu um representante para o pai da mulher e o colocou de pé, diante dos mortos. Ele se postou ali, sem emoção e distante. Depois de algum tempo o terapeuta perguntou aos representantes dos ingleses como se sentiam. Um deles disse: “Não tenho nada a ver com ele. Foi pena que não inventamos o foguete antes deles.” Nenhum dos dez representantes o culpou. Então o pai olhou para os mortos e chorou.*

*O avô de um cliente mudara-se da Áustria para Munique para “servir a Hitler como um policial”. Quando o seu representante, numa constelação, foi confrontado com suas possíveis vítimas fatais, mostrou-se totalmente indiferente, e as vítimas que jaziam no chão se afastaram dele. O terapeuta colocou alguém para representar Hitler e pediu ao representante do avô que lhe dissesse: “Eu fiz tudo isso por você”. O representante de Hitler disse, inicialmente sorrindo: “Bonito”, e depois, em tom de desprezo: “Pouco me importo com ele”. Sentindo que também fora uma vítima, o avô deitou-se então ao lado das vítimas, respirou fundo e disse: “Agora tenho um sentimento. Aqui me sinto bem. Aqui é o meu lugar”. E as vítimas o acolheram.*

Entretanto - e isso se aplica aqui - a reconciliação não tem força quando o perpetrador é desculpado e perdoado como se a vítima ou um familiar dela ou do perpetrador lhe dissesse: “Eu sou maior do que você. Sou tão bom que inclusive posso perdô-lo”. Um “perdão” tão arrogante humilharia o perpetrador e desmereceria a sua vítima. A reconciliação é posta à prova justamente em face da culpa, de seus efeitos funestos e de nossa impotência. A solução não consiste no perdão, mas em que o perpetrador e a vítima assumam as consequências do ato funesto o qual, com o tempo, pode ser relegado ao passado, juntamente com seus efeitos. O perpetrador deve ficar a salvo da vingança, e o acerto de contas entre vítimas e perpetradores fica entregue a um poder maior, a morte, que torna todos “iguais”. No relato bíblico, depois do assassinato de Abel, Caim teve de deixar o clã, mas a marca de Caim foi impressa em sua testa, como sinal de que esse homem era um assassino e protegido por Deus e que ninguém podia fazer-lhe algum mal.

Também é útil para a reconciliação reconhecer que o perpetrador não poderia ter agido de outra forma e que tampouco a vítima poderia ter escapado do acontecimento funesto. O destino uniu cegamente a vítima e o perpetrador, muitas vezes além do limite dentro do qual este pode ser individualmente responsabilizado. Sabemos que nós mesmos muitas vezes só permanecemos inocentes porque as circunstâncias de nossa vida o permitiram, e que a inocência é antes uma dádiva do que uma realização pessoal. Também a reconciliação não acontece por um ato puramente pessoal, mas pela reverência diante de forças maiores que, no mais tardar com a morte, reúnem vítimas e perpetradores, com “indiferença” ou mesmo com “afeto”. Este seria possível se pudéssemos sentir o universo preenchido também por uma espécie de amor que abarca todos os homens e toda a criação. Admitirmos que mesmo o pior dos perpetradores é um ser humano e merece uma oração fúnebre é sinal de uma profunda humildade diante de seus atos e, ao mesmo tempo, uma chance de permanecermos humanos.

Então talvez seja possível que se reconciliem de uma forma duradoura os descendentes das vítimas e os dos perpetradores, quando lamentarem em comum as vítimas e os perpetradores mortos e conservarem suas lembranças. Tanto as vítimas mortas quanto os perpetradores mortos necessitam do amor dos vivos em face do ocorrido e também para além disso. A consequência de um ato de grave injustiça é, portanto, que o perpetrador só pode ser amado junto com sua vítima e vice-versa. Quando um único perpetrador tem muitas vítimas em sua consciência, isso ultrapassa a capacidade de amor de um indivíduo e talvez só possa ser resolvido pelo amor de muitos, portanto, num contexto social. Podemos pressentir isso quando nos grandes eventos de Bert Hellinger, diante de acontecimentos em grande escala que envolvem vítimas e perpetradores, centenas de pessoas ficam profundamente tocadas pelo que ocorre nas constelações.

### **A renúncia à justiça e a uma compensação plena**

A injustiça e a culpa exigem compensação, quer sejamos livres ou não em nossas ações. Nossa responsabilidade e as circunstâncias pouco importam para a alma. Mesmo quem comete o mal sem culpa sente a obrigação de compensá-lo.

Quem comete pessoalmente uma injustiça precisa assumir a responsabilidade e prestar reparação.

Entretanto, existem culpas e injustiças irreparáveis, acontecimentos que jamais poderão ser compensados em vida. Quem assassina alguém jamais poderá reparar e compensar isso. Mesmo que ele se suicide, não seria uma compensação. O único ato que realmente compensaria - devolver a vida ao morto ou anular o ato que feriu alguém - está fora de nosso alcance. Assim, para resolver conflitos graves entre seres humanos é preciso fazer justiça quando algo pode ser compensado e renunciar a uma justa compensação quando a tentativa de obtê-la só produziria mais injustiça. O lema “Dente por

dente, olho por olho” não suprime o mal, apenas o duplica. Essa compensação negativa satisfaz talvez a necessidade de vingança ou de expiação, mas realmente não pacifica. Que possibilidades nos restam para uma adequada compensação?

Em determinados domínios podemos fazer justiça através de uma reparação e de uma retribuição compensatória. Quando a injustiça não foi tão grande, e a renúncia à compensação abre um novo caminho para uma relação amistosa, a moderação é útil. Se a exigência de compensação só conduz a uma nova injustiça, resta apenas a renúncia consciente a uma justa compensação. Entretanto, só podemos renunciar à justiça quando a injustiça é reconhecida, as consequências jurídicas são aceitas e, na medida do possível, é oferecida uma reparação simbólica, não excessivamente pesada mas adequada às circunstâncias. A renúncia à plena compensação pela injustiça é uma realização do espírito, que exige muito dos envolvidos e precisa impor-se contra forças psíquicas que clamam em nós automaticamente por vingança e expiação. Essa realização só se consegue quando nos confiamos, junto com nossa necessidade de compensação, a forças maiores, quer as denominemos destino, morte ou Deus.

Concepções e mitos religiosos desempenharam muitas vezes nesse particular uma função de alívio: por exemplo, o mito do purgatório, que configura uma justiça gradual depois da morte ou a palavra da Bíblia: “Minha é a vingança, assim fala Deus.” As consequências são terríveis quando, mesmo que alegando agir em nome de Deus, tomamos nas mãos uma justiça que ultrapassa as medidas humanas.

Muitas constelações familiares versam sobre injustiças maiores ou menores cometidas na família ou estão em conexão com processos sociais. O terapeuta não se coloca sobre as famílias como um juiz, como alguém que julga e profere sentenças. Com muita reserva ele procura ouvir o saber humano e ver o que pode minorar a injustiça e suas consequências. Muitas vezes ele simplesmente se deixa guiar por sua intuição e testa frases que expressem a compensação viável. Cada constelação é única e nenhuma constelação pode “fazer” justiça.

Quando as constelações se desenvolvem bem, elas frequentemente desempenham, por meio da reação dos representantes e da sintonia do terapeuta com as forças atuantes, uma função sapiencial. Em que pode consistir uma compensação boa e adequada? Quando, por exemplo, um aborto pesa numa família como uma culpa, pedindo cegamente uma compensação, não são de muita ajuda atos grandes que custem muito à mãe e ao pai. Diante de eventos que não podem ser revogados ou reparados, os grandes atos podem gerar a ilusão de que a reparação é possível. Pelas reações dos representantes de crianças abortadas manifesta-se, por exemplo, que os sentimentos de culpa dos pais e os correspondentes esforços no sentido da reparação apenas oneram os abortados, como se eles, além de não receberem a vida, devessem ser responsáveis pelo sofrimento e pelos esforços dos vivos. Eles querem apenas o reconhecimento e um lugar no coração dos pais e, às vezes, também no dos irmãos. Eles “se alegram” quando os pais, em face de sua vida prematuramente interrompida, fazem algo de bom, como sinal de que seu “sacrifício” não foi em vão, e a vida na família continua. Fazer algo de bom de uma forma modesta, em face das vítimas, de modo a não onerar as vítimas nem exigir demasiado dos perpetradores e de seus descendentes é algo que atua silenciosamente no sentido da liberação e da pacificação.

### **A superação do trauma**

Traumas não resolvidos e escamoteados continuam atuando nos sistemas. Com frequência eles reaparecem, de um modo súbito e paradoxal, sob a forma de sintomas nos próprios envolvidos ou em seus descendentes. Eles pressionam para vir à luz. Depois de novamente vistos e mencionados, podem ser dissolvidos através da compreensão, de uma reverência diante do destino, do acolhimento cordial das pessoas traumatizadas e de uma atitude consciente de relegá-los ao passado.

Frequentemente isso não basta. Quando uma criança vivência como gravemente ameaçadora uma briga entre seus pais, essa vivência permanece gravada nela, mesmo que os pais voltem a ter boas relações. Muitas constelações apontam, em sua dinâmica, para ocorrências muito antigas que já não correspondem aos relacionamentos atuais. Por isso as constelações, bem como outras tentativas terapêuticas, precisam frequentemente retomar aos eventos. De que maneira isso pode acontecer de modo que possam cicatrizar as antigas feridas, sem o risco da repetição do traumatismo?

Quando o processo de uma constelação abre espaço aos acontecimentos traumáticos nos

representantes e também no próprio cliente, o antigo susto e a antiga dor são apenas mencionados. O acontecimento funesto se manifesta como numa cena teatral, às vezes assustando, mas não concretamente em sua realidade física. Não obstante, ela mostra o ocorrido de uma forma que pode tocar as pessoas.

Muitas vezes, porém, emergem no cliente, dentro ou fora da constelação, imagens internas que atualizam o evento funesto de uma forma extremamente opressiva. Então é preciso que haja uma verdadeira dissolução ou “prescrição” dessas imagens terríveis, com o auxílio da constelação ou de outros procedimentos terapêuticos. É necessário que haja nesse caso um processo “retroativo” de solução: por exemplo, no caso de uma mulher violentada, que ela seja tomada nos braços de sua mãe, ou que se pacifique após fazer uma reverência, junto com o representante do perpetrador, diante do destino que os uniu.

As terapias de traumas, antigas ou modernas, colocam à disposição do terapeuta numerosos recursos que não serão abordados no contexto deste livro. Pessoalmente, em meus seminários de constelações, quando se trata de traumas sistêmicos antigos, e os envolvidos já estão mortos, gosto de utilizar imagens anímicas do “céu”. Elas permitem contemplar os mortos não mais no próprio acontecimento funesto, mas no “céu”, como um lugar do imaginário onde os mortos estão em paz, e todo o terrível já passou. Tais recursos, originários da programação neurolinguística ou de outros procedimentos, atuam metodicamente como uma “âncora” contra colapsos.

*Um homem guardava um profundo ressentimento contra sua mãe, falecida poucos anos antes. Quando ela tinha nove anos, foi a única pessoa da família a salvar-se, com a ajuda de vizinhos, de um ataque aéreo que incendiou sua casa e assistiu à morte de seus pais e dos dois irmãos menores. Essa vivência pavorosa ficou profundamente gravada em sua memória. Quase diariamente ela falava ao seu filho dessa desgraça e obrigava-o a acompanhá-la em suas visitas ao túmulo da família. Isso é demais para uma criança, assim, o menino ficou ressentido com a mãe. O terapeuta pediu ao cliente que fechasse os olhos, olhasse para o céu e contemplasse ali sua avó, seu avô e os dois irmãozinhos da mãe. Depois de um certo tempo, o homem conseguiu erguer a cabeça e imaginar as pessoas. Finalmente ele disse, ainda de olhos fechados: “Eles parecem muito amigáveis.” Quando lhe foi pedido que imaginasse sua mãe encontrando sua família no céu, o homem precisou de mais algum tempo para visualizar essa imagem, até que exclamou, com um sorriso nos lábios: “Pela primeira vez em minha vida estou vendo minha mãe sorrir.” Perguntado sobre como a mãe o olhava agora do céu, ele respondeu: “Ela não olha para mim, está totalmente feliz com a sua família.” O terapeuta retrucou: “E depois que ela já olhou bastante para sua família e agora olha para você, como ela lhe parece?” “Amorosa”, respondeu ele, com uma voz muito suave.*

## O amor esclarecido

Podemos resumidamente descrever o trabalho da constelação familiar com a expressão “Do amor cego ao amor que vê”. Quando olhamos a pessoa ou as pessoas a quem estamos cegamente ligados, o amor consciente pode fluir. Amor, nesse sentido, significa: “Você é você, eu sou eu. Você tem o seu destino, eu tenho o meu. Permaneço sempre unido a você no amor, embora meu destino seja diferente do seu. Seja amável se me afastar do seu destino, da sua necessidade, da sua culpa, para viver minha própria vida. Estou a seu lado e ao lado de nossa família, com tudo o que aconteceu. O que aconteceu, da forma como aconteceu está certo para mim. Você está certo para mim, da forma como você é. Por favor, seja também compreensivo se eu sou como sou. Você tem agora um lugar em meu coração. Não o julgo, respeito-o, inclino-me diante do que não pode ser mudado para você e para mim.”

Só podemos amar quando nos sentimos como separados e diferentes e simultaneamente como iguais e equiparados aos demais. Existe em nós um profundo desejo de permanecer unidos, mesmo que sejamos diferentes e trilhemos diferentes caminhos. O amor é a força que une e diferencia.

Esse amor esclarecido precisa atuar diretamente nas constelações e nos processos internos do cliente depois de uma constelação bem sucedida e produzir efeitos concretos no dia-a-dia.

## As ordens do amor

Agostinho, um dos Padres da Igreja, disse certa vez: “Ame e faça o que quiser!” Bert Hellinger, que frequentemente citava esta frase, comentou: “Isso seguramente vai fracassar.”

Nosso amor está vinculado a ordens que não se deixam configurar ou mudar ao nosso bel-prazer. A ordem fornece a moldura, o amor a preenche. O amor sem ordem costuma acabar em tragédia. A ordem sem amor permanece fria e vazia. Certa vez um participante de um grupo chamou o amor de “*software*” e a ordem de “*hardware*”.

Existe na alma uma profunda necessidade de ordem. Já mencionei que na palavra “terapia” está implícita a ideia de “ficar em ordem”. Nas constelações familiares as “ordens do amor” desempenham um papel importante, principalmente no que diz respeito ao sucesso dos relacionamentos. Naturalmente essas ordens se encaixam nos processos complexos e mutáveis das relações. Justamente por isso a compreensão de como atuam essas ordens é tão útil para orientar essas relações em suas dificuldades.

O que significa “ordem”, nesse contexto? Numa perspectiva geral podemos chamar de “ordem” todo evento que transcorre de acordo com determinadas leis. Nesse sentido todos os acontecimentos impostos pelo destino, que se manifestam nas constelações, estão sujeitos, no bem como no mal, às ordens mencionadas e seguramente também a outras ordens. Num sentido mais estrito podemos caracterizar como ordem, em todas as formas de nossa consciência, os domínios que atuam como “condições de crescimento para o sucesso dos relacionamentos”. Eles se referem ao lugar certo de cada pessoa em sua família, à hierarquia ou ordem de precedência nos grupos e à confiabilidade das relações, principalmente entre o homem e a mulher e entre pais e filhos.

### A ordem pela origem

Dentro de um sistema familiar reina uma simples ordem básica em relação ao lugar e à posição: quem chegou primeiro tem precedência e quem chegou depois vem a seguir. Portanto, primeiro vêm os pais e depois os filhos. Entre os filhos, o mais velho tem o primeiro lugar, depois o segundo etc. Esta ordem é muito arcaica e provavelmente se relaciona com a transmissão da vida num grupo, pois os pais podem prover a descendência mais rapidamente do que os filhos. Entre os filhos, o mais velho pode crescer mais rapidamente e cuidar melhor dos irmãos mais novos. Contudo, um olhar para a história da cultura e para a literatura mundial mostra que essa hierarquia pela idade tem uma grande importância. Jacó e Esaú, os irmãos gêmeos do Antigo Testamento, competiram pelo primeiro lugar. Aconselhado por sua mãe, Jacó “furtou” do seu irmão gêmeo, que nascera primeiro, o primeiro lugar, vestindo uma pele e apresentando-se ao pai cego como se fosse o irmão, que era pastor. Assim conseguiu do pai a bênção e a posição de primogênito, mas depois teve de fugir da vingança de seu irmão. Mais tarde, Jacó deu primazia ao mais novo de seus filhos, José, e lhe deu as roupas mais belas. Então os irmãos quiseram matá-lo.

Quando os irmãos são posicionados numa constelação, a ordem pela origem mostra-se pelo fato de que, olhando a partir dos pais, eles devem ser colocados lado a lado, por ordem de idade, no sentido horário. Quase sempre os irmãos sentem essa ordem como correta e ficam aliviados. Nem sempre isso é importante nas constelações, porque frequentemente se trata de processos familiares bem diferentes, e nem todos os irmãos são introduzidos na constelação. Se forem colocados, o terapeuta deverá velar por sua ordem correta na imagem da solução.

Quando os representantes se opõem a essa ordem, frequentemente isso se deve a uma dinâmica familiar ainda não resolvida ou a um segredo de família. Um exemplo: duas irmãs brigavam pelo primeiro lugar. A segunda queria ocupar sempre o primeiro lugar diante do pai. Não foi possível resolver o conflito na constelação. Através de uma ligação posterior, o terapeuta foi informado de que a filha mais velha fora falsamente apresentada como legítima, e a segunda se sentia, com razão, como a primeira diante do pai. Acontece, às vezes, que uma rivalidade entre irmãos reproduza a rivalidade entre um dos pais e seus irmãos ou que um dos irmãos, quando pressiona para passar “na frente”, esteja na verdade representando uma pessoa excluída. Às vezes uma fila de irmãos se “rompe” entre um irmão e outro que não querem ficar juntos. Frequentemente se revela, então, que entre eles falta um irmão que nasceu morto ou abortou. Quando ele é colocado em seu lugar, os irmãos voltam a ajuntar-se.

Rivalidades entre irmãos podem ser simplesmente resolvidas, em muitos casos, na medida em que os pais encaram sucessivamente cada filho, dizendo: “Você é meu primeiro filho”, “Você é meu segundo filho” etc. Quando uma mãe engravida pela segunda vez, ela pode dizer à sua filha de três anos: “Estou

esperando um neném. Você vai ganhar um irmão. Quando você era muito pequena eu tive de cuidar muito de você. Agora isso vai acontecer com seu irmão pequeno. Mas você será sempre minha primeira filha e a maior”. Ouvindo isto, a menina se sente melhor e aguarda o seu irmão de uma forma diferente do que se a mãe lhe desse a entender que ela passaria para o segundo plano.

A precedência dos pais sobre os filhos desempenha também um papel muito importante na solução de conflitos familiares. Quando surgem complicações numa gravidez, e o médico precisa escolher entre a vida da mãe e a da criança, a vida da mãe tem prioridade. O comportamento da mãe no conto de fadas “João e Maria” faz sentido. Quando a pobreza é muito grande e nem todos os filhos podem ser sustentados, alguns precisam partir. Isto talvez nos pareça hoje duro e cruel. Felizmente a medicina e a assistência social abrandaram muito esse problema, mas as forças da ordem da origem, profundamente arraigadas em nossa constituição psíquica, atuam ainda hoje e devem ser respeitadas também em outros grupos, como numa empresa ou numa equipe, para o sucesso do trabalho em comum.

Os pais são equiparados entre si. Não há uma prioridade de um sobre o outro por ordem de origem. O que nesse caso pode estabelecer uma prioridade entre eles será tratado mais tarde, a propósito da relação entre homem e mulher.

### **A ordem pela progressão e as relações familiares complexas**

Já entre dois sistemas diferentes vigora a ordem inversa: o sistema mais novo tem prioridade sobre o mais antigo. Assim, quando os filhos crescem, assumem suas profissões, casam-se e fundam sua própria família, este novo sistema tem prioridade em relação à sua família de origem. Também esta ordem serve à transmissão da vida. Usando as palavras da Bíblia, “o homem deixará pai e mãe e se unirá a uma mulher”. Na terapia de casais isso tem uma grande importância, pois muitos conflitos conjugais resultam de conflitos com as respectivas famílias de origem. Em caso de necessidade, o apoio ao parceiro e à família atual e às suas necessidades tem precedência sobre a lealdade aos próprios pais.

A precedência do novo sistema afeta também os vínculos entre o homem e a mulher. Se, por exemplo, um homem se casa pela terceira vez, o terceiro casamento tem prioridade sobre os anteriores. Estes preservam sua anterioridade no tempo e no afeto, o que nas constelações é simbolizado através do sentido horário, mas na relação real o último casamento tem agora a prioridade. Se assim não fosse, os novos relacionamentos jamais teriam chances de sucesso.

Caso esse homem tenha tido um filho com cada uma das três mulheres, a ordem pela origem e a ordem pela progressão se combinam, e a hierarquia é a seguinte: em primeiro lugar vem o cuidado do homem pelo filho do primeiro casamento; em seguida o cuidado pelo filho do segundo casamento, depois a relação com a terceira mulher e, finalmente, o cuidado pelo filho comum de ambos. Caso a mulher também tenha filhos de relacionamentos anteriores, prevalece do lado dela a mesma hierarquia. Dessa maneira toma-se fácil, na maioria das vezes, ordenar sistemas familiares complexos para que sejam bem sucedidos. Essa ordem está a serviço do cuidado pelos filhos e da paz de todo o grupo. A partir do momento em que é olhada e sentida, ela fica imediatamente clara para a maioria dos clientes.

Evidentemente não depende apenas dessa ordem o êxito dos relacionamentos. Mesmo que ela não seja respeitada pela família, o terapeuta deve guardar-se de expressar opinião contrária, exceto em caso de uma necessidade urgente. Tudo isso não decorre de uma moral, pelo contrário, a moral de uma família ou de uma sociedade tem muitas vezes outras preferências. O que está em questão são processos anímicos, anteriores à moral e às normas sociais e estreitamente ligados à necessidade de transmitir nova vida e cuidar dela.

### **Homem e mulher**

O êxito da relação conjugal entre o homem e a mulher é talvez nosso desejo mais profundo, e seu fracasso traz uma profunda dor. Quando procuramos soluções para conflitos na relação do casal, a possibilidade de ajuda - no pressuposto de que existe amor - consiste em compensar um desequilíbrio na relação. Pertence à ordem básica na relação entre o homem e a mulher que ambos deem e recebam e que haja um equilíbrio nessa relação, pressupondo-se que ambos são diferentes e que têm necessidade de se complementarem na sexualidade e na transmissão e proteção da vida. As

declarações de Bert Hellinger sobre este tema têm sido alvo de muitas críticas. Não obstante, em minha experiência, elas têm mostrado muita importância prática para a solução de conflitos entre casais.

A relação entre o homem e a mulher nutre-se de um constante fluxo no intercâmbio de dar e tomar<sup>10</sup>. Quem dá pode reivindicar o direito de receber, e quem recebe também se obriga a dar. Quem recebe mais do que dá permanece em dívida com o parceiro e fica numa posição inferior. Quando essa dívida cresce a ponto de inviabilizar uma adequada compensação, as censuras de quem recebe mais representam uma tentativa de deixar mal o doador, desmerecendo o que ele deu e negando com isso o desnível em seu intercâmbio. Às vezes, o parceiro que recebe mais do que ele quer ou pode dar termina por separar-se para fugir da compensação. Quando o desequilíbrio é causado pelo destino, por exemplo, em virtude de desemprego ou de invalidez, o reconhecimento do desequilíbrio e a gratidão podem diminuir o desnível resultante.

Quem dá mais do que toma e obstina-se em preservar essa situação, colocando-se numa posição superior e “melhor”, recusa ficar devendo e comprometido e, com isso, não pode ser compensado pelo parceiro. Pressionado, porém, pela insuficiência do que “toma”, ele frequentemente se torna depressivo e perde sua capacidade de dar. Quem dá em excesso talvez venha a separar-se, julgando-se porém o “melhor” e no direito de ficar ressentido e atribuindo a culpa ao parceiro. Por sua vez, o parceiro que não pode ou não quer receber tanto fica zangado ou se separa. Quem quer dar muito na vida precisa de um parceiro capaz de corresponder-lhe e que também se disponha a dar muito.

O terapeuta tenta perceber o desequilíbrio e ajudar o casal a encontrar de novo um bom equilíbrio, que permita uma convivência ou uma boa separação. A grande utilidade das constelações nesse particular é que, com a ajuda dos representantes, elas reproduzem com muita precisão a dinâmica do casal, permitindo evitar discussões e encarar a situação em comum. Elas são confortadoras porque, trazendo à luz a ligação de destino que cada parceiro tem com sua família de origem, aliviam tanto quem dá demais quanto quem recebe demais, em relação a si mesmos e à sua mútua relação. Quando os parceiros podem ver que os conflitos não surgem por raiva, mas porque cada um está preso a um contexto maior, a partir do qual os dois se procuraram e precisam um do outro da forma como são, fica mais fácil encontrar soluções conciliatórias. Os domínios mais importantes para a troca entre o dar e o receber entre o homem e a mulher são a sexualidade, os filhos (ou o esforço comum em benefício das próximas gerações) e o provimento do sustento material. A maior parte dos conflitos de casais se origina em problemas nesses domínios. Um outro fator é a demanda insatisfeita - que realmente se dirige aos próprios pais - quando um parceiro cobra do outro o atendimento de necessidades que ele não pode satisfazer. Os fatores provenientes do passado que podem desestabilizar uma relação entre o homem e a mulher são geralmente acontecimentos e problemas não resolvidos das famílias de origem e as respectivas atitudes e padrões de comportamento, bem como, de um passado mais próximo, os golpes do destino e as decisões tomadas na história da relação conjugal: um aborto, um filho morto, acidentado ou deficiente, uma doença grave, desemprego, dívidas, filhos trazidos de outros relacionamentos, infidelidade e casos semelhantes.

Além do recíproco dar e receber pertence à ordem básica da relação do casal o equilíbrio em sua relação como homem e mulher. O vínculo entre o homem e a mulher nasce da realização amorosa da sexualidade e também, naturalmente, dos filhos comuns, onde a relação do casal se torna indissolúvel. No que toca à sexualidade, falta a cada parceiro algo decisivo que somente lhe poderá ser proporcionado pelo companheiro.

No que toca à contribuição de cada um na transmissão da vida, existe um desequilíbrio de raízes profundas. A mulher, através de sua imediata proximidade com a criança durante a gravidez, o parto e a nutrição ao seio, tem uma proximidade à vida e à “terra” à qual o homem não pode contrapor algo de equivalente. Além disso, a mulher investe sua própria saúde e sua própria vida para que a criança venha ao mundo.

A realização correspondente por parte do homem consiste em proteger a mãe e os filhos, nutri-los, dar-lhes um lugar e desprender os filhos de sua estreita ligação à mãe. A questionada afirmação de

---

<sup>10</sup> Em seguimento a Bert Hellinger, o autor usa sempre o par *geben und nehmen*, literalmente “dar e tomar”. Em consonância com nossos usos linguísticos traduzimos eventualmente *nehmen* por “receber” ou mesmo “aceitar”, deixando claro, desde já, que não se trata de uma aceitação passiva, mas de uma incorporação ativa. (N.T.)

Bert Hellinger: “A mulher deve seguir o homem (em sua família, em seu nome, em seu lugar de trabalho, em seu país...) e o homem deve servir o feminino” ressalta a necessidade desse equilíbrio na complementação.

Atualmente muitas condições externas mudaram para as famílias. Com isso o homem já não parece tão “necessário” e as mulheres têm mais peso e influência nas famílias, pois ganham o próprio sustento e muitas vezes têm apenas um filho ou mesmo nenhum. Isto trouxe problemas para a relação entre o homem e a mulher. A despeito das aparências, essa relação é afetada pela diminuição da importância dos homens, que já não têm condições ou vontade de prover a família e, por conseguinte, de “dirigi-la”. Pelo que pude perceber a partir de minhas observações e experiências com constelações em muitos países, a impotência e a inutilidade de muitos homens, que indiretamente afeta também as mulheres, são um fenômeno generalizado. Isso se mostra mais agudamente nos lugares onde a realização social e cultural dos homens entrou em colapso - por exemplo, entre os índios e os aborígenes - ou já não é respeitada pelas mulheres. Em decorrência das guerras, da destruição ambiental ou dos “melindres” dos homens, a realização masculina já não parece servir à família ou às gerações futuras ou não é mais necessária como realização específica (como acontece em nossas nações pretensamente desenvolvidas). Justamente nos lugares onde os homens se comportam tiranicamente, oprimindo as mulheres e as crianças, revela-se frequentemente, por trás dessa atitude, sua impotência, uma vontade de autoafirmação ou uma tentativa distorcida de compensação diante do “excesso” de valor da mulher.

As constelações, devido à fina sensibilidade dos representantes com relação aos fatores de desequilíbrio, mostram o que falta e o que é necessário para que o homem e a mulher possam comparecer juntos e equiparados diante dos filhos. A diversidade entre o homem e a mulher e sua necessidade de se completarem para realizarem com vigor a relação conjugal e a relação parental são expressas na constelação pelo posicionamento do homem à direita da mulher. Em face dos problemas mencionados acima, não surpreende que os homens nem sempre assumam de bom grado lugar mais proeminente - embora no mesmo nível do outro - e frequentemente seja necessário sentirem atrás de si o pai ou mesmo uma fila de homens, para que preencham com vigor o seu lugar. As mulheres com frequência ficam contentes e aliviadas quando sentem à sua direita o homem, numa postura vigorosa. Existem, porém, outros fatores que determinam quem deve assumir de forma concreta e adequada, numa constelação e na própria relação, esse primeiro lugar que é direcionado para o serviço da família. Tais fatores são, por exemplo, a existência de filhos provenientes de relações anteriores dos parceiros e o peso, em termos materiais ou de destino, que cada parceiro traz para a relação. Naturalmente ocorrem mudanças no decurso de uma relação de casal. O terapeuta, levando em conta a ordem ideal das relações, testa as reações dos representantes e avalia os pesos anímicos com a ajuda dos fatos e da dinâmica da constelação. Ele mantém aberta a sua percepção para encontrar “soluções de emergência” que permitam aceitar os desequilíbrios insanáveis e conviver com eles: um agradecimento, uma dedicação amorosa particular, uma aceitação consciente das limitações, uma realização compensatória especial e, eventualmente, também a separação.

Quando se aceita, conscientemente e com amor, aquilo que permanece em desequilíbrio, toma-se possível adotar soluções novas, se bem que não arbitrarias, que façam progredir no sentido das ordens da alma. Ao falar de ordens, o terapeuta o faz no sentido de uma confrontação racional com forças que, de um modo ou de outro, atuam na alma e também se manifestam nas constelações. Ele deve evitar impor ou proclamar algo no sentido de uma moral ou de uma norma ou mesmo julgar processos sociais. Também não deve interferir no jogo diário das forças no casal, pois compete aos parceiros, com sua própria compreensão, procurar e pôr em prática sua solução particular, bem como carregar os seus efeitos. O terapeuta limita-se a mostrar, através da constelação ou de sua experiência, o que atua e com que efeitos na relação do casal.

De um modo geral, também nesse particular é verdade que não podemos controlar as consequências de nossas ações. Com nossas soluções individuais, estamos envolvidos em processos sociais e culturais que, por sua vez, atuam sobre nós como destino. Não apenas somos determinados por nosso passado, mas também pelo que é possível e pelo que nos atrai no futuro. Não somente o “que é”, mas também o “que pode vir a ser” subordina-se, de muitas maneiras, a forças ordenadoras que não dependem de nosso livre arbítrio.

## O intercâmbio de dar e receber entre pais e filhos

Para a confiabilidade da relação entre pais e filhos atua, além da precedência dos pais, em razão da ordem de origem, uma segunda ordem simples: os pais dão e os filhos recebem. Enquanto o dar e receber entre homem e mulher tem uma dupla direção, entre pais e filhos ele é uma via de mão única.

Os pais dão a vida e, além dela, tudo o que é necessário à sobrevivência e ao desenvolvimento dos filhos. Quanto ao desenvolvimento, pode ser proporcionado, em caso de emergência, por outras pessoas: uma avó, pais adotivos, um asilo. A própria vida somente os pais podem dar. Dessa maneira uma criança recebe muito. Quem recebe também precisa dar. Entretanto, aquilo que os filhos recebem de seus pais é tão grande que jamais poderão retribuir. A própria vida é algo tão grande que não é possível retribuir por ela aos próprios pais. Entretanto, também é uma lei básica da alma que quem recebe também precisa dar. A solução para os filhos é que eles cresçam, tomem-se também pais ou façam algo correspondente e com isso passem a vida adiante. Assim se configura o que Bert Hellinger denomina o “fluxo da vida através das gerações”.

Também a culpa, que muitas vezes sentem os filhos em relação aos seus pais quando deixam a casa paterna, é uma força que os impele a assumir uma vida própria onde se tomam doadores. Essa culpa geralmente desaparece na medida em que eles realizam algo na vida em função do futuro. Uma certa compensação também retoma aos pais através da gratidão, do amor e da alegria que os filhos dão a eles, mas isso não tem um peso comparável à transmissão da vida.

Em casos de necessidade, quando a sobrevivência do grupo está em questão, todos precisam ajudar a todos. Assim, que as crianças também sejam chamadas a ajudar os pais. Isso acontece nos países em que uma família só pode sobreviver com a ajuda do trabalho dos filhos. Durante a guerra muitos jovens precisaram tomar o lugar de seus pais, mortos ou prisioneiros, na administração de propriedades rurais. Os filhos adultos também precisam cuidar de seus pais quando adoecem gravemente ou ficam velhos e já não podem prover-se. Essa ajuda dos filhos aos pais atende a uma emergência e dura apenas pelo tempo que for necessário. Ela não deve prejudicar seriamente o que importa para a transmissão da vida. Seja como for, os filhos que se sacrificam para apoiar e cuidar dos pais merecem um grande reconhecimento.

Filhos adultos que cuidem de seus pais precisam ter por eles o devido respeito, mesmo que os pais idosos, com a diminuição de suas forças, tornem-se como crianças ou façam exigências infantis que os filhos não têm como satisfazer. O que muitas vezes ajuda os filhos nessa condição é imaginar que essas necessidades infantis de seus pais são satisfeitas pelos falecidos avós. Aos filhos cabe dar-lhes com amor, como a pessoas adultas, o que realmente precisam, o que é justo e conveniente.

Vivenciar o fluxo da vida através das gerações é algo muito importante nas constelações e afeta essencialmente a saúde da alma. Prestar respeito e homenagem aos antepassados pela transmissão da vida, recebê-la em si e transmitir a força dessa vida é uma atitude altamente valorizada em todas as culturas.

*Num seminário nos Estados Unidos, dirigido por um amigo meu, com o comparecimento de muitos indígenas, um índio gravemente deprimido quis fazer a sua constelação. Poucas perguntas já deram a entender ao terapeuta que a história familiar desse homem estava irreparavelmente perturbada. Então perguntou ao índio: “Quantas gerações de seus antepassados preciso colocar atrás de você para que você sinta outra vez a sua força? O índio pensou um pouco e respondeu: “Sete” - talvez por se tratar de um número sagrado para os índios ou para retroceder ao tempo em que o mundo dos índios ainda estava em ordem. Assim foram colocados atrás do índio sete casais, representando as sete gerações em que ele se apoiava com suas costas. Então ele se postou, levantou a cabeça e disse, depois de algum tempo, com uma voz potente: “Isto faz bem!” Então olhou para o terapeuta e lhe disse: “Ainda tenho um desejo. Coloque agora em minha frente as sete gerações que virão depois de mim.” Então foram colocadas sete pessoas em fila diante dele, com o olhar voltado para a frente. Então ele se postou no meio e ficou radiante.*

Esta história nos dá uma bela imagem do fluxo da vida através das gerações.

## O fluxo da vida – Obstáculos e soluções

Nenhum caminho dispensa a necessidade de tomar em si os próprios pais. Eles não podem nem precisam ser diferentes do que são. Eles se tomaram pais simplesmente porque geraram a criança e

lhe deram a vida, não por serem pobres ou ricos, fortes ou fracos, bons ou maus, calorosos ou frios, bons ou maus educadores — nos diversos graus em que julgamos nossos avós, nossos pais e nós mesmos. O que importa para nós é assumir essa vida com amor e com uma força direcionada ao futuro.

Entretanto, existem muitos obstáculos no caminho dessa aceitação. As constelações ajudam a torná-los visíveis e, na medida do possível, a removê-los.

### **Quando os filhos consolam os pais carentes**

Frequentemente os filhos olham para seus pais e os percebem carentes como crianças. Talvez algum dos avós tenha morrido cedo, talvez um dos pais tenha estado por algum tempo longe dos seus próprios pais, talvez algum dos pais, quando criança, tenha se sentido prejudicado, mal cuidado ou sem apoio em sua família. Quando algum filho vê, ouve ou sente essa carência infantil dos pais, é levado a dizer estas palavras e a agir em consonância com elas: “Querida mamãe (querido papai), não fique triste, eu lhe dou o que você não recebeu de sua mãe ou de seu pai.” A criança se faz grande e vê os pais como se fossem pequenos. Então ela passa a ser quem dá e os pais se tomam os recebedores.

Essa atitude, embora geralmente não traga uma ajuda real, toma-se um padrão arraigado que leva a criança a uma atitude de arrogância, nascida de seu amor, que mais tarde lhe causará muitos danos. Com o correr do tempo surge um profundo conflito entre esse esforço ilusório da alma infantil e a ordem sistêmica básica na qual os pais dão e os filhos recebem, os pais têm a precedência e os filhos não têm o direito de interferir no seu destino. Esse conflito pode levar posteriormente a criança a uma depressão ou a uma doença, pressionando-a para que retome, através da dor, a postura de quem recebe.

Nas constelações percebe-se com frequência esse movimento de filhos que consolam um dos pais ou ambos, apresentando-se como se fossem grandes e fortes, como se fossem eles os pais. Quando isso vem à luz o terapeuta ajuda essa criança, agora adulta, para que volte a sentir-se como uma criança pequena diante da mãe ou do pai, assumindo sua posição de criança e dizendo aos pais: “Você é grande, eu sou pequena, você é a mãe (o pai), eu sou a criança, você dá, eu recebo”, em diferentes variações, de acordo com a situação concreta do cliente.

### **Relações de parceria entre pais e filhos**

Uma dinâmica semelhante ocorre quando os filhos, olhando para os pais, percebem-nos carentes em sua relação como homem e mulher. Também então eles tendem muitas vezes, com apoio dos pais, a reagir com estas palavras: “Querida mamãe (querido papai), não fique triste, eu lhe dou o que você não recebe do papai (da mamãe).” A criança se faz grande como os pais, assume um papel de parceira e sente-se chamada a interferir na relação entre eles. Em casos como esse, uma mãe talvez faça à sua filha de treze anos confidências sobre suas relações sexuais ou pergunte ao filho de dez anos se deve divorciar-se. Em outros casos, um pai sai de férias em companhia de uma filha ou pede a um filho que o apoie numa briga com a esposa. Um caso particularmente grave é o abuso sexual, quando desaparecem os limites entre pais e filhos. Geralmente os filhos simplesmente se dispõem a preencher a lacuna entre o pai e a mãe ou são levados ou mesmo obrigados a substituir um dos pais junto ao outro.

As consequências disso podem agravar-se com o aparecimento de conflitos internos, geralmente inconscientes, entre a pretensão amorosa nascida da necessidade ou da coação e a proibição arcaica de confundir os níveis dos pais e dos filhos. Muitas tragédias gregas abordam esse tema. As consequências são, nos casos graves, o aparecimento de uma luta entre o pai e o filho ou entre a mãe e a filha: “Ou você ou eu: só um(a) de nós pode ocupar esse lugar” - que em alguns casos pode levar até mesmo ao assassinato. Disso resulta o insucesso das relações ulteriores, e leva a torturantes sentimentos de culpa, à desistência de ter filhos próprios ou à repetição de padrão semelhante de comportamento com os próprios filhos e na relação conjugal.

Pode-se perceber nas constelações essa dinâmica quando o filho se coloca junto da mãe, no lugar que realmente pertence ao pai ou quando a filha se posta ao lado do pai como se fosse sua esposa, algumas vezes com naturalidade e satisfação, outras vezes, e com mais frequência, sentindo um peso e o desejo de afastar-se dessa proximidade. Nesses casos o terapeuta age de forma retroativa, ajudando a criança ou adolescente que existe no cliente a distanciar-se da relação entre os pais, dizendo: “Por favor,

querida mamãe (querido papai), seja bondosa se eu me afastar. Eu amo você e amo papai (mamãe). Liberte-me do peso de suas relações. Eu sou apenas a sua filha (o seu filho)” - usando palavras que correspondam à situação familiar do cliente e ao contexto do seu desejo quanto ao envolvimento na relação dos pais.

### **A interrupção e a recusa do movimento afetivo**

Quando uma criança é prematuramente separada de sua mãe (às vezes, de seu pai), principalmente quando ainda é muito pequena para entender essa separação e, de modo especial, quando ela envolve um risco de vida, acontece uma interrupção no movimento de amor em direção à mãe (ou em direção ao pai). Quanto menor a criança, tanto mais importante é a mãe, devido à estreita ligação física. Se um dos pais morre prematuramente, se a criança pequena é dada a terceiros ou se com algumas semanas de vida ela precisa sujeitar-se a uma arriscada operação, e a mãe não pode estar presente ou se a mãe está presente, mas não pode estar perto e ajudar ou ainda se a mãe precisa internar-se e a criança pequena é entregue aos cuidados de uma tia, o movimento de amor da criança é interrompido. Ela não entende a separação, sente-se abandonada, sem ajuda e carente da proximidade e do calor habitual. Nesse caso, frequentemente reage depois não acolhendo a mãe com amor, mesmo que a separação tenha terminado bem. Ela manifesta isso chorando, quando a mãe a toma nos braços, jogando a cabeça para trás ou batendo os pés ou com uma atitude apática, sem brilho nos olhos e sem sorrir para a mãe. A mãe, por sua vez, percebendo a recusa da criança, às vezes não ousa abraçá-la enfrentando a sua resistência e aguarda que volte a confiança e o fluxo do amor. Com isso se aprofunda a distância entre a mãe e a criança, embora a vida familiar continue aparentemente normal.

*Um homem que participava de um grupo falou de sua mãe como se ela fosse assassina. No entanto, não havia mães que tivessem matado em sua família, mas veio à luz a seguinte história. Quando ele tinha dois anos de idade, a casa onde ele morava com a mãe em Berlim foi bombardeada, e a mãe se abrigou numa pequena cabana no campo, a meia hora de distância da aldeia mais próxima. O pai ainda estava na guerra. Não havendo parentes na vizinhança, a mãe cuidava sozinha do filho naquela cabana. Certo dia o menino adoeceu gravemente com uma febre muito alta, e a mãe saiu em busca de um médico. Deixando o filho sozinho na cabana, ela fez uma longa caminhada até a aldeia. De lá chamou-se o médico na próxima cidade e muito tempo se passou até que ele chegasse à aldeia e depois, em companhia da mãe, até a cabana. Quando o médico finalmente olhou o menino, ele disse: “Ele já está morto!”, mas o menino não tinha morrido, e eles conseguiram recuperá-lo para a vida.*

*Esta história permitiu entender a provável origem da palavra sobre a mãe assassina. Quando o terapeuta, agindo retroativamente com o menino, em substituição à sua mãe, quis tomar o cliente nos braços, apareceu na testa dele literalmente um suor de morte. Somente depois que o terapeuta lhe assegurou, por várias vezes, que tudo correria bem é que o pânico foi serenando, e o cliente se deixou abraçar, com um choro convulsivo. Toda a angústia da proximidade da morte irrompeu nele, mas agora estava protegido nos braços do terapeuta, representando a mãe.*

Tais processos remetem a traumas pessoais que em si não têm diretamente um fundo sistêmico. Entretanto conexões sistêmicas podem associar-se ao trauma e reforçá-lo: por exemplo, se a mãe tivesse passado em sua infância por uma situação semelhante ou se não tivesse conseguido lidar com a condição de única responsável pela criança.

A interrupção de um movimento afetivo em direção aos pais afeta principalmente os relacionamentos posteriores e a forma de sentir a proximidade e a distância. Se, por exemplo, um homem foi separado da mãe em sua infância, e mais tarde ama uma mulher e quer aproximar-se dela, para amar e ser amado, ele experimenta uma reação de recuo automático, como se uma voz interior dissesse: “Não, não vou arriscar-me a confiar e ser abandonado de novo. Prefiro sair disso sozinho.” Todos os sentimentos da criança pequena vêm à tona: medo, talvez raiva, impotência, resignação e impulso de afastar-se. A falta de retomada do movimento amoroso em direção à mãe leva então à interrupção do fluxo do amor entre o homem e a mulher, às vezes também entre pais e filhos, e à desconfiança em face dos semelhantes e da vida em geral.

Quando nas constelações não se manifesta nenhuma causa sistêmica para a falta de aceitação dos pais ou para o fracasso de uma relação, frequentemente existe por trás disso uma vivência traumática de separação. Para resolver um movimento interrompido que tenha raízes profundas, o tempo disponível

numa constelação ou dentro de um grupo costuma ser curto demais. Requer-se então um apoio terapêutico especial, como acontece com outros traumas pessoais.

Quando uma criança se sente, em qualquer situação, desconsiderada pelos pais, profundamente ferida ou questionada, a interrupção do movimento de aproximação dá lugar a uma recusa de aproximar-se. A criança - mais tarde, o adulto - tranca o seu coração diante de um dos pais ou de ambos, de um modo total e rígido, com todas as consequências que afetam os seus relacionamentos, sua atitude diante da vida e, talvez, mesmo a sua saúde.

O movimento recusado tem geralmente um fundo sistêmico que se associa às vivências traumáticas. Os pais eventualmente não se dão conta de que suas palavras e ações provocam nas crianças efeitos indesejados. Não percebem que os eventos na família, acrescidos ao comportamento deles, podem provocar nos filhos uma recusa ao movimento de amor. Podemos imaginar como se sente, por exemplo, um menino rebelde, quando sua mãe, com uma raiva impotente e uma profunda dor pela morte de um irmão dele, que era o seu "raio de sol", diz-lhe: "Seria melhor para mim que você tivesse morrido no lugar dele."

Muitas vezes é difícil encontrar soluções nesses casos; via de regra, só se conseguem quando o filho adulto contempla o destino dos pais e faz uma profunda reverência diante dele. Talvez seja preciso que também os pais reverenciem o seu destino, para que o amor volte a fluir entre eles e o filho.

### **A recriminação**

Também a recriminação interrompe o fluxo de amor entre filhos e pais e prejudica a energia e a fecundidade do próprio crescimento. É típico que as pessoas que fazem censuras a seus pais invistam pouco em seu intercâmbio de dar e receber, embora tenham muitas vezes recebido muito deles. Censurar os pais parece ser um privilégio de crianças de países ricos. Quem recebe muito sente-se também pressionado a dar muito em sua vida. Quando isso lhe parece difícil e inaceitável, resta-lhe o recurso de diminuir ou desmerecer o que recebeu dos pais. Assim diminui sua obrigação de retribuir.

Entretanto, pode-se fazer, também aqui, a pergunta básica que permeia todo o trabalho com as constelações: "Que vínculo, que amor mais profundo está por trás da recriminação?" Na busca de uma resposta, olhamos para todos aqueles sobre cujas perdas e destinos infelizes foi construído o bem-estar dos pais. Quem recrimina está olhando, conscientemente ou não, para as pessoas que pagaram um alto preço. Tendo-as diante dos olhos, não se atrevem a receber de seus pais com boa consciência. Assim a geração de 1968, em suas recriminações politicamente articuladas, olhava provavelmente para o holocausto, para as vítimas da guerra, os trabalhadores forçados, os pobres nos países em desenvolvimento. Essa geração olhava para as coisas terríveis no mundo, em face das quais não se justificava gerar filhos ou viver num luxo privado. Ela desprezava os pais que não mostravam compaixão pelas vítimas e os enfrentava com o dito: "Vocês querem o melhor para nós, mas não vão ganhar isso."

*Um herdeiro de várias padarias vendeu suas lojas, perdeu todo o dinheiro em arriscados negócios financeiros, adoeceu e precisou recorrer à previdência social para manter-se. Ele acusava seus falecidos pais de terem olhado só para os negócios e lhe dado apenas dinheiro e não amor. A verdadeira razão, como depois se soube, foi que o avô construíra as padarias onde existiam várias lojas de judeus, que tiveram de vendê-las muito barato, para poderem fugir. Exigências posteriores dos descendentes dos judeus foram rejeitadas.*

Entretanto, essa recusa de receber e de dar, típica da recriminação, não ajuda as vítimas. A constelação busca com o cliente um caminho para receber dos pais o que é bom, mesmo que outras pessoas tenham pago um preço por isso, mas de tal maneira que as vítimas sejam consideradas e respeitadas e que o preço que pagaram ganhe um sentido no progresso dos pósteros e em sua disposição de fazer algo de bom em suas vidas.

### **A depressão**

Também o depressivo não recebe de seus pais, mesmo que se disponha a dar muito em sua vida. A depressão pode ser denominada "doença das raízes". É como se o depressivo tivesse sido separado de suas raízes, os pais, ficasse privado da seiva e secasse. Quem se limita a dar sem receber toma-se oco e vazio, caindo finalmente em depressão. Com isso já não pode dar e é obrigado a aceitar ajuda em sua

doença.

Também aqui podemos indagar: “Que força mais profunda de amor dificulta a alguém receber de seus pais e, mais tarde, também de outras pessoas? Algumas crianças pequenas já percebem, ao olhar para seus pais, que eles estão onerados com destinos difíceis ou até mesmo em risco de vida. Então algo diz na alma delas: “Agora não posso vir e exigir algo de meus pais, pois eles não suportarão. Eles podem ficar mal ou mesmo morrer se eu pegar algo deles.” Assim essa criança poupa os seus pais, firma-se nas próprias pernas e diz a si mesma: “Vou conseguir sozinha.” Se esse padrão se mantém, a pessoa frequentemente vai à exaustão, com todas as consequências.

Qual é a solução, neste caso? Ela geralmente não consegue, se olharmos somente para a relação entre os pais e os filhos. Precisamos também dos avós. É necessário um processo em que, retroativamente, os pais recebam de seus pais, em sua alma, aquilo de que precisam, para que se livrem da sobrecarga e do perigo de vida. No fluxo das gerações precisamos encontrar o lugar onde, em razão de determinados eventos, ele foi interrompido. Ali pode começar a cura.

*Uma mulher depressiva, que já passara várias vezes por clínicas psicossomáticas, procurou um grupo para melhorar sua relação com a mãe. O terapeuta solicitou-lhe que colocasse em sua constelação apenas uma representante para si e outra para sua mãe. Ela as posicionou frente a frente e muito distanciadas. A imagem era de total frieza. Sem pedir informações, o terapeuta introduziu uma representante para a avó. Nada se moveu e continuou a frieza. Outra mulher foi colocada, a bisavó. Então a avó espontaneamente se aproximou dela, lançou-se em seus braços e chorou amargamente. Depois se soltou, aproximou-se de sua filha, a mãe da cliente, e tomou-a amorosamente nos braços. A mãe começou a sorrir, aproximou-se finalmente da filha, a representante da cliente, como o membro mais novo dessa corrente e abraçou-a fortemente.*

*A cliente, ainda sentada na roda, respirou aliviada e pediu para entrar pessoalmente em contato com aquelas mulheres. Todas quatro se abraçaram por longo tempo. Embora não soubesse o que se passara entre a bisavó e a avó, a mulher ficou visivelmente aliviada. Na mesma noite falou cordialmente e por longo tempo com sua mãe pelo telefone. Soube então que a bisavó tivera sua filha como mãe solteira e tivera de entregá-la depois, por pressão de seus pais, a parentes distantes que mais tarde não quiseram devolver-lhe a filha.*

Muitos casos de morte nas famílias e eventos dolorosos e terríveis podem levar os pais ao limite de suas forças e de suas vidas, de modo que seus filhos não ousam exigir nada mais deles.

### A espiritualidade

Existem algumas formas de espiritualidade, religiosidade ou meditação que separam os filhos adultos de seus pais, tolhendo o fluxo da vida. Constituem caminhos mais “elegantes” para não aceitar os pais, onde as pessoas não se prejudicam tanto. Eles contêm um núcleo de verdade na medida em que afirmam: “Os pais não dão a vida por si mesmos. A vida é grande demais para que os pais possam criá-la. Ela vem de mais longe.” Se isso é verdade e se por qualquer razão a pessoa não quer agradecer a seus pais, é natural que ela diga: “Não vou fazer um desvio através de meus pais, vou diretamente ao maior, ao Todo. Dele receberei de bom grado a minha vida e lhe direi: obrigado!”

Entretanto, esse ato de receber do “Grande” e do “Todo”, excluindo os pais e os antepassados, carece frequentemente de sangue, de força e de investimento de vida. Um pai jovem passa talvez um ano na Índia, sem preocupar-se com o filho pequeno que deixou em casa ou alguém entra numa comunidade especial, ficando perto de Deus e afastando-se de seus pais e de sua família. Uma terceira pessoa toma-se estritamente vegetariana para não incorrer em culpa em relação aos animais. Quando se olha para o que está por trás desses movimentos espirituais, revela-se com frequência que os pais e os antepassados carregam uma culpa. O filho teme que, se aceitar o que recebe de seus pais também precisará assumir a culpa. Assim evita a proximidade dos pais e dos antepassados. O que a pessoa espiritual mais teme é tomar-se culpada. “*Love; not war*” é o lema que teme a culpa, mas não se associa necessariamente à responsabilidade na forma de lidar com o amor. Alguns cedem a uma espécie de “lavagem espiritual”, com grave prejuízo da vida ordinária. Outros buscam uma vida bem longe de casa, talvez protegida numa comunidade de companheiros, como se a distância geográfica bastasse para proteger da participação na culpa. E às vezes isso parece ser efetivamente o único caminho para a própria sobrevivência.

Uma constelação pode então frequentemente ajudar a perceber o contexto de culpa na família e a assumir efetivamente a vida que vem do todo maior, mas através dos pais e dos antepassados concretos, em face da culpa e de seus efeitos e reconhecendo que na vida sempre nos tomamos culpados de alguma forma. O bem geralmente acontece no mundo quando atuamos de modo responsável e em vista do futuro, defrontando-nos com a culpa alheia ou com a própria. As formas de espiritualidade e de religiosidade que permanecem ancoradas no chão desenvolvem, então, uma força que afirma a vida, constrói e tem compaixão.

### **“Por favor” e “obrigado”. “sinto muito” e “sim”**

O que ocorre nos grupos de constelações funciona, às vezes, como uma espécie de aconselhamento espiritual ou como algo religioso, e a grande demanda que experimenta o trabalho das constelações talvez seja também um sinal da necessidade de uma plena realização da vida, que já não se consegue suficientemente nas sociedades modernas. O grande espaço que se abre ao retomo amoroso para os pais, justamente quando se encara o mal, o fracasso e a culpa, une os participantes dos grupos e proporciona uma convivência cordial. Dizer “por favor”, “obrigado” e “sim” à realidade, tal como ela é, são atos da alma bem simples e, não obstante, frequentemente muito difíceis de conseguir. Alcançar em nossa vida um amor que não exclui nada e ninguém, soa como algo simples; contudo, é uma grande realização e um grande presente. Um “sim” à vida, cheio de amor, faz bem a todos e atua fortemente no sentido de nos entregarmos ao “fluxo da vida” com uma vida totalmente comum e abraçarmos a vida em plenitude, usando todas as nossas capacidades e possibilidades.

Também o “sinto muito” tem o seu lugar. O que não teve sucesso, que nos causou injustiça e dor pode resultar em algo bom. Contudo, tomado em si mesmo, não deixa de ser algo prejudicial para nós ou para outras pessoas. O “sim” à vida recebe sua força justamente quando é dito em presença de experiências malsucedidas e negativas. Se o “sinto muito” fosse a realidade definitiva, nós sucumbiríamos. Entretanto, quando não é percebido e respeitado, o “sim” perde sua adesão ao solo e sua força de mudança. Podemos dizer “sim” quando o “sinto muito” é “sublimado” em referência a algo maior.

A pequena história que conto a seguir chama-se “A disputa”. Ela nos mostra uma forma de associar o “sim” ao “não” em nossa vida.

*Duas mulheres se envolveram numa disputa. Uma delas sempre dizia “sim” e a outra sempre dizia “não”. A primeira sempre concordava balançando a cabeça, enquanto a outra sempre sacudia a sua numa negação. Jamais entravam em acordo.*

*Entretanto, como se apreciavam, foram a um professor em busca de conselho.*

*O professor pediu a cada uma que expusesse o seu ponto de vista.*

*A primeira respondeu: “Apenas quem diz ‘sim’ à vida como ela é vive em sintonia.”*

*A segunda retrucou: “Somente quem diz “não” à vida como ela é pode contribuir para uma vida melhor.”*

*Então disse o professor: “A cabeça das pessoas é muito instável. Ela às vezes balança, outras vezes sacode ou mesmo gira. Vou dar-lhes três respostas.*

*A primeira é: jamais diga um “sim” que signifique um “não” e só diga um “não” que signifique um “sim”.*

*A segunda resposta é: seja o que for que lhe aconteça, tome-o como uma oportunidade de aceitar sua vida e continuar aprendendo. Depois de aceitar tudo assim, diga “não” a quem o impede de respeitar, amar e agir.*

*E a terceira resposta é a seguinte:*

*Quem distingue, entende.*

*Quem junta coisas diferentes, cresce.*

*Quem se entrega ao que une é protegido.”*

*As mulheres ficaram em paz com a resposta. Foram embora, abraçadas, movendo suas cabeças ao ritmo de seus passos.*

As atitudes simples, que promovem a saúde da alma num sentido mais amplo, só têm sucesso quando a realidade da vida e as forças que vinculam e desvinculam, inibem e promovem são encaradas e podem afirmar-se de uma forma suficientemente diversificada, que leve em conta cada sistema familiar. Essas atitudes são bem sucedidas quando a pessoa percebe a sua realidade de vida, pessoal e única, com seus limites, suas chances e exigências, de forma a poder “crescer” nela. Só é possível crescer em algo que esteja imediatamente presente. É preciso que o conhecimento sistêmico e o procedimento metódico do constelador se diversifiquem para atender a essa necessidade.

## 4. Método e procedimentos das Constelações Familiares

A constelação familiar pode ser caracterizada como um método profissionalmente dirigido visando à superação de crises pessoais e familiares na vida. Nessa condição ela pode ser apresentada e aprendida. Tanto a apresentação quanto o aprendizado exigem uma grande abertura em relação ao seu procedimento metódico. Temos a tendência de esperar dos métodos para a resolução de problemas anímicos algo semelhante ao que oferecem os métodos técnicos das ciências naturais, a saber, confiança e previsibilidade. Desejamos que o método seja comprovado, dê segurança e, quando possível, proporcione resultados desejáveis e previsíveis.

No entanto, psicoterapia, aconselhamento, ajuda à vida e orientação espiritual são procedimentos individuais. Os processos anímicos são tão complexos e singulares que não permitem uma abordagem técnica segura. Na verdade podemos apontar metas gerais para os processos de mudança e de cura: por exemplo, que alguém se sinta melhor, em paz com seus pais e num relacionamento estável, mas não sabemos de antemão como se configura essa meta para um cliente concreto, e como ele pode alcançá-la.

A presença de uma “técnica” confere prioridade ao método com que tentamos algo proveitoso, sobre o que realmente é útil e faz sentido para nós. Entretanto, no domínio da alma, o que está em primeiro plano é o sentido individual e o sentido social e o método é menos importante do que o seu resultado. Algo semelhante se observa quanto à técnica de tocar um instrumento musical, a uma técnica de pintura ou à composição de um poema. Aí realmente se pressupõem determinadas técnicas, que podem ser aprendidas e praticadas. Entretanto, a técnica utilizada num processo de criação não permite prever, abranger ou assegurar o que se revela na execução musical, no quadro ou no poema. De mais a mais, a “partitura” de uma constelação familiar só se executa uma única vez.

O detalhamento dos passos metódicos da constelação familiar, que apresento a seguir, não visa a proporcionar o ensino de uma técnica, mas à compreensão dos processos importantes para o trabalho com as constelações. Diz-se que “o fim justifica os meios”. Aqui vale o inverso: “Pelos meios se conhece o fim.” Neste sentido, pretende-se esclarecer como os elementos individuais no processo da constelação familiar estão a serviço de uma saudável configuração dos relacionamentos.

A constelação familiar é caracterizada como um método fenomenológico. Nessa medida, ela é um caminho onde se preserva a maior isenção possível com respeito ao saber anterior, um método destituído de intenções, aberto a uma realidade que se revela por si mesma. O método fenomenológico é, num certo sentido, paradoxal. Só pode estar aberto a quem busca algo e tem condições de apreendê-lo e só pode estar sem intenções quem quer ver e alcançar alguma coisa. O não-saber é uma virtude que pertence apenas a quem sabe. Nessa medida, a abordagem fenomenológica do método das constelações familiares exhibe dois trilhos paralelos, o saber e o não-saber, a intenção e a ausência de intenções, o que pode ser apreendido e o que está aberto à percepção de uma realidade (*fenomeno-*) e à atribuição de um significado, ao entendimento racional (*logia*).

O tipo de abertura para os fenômenos que se manifestam nas constelações familiares pode ser esclarecido pela seguinte história zen:

*Chao-Chou perguntou a seu mestre Nan-Chuan: “Qual é o verdadeiro caminho?”*

*Nan-Chuan respondeu: “O verdadeiro caminho é o caminho ordinário.” Chao-Chou perguntou de novo: “É possível aprender esse caminho?” Nan-Chuan retrucou: “Quanto mais você aprender, tanto mais se afastará do caminho.”*

*Então Chao-Chou perguntou: “Se não posso me aproximar dele aprendendo, como posso reconhecê-lo?”*

*Nan-Chuan respondeu: “O caminho não é visível e não é invisível. Não é reconhecível e não é irreconhecível. Não o busque, não o aprenda, não o nomeie! Seja amplo e aberto como o céu, e você estará*

*no caminho.*"<sup>11</sup>

## O contato

Uma constelação familiar em grupo geralmente começa quando o terapeuta convida um cliente a sentar-se ao seu lado. Quando se faz uma rodada inicial, em que os participantes se apresentam brevemente e declaram o que querem trabalhar, já aconteceu um primeiro contato. Nessa ocasião também ocorrem as primeiras indicações do terapeuta para o esclarecimento das questões dos clientes, os primeiros impulsos para a atitude de busca interior do cliente, os primeiros relatos tocantes de uma impressão ou as primeiras histórias de casos que abrem um novo horizonte para o indivíduo e também para o grupo.

O verdadeiro contato que abre caminho à constelação começa, porém, quando o cliente se coloca ao lado do terapeuta. A maneira como o cliente deixa o seu lugar na roda dos participantes do seminário diante do olhar de todos e vem sentar-se ao lado do terapeuta é um dado importante que fornece uma primeira informação sobre a sua disposição e energia para resolver o seu problema através de uma constelação. Esse movimento de aproximação também faz convergir a atenção do grupo e do terapeuta, sobre o cliente e sobre o que acontecerá a seguir. Com isso cria-se o “campo” que irá possibilitar e sustentar a constelação. O terapeuta e o grupo entram em sintonia com o campo anímico que o cliente “carrega” consigo, do mesmo modo como se sintoniza num receptor o comprimento de onda de determinada emissora. Essa atenção é o pressuposto para que possa acontecer algo que realmente tenha a ver com o cliente e com sua família e para que não se sintonize uma “mistura de ondas” ou uma outra emissora. A atenção e o respeito abrem, sustentam e terminam uma constelação.

Às vezes, um participante se apresenta apenas para “tapar o buraco”, na falta de outro candidato a trabalhar. Outras vezes, um cliente acrescenta à sua questão algum comentário que prejudica a atenção ou desvia do caminho mencionando, por exemplo, o seu medo de constelar ou uma a pressão que sente para acabar logo com isso. Essas observações desviam a energia para uma emoção ou intenção passageira do cliente e atraem a atenção para um comportamento ou sentimento habitual e típico do cliente. Isto prejudica a compreensão de sua verdadeira necessidade e a relação com o cliente e com sua família.

Ocasionalmente o terapeuta interpreta isso como um sinal de que ainda não chegou o momento favorável para o bom resultado dessa constelação. Apesar disso ele talvez consiga, com observações apropriadas, que o cliente se concentre no que virá a seguir e substitua os sentimentos e as observações desviantes por uma abertura tranquila e vigorosa para algo novo e essencial.

É curioso observar que em determinadas ocasiões tanto o terapeuta quanto o grupo aguardam com muito interesse uma constelação, enquanto outras vezes acompanham agitados e sem concentração o cliente que vem sentar-se junto do terapeuta. Isso pode resultar de uma constelação anterior pouco mobilizante, intranquila, insatisfatória, ou de uma transição brusca de uma constelação para outra. O fator principal parece ser algo que se irradia do cliente, mesmo sem palavras, e imediatamente atrai ou não a atenção do grupo e do terapeuta sobre a sua pessoa, o seu destino e o que virá a seguir.

O verdadeiro contato começa quando o cliente se senta ao lado do terapeuta. A primeira aproximação é silenciosa. Se o cliente começa logo a falar, expondo sua questão ou comentando seus sentimentos atuais ou passados, o terapeuta lhe recomenda que primeiro respire tranquilamente, talvez de olhos fechados, aguarde um momento e se confie internamente à solução ainda oculta, ao processo de sua constelação que está próxima e às forças positivas da própria família.

Esse silêncio inicial pode ser muito breve ou durar alguns minutos. Ele serve para entrar em contato e sintonizar com a vibração da alma do cliente e de sua família. Silenciosamente o cliente toma contato com sua vida, seus campos de relação, sua necessidade, seu futuro, sem ficar pensando no que vai apresentar. O terapeuta se acomoda ao cliente e à sua família e também ao “campo maior” onde se inserem. Também ele abandona pensamentos sobre o que virá, abre-se cordialmente ao cliente e ao seu destino e dispõe-se à percepção, deixando-se conduzir pelo campo anímico do cliente e pelas forças necessárias para a solução.

---

<sup>11</sup> Em Weber-Schafer, P. (editor): Zen, Aussprüche und Verse der Zenmeister (Zen, Ditos e versos dos mestres zen), Frankfurt (Insel), 1982.

Nesse processo de sintonização, seja ele momentâneo ou mais demorado, afloram ao terapeuta as primeiras percepções importantes. Ele observa a fisionomia do cliente, vê se ela denota contração ou alheamento. Eventualmente o terapeuta percebe no semblante de uma anciã a irradiação de uma adolescente ou, ao contrário, na fisionomia de um jovem um bisavô dos antigos tempos. Um cliente tem o “nariz para cima”, um outro fixa o chão com um ar sombrio ou deprimido. Talvez o terapeuta faça uma primeira pequena intervenção, inclinando suavemente a cabeça excessivamente erguida de um cliente. Com uma breve observação, ele pode colocar o cliente em contato imediato com uma percepção importante ou com um sentimento mais profundo, evitando a repetição de um padrão usual. Talvez o cliente comece então a chorar silenciosamente com o aparecimento de uma dor mais profunda ou adote uma respiração profunda e tranquila.

As diferenças entre os clientes e entre suas necessidades ficam patentes nessa fase inicial, antes mesmo de suas declarações. Nem todo cliente comparece “carregado” diante do terapeuta, às vezes acontece logo um diálogo descontraído ou um riso desfaz a tensão. Pode ser também que o terapeuta aborde imediatamente o assunto.

É fundamental que, na medida do possível, possa desenvolver-se a necessária atenção, força e interesse desde o primeiro contato do cliente com o terapeuta, com o grupo, a sua própria questão, a sua situação de

vida, as pessoas de suas relações e a sua vinculação ao destino.

A constelação familiar caracteriza-se como um método sistêmico. Isso significa, antes de tudo, que o terapeuta vê no cliente, desde o início, o sistema familiar e a comunidade de destino a que ele está vinculado. O terapeuta percebe o cliente em seu campo anímico; portanto, vê nele mais do que a sua realidade individual. Ele se abre não só ao cliente, mas também a seus pais e à comunidade de destino que lhe é imposta pelo amor de vínculo. Durante todo o processo da constelação o terapeuta considera em sua totalidade os problemas e as soluções que se referem ao sistema familiar do cliente e parte do pressuposto de que a solução individual, buscada pelo cliente, deve ser obtida através da solução do que ficou por esclarecer ou resolver em seu amplo sistema de relações.

O terapeuta identifica, sem aceitá-las, eventuais propostas dos clientes, frequentemente sutis, de um relacionamento pessoal, que, via de regra, são inconscientemente dirigidas aos pais. Essa reação do terapeuta pode ser exteriormente sentida pelo cliente como rígida ou insensível. Não obstante, o terapeuta mantém-se numa atitude de inabalável amizade, em união com todo o sistema familiar, pois sabe que reduzir ao indivíduo a visão do problema e da solução já é parte do problema. É iniludível que, no que marca uma pessoa, no que ela vivência e manifesta, no que decide, deseja e espera, ela está constantemente ligada às pessoas essenciais de suas relações e, frequentemente, às forças e aos destinos sociais maiores que as ultrapassam.

Também nos eventos traumáticos pessoais estamos sempre inseridos nesses contextos maiores. É certo que os traumas individuais demandam muitas vezes terapias individuais específicas e nem todas as feridas que experimentamos têm sua origem na participação no destino familiar. No entanto, em seus efeitos e em sua superação, elas estão sempre inseridas em nossa vida de relação, consciente ou inconsciente.

Seja como for, os sistemas de relações não existem à parte dos indivíduos vinculados a eles. O olhar para o inter-relacionamento humano ficaria vazio sem as pessoas entre as quais e nas quais se desenvolvem as formas de relacionamento e os destinos. Assim o terapeuta não deixa de ver o cliente como uma pessoa, mas o faz dentro do horizonte mais amplo ou mais estreito de sua participação num destino comum.

## **A questão**

Para o bom êxito de uma constelação familiar, é preciso que haja, da parte do cliente, uma necessidade e uma demanda urgente. Elas dão ao campo anímico a força necessária para despertar a atenção e conduzem na constelação o cliente, o terapeuta e os representantes.

O trabalho é muito facilitado quando o cliente formula com clareza o seu problema ou o que deseja obter na constelação.

Um problema solúvel distingue-se geralmente de um insolúvel quando pode ser formulado numa só

frase e ser imediatamente entendido por todos. O cliente deve formular abertamente sua demanda, tanto no que toca ao problema ou à necessidade, quanto à sua solução, sem acrescentar justificativas para o problema ou estabelecer condições para o que se apresentar como solução. Objetivos orientados para o futuro são mais úteis do que o desejo de saber por que razão algo aconteceu de um modo ou de outro na vida. Objetivos práticos possibilitam uma ajuda substancial de modo mais fácil e mais vigoroso do que sentimentos.

Necessidades claras e poderosas podem ser expressas ao terapeuta com o olhar franco, enquanto que um olhar que se desvia para o chão frequentemente resulta em imprecisão nos sentimentos e na descrição do problema. “Há anos sofro de uma grave depressão”, “Minha mãe suicidou-se no ano passado”, “Não consigo separar-me de minha mulher”, “Nosso filho é hiperativo e nos preocupa muito”, “Desde que meus pais morreram, vivo brigando com minha irmã mais velha”, “Tenho câncer” - são exemplos de necessidades claras. Nem sempre o cliente pode formular tão claramente o seu problema. Nem sempre o “peso anímico” se manifesta imediatamente, por meio de uma emoção que toca os espectadores sem tolher a sua liberdade ou de um claro sintoma ou de um destino familiar importante. Às vezes, um participante declara que está ali por vontade de sua esposa ou então expressa um desejo vago, como: “Gostaria de ser mais livre”, “Gostaria de ser um adulto”, “Quero me encontrar melhor e ficar mais consciente de mim”. Esses desejos, que não resultam de vontade própria ou que relevam do simples desejo de “encontrar-se” não têm força suficiente para uma constelação e também não encontram ressonância no interesse do grupo.

Existem consteladores que não trabalham com objetivos desse tipo. Eles aguardam até que o cliente exprima uma demanda clara, que permita uma abordagem sistêmica. O terapeuta também pode perguntar-se qual é a verdadeira necessidade que está por trás disso e ajudar o cliente a encontrá-la, num breve processo de esclarecimento. Se ele percebe que uma questão, apesar de vaga, envolve muito sentimento, ele pode rapidamente colocar o cliente em contato com algo essencial em seu sistema familiar. Se uma cliente diz, por exemplo: “Não consigo encontrar o meu lugar na vida”, e o terapeuta lhe pergunta: - “Você foi criada com seus pais?” - “Sim!” - “É casada e tem filhos?” - “Sim!” - “Tem uma profissão?” - “Sim!” - “Tudo está correndo bem?” - “Sim, razoavelmente.” - ele pode então perguntar-lhe: - “Quem é que realmente não encontrou um lugar em sua própria vida?”

É incrível com que frequência se revela então a quem realmente pertence o problema de não encontrar o seu lugar: por exemplo, a um filho extraconjugal do pai, com quem não existe contato ou à mãe que muito cedo foi entregue à adoção e não conheceu os próprios pais. Por trás do desejo de sentir-se livre na vida, esconde-se às vezes um oculto desejo de morte, a única que proporciona a liberdade real. - “Você quer morrer?” Esta pergunta provocante leva com impressionante frequência a uma reação afirmativa - e também, às vezes, a uma negação contundente. Em ambos os casos a questão muito geral ganha uma nova densidade.

Uma demanda vaga, mas “carregada” tem muitas vezes um quadro de fundo bem real, que pode transparecer quando essa demanda é tomada à letra. Se alguém diz que quer ser mais livre, uma pergunta como esta pode fazer progredir: “Quem é que estava preso?” Se alguém quer ser adulto, convém perguntar: - “Quem morreu cedo e não pôde crescer?” Se alguém deseja encontrar-se, talvez esteja sob a pressão inconsciente de um tio que desapareceu ao fugir na guerra e jamais foi encontrado, ou do avô que desapareceu sem deixar vestígios. Por trás de muitas necessidades, aparentemente buscadas no arsenal da auto-realização e semelhantes a laços sem ponta, escondem-se eventos reais na história da família. Quando estes são relatados, imediatamente fornecem a força necessária para uma constelação e uma solução.

Quando não se consegue fazer, num curto diálogo, com que uma demanda ganhe densidade, de modo a despertar o interesse do cliente, do terapeuta e do grupo, o terapeuta deve interromper o trabalho até segunda ordem. A causa mais frequente do insucesso de uma constelação reside, talvez, na insistência do terapeuta em fazê-la, embora sinta que a necessidade do cliente ou a forma como foi apresentada é incapaz de sustentar o trabalho que se segue.

Não é só a inconsistência de uma demanda que impede uma constelação proveitosa. Quando o cliente se mostra totalmente fechado ou fixado na sua própria carência, sem disposição para abrir-se aos outros membros da família e encarar os seus destinos, quando ele se mostra sem amor e com ânimo depreciativo ou se obstina num problema e numa determinada solução, há pouca chance de se fazer

uma constelação bem sucedida.

Existe um momento “certo” para uma constelação? Não o sabemos exatamente. A partir do contato com o cliente, do objetivo expresso na questão e da forma de sua apresentação o terapeuta toma uma primeira decisão a respeito. Quando se sente sustentado pelo cliente e por seu “campo anímico”, ele leva adiante a constelação; se isso não acontece, ele interrompe o trabalho até que surja um momento oportuno, com um novo aporte de força. Além da força e da tensão que o cliente irradia com sua necessidade e seu desejo e da atenção que desperta no terapeuta e no grupo, o terapeuta deve confiar no próprio sentimento para perceber se a constelação, na busca de um processo liberador, pode ser sustentada pelo próprio cliente, ou se o próprio terapeuta precisa assumir o ônus de procurar e acionar por ele todos os recursos possíveis. Os clientes podem manifestar uma energia insuficiente ou excessiva. Quando surge num grupo a pergunta sobre o momento adequado, conto às vezes uma história que li certa vez em algum lugar.

*Num de seus diversos experimentos para investigar mecanismos de reação a estímulos, Pavlov testou o comportamento de um cão. Instalou-se uma cerca de arame, colocou-se de um lado dela um grande pedaço de carne fresca e para o outro lado foi levado um cão. Da primeira vez, o cão foi levado à cerca com uma fome normal. Então ele correu ao longo da cerca, deu a volta para o outro lado e comeu a carne.*

*Numa segunda vez, o cão foi previamente alimentado e pôde comer à vontade. Como se esperava, ele não se importou com a carne do outro lado e deitou-se para dormir.*

*Num terceiro experimento, o mesmo cão foi conduzido até a cerca depois de passar fome por alguns dias. Ao farejar a carne, ele se atirou contra a cerca e abocanhou-a tão fortemente que foi difícil desprendê-lo dali.*

Este exemplo ilustra que o melhor momento para uma constelação é quando uma pessoa tem uma “fome normal”.

A forma como um cliente expressa sua disposição de fazer a constelação e formula a sua questão depende também da atitude do terapeuta. Um interrogatório denso e conciso sobre o que o cliente deseja, o seu problema, a sua necessidade ou o resultado esperado estimula respostas igualmente breves e densas do cliente. A coragem e a disposição do terapeuta para abrir-se ao destino do cliente, seja ele qual for, reforçam nele a confiança e a abertura. A capacidade do terapeuta para distinguir o que é essencial e avaliar o “peso anímico” da demanda e das informações contribui também para confrontar o cliente com o essencial. A atitude compreensiva e aberta do terapeuta em relação aos acontecimentos do sistema familiar ajuda o cliente a abrir-se, por sua vez, com amor e reconhecimento a seus familiares e a suas vidas, assim como a si mesmo.

Olhando de fora as constelações, temos muitas vezes a impressão de que a demanda inicial do cliente não tem tanta importância, pois elas se desenvolvem sem uma conexão aparente com a mesma. Na verdade, as informações do cliente sobre os eventos em sua família, bem como a livre movimentação dos representantes, frequentemente modificam sensivelmente o ponto de partida de uma constelação. Dessa maneira, é geralmente proveitoso para a constelação que o terapeuta e o cliente não se deixem seduzir pelo problema ou sintoma a ser resolvido, pois tal fixação pode estreitar a alma em seu processo salutar.

A questão fundamental da constelação familiar que melhor conduz uma constelação é descobrir o que faz pressão sobre a alma, para ser reparado ou pacificado. Quando há essa abertura, a solução acontece muitas vezes de forma surpreendente numa esfera de envolvimento bem diferente do que era sugerido pela demanda inicial. Em certas ocasiões, a melhor resposta a uma pergunta consiste em não colocá-la. Não obstante, devido à ligação com a alma da família, a demanda inicial prepara a energia para a constelação. As soluções mais convincentes nas constelações ocorrem geralmente quando, no contexto sistêmico, é de repente vivenciada a resposta para aquela demanda.

## **As informações**

As constelações familiares não requerem muitas informações. É mesmo indispensável que elas se reduzam ao essencial, pois a constelação familiar é um acontecimento “único”, mesmo quando o cliente já fez outras constelações ou quando a constelação se insere num processo mais longo de tera-

pia ou de aconselhamento. O limitado tempo de duração de uma constelação comporta apenas um determinado número de informações. Quando isso não é observado, o processo se dilui e confunde.

Um bom parâmetro para a utilidade de uma informação é se ela tem força, se motiva o terapeuta e o grupo ou se, pelo contrário, provoca queda do interesse. Outros indícios para reconhecer as informações importantes para a constelação são sua conexão com a demanda do cliente, seu grau de mobilização, as imagens que despertam no terapeuta e, naturalmente, seu peso objetivo. Por exemplo, um suicídio ocorrido na família é sempre um fato significativo, mesmo que a constelação siga uma outra direção ou (e principalmente) quando o cliente não atribui grande importância a esse fato.

O que importa nas informações são os fatos e os destinos dos familiares, não as vivências do cliente - se bem que a breve narrativa de algumas vivências pode conduzir à percepção de um acontecimento importante na família. Tampouco é importante a descrição de traços pessoais, embora possam dar uma indicação sobre as relações recíprocas. A aparência ou o comportamento de alguém geralmente não são relevantes em comparação com o fato de ser o pai ou a mãe que tenham morrido prematuramente. Se um cliente diz: “Meu pai era um homem fraco”, essa afirmação pode indicar que ele deprecia o seu pai, e essa medida será registrada e talvez mesmo retomada pelo terapeuta. Contudo, em relação ao destino do pai, ela tende a desviar do essencial. O importante são informações sobre o pai e sua família que mostrem a “fraqueza” do pai sob uma nova luz, que pode mudar a relação do filho com seu pai.

Para manter-se e manter o cliente numa atitude direcionada ao essencial, o terapeuta não deve entrar em caracterizações de pessoas, procurando, entretanto, que essa atitude não prejudique, mas antes aprofunde, a sua relação com o cliente.

*Respondendo a uma pergunta sobre os acontecimentos importantes em sua família, um homem disse que seu pai fora um homem fraco, que sempre estivera à beira da falência com a pequena empresa que dirigiu até os seus setenta anos. O terapeuta comentou: “Seu pai merece todo o respeito por ter conseguido manter por tanto tempo a empresa nessa difícil situação e assim prover a sua família”. Esta observação provocou imediatamente um sorriso aliviado no cliente. Ficou claro que, no fundo do coração, ele chegou a uma imagem positiva de seu pai. A nova interpretação do terapeuta abriu o caminho para entender que o destino que realmente pesou sobre a família do cliente foi o suicídio do seu avô materno, arruinado em decorrência da reforma cambial na Alemanha no final da guerra. Percebeu-se que o comentário sobre o “pai fraco” foi originalmente uma frase da mãe do cliente com relação ao comportamento de seu pai suicida.*

Que informações são significativas para a constelação familiar? Em princípio, são importantes todas as informações relativas aos processos do amor de vínculo, descritos no capítulo 3 deste livro. A primeira pergunta refere-se ao círculo de pessoas da família do cliente: os pais, os irmãos, os pais e os irmãos dos pais, os parceiros anteriores dos pais e dos avós, os meios-irmãos do cliente e dos pais, talvez ainda os bisavós e tios-avós, se tiveram um destino particularmente difícil. Também devem ser incluídas pessoas sem laços de parentesco, se a família lhes deve ou se elas devem à família algo importante para a existência. Pertencem a essa categoria pais adotivos, vizinhos que eventualmente entregaram à família alguma propriedade rural devido à morte de seu filho único, assim como pessoas contra quem alguma pessoa da família causou um grave mal, com culpa ou por acidente, e ainda, inversamente, pessoas que tenham causado a alguém da família uma grave injustiça ou desgraça. Aqui se incluem tanto os vivos quanto os mortos, até onde os membros vivos da família conseguem lembrar-se. Naturalmente, o vínculo de destino pode remontar a um passado ainda mais remoto. Em algumas constelações, antepassados falecidos há várias gerações são colocados “cegamente”. Entretanto, via de regra, o terapeuta limita-se ao círculo de pessoas que pode ser alcançado pelas informações.

Em conexão com “Quem pertence ao sistema?”, existe uma outra pergunta: “O que aconteceu?” São acontecimentos importantes nas famílias: bebês nascidos mortos ou perdidos, processos de nascimento com riscos para a mãe e a criança, abortos, mudanças importantes de residência, por exemplo, pela deportação ou emigração, crianças que foram separadas de um dos pais ou de ambos, separação entre os pais, paternidade incerta, perdas dolorosas de pessoas e de bens, todos os casos de mortes prematuras, brigas de família, longas fases de desemprego ou de incapacidade profissional, doenças graves, dependência de drogas, desgraças, eventos de guerra, injustiça, suicídios,

permanência em hospitais psiquiátricos e coisas semelhantes.

Na abordagem das constelações, em busca de uma solução, o foco da atenção se dirige aos destinos dos familiares. Isto causa estranheza a muitas pessoas, pois a psicoterapia e o aconselhamento costumam girar em torno das vivências do cliente e de seu contexto imediato, quer sejam consideradas em sua gênese ou em seus variáveis efeitos dentro de um sistema de relações. Naturalmente, também as vivências do cliente são significativas nas constelações familiares, sobretudo se possuem um caráter traumático, mas são consideradas num contexto mais amplo do que ocorre em nosso pensamento usual. Em termos sociais também temos a tendência de interpretar comportamentos estranhos prejudiciais ou que envolvem risco para a própria pessoa ou para outros, em função das vivências infantis da criança, do comportamento de seus pais em relação a ela, da forma como foi educada, influenciada ou obrigada a aprender, a fazer ou a suportar alguma coisa. Nessa perspectiva os efeitos anímicos são vistos como resultantes de intervenções imediatas, lineares ou recíprocas, envolvendo, por vezes, informações sobre gerações passadas, mas com ênfase nas interações imediatas.

O trabalho com as constelações familiares, ao contrário, considera os clientes em sua história familiar, inclusive para além dos caminhos diretos de comunicação. Muitos comportamentos e sentimentos que nos causam problemas, bem como a outras pessoas, não podem ser percebidos e entendidos a partir de nossas vivências imediatas. Muitas interpretações sobre o comportamento dos pais e dos filhos, e - na outra extremidade do espectro social - sobre a sociedade e os indivíduos, simplesmente não ajudam a resolver problemas. Diante disso, muitos clientes procuram a constelação familiar porque a consideração de suas próprias vivências como responsáveis por seus problemas não lhes trouxe proveito. Por essa razão também são importantes informações que não são do conhecimento do cliente, pois frequentemente o vínculo do destino se oculta por trás delas.

Não obstante, o enfoque mais amplo das constelações familiares não invalida a perspectiva, mais limitada, das vivências pessoais, pois o trabalho com as constelações familiares também corre o risco de buscar a solução dos problemas exclusivamente no nível de sua determinação pelo destino, oferecendo interpretações que não são entendidas e não trazem solução, porque não levaram em conta importantes vivências pessoais do cliente em certos contextos. Por outro lado, as constelações familiares, ao lidarem com processos confusos que não trazem solução, caem às vezes na tentação de apelar precipitadamente para segredos de família, em lugar de perceber o essencial a partir do aprofundamento das informações conhecidas.

Na busca de informações que sustentem uma constelação, é importante distinguir entre as informações e primeiras percepções que apontam para o domínio dos traumas pessoais do cliente - por exemplo, uma separação traumática prematura da mãe, a internação numa clínica etc. - e os eventos e percepções que sinalizam para um contexto sistêmico - por exemplo, a vivência traumática de uma mãe que, durante uma fuga, foi separada de sua família. Naturalmente, ambas as ocorrências podem coexistir e interligar-se em seu efeito sobre o cliente. O conteúdo das informações, a forma como são relatadas, a maneira como o cliente se apresenta, por um lado e o sentimento do terapeuta, sua intuição e sintonização, sua compreensão mais profunda e sua experiência (como quer que a denominemos), por outro lado darão indicações sobre o nível em que será conveniente buscar a solução.

Levantar previamente todas as informações possivelmente relevantes é quase impossível e faz pouco sentido, pois poderia transformar-se num processo tedioso e paralisante, mais apto a confundir do que a favorecer um bom direcionamento da constelação. O terapeuta, como também o cliente, precisa de um fio condutor, que leve o mais diretamente possível às informações importantes. A vivência de constelações de outros participantes do grupo facilita ao cliente identificar os acontecimentos importantes de sua história familiar. Além disso, é fundamental a coragem do terapeuta em confiar no que percebe do cliente, de sua maneira de apresentar-se, de seu comportamento e de sua demanda, para chegar a hipóteses e informações importantes.

Essa "intuição" inicial do terapeuta aprofunda e facilita enormemente o desenrolar de uma constelação, porque atinge o essencial. Sua ressonância pode ser percebida no interesse que desperta no grupo e, sobretudo, na reação clara e eventualmente na surpresa do cliente. Quando, por exemplo, o terapeuta identifica nele uma "estranha" raiva inconsciente, pode perguntar-lhe diretamente: "A que pessoa da família pertence essa raiva?" Talvez o cliente responda, então, com toda a naturalidade: "A

meu pai”. Se ele não encontra resposta, o terapeuta continua a perguntar: “Quem na família tinha o direito de sentir raiva?” Assim a busca de informação adquire uma direção.

Mesmo que as informações do cliente não lhe deem uma resposta, o terapeuta pode começar logo a constelação se estiver confiante em sua própria percepção. No exemplo mencionado, ele pode começar a constelação com duas pessoas que representem o cliente e sua raiva, tentando extrair do próprio processo da constelação as informações que possam fazê-la progredir e trazer solução. Outro caminho seria “esquecer” sua observação e pedir novas informações, para não fixar prematuramente uma direção para a constelação. Naturalmente, uma prévia tomada de posição do terapeuta a partir de determinadas informações do sistema do cliente é algo arriscado. Foi algo que ele realmente percebeu ou apenas associou? Associações podem conduzir a viagens erradas ou a afirmações insustentáveis, sepultando a confiança do cliente. Elas permanecem superficiais e podem ser reconhecidas como inúteis já quando são proferidas e em seu efeito sobre o grupo. Nesse caso, o terapeuta pode corrigir o rumo e abrir-se novamente ao que é certo e faz progredir. Pela minha experiência, tenho notado que os representantes - e com maior razão, os clientes - não seguem numa constelação caminhos desviantes. Quando o terapeuta fundamentalmente se “extraviou”, muitas vezes só lhe resta interromper o processo e retomá-lo mais tarde.

O que se disse sobre a demanda do cliente aplica-se também à informação. Problemas e eventos não devem ser descritos em suas particularidades. As descrições tendem a desviar, são geralmente “coloridas” e prejudicam a eficácia de uma constelação. Para o cliente é muito mais convincente quando detalhes de um acontecimento importante são fornecidos de modo surpreendente, através das reações físicas ou verbais dos representantes do que quando são fornecidos por suas próprias informações. A descrição de um problema o reforça, aprofundando o seu mecanismo intrínseco de estímulo e resposta. Descrições pormenorizadas de acontecimentos podem exercer um efeito hipnótico sobre o próprio cliente e sobre o terapeuta, reavivando imagens psíquicas que, em vez de acalmar o efeito do pavor, renovam-no, com os fenômenos fisiológicos concomitantes. Essas descrições também podem reforçar os velhos mecanismos de defesa que mantêm sob controle os efeitos dos acontecimentos.

A maneira como um cliente transmite informações adverte o terapeuta sobre as estratégias de superação de eventos traumáticos em sua família. Talvez ele chore abertamente, ao contar um triste evento familiar, talvez dramatize de forma a fazer os espectadores suspeitarem de algo errado. Alguns clientes se contraem, outros sorriem quando relatam eventos funestos. Alguns relatos seduzem a tomar partido, outros provocam bocejos no grupo. Tudo isso é percebido pelo terapeuta, quer o expresse ou o guarde na memória como uma indicação. Ele procura, da melhor forma possível, não reagir com sentimentos pessoais. Não aceita propostas de relacionamento que frequentemente acompanham a apresentação de informações, mas permanece numa atitude receptiva e benévola diante dos movimentos reveladores e liberadores da alma familiar.

Muitos clientes procuram um terapeuta para fazer sua constelação pela segunda ou terceira vez. É bom que o terapeuta saiba disso, e também do tema e talvez do efeito das constelações anteriores. Isto lhe permite estar mais atento, para que a nova constelação produza um novo efeito no cliente ou para que um novo aspecto finalmente encerre uma dinâmica que se repete em suas constelações. Não é importante saber o que aconteceu nas constelações passadas, como os terapeutas se comportaram ou que método utilizaram. Não há utilidade em comentar processos terapêuticos anteriores. Isso pode induzir o terapeuta a querer ter razão ou a fazer melhor. Além disso, o olhar para o essencial é perturbado pela pergunta: “O que deveria ter acontecido?” e pela situação competitiva. Assim, o terapeuta se limita, tanto quanto possível, ao que é necessário para o cliente na presente situação, sem desviar-se com comparações e julgamentos.

O processo da informação recebe no próprio momento sua força esclarecedora. Diferentemente de uma terapia de longa duração, o terapeuta não precisa ter prévio conhecimento, anotações ou lembrança dos fatos de uma família. Se precisasse refletir sobre o que já sabe de um cliente, sua atenção se desviaria do que é importante nesse momento para o processo de solução, e sua capacidade de uma percepção mais ampla e precisa ficaria reduzida. Muitas vezes, quando clientes me telefonam para perguntar alguma coisa depois de um curso ou esclarecer o que vivenciaram na constelação, aparecem indicações surpreendentes, justamente porque não guardei lembrança e estou livre para entrar de novo em contato com o cliente e sua comunicação.

O processo de informação no início e durante uma constelação familiar é parte integrante da constelação e não uma simples preparação a ela. Ele ajuda igualmente a percepção e o procedimento do terapeuta para conduzir o cliente, em sintonia com a atenção do grupo e a atuação do “campo anímico”.

Uma constelação é, em seu conjunto, um evento único, desde o momento em que o cliente se decide a fazê-la até o momento em que ela já não faz efeito sobre a sua vida.

Observadores de constelações familiares verificam que o momento de pedir informações varia muito de um terapeuta para outro e, ainda no mesmo terapeuta, de uma constelação para outra. De um modo geral, é bom perguntar-se se uma determinada informação tem força nesse momento, se ela fecha uma lacuna, se faz progredir um processo estacionado, se tem uma lógica interna no processo da constelação e se sua aparição e seu entendimento produzem um efeito imediato. A conversa informativa inicial geralmente só tem sentido até que o terapeuta se sinta em condições de fazer a constelação. Todo o restante pode ser perguntado, se necessário, durante a própria constelação. As informações encaixam-se assim organicamente no processo global da constelação.

Em algumas constelações as informações pedidas ao cliente não têm nenhuma importância. Num grupo de formação no Brasil, uma mulher se ofereceu para fazer uma constelação. Sua aparência indicava que tinha antepassados africanos. Perguntada sobre a sua questão, declarou apenas que, desde que se podia lembrar, sentia uma profunda dor no peito. Isso foi dito de tal forma que imediatamente provocou uma profunda e compreensiva emoção em todo o grupo. O terapeuta sabia que um pedido de informações nesse momento iria comprometer a força e a irradiação dessa única frase. Mais tarde retomarei a essa comovente constelação, que se desenrolou apenas a partir das reações dos representantes e com algumas discretas intervenções do terapeuta, sem nenhum outro processo de informação. Assim a questão sobre o momento e o âmbito do processo de informação permanece em aberto, variando entre um interrogatório prévio mais pormenorizado, uma interrogação progressiva durante a constelação e um trabalho sem nenhuma informação do cliente.

A informação necessária ao êxito de uma constelação insere-se num processo dialógico entre o cliente, o terapeuta e as “forças do campo” da própria constelação. Esse evento dialógico pode assumir formas bem variadas. Às vezes, ele se assemelha à pesquisa de informações de um romance policial. Outras vezes, manifesta-se silenciosamente através das imagens da constelação. Ele se desenvolve, como os demais passos de uma constelação, de um modo sempre novo, imprevisível e não planejado.

### **A escolha do sistema de relações**

A demanda do cliente e as informações pedidas, mais ou menos minuciosas, dão as primeiras indicações sobre o sistema de relações que convém constelar. Essa decisão pertence ao terapeuta. Vivemos simultaneamente em diversos sistemas de relações, não apenas no domínio exterior de nossa vida, mas também no domínio interior. Esses sistemas não existem isolados em nós e em tomo de nós, mas interligam-se de forma complexa. Para que possam atuar de modo a esclarecer e solucionar, as constelações, como também o processo anímico, dependem de cortes e delimitações no tecido das relações.

Uma decisão muito importante do terapeuta prende-se à escolha do sistema atual ou do sistema original do cliente. Chama-se sistema atual de uma pessoa aquele em que ela comparece como marido ou mulher, pai ou mãe, e sistema de origem, aquele em que ocupa lugar como filho ou filha, neto ou neta, sobrinho ou sobrinha. Quando a demanda do cliente se refere a um relacionamento de casal ou a seus filhos, constela-se a família atual; quando a demanda envolve problemas com os próprios pais ou eventos que marcaram sua infância, constela-se o sistema de origem.

Quando, na constelação de um sistema atual, toma-se necessário, por exemplo, abordar o efeito de pais ou de avós sobre uma relação de casal, partes do sistema original são incluídas no decurso da constelação. Inversamente, quando na constelação de uma família de origem se deseja uma perspectiva da dinâmica liberadora para o futuro, pode-se incluir também o parceiro ou um filho. Às vezes, os pais e todos os filhos são incluídos na constelação; outras vezes, pelo menos de início, apenas o casal ou o cliente com um dos filhos, com um dos pais ou com ambos.

Se o avô paterno do cliente cometeu suicídio, o terapeuta pode pedir ao cliente que constele apenas, em suas relações recíprocas, o pai e os avós paternos. Quando o cliente tem um sintoma físico ou

comportamental, ou é afligido por um sentimento básico obsessivo, o terapeuta pode constelar o cliente e o sintoma em sua relação mútua. A constelação pode começar apenas com o posicionamento e o movimento de uma única pessoa: o próprio cliente ou outro familiar. Talvez o representante de um avô, que foi vigilante num campo de concentração, seja confrontado com representantes dos prisioneiros ou dos judeus assassinados.

A escolha do sistema de relações e de sua amplitude é naturalmente fundamental para o bom desenvolvimento da constelação. O terapeuta tem poucas regras a que se ater. Uma delas é que é mais fácil começar com poucas pessoas e ampliar a constelação à medida em que for necessário do que constelar de início um grande sistema. De qualquer maneira, quando se percebe que certas pessoas colocadas numa constelação não são relevantes para sua solução, não há problema em dispensá-las de seu papel. A demanda do cliente e suas informações sugerem geralmente que se trabalhe com uma determinada constelação de relações. Em caso de dúvida, o que serve ao futuro tem precedência sobre a compreensão de coisas passadas.

O terapeuta não deve ficar refletindo sobre qual sistema ou quantas pessoas deve constelar, mas confia-se à “alma do grupo” do cliente. Esse ato de deixar-se conduzir pelas forças maiores da alma não pode ser analisado e é difícil de descrever-se, mas é uma experiência básica e sempre surpreendente de terapeutas que trabalham com constelações. Esse processo da “intuição” e do deixar-se levar é por nós conhecido em todos os domínios de nossa vida. Na constelação familiar ele constitui o próprio “método” sem dispensar, contudo, o cuidado artesanal.

É, portanto, o terapeuta que decide qual sistema e quais pessoas ou componentes anímicos serão constelados. Por vezes, clientes expressam num grupo um desejo como este: “Eu gostaria de constelar o sistema de origem, porque...” Uma tal determinação perturba mais do que ajuda. O cliente sabe qual problema o aflige ou precisa ser resolvido, mas não conhece o caminho da solução. Se não fosse assim, ele não buscaria ajuda. Pessoas com problemas conjugais podem preferir constelar o seu sistema de origem, pois o sistema atual lhes parece excessivamente “quente”, exigindo que se assumam as consequências, por exemplo, a separação ou o abandono de uma relação extraconjugal.

Entretanto, precisamos às vezes tirar consequências de nossa vida, mesmo quando as causas das dificuldades estejam ocultas na própria história ou na história do parceiro. Às vezes, a clareza sobre o que faz fracassar uma relação só se obtém no correr do tempo, depois que foram aceitas as consequências do fracasso. Os aconselhamentos matrimoniais duram tanto porque a pessoa adia a investigação das causas para não precisar agir ou quer, primeiro, ter certeza para agir com acerto. Quando o terapeuta nota no cliente essa tendência de esquivar-se da realidade presente e ficar olhando para o passado, ele não deve transigir com ela mas levar o cliente, de uma forma apropriada, a constelar o sistema onde a ação se faz necessária.

Não traz nenhum proveito, porém, que o terapeuta insista em constelar o sistema atual contra a resistência do cliente. Já experimentei diversas vezes que, depois de pedir a um participante de um curso que constelasse o seu sistema atual, ele muito espontaneamente escolhia representantes para sua mãe e seu pai, revelando que ele não estava interiormente direcionado para o sistema atual e forçando-me a interromper o trabalho e aguardar uma nova ocasião. Seja qual for o sistema de relações que o terapeuta escolha para o cliente, é preciso que este o apoie nisso, para que a constelação tenha êxito.

*Uma mulher ainda jovem veio a um curso. Ela tinha medos, e sua mãe, que por essa razão se hospedara com ela no hotel, queria que ela buscasse uma solução para seus medos. Essa questão foi apresentada no grupo como sua demanda. Como o pai dela cometera suicídio quando a cliente ainda era muito pequena, o terapeuta constelou a sua família de origem. Contudo, os representantes não conseguiam sintonizar-se, e o terapeuta teve de interromper a constelação. Então a cliente ficou muito decepcionada e comentou com raiva: “Mas eu disse à minha mãe que não queria fazer a constelação sobre os medos, eu queria esclarecer a relação com meu namorado.” Aí ficou patente a energia que realmente poderia sustentar o trabalho. De fato, a constelação da relação com o namorado, no dia seguinte, tomou um curso muito emocionante e espontaneamente envolveu também a morte do pai, a história da família de origem dele e, com isso, os medos dela, que decorriam de seu amor ao pai.*

Neste contexto, eu gostaria de acrescentar, ainda sobre o tema da demanda do cliente, algo importante para a escolha do sistema de relações pelo terapeuta. A formulação da questão serve, em primeiro

lugar, para ligar o cliente ao próximo processo da constelação, de modo que este seja sustentado pela necessidade dele. Mas a visão que o cliente tem de seu problema é limitada. Se ele pudesse descrever exatamente o seu problema, já teria aí a sua solução. Por isso, o terapeuta visualiza sempre, mais além da necessidade apresentada pelo cliente, aquilo que “necessariamente pertence à solução”. Muitas vezes o cliente não sabe disso. É tarefa do terapeuta direcionar-se para essa meta maior, geralmente desconhecida, e manter a si mesmo e o cliente abertos para isso. Nisso consiste o seu serviço ao cliente e é isso que faz, muitas vezes, a “grandeza” e o efeito profundo de uma constelação, quando ela supera as limitações de nossas ideias e de nosso saber. Há pouco tempo, no final de um seminário de grupo, uma participante exclamou: “Você me levou a constelar algo totalmente diferente do que eu inicialmente queria. Ainda não consegui entender inteiramente a minha constelação, mas sinto-me muito bem e há muito tempo não sentia tanta confiança em minha vida, como neste momento.”

## **A escolha dos representantes**

Via de regra, o terapeuta deixa que o cliente escolha os representantes para sua constelação. A escolha e o posicionamento dos representantes reforçam no cliente o sentimento de que se trata realmente da “sua” constelação. Isto lhe permite agir e dar expressão às imagens internas que faz de seus relacionamentos.

Com o convite do terapeuta: “Escolha os representantes!”, começa o processo da constelação propriamente dita. A escolha deve ser feita fluentemente, sem fixar-se previamente em determinadas pessoas e sem critérios. Desde a escolha das pessoas é preciso haver tranquilidade, concentração e uma certa tensão no cliente, no terapeuta e no grupo. O “campo” da constelação se constitui a partir do momento em que as pessoas são escolhidas e penetram no espaço onde vai acontecer a constelação.

Os representantes precisam estar interiormente disponíveis para se entregarem ao papel. Devem saber que podem recusá-lo quando não estão em condições de representar algo alheio, encontrem-se ainda sob o efeito de sua própria constelação ou tenham receio de assumir algum papel. Entrando na constelação, precisam livrar-se de objetos que possam distrair a atenção como, por exemplo, de algum chapéu extravagante. É preciso que sua energia flua da maneira mais livre possível. Não deve ser prejudicada, por exemplo, pelo ato de mascar um chiclete. Sua tarefa consiste simplesmente em colocar-se à disposição do sistema de relações do cliente, com o papel que encarnam e com as “inspirações” que ele lhes sugere.

Não é imprescindível que o próprio cliente escolha os representantes, pois o processo da constelação transcorre independentemente da pessoa do representante. Esta é, pelo menos, uma suposição e uma experiência básica resultante do trabalho com as constelações. Em relação ao lugar e à capacidade de entrar em sintonia, a aparência do representante não tem nenhuma importância. Uma pessoa não é mãe pelo fato de ser grande ou pequena e normalmente a atuação do destino não depende de características exteriores. A vantagem do trabalho com representantes consiste justamente em não se assemelharem aos membros da família e, por isso, serem isentos de caracterizações e pressupostos na percepção dos movimentos essenciais da alma. Dessa maneira, eles podem sentir os processos essenciais que não são percebidos com a mesma facilidade na própria família, devido à multiplicidade das informações, interações e à intimidade entre as pessoas. Quanto mais casual for a escolha dos representantes, tanto mais ela poderá liberar o essencial, porque não está sujeita a nossas conexões conscientes.

Quem atua com frequência como representante em constelações pode perceber em si como variam os seus sentimentos em diferentes papéis e como é dominado por percepções que desconhece em sua própria vida. As forças do sistema ou também as forças do campo de uma constelação atuam mais fortemente do que a pessoa do representante. A escolha do representante, quando resulta apenas do sentimento do momento, sem qualquer associação ou comentário, libera o representante para reagir apenas às forças do sistema, e deixa também o cliente receptivo a processos inesperados, não limitados por associações e expectativas.

Quando digo, porém, que o cliente deve escolher “seguindo apenas o próprio sentimento”, isso subentende, como é natural, que muitas percepções sutis do cliente dirigem a escolha dos representantes, e o acaso muitas vezes só reina na aparência. Muitos representantes têm a impressão de que são escolhidos muitas vezes para papéis semelhantes, por exemplo, no lugar de um pai, de uma

noiva abandonada, de uma criança que morreu cedo. Não obstante, a busca inconsciente de um “representante adequado” não falsifica a constelação; pelo contrário, tende a aprofundá-la. Apenas é necessário que tanto o cliente, quando escolhe, quanto o representante, quando assume o papel, abandonem pensamentos, associações, intenções ou considerações conscientes. Quando o terapeuta vê que um representante, ao assumir um papel ou no decurso da constelação, fica aprisionado num processo pessoal, ele pede ao cliente que escolha outra pessoa ou ele mesmo troca o representante. Normalmente as forças do sistema são mais fortes, e os representantes numa constelação se desprendem imediatamente de suas questões pessoais.

Muitas vezes é o próprio terapeuta que escolhe representantes, por exemplo, quando introduz uma nova pessoa no decurso de uma constelação, para não tirar o cliente de sua perspectiva como observador e não interferir na intensidade de sua vivência. Eventualmente o terapeuta escolhe desde o início os representantes, justamente para reduzir a importância da escolha e para abrir espaço ao acaso. Pode fazê-lo também para confiar-se à sua própria percepção quando percebe uma insegurança no cliente ou ainda para colocar em papéis difíceis representantes que ele conhece e em cuja capacidade de sensibilização e expressão pode confiar. Acontece também que um terapeuta pergunte ao grupo quem quer assumir um determinado papel. Isto ocorre principalmente quando ele quer proporcionar a oportunidade de assumir um papel aos participantes do grupo que ainda não foram escolhidos.

Se perguntarmos a um terapeuta quando é que ele confia ao cliente a escolha dos representantes e quando prefere fazê-lo pessoalmente, o que o leva a escolher uma determinada pessoa, ele seguramente dará suas razões. Em última instância, o seu “sentimento”, a sua intuição ou o “deixar-se conduzir” são fatores mais decisivos do que as razões. É fundamental que, através dos representantes na constelação, o cliente possa defrontar-se adequadamente com as pessoas de sua família, com o seu sintoma ou com outras relações importantes, embora isso ocorra muitas vezes de uma forma totalmente inesperada e surpreendente. Naturalmente, é importante que a escolha e o posicionamento dos representantes aconteçam numa silenciosa concordância entre o terapeuta, o cliente e os representantes, sem resistências e com uma confiança na alma que “conduz” o cliente e sua família.

### **A constelação propriamente dita**

Escolhidos os representantes, o terapeuta pede ao cliente que se concentre e os posicione de acordo com suas relações recíprocas, respeitando as pessoas e os respectivos representantes, sem se fixar numa época determinada, sem buscar razões, sem imagens preconcebidas, sem comentários e sem prescrever aos representantes determinados gestos ou posturas.

Quando o terapeuta percebe que o cliente posiciona as pessoas seguindo um esquema predeterminado, ele o adverte e, em certas circunstâncias, pede-lhe que tome a colocá-los. Se o cliente os posiciona de forma apressada e desatenta, o terapeuta lhe diz que se concentre de novo. Se o cliente, ao colocar os representantes, dá a impressão de estar distante e sem envolvimento, o terapeuta interrompe a constelação, pois algo impede ainda o cliente de entrar em contato real com a constelação ou com a própria família.

*Uma mulher de uns trinta anos, que vivia só, manifestou num grupo um comportamento muito agressivo. Ao constelar sua família de origem empurrava os representantes para os seus lugares com tanta rudeza que o terapeuta imediatamente interrompeu a constelação com este comentário: “Assim não posso trabalhar com você.” A mulher ficou muito zangada com o terapeuta, mas permaneceu no grupo até o final do curso. Cerca de um ano depois, compareceu a outro grupo. De novo mostrou-se muito agressiva e quis outra vez constelar sua família de origem. Dessa vez lidou com os representantes com um pouco mais de cuidado e atenção, mas eles sacudiram os ombros e não conseguiram sensibilizar-se. Então o terapeuta interrompeu de novo. Ela se zangou outra vez, mas permaneceu no grupo até o fim. Algumas semanas depois, ela ligou para o terapeuta e pediu uma breve conversa. Quando chegou ao consultório, pareceu um tanto mudada. Ela contou: “Minha mãe morreu e eu herdei a sua casa. Quando arrumei o arquivo, caiu-me nas mãos uma velha carta, em que minha avó prometia dinheiro a uma mulher que estava grávida de meu avô, com a condição de que a criança jamais aparecesse na família.” Então o terapeuta disse à mulher: “Isso é importante. Procure essa tia.” Duas semanas depois a cliente voltou ao consultório. Estava com boa disposição e disse: “Eu achei muito depressa a tia e já telefonei para ela. Ela ficou extremamente zangada.” A cliente sorria e sua agressividade parecia ter-se esvaziado. “Não é de se*

*estranhar que essa mulher tenha se aborrecido”, comentou o terapeuta, “quando lhe pagaram para excluí-la da família. Fique em contato com essa tia.” “Isso eu vou fazer, de qualquer maneira”, respondeu a mulher, e foi embora satisfeita.*

Se o cliente pergunta ao terapeuta se deve constelar a família como ela é atualmente ou como era antes, o terapeuta, sem entrar na questão, ressalta que a constelação não deve referir-se a uma determinada época, pois é da essência da alma e, conseqüentemente, de uma constelação, que sua dinâmica não depende do tempo. Os vivos e os mortos estão presentes da mesma forma, e não sabemos de antemão que eventos e destinos ainda têm repercussões negativas numa família. Pertence à essência das imagens e, portanto, às imagens de uma constelação a capacidade de reunir toda uma história num retrato instantâneo, condensando o tempo e livrando-o da sucessão inapreensível dos processos de causa e efeito. Naturalmente, já que as constelações apresentam processos, o tempo também desempenha nelas um certo papel, mas de uma forma muito condensada, de modo semelhante ao que fazemos em nossa fantasia, movendo-nos instantaneamente e sem dificuldade entre o presente, o passado e o futuro.

Às vezes o terapeuta introduz conscientemente uma sucessão temporal, para visualizar a conexão entre sistemas relacionais consecutivos. Por exemplo, ele pode pedir a uma cliente que constele primeiro apenas o seu primeiro marido, a si mesma e o filho desse casamento. Depois de algum tempo, quando já se revelou uma dinâmica importante do primeiro casamento, o terapeuta introduz o marido atual e os filhos desse matrimônio. Mesmo neste caso, o método das constelações preserva a sua vantagem decisiva, que consiste na capacidade de representar, de modo altamente condensado, abrangendo o espaço e o tempo, um acontecimento complexo do sistema de relações que não poderia ser comunicado e apresentado por meio de palavras.

De modo geral, os clientes colocam “corretamente” os representantes, sem necessidade de instruções do terapeuta. Às vezes convém dar algumas indicações iniciais, tais como: “Posicione as pessoas sem tempo, sem razões, sem ideias. Constele-as de acordo com suas relações recíprocas, de uma forma que, em sua imagem interna, corresponda à realidade. Siga o seu sentimento, confie em seu coração e em sua alma.”

Possivelmente o terapeuta ainda precisa dizer algo sobre a forma de posicionar as pessoas, por exemplo: “Pegue cada representante, de preferência pela frente ou por trás, pelo braço ou pelos ombros, e coloque-o sem palavras e sem indicações no lugar que lhe compete, de modo que ele se sinta seguro ao ser colocado ali.” O terapeuta cuida para que o cliente pegue todos os representantes e os coloque em seu lugar. Às vezes um cliente simplesmente deixa um representante no lugar onde ele casualmente ficou ao ser escolhido. Quando advertido a respeito, o cliente talvez diga: “Ele já está no lugar certo!” Contudo, ao ser solicitado a posicioná-lo devidamente, o cliente com frequência muda a sua posição ou pelo menos altera minimamente a direção para onde se dirige. Isto, porém, pode influir decisivamente no sentimento do representante.

Quanto ao mais, o terapeuta se retrai, confia ao cliente o processo de posicionamento e se concentra totalmente em sua percepção. O grupo acompanha atentamente o que acontece. Se o grupo fica inquieto durante o posicionamento, isto geralmente significa que o cliente não está totalmente presente, os papéis não estão claros ou que não se configurou um campo anímico. Nesse caso, o terapeuta pode aludir à reação do grupo e comentar: “Algo não está certo aí”. Talvez ocorra então ao cliente uma outra pessoa importante ou uma informação sobre sua família, que confere força e atenção à constelação. Pode acontecer, porém, que o processo da constelação precise ser interrompido e seja retomado num outro momento, para que desenvolva a força necessária.

Pode acontecer, porém, que uma reação negativa do grupo faça parte do processo da constelação. Já experimentei casos em que pessoas no grupo cochicham entre si, geralmente para saber quem é que representa quem numa família, e depois vem à tona, por exemplo, que naquela família uma criança extraconjugal foi “escamoteada” como legítima. Perturbação no grupo, nos representantes ou também no terapeuta pode ser o sinal de uma perturbação no sistema.

Às vezes o grupo reage diante de contrassensos e de verdades ainda ocultas, como se fosse um campo em tomo da família. Se o cliente se perturba de tal modo que escolhe uma representante para sua mãe e depois a coloca no lugar de uma irmã, sem perceber a troca, o terapeuta geralmente interrompe a constelação. Se não o fizer, a falta de clareza do cliente pesará sobre os representantes e suas

percepções.

Seja como for que transcorra o processo da constelação, o terapeuta procura desde o início perceber tudo, mesmo as menores reações e movimentos e registrá-los como possíveis indícios para a descoberta de processos importantes nas relações do cliente.

Às vezes o cliente se sente incapaz de posicionar devidamente os representantes em suas relações. Se o terapeuta, baseado nas informações e em suas impressões, tem uma imagem clara do sistema do cliente, ele pode posicionar por si mesmo os representantes. Isso é naturalmente arriscado, e só faz progredir a constelação quando o cliente pode dizer: “Exatamente, é assim mesmo!”

Geralmente o terapeuta só coloca pessoalmente os representantes quando a imagem interna que o cliente faz da constelação e das forças anímicas atuantes não lhe parece importante. Assim, ele pode colocar pessoas, escolhidas por ele mesmo ou pelo cliente, para representar, por exemplo, a cliente e sua mãe, o cliente e a morte ou uma avó e seu estuprador, colocando-as simplesmente face a face. Numa outra situação ele pode escolher representantes do país da mãe e do país do pai, posicioná-los frente a frente a uma certa distância e colocar o representante do cliente ou, às vezes, ele próprio, no meio dos dois ou na frente deles.

Já mencionei uma cliente que era assaltada pelo medo de que seu pai fosse um assassino, porque ele trabalhara, como engenheiro responsável, na fabricação dos foguetes V2. Depois que a cliente escolheu uma pessoa para representar o seu pai, o terapeuta escolheu outras dez para representar os ingleses mortos nos ataques das bombas voadoras, fez com que se deitassem no chão lado a lado e colocou o pai diante deles. Num caso como esse, a dinâmica anímica não pode ser reproduzida por uma constelação de relações, como acontece com a imagem de nossa família, que podemos ter diante dos olhos.

Em muitas constelações “maiores”, onde estão em questão eventos da guerra ou relações entre vítimas e perpetradores num contexto mais amplo do que o da família, também quando se trabalha com uma fila de antepassados ou com as relações da alma com uma doença, com um sintoma físico ou de comportamento, com a vida e a morte, o terapeuta utiliza o campo de força anímica que se torna visível através da criação de simples relações espaciais. Nessas constelações frequentemente não se sabem quem são as pessoas aí representadas e quais são suas relações recíprocas. Por isso não existem imagens “realistas” dessas relações. No modelo “clássico” das constelações familiares, ao contrário, é natural que o cliente transmita a multiplicidade de suas informações subconscientes através das imagens que delas faz.

Costumo utilizar nos grupos uma metáfora para entender o que se passa nas constelações. É como se, através da atenção dirigida ao cliente, a alma de seu grupo se configurasse como um campo de força, de modo semelhante a um campo magnético. Da mesma forma como podemos tornar visível um campo magnético espacialmente delimitado, espalhando nele limalha de ferro que automaticamente se organiza acompanhando as linhas de força, os representantes de uma constelação se dispõem no campo anímico, com seus gestos, movimentos e palavras, de acordo com as forças que nele atuam. A dinâmica anímica pode ser visualizada através de numa única pessoa, sem que seja constelada uma relação. Assim sendo, não importa muito se quem coloca as pessoas é o cliente ou o terapeuta, mas que fique claro que a metáfora do campo magnético não deve ser entendida como se fosse uma explicação física.

### **A imagem da constelação**

Com toda pessoa constelada cria-se uma imagem e um campo de força. Não pretendo falar aqui do caso extremo da “constelação invisível”, na qual o cliente e o terapeuta se sentam lado a lado em silêncio, e o terapeuta percebe mentalmente no cliente a realidade de uma relação, por exemplo, de uma mãe com seu filho abortado e, através de palavras tranquilas ou de imagens internas liberadoras, exerce um influxo salutar sobre a realidade dessa relação.

O momento talvez mais importante do trabalho com as constelações é quando o cliente, o terapeuta e os membros do grupo se expõem a essa imagem e ao campo de força associado a ela - o cliente, o terapeuta e o grupo, do lado de fora, e os representantes no interior do campo relacional.

Começa então uma fase, mais ou menos longa, de silêncio e de tranquilidade, na qual os representantes

entram em sintonia e se concentram nos impulsos que lhes ocorrem: em sentimentos, sintomas físicos, impulsos de movimentos, palavras. O terapeuta deixa que a imagem constelada atue sobre ele. Mais precisamente, ele deixa que atue sobre ele esse campo ou a alma da realidade relacionai constelada. Sem prender-se a detalhes, observa as primeiras reações físicas dos representantes, frequentemente muito sutis, seus impulsos de movimento, os movimentos inquietos, as modificações da postura corporal e a direção do olhar, que talvez se fixe no chão, volte-se para o alto ou se perca no infinito. Ao mesmo tempo ele observa as suas próprias reações internas, sentimentos, sensações, as “imagens” que emergem nele ou ainda suas hipóteses em relação à realidade relacionai constelada - as quais, de resto, frequentemente se exprimem através de imagens, portanto, de uma forma sensível.

Talvez fulgure nele uma primeira “verdade” no antigo significado do grego *a-létheia*, como algo “não-oculto”. O terapeuta deixa-se tocar pelo sistema configurado, pela alma familiar ou pela *grande alma*. Na medida do possível, ele o faz num estado (relativamente) “vazio”, deixando-se mover e tocar pelo que ali se manifesta. Ao mesmo tempo, ele permanece na maior abertura possível, conectado com o cliente e com a percepção do cliente com respeito à imagem constelada.

Este é frequentemente o momento mais difícil para o terapeuta, pois ainda não pode agir e não sabe para onde se voltará a dinâmica da constelação. Com isso é tentado a refletir, a conciliar a constelação com as informações existentes, a ponderar como deverá agir. Talvez se coloque também sob pressão, como se dele dependesse o sucesso ou o insucesso da constelação. Talvez se assuste com o que se mostra nas reações iniciais dos representantes e queira achar rapidamente um terreno seguro para a solução.

Nesse ponto tem especial importância o que Bert Hellinger chama de “intuição fenomenológica”: um olhar “sem saber”, “sem intenções”, “sem medo”, no sentido de um cuidado amoroso pela vida. Com isso começa a participação no que toca mais intimamente uma família. A contemplação e a percepção do terapeuta e também as vivências dos representantes devem ser acompanhadas por uma espécie de reverência e de gratidão pela oportunidade de participar. Esse primeiro momento silencioso, muitas vezes bem breve, é de grande importância para o restante decurso da constelação e atua como um embrião, que já indica, mas ainda não deixa reconhecer o que se desenvolve a partir dele. Esse momento constrói o reconhecimento do que a alma do cliente ou a alma de sua família está disposta a revelar de si.

Alguns leitores podem achar isso excessivamente místico. Fiquem descansados, pois esse primeiro deixar-actuar da constelação não está sempre associado a uma dinâmica “profunda”, poderosa e mobilizante. Às vezes, ao contrário, parece que nada acontece aí. Muitas constelações só desenvolvem sua força e dinâmica a partir dos próximos passos. Isso ocorre sobretudo quando ainda não foram colocadas as pessoas decisivas para a dinâmica da alma ou quando faltam informações importantes. Muitas imagens de constelações não se aprofundam imediatamente, e a percepção de todos os envolvidos ainda permanece “vazia”. Embora pareça aconselhável interromper, depois de alguns momentos de espera, a imagem sem força e sem movimento de uma constelação, geralmente “compensa” perseverar no processo da constelação, confiando no seu êxito.

Às vezes os representantes exibem reações estranhas desde o início de uma constelação.

*Um holandês estava constelando sua família de origem. Antes que pudesse posicionar os representantes, eles começaram a cochichar e a rir às gargalhadas e não houve como contê-los. O homem ficou surpreso e totalmente confuso. O terapeuta estava a ponto de interromper a constelação, mas um impulso interior levou-o a observar as risadas por mais algum tempo. Então lhe ocorreu a imagem dos convidados de um casamento, e ele perguntou ao homem: “O que aconteceu no casamento de seus pais?” Ele respondeu: “Uma tia me contou que durante a festa de casamento apareceu uma mulher com uma filha de vinte anos e diante de todos os convidados caminhou até minha mãe. Mostrando-lhe um anel na mão de sua filha, afirmou que ele lhe fora presenteado por meu pai, com a promessa de desposá-la.” Ouvindo isso, os representantes imediatamente silenciaram. Então o terapeuta escolheu representantes para essa mulher e sua filha e as colocou diante dos representantes da família. As duas mulheres, que provavelmente foram ridicularizadas por todos naquela ocasião, puderam agora ser olhadas com emoção e respeito. Foram honradas em sua raiva, em sua dor e em sua vergonha, e reconhecidas como pertencentes à família.*

*Um outro homem, conhecido como “cabeça-de-vento”, constelou seus pais e todos os cinco irmãos. Em acréscimo foi incluída desde o princípio uma antiga noiva do pai. O pai, que era um aprendiz de padeiro,*

*nômade e sem recursos, tinha procurado uma mulher para se casar e encontrado uma que lhe trouxe uma padaria. Entretanto, depois do noivado o pai foi embora. O homem não sabia mais nada. Na conversa inicial sobre as informações familiares, perguntado sobre seus contos de fadas prediletos na infância, ele tinha citado “A esperta Elza”<sup>12</sup>. Com base nessa história, o terapeuta perguntou por relacionamentos anteriores do pai e, assim, chegaram a essa noiva.*

*O homem posicionou sua família numa linha, lado a lado, e diante dela essa noiva. Logo que os representantes se postaram, começam a curvar-se de tanto rir. Principalmente a representante da noiva caiu de tal maneira no riso que logo teve de sair da sala e correr para o banheiro. O terapeuta sentiu-se forçado a desfazer a constelação. Através de uma ligação telefônica para seu pai, o homem soube que aquela mulher se revelara como “totalmente louca”, o que levou o pai a fugir precipitadamente.*

São raras tais reações extremas de todos os representantes. Individualmente, eles costumam mostrar outras reações, geralmente logo que são posicionados. Caem ao chão, viram-se de costas ou se afastam alguns passos, cerram os punhos, olham para cima ou escondem o rosto entre as mãos. Geralmente essas primeiras reações são muito importantes. Habitualmente, porém, o terapeuta procura que os representantes contemham no início os movimentos maiores, para que haja tempo de contemplar a imagem da constelação e deixar que se desenvolvam as forças em ação.

### A dinâmica da alma

Sobre a base da imagem da constelação, das forças associadas a ela e de seu efeito sobre os representantes, desenvolve-se então um processo que constitui o cerne de todo trabalho da constelação, e onde se manifesta a dinâmica anímica de um campo de relações. Através desse processo vêm à luz os eventos importantes e as estruturas básicas das relações reais e anímicas do cliente, que deles resultaram. Nesse processo, que dura entre cinco minutos e uma hora, geralmente vinte a quarenta minutos, concentra-se o essencial do que se pode dizer sobre as constelações de famílias e de outros sistemas de relações, em termos de conteúdo, de método e de fundamentação teórica.

Os eventos animicamente relevantes abordados nas constelações já foram descritos no capítulo anterior. No que diz respeito ao método e ao desenvolvimento, a dinâmica peculiar da constelação e a arte de intervenção do terapeuta se unem, proporcionando a cada constelação uma “cor” característica, cuja variedade surpreende os mais experientes terapeutas. Para o cliente importa única e exclusivamente o que o toca, possibilitando-lhe um reconhecimento denso da realidade sistêmica de suas relações, revelando-lhe realidades ocultas e, em conexão com elas, perspectivas de solução ou de cura. Essa percepção não tolhe a liberdade do cliente, não lhe impõe algo a fazer, a reconhecer ou em que acreditar. Não exige que ele decida como agirá no futuro.

Às vezes o cliente é solicitado a entrar pessoalmente na constelação, para sentir como é o seu lugar, fazer eventualmente um curto diálogo com seus pais ou sentir por si mesmo o efeito de um “ritual”, por exemplo, da fila de antepassados às suas costas ou de uma reverência diante de seus pais. Às vezes o terapeuta “insta” ou “força” o cliente a olhar algo, no sentido de reconhecer que “assim é”, ou a executar um ato considerado como liberador: “Diga ao seu pai: eu o amarei sempre como meu pai” ou: “Incline-se diante de seus pais”. Com isso o terapeuta assume uma grande responsabilidade. Essa atitude diretiva desencadeia com frequência uma crítica feroz na mídia. Quando ela não é “correta” ou não resolve, também provoca agitação em pequenos grupos. Entretanto, em última análise, quando um cliente é tratado de uma forma indevida, os espectadores e também os representantes ficam do seu lado. A atitude diretiva só tem força e proveito quando atua em sintonia com o cliente e com sua família. Normalmente, porém, o processo da constelação “conduz” o cliente sem privá-lo da liberdade e o ajuda a tomar-se um pouco mais livre em sua atitude.

O terapeuta pode escolher entre dois procedimentos básicos. Pode dar aos representantes a liberdade de seguir os impulsos a que estão expostos no campo de força da constelação ou pode intervir, trocando de lugar os representantes, pedindo-lhes que se movam de uma determinada maneira, introduzindo outros representantes, perguntando pela impressão do cliente, fazendo algum comentário ou pedindo a um, a vários ou a todos os representantes que comuniquem com palavras seus sentimentos e sensações corporais.

---

<sup>12</sup>No original, *Die kluge Else*. Conto dos irmãos Grimm sobre uma mulher apresentada ao noivo como prendada e que depois do casamento é tomada por um acesso de loucura e desaparece. (N.T.)

A prática levou à combinação de várias formas na condução das constelações. Nenhuma constelação transcorre sem alguma intervenção do terapeuta, mesmo que seja apenas a decisão sobre quando e com quem deve começar a constelação e em que momento deve terminá-la. O terapeuta sempre ajuda a configurar o jogo de relações predeterminado pela alma do cliente, que se manifesta no transcurso da constelação. Ele atua como um maestro que executa uma partitura com o auxílio de uma orquestra ou como um diretor que encena com seus atores uma determinada peça.

Para distinguir mais facilmente os atos essenciais na multiplicidade de desdobramentos de uma constelação, usarei em seguida a distinção metodológica entre os “movimentos da alma” e as “ordens do amor”, complementada pela distinção entre imagem e expressão verbal.

## "Movimentos da alma"

Denomina-se metodicamente “movimentos da alma” a possibilidade oferecida aos representantes de se moverem livremente no campo da constelação, seguindo os próprios impulsos. A partir das constelações “clássicas”, que acentuam a intervenção configuradora e ordenadora do terapeuta e dão preferência à expressão verbal da dinâmica sentida, desenvolveu-se o processo, amplamente não-verbal, dos “movimentos da alma”, que não é dirigido pelo terapeuta com vistas a uma solução e aprofundou de modo impressionante muitas constelações. Não obstante, as declarações verbais e as mudanças de posição dos representantes pelo terapeuta no modelo clássico também expressam movimentos da alma, e os processos de livre movimentação e de contenção na expressão verbal já estavam presentes desde o início do trabalho com as constelações.

A conversão de Bert Hellinger aos “movimentos da alma” - julgada, às vezes, excessivamente radical - provocou muita inquietação e questionamento entre os consteladores. Foram levantadas objeções como estas: “A livre movimentação dos representantes não abre caminho a uma dramatização excessiva, mais propensa a oprimir do que a liberar o cliente?” - “Sem a condução pelo terapeuta, com sua visão de conjunto, não se infiltra nas constelações um excesso de personalismo dos representantes?” — “Não correm essas constelações o risco de desenvolver uma dinâmica própria, deixando de reproduzir, de uma forma reconhecível e verificável, o sistema de relações do cliente?” - “Esse método não abre as portas para as interpretações mais diversas e para a falta de clareza? Como devem ser entendidos os movimentos não comentados dos representantes?”

Por outro lado, vivenciamos através dos “movimentos da alma” constelações cuja força e cujo efeito de mobilização não podem ser contestados. Gostaria de descrever um exemplo, contando a constelação da já mencionada brasileira chamada Fátima, que expressou sua necessidade como “uma profunda dor no peito”.

*O incrível efeito dessa única frase, a profunda dor refletida nos olhos da cliente, a sensação de que as “raízes” dessa mulher, sentada a meu lado, mergulhavam profundamente na terra, levaram-me a escolher duas representantes, uma para a própria cliente e outra para a sua dor. Coloquei-as frente a frente, a cerca de um metro de distância, no meio do círculo central rodeado por um numeroso grupo de treinamento e deixei que se movimentassem livremente. Depois de alguns momentos, a “dor no peito” abriu os seus braços, como se pedisse a “Fátima” que se aproximasse, mas ela se afastou horrorizada, lentamente, com os olhos arregalados e estendendo as mãos para a frente, como defesa. Ela recuou passo a passo, até que esbarrou na beirada do grupo e lá permaneceu imóvel, enquanto a “dor no peito” deixava cair os sem braços.*

*Durante algum tempo nada se moveu. Então “Fátima” ficou inquieta, entrou numa respiração profunda e irregular, colocou as mãos no peito, virava a cabeça de um lado para outro como se procurasse algo, e bradou: “Não posso mais.” Mas sua frase ficou totalmente sem eco. Então sentou-se no chão, levantou-se de novo, sentou-se outra vez, começou a chorar e bradou.- “Ninguém vai me ajudar?” Nenhum eco. Então lhe vieram lágrimas em silêncio, e ela chorou por longo tempo, até que finalmente se imobilizou, tapou o rosto com as mãos e, com uma profunda resignação, exclamou: “Tantos mortos!”*

*Enquanto isso, a cliente estava sentada a meu lado, com os olhos abertos e lágrimas silenciosas. Quando ela ouviu essa frase, pareceu arrepiar-se. Também eu senti um calafrio nas costas, e o grupo acompanhava tenso, sustendo a respiração. Então eu reagi e tomei aleatoriamente umas dez pessoas do grupo para representar esses mortos e pedi que se deitassem no chão, de acordo com o seu próprio sentimento. Eles se deitaram, homens e mulheres divididos de tal forma que a “dor no peito” ficou cercada*

pelos mortos, e “Fátima” se sentava fora do círculo.

A “dor no peito” olhava em torno, muito tranquila, amigável e atenta, mas não fez nada. “Fátima” inicialmente deu de ombros, como indiferente, então se ergueu, levou de novo as mãos ao peito e clamou: “Dói tanto!” E depois de algum tempo olhou em torno e perguntou outra vez, em voz baixa: “Ninguém vai me ajudar?”

Então escolhi, sem dizer nada, uma mulher para representar a mãe de Fátima e coloquei-a por fora do campo dos mortos, diante da filha. Ninguém foi informado do papel que ela representava, nem mesmo a própria representante. A filha olhou com anseio para essa mulher, mas ela não reagiu, permaneceu totalmente rígida e sem expressão no lugar onde eu a colocara. De novo intervim, pedi à “dor no peito” que saísse do círculo dos mortos, tomasse pela mão a representante de Fátima e a conduzisse a cada um dos “mortos”. Ela se deixou conduzir de boa vontade, e num longo e emocionante processo, amparada pela “dor no peito”, despediu-se dos mortos, ora gemendo e chorando, ora abraçando ternamente alguns deles. Também os mortos reagiram, alguns sorrindo amigavelmente, outros chorando, outros apegando-se por algum tempo, até que de algum modo ficaram em paz.

Também no grupo muitos tinham lágrimas nos olhos. Era como se vivenciassem o que, em suas imagens interiores e talvez em suas lembranças pessoais, uniam-nos em compassiva solidariedade a Fátima e ao seu destino desconhecido. Participavam de um acontecimento humano, possivelmente brasileiro, talvez também mais geral, que parecia ultrapassar em muito suas próprias vivências pessoais.

Quando a “dor no peito” e “Fátima” se aproximaram da última pessoa morta, aconteceu algo inesperado. A “morta” olhou com muita raiva para “Fátima”, que se recusou a aproximar-se dela, sacudindo a cabeça e exclamando: “Não!” Então a mulher se levantou e se atirou, com muita raiva, contra “Fátima”, como se quisesse sufocá-la. Com uma suave pressão, pedi à “morta” que se deitasse de novo, o que ela fez a contragosto. Então a “dor no peito” se curvou sobre essa “morta” e a tomou com cuidado e carinhosamente nos braços. Foi como se com isso um mau espírito tivesse saído dessa mulher. Ela chorou sentidamente, até que se acalmou e fechou os olhos. A “dor no peito” estendeu convidativamente a mão para “Fátima”, que assistia desconcertada, até que ela se aproximou, sentou-se e respirou fundo. Então a “dor no peito” se levantou, convidando-a a levantar-se também. “Fátima” permaneceu sentada e disse: “Não posso, estou tão cansada!”, e depois de uma pausa: “Estou morrendo de cansaço!”

A cliente, que se assustara muito com a raivosa reação da última morta — que acontecera bem perto de sua cadeira — olhou para sua representante e concordou com a cabeça. Ela conhecia esse cansaço imenso. Tive a sensação de que faltava alguma coisa para ajudar Fátima a dar um passo liberador. Assim introduzi mais duas pessoas, um representante para a morte, que ficou perto da última “morta” e uma representante para a vida, de frente para a “morte” e fora do campo dos mortos. “Fátima” entendeu o convite para uma decisão e repetiu, sacudindo a cabeça: “Não posso.”, mas então reuniu suas forças e, com a ajuda da “dor no peito” levantou-se com esforço, olhou em torno de si, olhou insegura para a vida, caminhou uns passos em sua direção, ajudada pela “dor no peito”, parou de novo e disse: “Não consigo!”

Então, pela primeira vez, a pessoa que eu colocara como representante da mãe aproximou-se suavemente de “Fátima” pelas costas e abraçou-a. Esta se recostou na “mãe”, fechou os olhos e deu um profundo suspiro. Depois de permanecer um pouco com essa imagem, terminei a constelação e pedi aos representantes que se sentassem de novo. Lentamente se dissolveu o “transe” no grupo, e a cliente, que tinha lágrimas nos olhos mas parecia muito tranquila, pegou minha mão e disse de todo coração: “Obrigada!”

O que se passara ali? Não o sabemos, mas quase ninguém entre os presentes pôde esquivar-se da “magia” dessa constelação. Fora possível ver e, de algum modo, acompanhar os “movimentos de uma alma”, mas sem saber exatamente o que a constelação revelava sobre a realidade sistêmica da cliente. No intervalo, a tradutora me contou as suposições levantadas pelos participantes. Muitos achavam que tinham participado de uma “história de escravos”. Com exceção da cliente e de sua mãe, que entretanto não conheci pessoalmente, não tinham sido constelados membros de sua família, mas apenas uma sensação de dor, mortos desconhecidos, a “vida” e a “morte”. Não sabemos se a morta que reagiu com raiva e os outros mortos representavam pessoas da família. A cliente não foi interrogada a respeito. Essa constelação não se desenvolveu a partir de informações concretas sobre a história da cliente e de sua família. As informações só foram vivenciadas através dos passos e das forças da constelação. O sentido do que foi vivenciado permaneceu com a própria cliente. Não sabemos que conexões ela terá

feito com acontecimentos na história de sua família e com sua própria vida. Foi uma comovente experiência de anonimidade.

Como atuam as forças que operam numa constelação como essa? Que efeito têm as intuições e as intervenções do terapeuta? Quem ou o que conduz o espetáculo? Teria a cliente acompanhado o acontecido com a mesma emoção se não tivesse sentido ali uma profunda relação consigo mesma? Poderiam os representantes ter planejado essas reações? Se assim fosse, teriam elas um impacto tão grande nos demais representantes, na cliente, no terapeuta e no grupo? Estas perguntas resultam de reflexões que se podem fazer a partir da impressão imediata de uma constelação como essa, mas conhecemos poucas respostas que satisfaçam nossa necessidade de uma explicação geral.

Quando vivenciamos com frequência tais constelações, na diversidade de seus pontos de partida e de suas direções, dificilmente podemos nos furtar à impressão de que nelas, dentro de certos limites e com maior ou menor clareza, podemos assistir ao “trabalho da alma”, e participar intensamente de experiências humanas essenciais, como raramente ocorre em nossa vida diária. Justamente por isso é importante que as constelações não visem a uma finalidade egoísta, um prazer cultural ou a edificação religiosa e, menos ainda, um entretenimento - embora possam eventualmente ser edificantes ou divertidas. Trata-se de um destino, de um processo anímico que, na medida do possível, é liberador, salutar e pacificador e cuja atuação se desenvolve na vida no cliente.

O exemplo acima descrito talvez esclareça em que situação convém fazer uma constelação como “movimento de alma”. Isto é especialmente indicado quando não está em foco o sistema familiar da pessoa, mas um sintoma, um sentimento, uma doença, a vida e a morte, um quadro social de acontecimentos que ultrapassam os processos familiares imediatos, como, por exemplo, a guerra, uma injustiça funesta ou o “bem” e o “mal”. Porém, mesmo dentro das constelações familiares propriamente ditas, é conveniente acompanhar os livres movimentos dos representantes e da alma quando faltam informações, quando, na percepção do terapeuta, elas podem ser fornecidas em maior número e com mais profundidade pela expressão corporal dos representantes do que por suas declarações explícitas. As palavras, em seu conteúdo de informação, são mais precisas, porém muito mais estreitas do que as imagens.

De um modo geral, o terapeuta recorre mais facilmente aos “movimentos da alma” quando sabe pouco do que quando, em razão de suas experiências e de seu saber sobre as leis dos relacionamentos, pode agir mais diretamente em busca de ordens que trazem solução. Por exemplo, quando há um conflito entre um casal, por causa de um filho de uma relação anterior da mulher que foi adotado pelo marido, o terapeuta, com seu saber sobre as ordens dos relacionamentos, pode contribuir para uma solução. Num caso como esse, ele se encontra no mesmo “nível” que o cliente e as pessoas de sua família. Já em relação à morte, à guerra, à doença e a coisas semelhantes, ele não se encontra no mesmo “nível”. Aí ele se defronta com forças às quais também deve sujeitar-se e às quais não pode propor ou, muito menos, prescrever soluções. Nesse caso, ele confia em que o campo anímico, no qual o cliente está inserido, manifeste-se através dos representantes, em relação às forças que podem atar e que desatar.

Naturalmente, também nesses casos o terapeuta intervém constantemente em razão de suas experiências, de suas imagens, de determinadas ideias e em função do que é útil para o cliente. No entanto, ele atua aí, de um modo bem reservado e preferentemente conduzido por essa “força maior” - seja o que for que isso signifique precisamente. Os representantes só podem perceber, do campo anímico que os envolve, aquilo que podem conceber como pessoas individuais e - utilizando uma expressão técnica - aquilo que podem “medir”. Por essa razão, enquanto representam forças “sobre-humanas”, eles não são arrancados de sua medida humana normal. Todo o processo da constelação, independentemente das forças que sejam consteladas, é uma espécie de processo dialógico entre pessoas “comuns”. Isso dá ao terapeuta o direito e também o dever de interferir, quando necessário, no interior dos “movimentos da alma”, a serviço do que é “útil” e “suportável” para o cliente. Nisso, contudo, ele agirá de uma forma reservada, ouvindo, vendo e recebendo, aberto para o inesperado e com humildade em face da realidade “maior”.

## **"Ordens do amor"**

No capítulo 2 deste livro descrevi em detalhes uma constelação segundo as “ordens do amor”. Neste modelo, o terapeuta intervém de modo bem mais direto e conduz os representantes e, às vezes,

também o cliente, através da constelação, baseado nas informações preliminares e no conhecimento dos processos liberadores. Neste tipo de constelação a palavra falada assume uma grande importância.

Pede-se aos representantes que entrem em sintonia com o seu lugar e o seu papel, inicialmente sem se moverem. Se os representantes entraram em seus papéis - o que quase sempre acontece - o terapeuta começa perguntando-lhes o que estão sentindo. Sobretudo no início de um seminário, quando os representantes ainda não conhecem o trabalho das constelações, ele talvez precise incentivá-los a confiar no que sentem e a comunicá-lo abertamente e sem qualquer forma de consideração. Isto é difícil para a maioria dos representantes.

Ocorre, às vezes, que a declaração de um representante não venha do que sente em seu papel, mas de suas próprias ideias sobre o que a pessoa deveria fazer naquela situação. Pode ser também que ele diga algo na intenção de ajudar o cliente ou então se contente em descrever sua própria posição no espaço, permanecendo preso num olhar superficial e na descrição exterior da constelação: “Estou atrás de minha mulher e diante de todos os outros.” Geralmente, basta então um breve estímulo do terapeuta para que o representante transmita o que realmente sente em seu papel.

Quando são constelados os pais e os irmãos do cliente e a dinâmica inicial é pequena, geralmente são interrogados primeiro os pais e depois os filhos, pela ordem de idade. Entretanto, se algum representante manifesta desde o início uma reação significativa, o terapeuta imediatamente acompanha essa dinâmica. É desnecessário e muitas vezes contraproducente interrogar todos os representantes, principalmente nos sistemas maiores.

Logo que uma declaração produz um movimento significativo, o terapeuta acompanha esse fluxo de energia da constelação e começa a mudar as posições. Se isso não acontecer e ele continuar fazendo perguntas, a tensão pode dissolver-se ou a constelação fica sobrecarregada e possivelmente confusa com o excesso de informações. Não obstante, quando se trabalha com um grande sistema de relações, como uma família com seis filhos, é mais fácil controlar construtivamente um grande número de informações por meio de perguntas do que permitindo a livre movimentação. De qualquer maneira, o excesso de informações simultâneas representa um risco para as constelações, independentemente do seu tipo.

No conjunto das informações prestadas pelos representantes, o cliente reconhece de uma forma surpreendente a sua própria família. Esse reconhecimento, pelo cliente, do comportamento dos membros de sua família é muito útil e não se deve descartá-lo prematuramente, deixando de interrogar os representantes. Não obstante, na busca de uma solução para o cliente, o terapeuta não pode trabalhar com todos os fluxos de relações e de destinos numa família. É mais fácil acompanhar uma primeira dinâmica significativa e posteriormente interrogar outros representantes, caso o movimento inicial tenha sido pouco fecundo ou levado a desvios do que filtrar, numa grande quantidade de informações, as que são essenciais para o cliente e para a solução.

Pode acontecer que um representante, real ou aparentemente, não sinta nada que seja pertinente. Com isso, porém, ele comunica algo correto e importante, que o terapeuta deve levar a sério, não o atribuindo a uma possível falta de sensibilidade. Em nossa comunicação diária conhecemos a “ausência de sentimentos” ou a dificuldade de lidar com eles. Alguns representantes precisam ser refreados em sua loquacidade para que se atenham ao essencial, que pode ser expresso de forma simples e breve. Quando um representante manifesta um sentimento forte ou uma espontânea reação corporal, o terapeuta acompanha essa reação. Ela tem geralmente uma grande irradiação e profundidade e perderia força se fosse descrita com palavras.

Por outro lado, as palavras ajudam a esclarecer em seu significado as reações não-verbais que não se deixam interpretar com segurança. Por exemplo, nem todo olhar para o chão significa um olhar para um morto. Às vezes ele pode indicar que o representante se envergonha, sente melancolia ou simplesmente não quer encarar ninguém. A curta descrição do sentimento ou da reação corporal pode, então, proporcionar clareza.

Quando um representante diz algo que contradiz a impressão do terapeuta, a partir de sua própria visão da dinâmica, o terapeuta deve confiar de preferência na própria observação e no próprio sentimento. Ele registra sua percepção para acioná-la no momento oportuno, ou então a comunica imediatamente, observando a reação dos representantes e do cliente. Os representantes se sentem

aliviados em sua responsabilidade quando são acompanhados pela percepção do terapeuta. Naturalmente, seria muito contraproducente entrar em discussão com o representante sobre qual seria a percepção “correta”. De qualquer maneira, o ulterior transcurso da constelação costuma esclarecer o significado de uma determinada reação.

Existem constelações em que os representantes começam a disputar entre si, como acontece também na família real. Isto pode ser esclarecedor numa primeira abordagem, mas, como na família real, afasta do essencial. A constelação arrisca-se então a transformar-se num jogo de cena, tirando os representantes da conexão com a alma do cliente e de sua família e levando-os a reações que, a persistirem, tomarão cada vez mais difícil a ligação com a família representada.

Alguns representantes se sentem desconsiderados quando não são interrogados ou quando não são imediatamente interrogados e pressionam o terapeuta para serem ouvidos. Também isso pode ser uma reação típica do sistema. Não obstante, também aqui o terapeuta pede que se contenham e assegura aos representantes que todos terão oportunidade de comunicar, no tempo devido, o que for necessário para o cliente.

Por mais importantes que sejam os sentimentos e as comunicações dos representantes, pode ocorrer que, pelo fato de estarem no sistema, não mantenham a perspectiva e o direcionamento para o sistema em sua totalidade. O terapeuta que os acompanha tem condições melhores para isso, porque olha para toda a estrutura de relações de uma família, com os eventos conhecidos. Manter essa perspectiva é sua tarefa essencial.

Durante o interrogatório dos representantes, o terapeuta observa constantemente o cliente e suas reações. Pode também perguntar-lhe, de vez em quando se ele tem algo a dizer sobre as declarações dos representantes, e se elas fazem sentido para ele. Algumas vezes o terapeuta fica inseguro sobre como deve tomá-las ou percebe um descompasso entre as declarações dos representantes e sua repercussão no cliente. Na maioria das vezes, o cliente confirma as declarações dos representantes.

Também ocorrem casos em que as reações e declarações dos representantes parecem totalmente estranhas ao cliente. Se o terapeuta, apesar disso, insiste em trabalhar com elas, a constelação desconsidera o cliente, e ele poderá comentar: “Essa não é a minha família” ou então: “Tudo isso me é estranho”. Mesmo que as reações dos representantes, contrárias à percepção do cliente, sejam pertinentes, não adianta prosseguir nesse caminho se com isso o cliente perde a conexão com a constelação. De que serve uma verdade que não pode ser aceita?

Quando o terapeuta acompanha as reações dos representantes, sejam ou não verbais, as suas próprias percepções e as informações sobre os eventos importantes na família, ele dirige a constelação através de mudanças de posições, da inclusão de pessoas que faltam e de novas perguntas, até que se tomem claros os contextos importantes da demanda do cliente. Passo a passo revela-se o que onera a alma do grupo, prendendo-a um destino funesto e pressionando por uma conclusão ou uma cura.

Justamente nas constelações em que o terapeuta se deixa guiar por seu saber sobre as ordens do amor, é sempre necessário que ele não se atenha a regras rígidas mas confie na manifestação do amor, da força e da verdade do sistema. Se um “erro” do terapeuta o faz perder temporariamente o contato com o fluxo da constelação e com a manifestação da realidade envolvente e liberadora da família, isso não é tão mau, na medida em que ele pode corrigir e reencontrar o caminho. Tais erros são notados logo que se observam as reações dos representantes, do cliente, do grupo e a repercussão no próprio terapeuta. Quando uma constelação não vai adiante, isso raramente significa uma percepção deficiente por parte do terapeuta. Geralmente é necessária uma nova informação que recoloca o processo em movimento.

*Uma mulher sentia-se como que separada em seu amor por seu marido e vivia algo semelhante na relação com sua mãe. Quando interrogada, mencionou que sua avó morrera tuberculosa quando sua mãe, a caçula, tinha três anos de idade. Na constelação da cliente, com seu marido e os filhos, foi introduzida a sua mãe e diante dela a falecida avó, deitada no chão. Todos os representantes estavam totalmente rígidos. Percebeu-se imediatamente como esse evento tinha paralisado a família nas duas gerações seguintes. O terapeuta levou a mãe da cliente a dizer algumas frases à avó, esperando que elas derretessem a dor enrijecida pela perda prematura, mas a rigidez permaneceu. Somente quando a cliente informou que a avó, antes de morrer, esteve por dois anos internada num sanatório, a mãe e a avó começaram a chorar ao mesmo tempo e se abraçaram entre soluços. Assim, o gelo foi quebrado por essa*

*indicação adicional, que deu a perceber que a interrupção do movimento afetivo da mãe não decorreu apenas da morte da avó, mas já resultara da separação anterior entre a mãe e a filha.*

Quando o terapeuta trabalha com as ordens do amor na constelação, o processo de descoberta e de solução, as reações verbais e não-verbais, a repetição de palavras de ligação e de liberação e a execução de gestos salutares, como um abraço, caminham juntos. Pessoas excluídas são “descobertas” e restituídas à família, eventos traumáticos são olhados de uma tal maneira que perdem seus efeitos angustiantes que separam e amortecem o amor. Cada pessoa encontra, da melhor forma possível, o lugar que lhe toca na família, de modo que o pertencer e o amor podem ser assumidos através de todos os acontecimentos.

Eu gostaria de trazer mais um exemplo a respeito.

*Um homem tinha um câncer de próstata. Sua moléstia provocava conflitos com sua mulher, porque tinham opiniões diferentes sobre a melhor forma de tratar a doença. Seus três filhos, entre seis e dez anos, sabiam da doença do pai, mas não da sua gravidade.*

*O homem constelou inicialmente sua família atual: a si mesmo, sua mulher ao seu lado e um pouco distante, e diante dos pais os filhos, próximos entre si. No primeiro interrogatório dos representantes, tudo estava relativamente bem, as crianças se sentiam bem com sua proximidade, sentiam-se amadas e bem cuidadas pelos pais. Apenas a mulher sentia falta do calor do marido. Num segundo passo, o terapeuta pediu que o cliente colocasse uma pessoa representando a sua doença. Ele escolheu uma mulher e colocou-a ao lado do seu próprio representante e bem perto dele, no espaço que o separava de sua esposa. A representante da doença sorriu para o marido e aconchegou-se a ele. A esposa deu espontaneamente alguns passos para o lado. Perguntada como se sentia, respondeu: “Isso é incrível, estou decepcionada e profundamente irritada. Se não fossem as crianças, eu iria embora.” O marido não tomou conhecimento da reação da esposa e disse: “Agora eu me sinto muito bem.” As crianças, porém, deram-se as mãos e se afastaram; a mais nova começou a chorar e caiu de joelhos.*

*O terapeuta perguntou ao cliente se ele tinha sido casado ou noivo anteriormente, mas ele negou. Então o terapeuta colocou ao lado do homem, a alguma distância, os seus pais. Eles olharam cordialmente para o filho, mas a mãe deu um passo para o lado, afastando-se do marido.*

*Então o terapeuta pediu às três crianças que se colocassem ao lado de sua mãe e, junto com ela, afastassem-se um pouco. Assim a criança mais nova pôde levantar-se. Quando o terapeuta perguntou ao representante do cliente como ele se sentia, ele disse: “Meu olhar se volta para meus pais, principalmente para o pai, mas o importante para mim é que a doença está perto de mim.” A “doença” disse, porém: “Alguma coisa mudou totalmente para mim. Meu olhar agora é atraído por aquele homem lá. Aqui onde estou, perco o contato interior. Acho que meu lugar é lá.” O terapeuta lhe pediu que executasse o movimento, e ela se aproximou do pai do cliente, aconchegou-se a ele e desandou a chorar.*

*O terapeuta perguntou ao cliente se o seu pai tivera um relacionamento com outra mulher antes de sua mãe. Ele respondeu: “Sim, meu pai estava noivo. Pouco antes do casamento ele conheceu a minha mãe, abandonou a noiva e no dia marcado para casamento não se casou com ela, mas com a minha mãe. Seis meses depois a noiva se suicidou.” Então o pai do cliente afastou a representante da doença, virou-se e colocou-se junto de sua esposa, tocando nela pelas costas e com o olhar voltado para fora. A “doença” se abaixou, escondeu o rosto entre as mãos e disse em voz bem baixa, mas audível: “Eu sou essa noiva!” Então deitou-se de costas no chão.*

*O terapeuta perguntou ao representante do cliente o que ele queria fazer agora, e ele respondeu muito contente: “Gostaria de deitar-me ao lado dela.” Ele fez isso, e os dois se abraçaram ternamente. O terapeuta aproximou-se do pai do cliente e lhe perguntou se ele queria e podia fazer algo por seu filho. A resposta foi um decidido “Não”. Também a mãe do cliente, que entrementes também tinha se virado e se postara ao lado do marido, sacudiu a cabeça. (Ambos os pais ainda estavam vivos à época da constelação.) O terapeuta se dirigiu para a “doença”, isto é, a noiva. Também ela não queria ter mais contato com seu antigo noivo. Perguntado pelo terapeuta se precisava de alguma coisa, o representante do cliente disse: “Estou bem aqui.” Com isso o terapeuta encerrou a constelação, voltou ao seu lugar, ao lado do cliente e lhe perguntou se ele ainda precisava de alguma coisa. Também o cliente parecia bem desfogado e respondeu: “Não.”*

*Depois do seminário de constelações, o cliente submeteu-se às terapias indicadas pelos médicos, que antes*

*ele tinha recusado. Isso melhorou bem o seu relacionamento com a esposa. No entanto, dois anos depois, seu estado se agravou de repente, com o aparecimento de metástases por todo o corpo. Ele procurou o terapeuta mais uma vez, para uma sessão individual, pareceu totalmente reconciliado com seu destino e perguntou qual seria a melhor maneira de comunicar aos filhos sua morte iminente.*

É justo perguntar: o terapeuta não deveria ter feito mais alguma coisa para desvincular o homem de sua doença mortal? Isso é muito difícil de julgar fora da constelação. O terapeuta só pode seguir, no processo da constelação, as pistas descobridoras e liberadoras que são sustentadas pelos representantes e estão em concordância com a realidade do sistema familiar, na medida em que isso pode ser sentido através da constelação e da reação do cliente. Embora seja sua tarefa apoiar os representantes e o cliente, quando eles mesmos não podem encontrar a solução, o terapeuta não pode trabalhar contra as percepções e os sentimentos deles.

Buscar de qualquer maneira, nesse caso, uma solução para salvar a vida do cliente, contrariando as forças da constelação e as do próprio cliente, seria forçar uma solução aparente, uma ilusão fora da realidade. Com isso o terapeuta ficaria totalmente sobrecarregado, sofreria uma enorme pressão com a tentativa de ajudar de qualquer maneira, e por fim perderia a confiança do cliente. A confrontação com a morte, que se evidenciou quando o representante do cliente permaneceu deitado em paz ao lado da “doença” (ou da noiva do pai), talvez tenha possibilitado ao cliente submeter-se às prescrições dos médicos. Ao mesmo tempo, sua reação mostrou que no fundo do coração ele estava convencido de que queria e devia resolver alguma coisa por seu pai com sua doença e sua morte.

Uma constelação não tem a função de encontrar a qualquer custo uma solução. Ela não pode induzir alguém a fazer algo ou convencê-lo de alguma coisa se não for sustentada pelas forças do sistema familiar ou da *grande alma*. As constelações falam e convencem por si mesmas. Às vezes o terapeuta segue as próprias imagens, que os representantes não compreendem ou então ele pede aos representantes que digam ou façam algo difícil. Com isso, o terapeuta frequentemente revela algo essencial, que traz progresso para o cliente. Entretanto, ele deve estar sempre pronto a colocar à prova suas próprias imagens, eventualmente corrigi-las ou abandoná-las e a confiar em seu efeito sobre os representantes e o cliente.

Quando se torna evidente que a forma como são constelados alguns membros da família oculta uma dinâmica importante, é útil criar inicialmente uma ordem parcial e em seguida começar com perguntas ou com o movimento de algumas pessoas importantes. Frequentemente os filhos são colocados de uma forma que oculta a dinâmica entre os pais. Quando a relação do casal fica no primeiro plano é possível tirar os filhos do campo dessa relação, ordenando-os preferivelmente por ordem de idade e afastando-os, para que se possa trabalhar com liberdade a dinâmica do casal.

De um modo geral, é melhor aprofundar-se com poucas pessoas do que acompanhar tudo o que é animicamente relevante numa família. A tentativa de abarcar totalmente processos anímicos, além de inviável nesse contexto (em sessões individuais o terapeuta é mais livre para abordar múltiplas dinâmicas familiares), diminuiria a força, o direcionamento e a eficiência das constelações e comprometeria a busca de uma solução imediata.

Igualmente perigosa seria a tentativa de enquadrar as constelações e seus processos em esquemas lógicos e explicações causais. Por exemplo, no caso mencionado não poderíamos afirmar: “Porque o pai não honrou a noiva e o suicídio dela, seu filho único teve que restabelecer a ligação através de sua morte.” As imagens da constelação ajudam-nos apenas a perceber uma conexão aproximada. O objetivo é a clareza que a ação proporciona, não a explicabilidade. Segundo o dito de Werner Heisenberg, a exatidão é o oposto da clareza.

Assim, uma constelação precisa ser clara, mas não exata. Ela não reproduz a verdade, mas revela algo da verdade de uma família. Um cliente pode acolher sem esforço em sua alma uma constelação esclarecedora e, se necessário, adaptá-la à realidade interna e externa mais precisa de sua família. Tal como uma boa pintura, uma constelação condensa e toma estranha uma realidade. Justamente por isso ela tem a capacidade de apontar para algo mais essencial do que a vivência da realidade familiar pode revelar. Não se trata de dizer: “É exatamente assim!”, mas de dizer: “É isso aí!” Encaramos um contexto onde há um efeito global, não uma realidade analisada e justificada em suas causas. A “totalidade” de uma constelação não se revela a partir da análise, mas da “participação”.

## A ordenação do sistema familiar

Podemos distinguir entre uma reordenação e reorientação interna, que resultam de frases e gestos de solução entre as pessoas da constelação, e uma reordenação externa, que se manifesta na imagem final da constelação e atribui a cada membro da família o seu lugar certo e liberador no sistema.

Com a evolução das constelações, que começa com a ordenação das relações e depois se concentra nos movimentos da alma em face da doença e da morte, da desgraça e da culpa, as constelações, em sua maioria, já não são levadas tão longe até que se obtenha uma imagem de solução para toda a família, na qual cada um ocupa o lugar que lhe compete. Agora elas frequentemente são encerradas quando um movimento importante da alma é trazido à luz ou quando se manifesta um processo salutar. Além disso, atualmente as constelações se concentram mais nos campos maiores das relações sociais, pois as famílias se vinculam de tal maneira a esses campos que as ordens familiares se tomaram insuficientes para os necessários processos de solução. Por exemplo, os descendentes dos perpetradores e das vítimas do regime nazista não podem superar aquelas injustiças simplesmente pela ordenação de suas relações familiares.

As imagens de solução, no sentido de uma constelação familiar espacialmente ordenada, preservam entretanto sua importância e utilidade quando um cliente procura o seu lugar na família. “Compartilhar um espaço”, “ter um espaço para si”, “ocupar o seu lugar na vida” refletem a nossa experiência básica de que as relações se desenvolvem no espaço, e portanto precisamos criar e “repartir” espaços. Um mesmo espaço não pode ser ocupado por várias pessoas. “Espaço” e “lugar” são constantes básicas das vivências corporais e anímicas.

*Um senhor de idade, que estava em risco de suicidar-se, compareceu a um grupo e falou do sentimento de culpa que o torturava por longo tempo, desde que o filho mais velho, depois de um atrito com ele, cometera suicídio. Um interrogatório mais detalhado deixou claro o motivo real do suicídio do filho. A família tinha cinco filhos e vivia apertada numa residência pequena. Três dias antes do suicídio, a mãe comunicara, na hora do almoço, que estava novamente grávida. Então o filho mais velho ficou em pânico e exclamou: “Mas nós não temos mais lugar!”*

*Na constelação o terapeuta colocou a família na ordem conveniente: os pais lado a lado, e os seis filhos, em círculo diante deles, por ordem de idade. Então aconteceram diálogos tocantes entre o pai e filho mais velho e entre o irmão mais novo e o irmão mais velho, que lhe cedera o lugar. O “sacrifício” do filho e irmão mais velho foi reconhecido e aceito e foi confirmado o lugar que ele, como o filho mais velho, continuava ocupando na família, mesmo depois da morte.*

Numa família com muitos filhos, a experiência do lugar e do espaço é bem diferente da experiência de uma família pequena. É diferente para alguém simplesmente saber que é o terceiro filho na família ou sentir isso concretamente numa constelação, quando a fila dos irmãos é colocada diante dos pais. Irmãos prematuramente falecidos, que alguém não chegou a conhecer ou que não conheceu mais, reivindicam de repente um lugar numa constelação e desejam estar entre os seus irmãos. Vínculos e relações que nunca se tomaram fisicamente reais, por exemplo, com um pai desconhecido, tornam-se subitamente “palpáveis” e podem ser imediatamente vividos pela atuação da alma.

Muitos clientes provêm de condições familiares estruturadas de forma muito complexa, e isso suscita problemas. Por exemplo, uma certa mulher não conheceu o seu pai. Sua mãe teve sete filhos com seis homens diferentes, dois dos quais ajudaram a criar os filhos. Qual é o lugar dessa mulher na família? - Certo homem foi o único entre seis irmãos a sobreviver a uma epidemia de gripe. Que sensação ele tem quando entra em contato com representantes desses cinco irmãos? - Um rapaz que se julgava o primeiro e único filho de uma família vem a saber que tem um irmão de uma relação anterior do pai. Como se sente ele, quando toma contato com esse irmão? - Qual é o lugar de um filho adotivo, entre os pais verdadeiros e os pais adotivos, os irmãos verdadeiros e os irmãos adotivos? - Que lugar deve ocupar na família um pai que passou quatro anos na prisão? - Qual é o lugar conveniente para um filho gerado numa relação extraconjugal do pai, entre o seu terceiro e o seu quarto filho legítimos? - Qual é o melhor lugar para cada criança numa família em que cada um dos parceiros levou filhos de casamentos ou de relacionamentos anteriores? Que diferença faz, se esse casal vem a ter um filho comum? - Crianças abortadas precisam receber um lugar? Caso afirmativo, junto de quem: dos irmãos, de ambos os pais, apenas da mãe ou do pai?

A fascinação original das constelações familiares baseava-se, em grande parte, na possibilidade de obter respostas para estas perguntas, através das imagens da constelação e da maneira de sentir os lugares. Encontrar na constelação uma ordem familiar saudável é tarefa do terapeuta. Os representantes geralmente não conseguem encontrar por si mesmos os lugares certos. Estão enredados no sistema, como as pessoas reais que representam. Através dos pressupostos e de suas experiências comprovadas, o terapeuta possui um saber sobre as ordens convenientes, e o fato de estar fora do sistema lhe possibilita uma visão do conjunto, mas ele precisa do retomo dos representantes: “Sim, assim está bem” ou “Não, lá junto de minha mãe eu me sinto melhor”.

Um sistema de relações está “ordenado” quando todos os representantes, na medida do possível, sentem-se bem no lugar que lhes foi atribuído e o consideram certo. As imagens da constelação de uma família que foi ordenada de uma forma liberadora podem diferir entre si, embora não possam ser arbitrárias. Numa família onde os pais se separaram, os filhos às vezes se sentem bem quando são colocados entre os dois. Podem também colocar-se diante dos pais, que ficam separados ou todos ao lado da mãe ou todos diante do pai. De modo geral, os filhos se sentem melhor, no final de uma constelação, quando, por ordem de idade, ficam diante dos pais. Assim, há uma separação entre pais e filhos, mas tanto os pais como os filhos se relacionam entre si. Então os pais sentem-se responsáveis pelos filhos, e os filhos sentem-se cuidados e podem ser “pequenos”, ficando na posição de quem recebe. Entretanto, quando um destino difícil pesa sobre a família, pode ser mais conveniente que os filhos se virem e juntos, de mãos dadas, olhem para a frente e deixem para trás o destino funesto, possivelmente pacificado. É fundamental que possa surgir uma imagem de solução que alivie e facilite, pois ela se grava na memória e pode gerar uma ação liberadora. Essa seria a imagem “certa”.

### **A imagem esclarecedora**

Portanto, uma imagem de solução “persiste” quando, depois que os movimentos e das palavras foram vivenciados, todos os representantes e o próprio cliente - que acompanhou de fora ou entrou pessoalmente na constelação - sentem-se bem e em ordem em seus lugares. Em várias constelações, quando terminam, toda a “família constelada” respira com um visível alívio. As fisionomias ficam lúcidas e abertas, às vezes mesmo irradiantes. Muitos clientes relatam posteriormente como a imagem da solução continuou a nutri-los e com que utilidade recorrem a ela nas situações difíceis da vida.

No entanto, seria um erro acreditar que se pode chegar a uma imagem de solução que satisfaça a todos. Frequentemente não se procura obter uma ordem benéfica para toda a família, mas proporcionar ao cliente a surpresa de descobrir o vínculo do destino e suas consequências. O objetivo pode ser também que a constelação leve a uma decisão, por exemplo, a de separar-se do parceiro, encerrar um luto ou permanecer vivo, embora o fim ainda incerto não possa ser antecipado numa imagem de solução.

Por mais benéfica que seja uma boa imagem de solução, nem sempre se recomenda terminar “bem” uma constelação. Especialmente as constelações em que se manifesta um destino difícil conservam muitas vezes uma força maior quando são encerradas no auge dos acontecimentos. Isto frequentemente estimula as forças salutares na alma, mais do que uma boa imagem de solução. Algumas imagens de solução estão longe de serem agradáveis, porque mostram consequências difíceis de suportar. O que significa, na verdade, uma solução? Temos certeza sobre o que realmente resolve? A solução significa, em qualquer caso, que tudo fica bem ou, ao contrário, muitas soluções não consistem em reconhecer que algo não pode ser mudado, que é preciso conformar-se, ou enfrentar o inevitável ou é preciso confiar em algo imprevisível, que não está em nossa mão? De qualquer maneira, tanto no decorrer da constelação quanto na imagem final é preciso que se revele algo que “esteja certo” e, por essa razão, continue atuando no cliente.

As constelações são um processo referenciado por imagens. Uma vez que as relações no mundo exterior e na vivência interna também se configuram no espaço, elas são percebidas e também representadas de modo predominantemente visual. As imagens visuais, conscientes ou não, assumem nas constelações uma configuração externamente perceptível, que se modifica através dos movimentos e trocas de posição dos representantes, revelando e mudando rumos. Quando se associam a uma nova qualidade de sentimento, elas são recebidas como “imagens de solução” no “espaço interior” da alma (do grupo) e ali operam os seus efeitos. Algumas imagens precisam, porém, permanecer “externas”, quando representam algo pesado e assustador que foi tomado de outras pessoas,

sobretudo dos pais.

*Uma mulher, devido a dificuldades em seus relacionamentos com homens, já havia feito várias constelações. Embora tivesse encontrado clareza em importantes domínios de sua vida, ainda não conseguia manter relações duradouras. Também com sua mãe não tinha um relacionamento tranquilo. Sentia um certo medo quando estava em sua companhia e a julgava, muitas vezes, ausente e fechada. O terapeuta colocou inicialmente apenas uma representante para a mãe, pedindo-lhe que seguisse totalmente os seus impulsos. Depois de algum tempo, a representante, como se entrasse em transe, foi tomada por movimentos e gemidos que denotavam claramente uma vivência sexual, acompanhada de pânico, medo, dor, agressão, vergonha e simultaneamente de prazer. O terapeuta deixou a representante entregue à sua enorme força de expressão, até a exaustão. Em seguida escolheu uma representante para a avó da cliente. Levada para junto da filha, a mãe tomou-a nos braços. Então a filha fechou os olhos e chorou mansamente, até que se acalmou.*

*A cliente assistiu, sem fôlego e fascinada, ao processo de sua mãe. No final ela disse ao terapeuta: “Eu sempre pressenti que minha mãe, quando era bem jovem, passara por uma experiência sexual muito dolorosa. Agradeço a você por me ter permitido presenciar isso. Eu sempre senti dentro de mim e presenciei-o. Agora está fora, com minha mãe. Tenho a sensação de que afinal posso respirar livremente.”*

Tais soluções são necessárias, mas geralmente provisórias. Na maioria das vezes é preciso dar um passo a mais, ajudando a filha a assumir a mãe e a relacionar-se com ela, sem medo de identificar-se com suas dolorosas vivências. É preciso que aconteça na alma da família um processo de solução, para que as terríveis vivências se desprendam da mãe e do seu sistema e sejam relegadas ao passado, e os encontros entre a mãe e a filha voltem a ser cordiais.

### **A palavra que amarra e a palavra que desamarra**

Em muitos casos, as “imagens” da constelação falam por si, sem necessidade de interpretação. Mesmo que sejam ambíguas para os espectadores, elas podem proporcionar clareza ao cliente, pois sua alma sabe disso, mesmo que de modo inconsciente, pela participação no que acontece na família. Frequentemente, porém, as constelações só recebem sua determinação concreta e sua qualidade liberadora através das palavras. A imagem permite perceber contextos, as frases conferem ressonância e força. Alguns movimentos de representantes só se tomam claros por meio de breves descrições. Alguns “movimentos da alma” só recebem sua direção e sua dinâmica através de “frases-chaves”. Já mencionei exemplos disso, como as poucas frases na constelação da brasileira: “Tantos mortos!”, “Ninguém me ajuda?”, “Estou tão cansada!” O pai de um certo cliente, quando confrontado com um representante de um fato que ocorreu durante uma fuga, exclamou de repente: “Tenho que fuzilar você para poder chegar em casa.” A representante de uma cliente apontou para o representante de seu pai e disse, com toda a convicção: “Este não é o meu pai!” Sem tais frases algumas constelações não revelariam acontecimentos essenciais nas famílias.

Essa é apenas uma das funções das palavras nas constelações. Com mais frequência elas servem para expressar o que cria vínculos e o que libera deles nas famílias. Pede-se aos representantes ou ao cliente que expressem, geralmente por frases formuladas pelo terapeuta, o que os amarra ao destino de outros ou os ajuda a desprender-se desse vínculo. Para que façam seu efeito, essas frases precisam nascer do processo da constelação e ser sentidas pelos representantes como adequadas e liberadoras. Elas ocorrem naturalmente ao terapeuta ou também aos representantes, quando o que acontece na constelação é sustentado pela alma do sistema do cliente. Elas tocam e mobilizam a alma.

As frases que amarram servem para revelar e para esclarecer um vínculo ao destino. Por exemplo: “Mãe, vou seguir na morte a sua irmã, para que você possa ficar com o papai” ou: “Querido vovô, você perdeu tudo, eu também não vou guardar nada, para ficar perto de você e para que você não fique sozinho quando for condenado pela família.” Essas frases mexem muito com o cliente porque exprimem, para sua surpresa, o que ele sempre sentiu ou mesmo pressentiu em relação à sua própria vida. Elas colocam no contexto de uma ligação de amor os problemas experimentados por ele.

As frases de solução fazem com que essa ligação do destino se volte para o domínio aberto da vida. Elas honram o destino das pessoas ligadas, levam em conta a sua dor e o seu amor, e deixam o destino alheio nas mãos daqueles que devem carregá-lo e provavelmente já o carregam há muito tempo. Assim, o terapeuta faz com que a filha, por exemplo, diga à noiva abandonada pelo pai: “Eu vejo a sua

raiva e conheço essa raiva. Vejo atrás dela a sua dor e conheço essa dor. Retomei, da minha maneira, uma parte de sua vida. Por favor, seja bondosa se agora eu me afasto de você, se deixo com você e o papai o que não resolveram, e fico perto de minha mãe. Foi uma bênção para mim que o papai tenha se casado com minha mãe e não com você. Seja amável com minha vida, mesmo eu não sendo a sua filha.” Talvez ainda seja preciso dizer uma breve frase, por exemplo, a um irmão: “Você faz parte da família, como eu” ou uma palavra ao pai: “Obrigado!”

Essas frases só fazem efeito no confronto com a pessoa a quem se está vinculado. O conflito, a fala e a ligação de amor devem ser expressos de uma forma concisa, mencionando o que é essencial na relação.

O terapeuta verifica cuidadosamente se os representantes ou o cliente realmente se tocam e sentem essas frases de modo adequado e liberador ou se simplesmente as repetem mecanicamente. Se as frases não são sentidas como adequadas, é preciso procurar outras. Se o terapeuta percebe que as frases da solução, embora corretas, não mobilizam ou não são aceitas, ele precisa talvez abordar outro elemento da dinâmica do sistema. Por exemplo, pode levar primeiro a mãe e o pai a um diálogo adequado e, em seguida colocar diante deles o cliente. Então ele talvez consiga dizer-lhes: “Vocês podem me tomar como seu filho.” Quando não surte efeito uma confrontação com frases que vinculam e desvinculam, provavelmente ainda existe algo a resolver entre outras pessoas do sistema ou não foi levada em conta uma dinâmica decisiva.

As frases que expressam o vínculo e a solução tocam o cerne do trabalho das constelações: as “ordens do amor”. Elas exprimem o movimento e a ordem da alma no bom e no mau, colocando em vibração as “imagens da alma”. As imagens pressionam para serem expressas em palavras. Uma enorme quantidade de literatura dá testemunho disso. A fala tocante, pronunciada num confronto direto, abre os olhos. Nos aconselhamentos pelo telefone, quando se consegue, através da palavra, tocar e comover a alma em suas imagens, experimentamos como é importante no âmbito da psicoterapia e do aconselhamento a palavra concentrada, essencial e imaginativa. A decisão sobre quantas e quais palavras são necessárias pertence à arte do terapeuta.

## **O ritual que mobiliza**

Em muitas constelações, o evento visual e verbal é acompanhado por rituais. Um ritual é um procedimento uniformemente repetido, através de um gesto ou com o apoio do corpo, para efetuar uma ligação com as dimensões profundas da realidade. Ele permite experimentar corporalmente forças anímicas que não poderiam ser integralmente transmitidas pela simples comunicação oral. O termo “ritual” talvez não se aplique adequadamente ao contexto das constelações, pois elas geralmente trabalham com gestos únicos que não envolvem repetições litúrgicas. De resto, para muitos consteladores essa palavra está excessivamente associada à religião e liturgia. A psicologia e a pesquisa comportamental, desde o século XX, utilizam o termo como expressão técnica, para designar formas de comportamento estereotipadas, padronizadas e ritualísticas. Nas constelações, “ritual” significa procedimentos relativamente constantes, que induzem os clientes a uma vivência salutar que envolve também o corpo. Dois desses procedimentos eu gostaria de descrever aqui: a reverência e a fila dos antepassados.

## **A reverência**

Nas constelações familiares são utilizados dois tipos de reverência, com significados e aplicações bem diferentes.

Na *inclinação profunda* a pessoa se curva até o chão, geralmente diante de seus pais, para abandonar uma atitude arrogante. Ela pode ser indicada quando alguém recusa aproximar-se dos pais, trata-os com orgulho, fez graves acusações ou mesmo atos contra eles, mas também quando alguém, numa tentativa amorosa de ajudar ou salvar os pais, colocou-se em posição superior a eles. A inclinação profunda “rebaixa”, faz com que o cliente volte a ser uma criança crescida que aceita e assume o que recebeu dos pais. Essa reverência restabelece o desnível na direção do “fluxo da vida”, para que, em lugar da pretensão que separa e mata a dedicação, possa fluir de novo o amor. Tenho percebido com frequência casos em que uma inclinação profunda diante dos pais ajuda o cliente a livrar-se de um sentimento de culpa longamente represado e de uma atitude arrogante assumida como resposta a uma necessidade. Nesse caso, geralmente os pais, nas constelações e também na vida real, acolhem a criança de novo com amor e respeito.

A palavra “rebaixa”, colocada entre aspas, sugere que uma reverência profunda pode ser problemática numa constelação, e o terapeuta precisa ter muito cuidado em adotá-la. Uma inclinação profunda não é indicada quando a pessoa que se curva se sente humilhada pelos pais. Isso acontece, por exemplo, se isso desperta a recordação de graves maus tratos físicos recebidos dos pais. A reverência profunda é prejudicial se enfraquece ou desonra e nem sempre o terapeuta está seguro de que ela venha a ter um efeito salutar e proveitoso. Isso pode ser testado pela reação dos representantes, que geralmente é um indicador confiável de sua adequação e de seu efeito, liberador ou não. De mais a mais, o cliente tem a liberdade de realizar interiormente - na medida em que acompanha a constelação - um gesto que talvez receie executar em público. Quando é adequada, a inclinação profunda aumenta a dignidade dos envolvidos, dá força, libera e oferece uma nova chance ao fluxo da vida.

Alguns consteladores contestam a oportunidade da reverência profunda, julgando ser útil tentar identificar, por trás da arrogância em face dos pais, o amor da criança no sistema familiar, na suposição de que a revelação de determinados eventos marcantes e das conexões do destino tomarão supérflua a arrogância, permitindo que ela seja abandonada.

A reverência profunda revela-se frequentemente um processo salutar nas constelações quando é realizada não pelo cliente mas por seus pais ou avós. Naturalmente, nenhum terapeuta tem o direito de exigir dos pais de um cliente, mesmo apenas numa constelação, que se curvem diante de seus pais ou do destino. Entretanto, através dos representantes, pode-se mostrar ao cliente o efeito que se produz no sistema quando os pais se curvam.

Quando isso se consegue na constelação, é sinal de que eles geralmente já o realizaram na realidade, embora esse movimento da alma ainda não tenha chegado ao cliente. Muitas vezes experimentei como a reverência de um dos pais ou de ambos alivia um cliente e o ajuda a curvar-se por sua vez ou, mesmo sem esse gesto, a deixar fluir de novo o seu amor. Apesar de todas as boas intenções nas famílias, atitudes arrogantes acontecem, e as consequências desastrosas que podem acarretar aos clientes e a suas famílias justificam uma inclinação profunda do cliente. Não foi em vão que no passado a reverência profunda se desenvolveu como um ritual culturalmente importante.

A *inclinação leve* é mais contida do que a reverência profunda. Ela se faz menos aos próprios pais, em razão de uma arrogância, do que ao destino que atua na família e ao grupo que carrega esse destino. Ela é um gesto amplo de respeito e de homenagem: curvamo-nos diante das grandes forças que atuam para além dos indivíduos e diante de seus efeitos determinados pelo destino. Com ela prestamos homenagem aos antepassados e ao que diz respeito a eles. Nela aceitamos os efeitos que o destino de outros trouxe à nossa própria vida e deixamos que esse destino seja relegado ao passado. Nessa inclinação algo “declina”, isto é, chega a um fim; de modo que deixe de pesar sobre o futuro e de desfigurá-lo.

Uma reverência é indicada apenas quando ela respeita e aumenta a dignidade de todos. É uma atitude para adultos. As crianças não precisam fazer reverências, leves ou profundas, a não ser como uma expressão de homenagem culturalmente inserida ou para aprender algo de que o adulto necessita. Eu próprio, certa vez, como representante de um rapaz de doze anos, recusei-me a atender ao pedido de um terapeuta para reverenciar um avô envolvido no regime nazista. Como representante do rapaz, eu amava esse avô, mas inclinar-me diante dele, de suas vítimas e de seu destino, era demais para mim. Isso teria me dado medo, teria me subjugado. Eu disse: “O papai deve inclinar-se, mas não eu.” Então senti alívio ao presenciar, ao lado do pai e estreitamente aconchegado a ele, como ele se inclinou diante de seu pai e das vítimas dele, sem que eu precisasse ocupar-me do assunto. Assim, amorosamente e perto do “meu pai”, pude olhar para aquele avô no círculo de suas vítimas.

Profunda ou leve, a reverência contém, além do processo mais ou menos profundo da inclinação, que afeta o corpo e a alma, um outro componente importante, que é o reerguer-se. Nesse gesto manifestam-se a coragem e a humildade, a sinceridade e a humanidade, a força de olhar-se nos olhos, o ato de assumir responsabilidade, o apoio a si mesmo e aos outros e a prontidão em tomar nos ombros o peso que precisamos carregar.

### **A fila dos antepassados**

Já mencionei como é importante, para a força de vida de uma pessoa, que ela sinta o apoio dos seus antepassados e se perceba conectada ao fluxo da vida. A colocação de uma fila de antepassados por

trás do cliente é frequentemente utilizada nas constelações como um recurso para receber informações que faltam sobre eventos acontecidos na família, num passado, remoto, através das reações dos representantes dos respectivos antepassados. É utilizada também como um ritual pra o “abastecimento” de força. A fila dos antepassados pode ser formada por casais ou então por uma fila de homens ou por uma fila de mulheres, de acordo com o sexo do cliente. Os homens apreciam atrás de si a fila onde estão o pai, o avô, o bisavô e talvez outros antepassados, principalmente quando sentiram falta da força positiva do pai e dos homens em geral. As mulheres recebem força na fila das mulheres, principalmente quando se ligaram mais ao pai ou a outros homens da família e agora se reencontram com a mãe e com as mulheres.

A fila de antepassados só é plenamente assumida quando não há mais separação entre o cliente e eles. Se existe uma interrupção na fila, e algum antepassado quer sair dela ou retomar a ela, o terapeuta procura obter informações que esclareçam o fato e, se possível, restabeleçam o contato. Quando o cliente não sabe informar, o terapeuta confia na reações dos representantes, nas próprias percepções e no processo que se manifesta.

*Num grupo de casais, em conexão com um problema sexual, uma mulher foi constelada diante de seu marido. Atrás dos parceiros foram colocadas duas filas, uma de homens e outra de mulheres. O homem mostrou uma reação calorosa aos homens às suas costas e prazerosa em relação à sua esposa. Ela, porém, permanecia totalmente rígida e sem reação. Então, em sua fila, a quinta mulher caiu estatelada no chão, felizmente sem se machucar. Então a esposa aproximou-se da mulher que jazia no chão, olhou-a com curiosidade por longo tempo, em seguida aproximou-se de seu marido e o abraçou cordialmente.*

Quando os pais se separaram e o cliente não conviveu com eles ou só conviveu por pouco tempo, é bom colocar os pais às suas costas, talvez apenas depois que o tenham tomado nos braços, como se fosse uma criança. Esse ritual significa que ele recebe e aceita a sua vida de ambos os pais, pois a força vital que atua através dos pais pode ser sentida na proximidade física e numa respiração profunda e tranquila.

Através da fila dos antepassados, a pessoa não somente tem a sensação de que é mantida e sustentada pelos pais, por sua linhagem e pela *grande alma*, mas também sente a força e tem a percepção de ter-se tomado adulta. Justamente quando se trabalha com vivências traumáticas e com as necessidades infantis do cliente, manifesta-se, com o movimento de amor, aquilo que dá firmeza, sustentação e força. Esse ritual também libera o olhar para o futuro. O que passou, com tudo o que contém de bom e de mau, fica atrás de nós como uma fonte de força e nos confiamos à direção desse fluxo de vida, que nos puxa para a frente.

## **Constelações da *grande alma***

Este livro se ocupa das constelações familiares. O trabalho com as constelações vem desenvolvendo há tempos outras formas de constelações - por exemplo, as constelações estruturais, organizacionais e políticas - abandonando uma conexão até então exclusiva com a alma familiar, as relações entre pais e filhos, os eventos familiares e seus efeitos sobre as gerações. Sem dúvida, o acento principal do trabalho com as constelações continua a recair no âmbito dos problemas psicológicos, atendidos por agências de aconselhamento e por aconselhores e psicoterapeutas autônomos, em sessões individuais ou de grupo. O olhar se alargou, porém, além disso, na direção das dimensões maiores da alma.

Com efeito, nossas relações familiares inserem-se nos desenvolvimentos históricos da grande rede social e dos eventos sociais, culturais e políticos. Para a maior parte das famílias na Alemanha, por exemplo, os eventos familiares e suas consequências não podem ser separados dos acontecimentos políticos do regime nazista e da Segunda Guerra Mundial e nem mesmo da Primeira Guerra. A avó psicótica ou o avô mongoloide que foram mortos pelo programa de eutanásia do nacional-socialismo; a noiva judia do avô que foi levada para o campo de concentração; a propriedade que foi adquirida pela família por baixo preço, em razão da fuga dos proprietários judeus; os pais que morreram na guerra, cumprindo seu dever de soldados ou participaram, em diferentes graus de concordância e crueldade, do fuzilamento de idosos, mulheres ou crianças, bem como de estupros; os numerosos conflitos étnicos em todo o mundo, a injustiça social, as violações dos direitos humanos e as ações terroristas - tudo isso transcende as soluções familiares e aponta para a necessidade de processos sociais para a

paz e a reconciliação. Dessa maneira, na medida em que o permitem o tamanho do espaço e do grupo, vítimas judias dos perpetradores do regime nazista, soldados de nações inimigas ou revolucionários e representantes de governos podem ser confrontados nas constelações. Então são entregues aos seus movimentos, para que se perceba o que pode trazer paz aos corações, em presença de grandes conflitos onde crescem as dimensões do “bem” e do “mal”. Os grandes acontecimentos políticos e sociais não levam em consideração os indivíduos e suas famílias, mas os indivíduos continuam sendo, numa interação extremamente complexa, os que agem e que sofrem, os “bons” e os “maus”. Os sistemas sociais e os sistemas maiores não se articulam apenas sob a forma de interações sociais neutras, mas também através do amor e do ódio dos indivíduos.

A reconciliação é o tema por excelência das constelações. O que foi dividido, excluído e separado quer juntar-se de novo, para que em nossa alma fiquemos em paz com a realidade pessoal, social e “cósmica” de nossa existência e para que nossa ação se livre, na medida do possível, da identificação com perpetradores e vítimas ou, pelo menos, do ódio. A evolução das constelações familiares mostrou que esse objetivo depende muitas vezes de um alargamento do nosso olhar, para além da família. Muitas vezes só é possível resolver algo na alma familiar, a destinatária do que chamamos de psicoterapia, quando ela se une às forças que podem proporcionar a paz nos domínios mais amplos da alma.

Isso explica que, algumas vezes, por exemplo, quando há uma relação difícil entre um cliente e seu pai, o terapeuta não coloque na constelação o próprio cliente, mas, baseado nas informações recebidas, introduza apenas o seu pai, ex-membro de uma corporação nazista, juntamente com outros perpetradores e as vítimas. Constele, junto com a família do cliente, os camaradas do pai que morreram na explosão de um tanque, enquanto ele escapou como único sobrevivente. Assim é possível elucidar a atração que o pai sentia pelas vítimas ou pelos companheiros mortos, e o movimento interrompido do filho para o pai aparece sob uma nova luz, diante do quadro de fundo da guerra e das forças poderosas que nela atuaram.

Gostaria de relatar mais explicitamente dois exemplos que evidenciam como os vínculos pessoais se entrelaçam em contextos mais amplos, e como as constelações necessitam movimentar-se num campo anímico mais amplo, através do método dos “movimentos da alma”.

*Uma mulher ainda jovem mantinha com seu pai uma ligação muito estreita, mas se dava muito mal em seus relacionamentos com os homens. Ela se apresentou como muito arrogante e efetivamente dava a impressão de ser orgulhosa, inacessível e sobranceira. Na constelação, revelou-se que sua relação real era com o avô paterno, que ela amava acima de tudo e morreu quando ela tinha quatorze anos. Era filha única e recebera o nome de Karla, enquanto o avô se chamava Karl. Ele era um general altamente condecorado, que servira na força aérea alemã e planejara suas incursões. Na constelação, enquanto muitos representantes dos mortos nos bombardeios aéreos estavam deitados no chão, o representante do avô, colocado diante deles, tinha a cabeça erguida e não olhava para os mortos, mas por cima deles. Solicitado a aproximar-se dos mortos e encará-los, respondeu: “Isso eu jamais farei!” Estava claro que ele não podia fazer isso. Se tivesse de encarar as pessoas cuja vida foi tirada por sua máquina de guerra, não teria podido fazer esse trabalho. Mesmo quando se deitou ao lado dos mortos, permaneceu totalmente distante. Somente com a frase: “Agora também vou me tornar pó, como vocês” ficou com lágrimas nos olhos. Apenas quando viu essa dor em seu querido avô foi que a cliente, sentada na roda, abaixou a cabeça e chorou.*

*Também entre os representantes dos mortos não se manifestou movimento algum. O acontecimento fora muito anônimo. Assim como o avô, a cliente não conseguia olhar para os mortos. Quem poderia fazê-lo nesse grande e terrível contexto anônimo? As lágrimas silenciosas do avô diante do “tornar-se pó” a ajudaram a livrar-se de sua atitude orgulhosa e a cair nos braços abertos de sua mãe. Não se soube se a constelação a ajudou a ter uma relação bem sucedida com algum homem, porém, no grupo ela mudou totalmente, mostrando seu lado caloroso e amável.*

*Num curso nos Estados Unidos, uma mulher quis obter clareza sobre se deveria voltar para a África. Era ajudante de desenvolvimento num país dilacerado pela guerra civil e sentia o impulso de voltar para lá. Portanto, não se tratava de uma questão familiar; mas de uma decisão profissional, embora tivesse um fundo familiar, pois o seu bisavô tivera muitas fazendas onde trabalharam muitos escravos. O terapeuta decidiu-se a fazer uma constelação “maior”. Escolheu representantes dos dois partidos da guerra civil*

*daquele país africano, de onde foram trazidos muitos escravos para a América, de modo que as duas filas se defrontavam. Em seguida introduziu, nos dois lados restantes, representantes dos colonizadores europeus e dos americanos que se “beneficiaram” com os escravos africanos, resultando um espaço cercado pelos quatro lados. Finalmente, colocou a representante da cliente na fileira dos americanos.*

*Num longo processo, onde foi concedida liberdade de movimento aos representantes, apareceram movimentos muito esclarecedores. Os representantes dos partidos da guerra civil avançaram uns contra os outros, como se estivessem lutando. Em seguida alguns se deitaram no chão, como mortos. Os europeus, em sua maioria, viraram as costas e se afastaram dos acontecimentos. Também alguns americanos se viraram, sem interferir. Mas a representante da cliente procurou entrar no meio dos combatentes para separá-los. De vez em quando inclinava-se para os mortos, parecia inquieta e com vontade de fazer alguma coisa. Então aconteceu algo peculiar. Inicialmente um, depois vários “africanos” tentaram expulsar a mulher de seu campo de luta, como se não quisessem a sua presença. Ela lutava por voltar e de novo era escorraçada.*

*Todo o processo passou a girar em torno dessa mulher, como se não houvesse mais sensibilidade em relação aos terríveis acontecimentos nesse país. Ela parecia totalmente desesperada, mas cada vez tinha menos chances de permanecer entre os africanos. Finalmente ela achou uma brecha para voltar ao círculo e se deitou no chão, ao lado dos mortos. Aí foi deixada em paz, e os combatentes que ainda estavam de pé voltaram a defrontar-se. Nesse ponto o terapeuta encerrou a constelação.*

*A cliente acompanhara o acontecido com grande expectativa. O terapeuta lhe disse, ao terminar: “Se você voltar à África, tome cuidado pela sua vida. ” Ela já tinha entrado anteriormente em situações muito arriscadas, e nessa constelação ficou claro outra vez que ela estava se colocando em perigo. Evidenciou-se também que nesse país sua ajuda ou o tipo de ajuda que oferecia não era não era bem-vinda. Talvez, com sua compulsão de ajudar, estivesse provendo mais a sua própria necessidade que a das pessoas assistidas. Talvez essa mulher estivesse sendo impelida por uma profunda necessidade de reparar algo por seu tio em favor dos escravos e quisesse pagar um preço, mesmo a custo da própria vida, pela riqueza que sua família adquiriu à custa dos escravos.*

Não se comentou a constelação, para que o processo da alma e a decisão da mulher não fossem onerados por interpretações e esclarecimentos. Foi simplesmente mostrado à cliente o que se passou - algo que o terapeuta não conhecia previamente e precisou “aprender” a partir da própria constelação.

Embora os campos dessas constelações sejam mais amplos do que os das relações familiares, no âmbito da terapia e do aconselhamento elas continuam associadas à realidade familiar. O amor que nos vincula ao sistema familiar também atua sempre em nossas reações anímicas aos acontecimentos e às forças que operam nos grandes espaços. A realidade familiar e a realidade suprafamiliar permanecem interligadas em nossa alma. A alma familiar nos proporciona as forças individuais instintivas e as “imagens” e objetivos da solução. As “camadas” anímicas maiores mantêm em disponibilidade as concepções e as “energias” - talvez denominadas espirituais - que, superando os estreitos vínculos familiares, conduzem ao reconhecimento liberador da realidade social e “religiosa” - no sentido de nossa ligação ao grande “Todo” que abrange a nossa existência. Esses campos maiores, embora nos inclua a todos, individualmente e em nossas relações, nem sempre têm uma importância prática para trazer uma solução numa situação problemática de um cliente. Uma vez que essas constelações, com espaços anímicos mais amplos, frequentemente impressionam e mobilizam todos os presentes, o terapeuta é tentado a recorrer a essa realidade “grande” e “poderosa”. Entretanto, a referência aos grandes contextos da alma não possui a força apropriada se não for sustentada pela questão e pela energia do cliente. Nesse caso, os contextos permanecem muito gerais, talvez interessantes, mas sem um significado real e sem relevância para a ação.

No âmbito da terapia e da ajuda à vida, a maior parte das constelações permanece relacionada à esfera familiar. Quando constelamos sintomas, eles aparecem frequentemente como pessoas da família, com seus sofrimentos. A “guerra”, como um acontecimento que envolve milhões de pessoas, mostra-se importante numa constelação “apenas” na medida em que manifesta a impotência de uma criança pequena diante das forças que mantiveram o seu pai sob o impacto da guerra. A dimensão humanitária ou espiritual, com seus movimentos de sintonização com a realidade que abarca tudo e todos, vincula-se, nas constelações familiares, à força individual da vida e ao fluxo do amor ao pai, à mãe, aos irmãos, aos parceiros, aos próprios filhos e às pessoas a quem somos ligados.

## O fechamento das constelações

O melhor momento para terminar uma constelação se oferece quando se manifesta o que libera, e quando a força e a energia chegam ao auge. O cliente pode então deixar a constelação “carregado com a solução”. O terapeuta entra em sintonia com o processo da constelação, de forma que o seu encerramento é visto como o início apropriado para que o cliente faça ou deixe acontecer algo de útil em sua vida, em face do que se manifestou. Um excesso de *insights* ou de caminhos de solução deixa na sombra, muitas vezes, o elemento decisivo, enquanto sua insuficiência deixa o cliente perplexo. Algumas constelações completam um desenvolvimento do cliente, outras dão uma primeira indicação surpreendente.

Os clientes complementam facilmente em sua alma os detalhes ainda necessários, que sobrecarregariam a constelação ou a tornariam enfadonha. Quando os representantes ficam cansados e não se manifesta mais nenhum impulso forte que faça progredir, é tempo de terminar. Quando o cliente não consegue acompanhar a constelação ou o terapeuta não a sente mais ou quando a situação fica confusa ou não se mostra mais nenhum traço de um amor que poderia ligar e desvincular, é necessário encerrar ou interromper a constelação. Talvez surja mais tarde uma ocasião para uma retomada, com mais informações, mais abertura para os processos, uma necessidade mais imediata e o que a condiciona.

Os cortes podem ser muito penosos para os clientes. Todavia, essa dor pode produzir uma grande força propulsora, para levantar informações na família, trazer à tona sentimentos com que se possa trabalhar ou para distinguir entre o essencial e o acidental, entre o que resolve e o que afasta da solução. Quando uma constelação não consegue conectar-se com a realidade familiar, também o cliente fica contente com a interrupção. Com irrealdade e fantasia não se vai longe.

Por mais curta que tenha sido uma constelação, o cliente precisa da sensação de ter acontecido algo importante para ele e de ter sido suficientemente ouvido, mesmo que o terapeuta praticamente não tenha abordado o que o cliente quis contar e o tenha levado a um lugar bem diferente do que onde ele pensava chegar. O cliente sabe que agora ficará sozinho com a sua vivência e precisará assumir a responsabilidade sobre o que fará com ela. O término da constelação rescinde o contrato do cliente com o terapeuta. O cliente poderá voltar a procurá-lo, durante o próprio curso ou depois dele, se os seus problemas necessitarem de um esclarecimento posterior.

Encerrar uma constelação implica também dispensar os representantes. Alguns terapeutas recorrem para isso a um ritual, por exemplo, pedindo ao cliente que dê a mão a cada representante, agradeça-lhe e o libere expressamente do campo de força de sua família. Geralmente os representantes não têm dificuldade de deixar os seus papéis, especialmente quando a constelação foi vivenciada como portadora de solução. Não é fácil permanecermos sob o feitiço de “forças estranhas”.

Contudo, alguns representantes ficam muito onerados depois de uma constelação. Alguns papéis exigem deles muito investimento emocional e não se deixam sacudir de um momento para outro, principalmente quando não houve a liberação do que pesava. Nessa situação, é útil que o representante olhe interiormente para a pessoa representada e lhe diga: “Em sua honra, ainda ficarei um pouco em sua companhia e com o seu pesado destino e depois me retirarei.” Depois de algum tempo, o representante realmente se livra do papel e das forças que nele atuaram.

Não é preciso temer pelos representantes, se bem que frequentemente eles fiquem muito onerados, e às vezes corram o risco de escorregar momentaneamente num sintoma corporal ou mesmo numa psicose. Na maioria das vezes, o representante percebe e distingue claramente o que os conduz em seu papel. Quando o papel o subjuga, o terapeuta deve tirá-lo dele e saber como agir nessas situações extremas, por exemplo, trazendo-o de novo à realidade com perguntas totalmente inesperadas, interrompendo uma eventual hiperventilação ou tomando-o nos braços com força e irresistivelmente. Eu experimentei pouquíssimas ocasiões em que tive de recorrer a tais medidas ou em que os representantes ainda sofreram em casa, por mais algum tempo, os efeitos do seu papel. Nesses casos muitas vezes se percebe que o papel foi “somente” uma ocasião para livrar-se, através dessa vivência, de uma “carga” do próprio sistema familiar.

Terminada a constelação, o terapeuta livra-se, por sua vez, do empenho e do cuidado pelo cliente, voltando a ficar “vazio” e aberto para a pessoa seguinte. Isso será tanto mais fácil para ele, quanto mais

apropriada e liberadora tiver sido a constelação. Se, pelo contrário, ficou uma impressão de “fracasso”, o terapeuta eventualmente precisa “forçar-se” a desprender-se da constelação e do cliente. Se lhe ocorrer mais tarde uma imagem mais clara, ele pode propor ao cliente a oportunidade de retomar o trabalho, através de uma visualização, um breve exercício ou uma breve constelação de outro tipo.

A intervenção deve limitar-se ao que é necessário para uma constelação e para o cliente. O terapeuta deve exercitar-se em desprender-se do cliente depois da constelação, permanecendo aberto e reconhecendo eventuais erros sem culpar-se e sem lamentar o próprio comportamento. Quando tem dificuldade nisso, é geralmente um sinal de que o terapeuta entrou num processo de transferência e contratransferência com o cliente, onde ambos procuram manter uma relação do tipo maternal ou paternal. Nesse caso o terapeuta é envolvido por problemas pessoais não resolvidos, relacionados, por exemplo, a sentimentos infantis de impotência ou de onipotência em face de necessidades de seus pais.

Via de regra, porém, as constelações fazem bem ao terapeuta. Ele tem a oportunidade de participar, por um momento, dos mais diversos destinos humanos, de uma forma digna que respeita igualmente todos os seres humanos, confia na vida e serve ao sucesso.

## 5. Áreas de aplicação e efeitos das Constelações Familiares

Desenvolvendo-se sob a forma de “configurações sistêmicas”, as constelações familiares foram adotadas como uma espécie de método universal, para representar processos sistêmicos nas relações humanas. Atualmente constela-se quase tudo o que pertence ao âmbito das relações da psique: todos os domínios das relações humanas, a conexão entre tudo o que pertence ao corpo, à alma e ao espírito do indivíduo e todas as possíveis intersecções dos processos anímicos internos e externos, inclusive as relações com o mundo material, social e espiritual. Pode-se questionar em que medida isso é conveniente, útil e estimulante para o futuro do método das constelações. Além das constelações familiares, já se consolidou a constelação de estruturas como equipes e organizações, abrangendo até mesmo o espaço político. Além disso, muita coisa interessante tem sido experimentada nos mais diversos campos.

As constelações familiares referem-se ao campo anímico da família e toda representação de fenômenos de natureza mais abstrata, como uma doença ou um país, é útil aos processos de solução nas famílias. Somente esse aspecto será considerado nas próximas considerações sobre as áreas de aplicação e os efeitos das constelações familiares.

### **O *setting*: – grupo – sessão individual – telefone**

A constelação familiar como método surgiu nos grupos de desenvolvimento pessoal e na terapia de grupos. Entretanto, ela não se desenvolve como uma dinâmica de grupo, pois o terapeuta não trabalha com as inter-relações dos participantes nem reflete com o grupo sobre o comportamento social dos indivíduos ou sobre suas constelações. Como “*setting*”, isto é, como uma forma de organização terapêutica, a constelação familiar, mesmo quando realizada em grupo, é uma terapia individual, onde o grupo funciona como um “corpo de ressonância”, e onde os participantes do grupo são incluídos como representantes. Com a ajuda das constelações, o terapeuta aborda os problemas trazidos individualmente pelos “clientes” e não os “constrói” em decorrência de um processo grupai. Nas constelações, o que está em primeiro plano não é a dinâmica anímica interna do cliente nem o seu comportamento, mas os sistemas de relação que ele traz em sua alma. Por conseguinte, podemos falar de uma terapia individual em grupo, referida ao sistema familiar.

Muito rapidamente foi sentida a necessidade de aplicar o método da constelação também no *setting* da terapia individual. As pessoas que buscam ajuda em problemas psíquicos escolhem geralmente o caminho da terapia individual, de casal ou familiar, com um terapeuta em seu consultório particular ou em uma agência de aconselhamento. Assim foram desenvolvidas formas de constelações aplicáveis à terapia individual. Os membros do grupo são substituídos por objetos como sapatos, almofadas, folhas de papel ou diversas espécies de figuras, que funcionam como “representantes” ou “indicadores de lugares” do sistema de relações do cliente. A utilização desses recursos permite projetar externamente uma imagem do sistema de relações, de modo que ele pode ser contemplado “de fora” (por exemplo, com a ajuda de figuras colocadas sobre a mesa) ou em diversas posições (se o cliente se coloca sobre folhas de papel espalhadas no chão, que marcam a posição dos membros da família), onde o cliente entra em sintonia com os sentimentos das respectivas pessoas. Valendo-se de sua própria contemplação, sintonização e percepção, o terapeuta substitui os representantes, permitindo ao cliente os processos anímicos decisivos para ele, descritos no capítulo 3 deste livro.

No que toca à mobilização do cliente e à solução para ele, não há uma diferença essencial entre a constelação realizada em grupo ou numa sessão individual. São elementos comuns em todas as formas de constelação: o desdobramento espacial, a visibilidade, o modo de vivenciar os processos da alma e a experiência surpreendente e mobilizante do “campo ciente” que se manifesta através do “saber” dos representantes, do terapeuta que tem experiência com grupos e do *insight* do cliente. Até mesmo numa conversa telefônica um cliente pode ser ajudado, por meio de perguntas e de imagens sugeridas pelo terapeuta. Também nesse caso o decisivo consiste na descoberta dos eventos e destinos necessários a uma solução na família e na representação do que foi vivido nos relacionamentos - onde “represen-

tação” se entende como um processo espacialmente configurado. Uma experiência da psique é sempre, por sua essência, uma experiência espacial.

A vantagem das constelações em grupos consiste, sobretudo, na variedade de experiências que resulta da multiplicidade de destinos e de representantes. Não é raro ouvir de um participante, na roda de encerramento de um curso: “Minha própria constelação me fez bem, mas alguns papéis que representei me indicaram ainda mais claramente o que é importante para mim.”<sup>13</sup>

## Áreas de aplicação

O método das constelações tem um caráter universal, pois pode ser aplicado a todos os domínios dos relacionamentos humanos. É útil para superar bloqueios no crescimento e no desenvolvimento da própria personalidade. Ajuda a pessoa a ficar em harmonia e em paz com sua própria história familiar, especialmente quando esta é particularmente confusa. Esclarece, aprofunda e facilita as relações dos pais com seus filhos, dos casais entre si e dos filhos adultos com seus pais vivos ou mortos, com seus irmãos ou com outros familiares. Engloba a vida profissional e as decisões urgentes e considera possíveis conexões entre as doenças ou sintomas negativos de comportamento, tais como medos, compulsões, adições ou psicoses e os acontecimentos familiares, aliviando o cliente e respeitando a sua dignidade. Orienta sobre o modo de proceder em famílias de adoção ou de criação, bem como em redes sociais que não pertencem à família, como asilos e repartições. Pode ser aplicado em cursos de aperfeiçoamento e de supervisão, assim como em escolas, organizações, oficinas e campos sociais maiores. O importante é descobrir, em cada caso, onde o problema do cliente está ligado a destinos alheios. Em seguida, é preciso identificar o que precisa vir à luz sobre a dinâmica dos relacionamentos, abrangendo o espaço e o tempo, para que as realidades sociais sejam adequadamente configuradas. Finalmente, é preciso saber como devem ser ordenadas as relações, de modo a assegurar o florescimento da vida. Na medida em que respondem a estas questões, as constelações familiares e as outras formas de constelações beneficiam a muitos clientes, mas, podem ajudá-los em profundidade e de uma forma duradoura?

## Os resultados das constelações familiares

Até o momento existem poucas investigações científicas que documentem

os efeitos positivos das constelações familiares.<sup>14</sup> Apesar dos trabalhos e teses acadêmicas que estão sendo elaborados em diversas partes do mundo, no que toca à avaliação dos seus efeitos continuamos dependendo principalmente das impressões dos terapeutas, dos informes dos clientes por carta e telefone e das recomendações de pessoas que foram beneficiadas pelas constelações.

Pelo que se depreende desses relatos, as constelações parecem produzir bons efeitos, sobretudo em relação aos seguintes objetivos: resolver conflitos conjugais e familiares, melhorar comportamentos inadequados de crianças, solucionar problemas na escola, no trabalho e em decisões, resolver conflitos de filhos com os seus pais, encontrar paz familiar e paz na alma, diminuir riscos de suicídio e de acidentes e, de um modo geral, fortalecer a vida em sua energia. Também têm sido relatadas melhoras de sintomas, por exemplo, em casos de medo, de comportamentos compulsivos como bulimia e anorexia e em enfermidades, como a dermatite alérgica. Dificuldades em crianças mostram-se mais fáceis de aliviar do que em adultos, de modo especial quando já se consolidou neles um “programa de vida” ou um processo somático. Mais raramente se observam efeitos salutares em depressões graves e psicoses agudas, tanto mais que esses pacientes geralmente não têm condições de participar com responsabilidade de grupos de constelações e que o trabalho das constelações ainda não está muito difundido nos consultórios e clínicas psiquiátricas. Surpreende a frequência como que médicos e outros profissionais de saúde enviam seus clientes a terapeutas e aconselhadores que trabalham com constelações, quando têm a impressão de que os seus problemas de saúde estão associados a dificuldades de relacionamento e a golpes do destino nas respectivas famílias. As constelações familiares não se destinam a curar doenças, porém podem resolver conflitos psíquicos associados a

<sup>13</sup> Sobre as constelações na terapia individual, consultar De Philipp, W.: *Systemaufstellungen im Einzelsetting* (Constelações sistêmicas no *setting* individual), Heidelberg, (Carl-Auer), 2006.

<sup>14</sup> Consultar Höppner, G.: *“Heilt Demut - wo Schicksal wirkt?” – eine Studie zu Effekten des Familien-Stellens nach Bert Hellinger.* (“A humildade cura quando o destino atua?” – Uma pesquisa sobre os efeitos das constelações familiares segundo Bert Hellinger. Munique (Profil), 2001.

elas, tornando mais fácil, tanto para o cliente quanto para o médico ou psiquiatra, a forma de lidar com a doença e o sintoma. Traumas graves, principalmente os agudos, necessitam geralmente de intervenções mais específicas do que podem ser oferecidas nas constelações. Dependentes químicos geralmente necessitam de ajuda médica e controle social (por exemplo, pelos alcoólicos anônimos), se bem que as constelações podem proporcionar um grande alívio no tocante ao condicionamento anímico. Pessoas que, em virtude de sua situação, apresentem elevados déficits de aprendizagem, precisam de um apoio mais prolongado. Também os interessados em investigar e modificar a própria personalidade precisam de um conveniente enquadramento terapêutico ou de ajuda espiritual.

As constelações revelam sempre associações entre os sintomas que oprimem e a dinâmica dos relacionamentos. Dependência de drogas aparece frequentemente. Muitas adições aparecem em famílias onde o pai está ausente ou não proporciona aos filhos apoio ou reforço de energia, e a mãe, aberta ou implicitamente, diz aos filhos: “O que é bom vem apenas de mim. Do seu pai não vem nada de bom.” Uma dinâmica frequente na anorexia se revela, por exemplo, nas palavras de uma menina: “Antes desapareça eu do que você, querido papai” (às vezes, “querida mamãe”), sobretudo quando ela percebe que o pai ou a mãe sentem o impulso de deixar a família e morrer. A dermatite alérgica nas crianças aparece frequentemente quando um parceiro anterior do pai ou da mãe foi excluído ou ainda está “zangado”.

Tais experiências ainda não foram investigadas e comprovadas cientificamente, mas podem ser úteis como hipóteses para a “atitude de busca” do cliente e do terapeuta, desde que se preserve a abertura para outras conexões anímicas. Muitos consteladores e naturalmente também clientes gostariam de estabelecer conexões claras entre a dinâmica sistêmica e os sintomas. Este é sem dúvida um interessante campo de pesquisa.

Entretanto, até o momento só se pode afirmar que determinados conflitos anímicos ou sistêmicos parecem ocasionar sintomas muito diversificados, e que ainda não conhecemos um processo mais preciso de conexão causai. A própria etimologia de “sintoma” sugere que muitas causas, inclusive o acaso, confluem na produção de um determinado efeito físico ou psíquico. Disposições genéticas, processos de aprendizagem, penosas vivências pessoais, histórias de famílias e de unidades sociais maiores atuam juntas, com diversos pesos e mais ou menos subordinadas ao acaso. Para obter soluções e curas, diversas abordagens terapêuticas são possíveis ou necessárias. Contudo, frequentemente basta para a mudança e mesmo para a cura que a solução apresentada por um determinado método impeça que seja mantido o “complexo” responsável por um sintoma, provocando o seu desaparecimento. Os métodos particularmente adequados para uma determinada atuação são aqueles que se revelam tais a partir de seus efeitos.

A questão que se coloca nas constelações familiares, quando se lida com sintomas, é geralmente a seguinte: em que contexto esse sintoma faz sentido? Nas constelações familiares, o “sentido” de um sintoma se revela muitas vezes, de modo surpreendente, através de fatos da história familiar sem relação com a pessoa do cliente. Um psiquiatra que participou de um grupo caracterizou os sintomas como sinais de “pânico antes do fechamento das portas”. Sua função seria pressionar no sentido de que determinados eventos familiares não resolvidos viessem à luz e fossem sanados, antes que fossem apagados pelo esquecimento. Certas atitudes, enfermidades e afirmações, incompreensíveis no contexto da vida do cliente, reproduzem muitas vezes, com incrível fidelidade, o que aconteceu em outro lugar com outras pessoas da família.

*Um homem tinha a ideia fixa de ser perseguido pela máfia. Nessa obsessão, certo dia apunhalou um homem mais velho, totalmente desconhecido, ferindo-o gravemente, embora sem risco de vida. Foi então internado numa clínica psiquiátrica. Sua mulher procurava entender o que acontecera com o marido. Pesquisando na família dele, soube que o seu avô paterno, um rico fazendeiro, fora acusado de pertencer à máfia e adquirira uma boa parte de suas terras através de negócios escusos. Além disso, engravidara a filha de um modesto fazendeiro de uma aldeia vizinha, mas se negara a reconhecer a criança. Essa moça, que vivia pobremente com sua mãe, suicidou-se então, com a idade de vinte anos. Ouvindo essas histórias da família do marido, a cliente ficou muito aliviada, pois a alucinação e o ato cometido pelo marido lhe apareceram como uma espécie de compensação deslocada pela injustiça, ganhando assim um sentido, embora amargo.*

O esclarecimento dessas conexões pôde produzir um efeito benéfico e liberador, pelo menos para a

mulher e os filhos daquele homem. Naturalmente, sempre se encontra um “sentido”, desde que seja buscado intensamente e por tempo suficiente. Em toda família existem destinos que de algum modo “correspondem” a um dado problema, mas nem toda associação e nem todo “sentido” ajudam. É fundamental que esse “sentido” mobilize, seja vivenciado como adequado e, principalmente, produza um efeito liberador.

Às vezes um cliente que tem um determinado problema persiste obstinadamente em sua busca sistêmica, fazendo várias constelações e, finalmente, é compensado. Contudo, o método das constelações familiares, como qualquer outro método seguro da própria eficácia, corre o perigo de dizer, com respeito a constelações que não surtiram efeito: “Ainda não encontramos o problema familiar decisivo para você”, em vez de ajudar o cliente de uma outra forma que seja útil para ele ou de indicar-lhe outras possibilidades terapêuticas. Nesse particular, requer-se do terapeuta experiência prática e uma fina sensibilidade.

Uma exata delimitação científica dos efeitos das constelações familiares não é fácil, como ocorre, aliás, em toda a área social e psicoterapêutica. Questionários e investigações estatísticas deixam espaços abertos para a livre interpretação, e seu êxito pressupõe uma cuidadosa análise e operacionalização de seus procedimentos. Isso é difícil quando se trata de problemas humanos complexos, principalmente porque cada destino é único e dificilmente comparável a outros.

No que toca à avaliação dos efeitos das constelações, existem ainda alguns obstáculos específicos. As constelações familiares se ocupam de efeitos sistêmicos que envolvem gerações passadas, presentes e futuras. Com tal abrangência, as informações são difíceis de comprovar e é quase impossível estabelecer conexões causais em tão longos intervalos de tempo. Quando as constelações são analisadas em detalhes, perde-se justamente o que fundamenta o trabalho da constelação, a saber, o processo da alma, esse “algo mais”, que contradiz o princípio científico do “nada-mais-que”. Para a percepção total de acontecimentos e efeitos, dispomos praticamente apenas de métodos fenomenológicos. Acontece aqui algo semelhante aos ideogramas chineses, cujo sentido não pode ser compreendido da análise de seus traços, mas apenas de sua imagem total. Finalmente, as constelações familiares, em razão de seu processo amplamente condensado e imagético, não podem, por princípio, ser reduzidas a conexões lineares entre causas e efeitos. Será preciso fazer uma pesquisa sobre os efeitos, provavelmente sem chances de demonstrar conexões causais. A complexidade anímica e sistêmica não se manifesta através de esclarecimentos e provas, mas por meio de imagens, da interrupção e mudança de padrões, e de *insights* resultantes de experiências.

### **A percepção do efeito das constelações familiares**

É de se desejar que aumente o interesse científico em tomo do método das constelações e de sua aplicação. Por outro lado e independentemente das considerações científicas, os terapeutas devem trabalhar com as constelações de um modo fundamentado, orientando-se por observações e percepções precisas e direcionando-se, na medida do possível, para os “bons” efeitos das constelações.

O primeiro indicador do efeito de uma constelação familiar é a experiência imediata do cliente, do terapeuta, dos representantes e de todo o grupo, de que o processo da constelação fez sentido, proporcionando alívio e força. Isso pode ser observado em muitas reações físicas do cliente, como na mudança do ritmo respiratório, na expressão fisionômica ou em manifestações verbais. A adequação da constelação também pode ser percebida pela reação de todo o grupo, em sua surpresa pela descoberta e em seu novo ânimo. O grupo reage com muita sensibilidade à “verdade” da constelação e aos sentimentos que nela fluem. Esta é justamente a vantagem do trabalho da constelação em grupos: a possibilidade de confirmar imediatamente o seu efeito, tanto pela sensação do cliente e do terapeuta, quanto pela reação dos representantes e de todo o grupo. Um dos poucos erros sérios que podem passar despercebidos ao terapeuta no trabalho com as constelações é descuidar-se de acompanhar os efeitos da constelação em cada um de seus passos e em sua totalidade. Uma constelação fracassa quando o terapeuta, descuidando-se do pensamento do cliente, simplesmente “faz” a constelação, sem consideração pela força e pela abertura do cliente que devem sustentá-la.

O fato é que as aparências enganam. Muitas vezes vivenciei constelações que pareciam “perfeitas” e deixaram muito contentes os representantes, o terapeuta e todo o grupo, mas não tiveram efeito sobre o problema a resolver. Inversamente, vivi constelações que aparentemente foram opressivas e difíceis,

não repercutiram bem e pareceram inúteis ou mal sucedidas e que, apesar disso, provocaram sensíveis mudanças na vida do cliente. Podemos, portanto, orientar-nos por nossas percepções, mas em última análise o efeito da constelação vai além delas. As constelações podem proporcionar ao cliente um impulso proveitoso, mas elas apenas afloram o que sucede num sistema familiar e na alma. Isso torna difícil prever o efeito de uma constelação na vida de um cliente, pois a maneira como a necessidade, o acaso e a liberdade se articulam na alma escapa à nossa compreensão.

Contudo, é surpreendente verificar com que precisão as reações dos representantes antecipam, muitas vezes, os efeitos de uma constelação. Uma mulher viveu numa certa constelação um encontro profundo e liberador com o seu pai. No dia seguinte ela contou no grupo que, pela primeira vez em vinte anos, o pai lhe telefonara à noite, e conversou longa e cordialmente com ela. Noutra ocasião, no final de uma constelação de um casal que tinha um filho esquizofrênico e uma filha anoréxica, o representante do filho mostrou-se muito aliviado, enquanto a representante da filha permanecia confusa. Comprovou-se posteriormente que esse efeito correspondeu exatamente ao que sentiram os filhos. Na constelação de uma mulher que há dez anos movia uma ação na justiça contra o seu ex-marido, ela conseguiu compreender de uma nova maneira as causas da separação e mudar a maneira de ver e de julgar o ex-marido, abstraindo da questão de culpa. Alguns dias depois ele ligou para ela, convidou-a para jantar, e ambos resolveram rapidamente, em caráter amigável e sem a presença de advogados, os assuntos financeiros pendentes. Outro homem descobriu, através da constelação, que tinha uma irmã que desconhecia. O encontro que depois teve com ela transcorreu cordialmente e reproduziu até nos gestos o que se passara na constelação.

### **O significado das informações para o bom efeito da constelação**

Muitas constelações trabalham na base de suposições, a partir das reações dos representantes. Eventualmente os movimentos deles mobilizam muito, embora não fique claro o quadro de fundo familiar, pela falta de informações reais. Embora essas constelações também possam ter efeitos muito positivos, geralmente se requer, para uma mudança proveitosa e duradoura, que depois da constelação venham à luz as informações relevantes. Quando o cliente fica mal depois de uma constelação - o que frequentemente acontece - isto resulta do peso decorrente de falta de clareza, dúvidas ou suposições erradas. A única ajuda possível neste caso são informações concretas que esclareçam e tomem compreensível a constelação, talvez corrigindo determinadas interpretações.

*Num curso de formação, uma terapeuta jovem e muito bonita, que sofria de uma rara enfermidade autoimune, quis fazer a sua constelação. Estava impedida de ter relações sexuais com seu namorado, porque sempre provocavam nela uma inflamação vaginal. Inicialmente foi-lhe pedido que colocasse representantes para si mesma e para o seu namorado. A forma como os constelou sugeria que nada tinham a ver um com o outro. Assim, o representante do namorado foi dispensado, e a mulher foi solicitada a escolher e constelar pessoas que representassem o seu sintoma e a sua doença auto-imune. Para o sintoma vaginal ela escolheu uma mulher e para a doença autoimune, um homem. A constelação foi totalmente entregue aos movimentos dos representantes. O “sintoma” arrastou para o chão a representante da cliente, abraçou-a e finalmente aninhou-se em seu colo, como se fosse um bebê. Enquanto isso, a “doença” marchava como um soldado de um lado para o outro. A própria cliente, que estava sentada na roda e assistia fascinada, estava muito mobilizada e percebia a atração amorosa que provinha do “sintoma” que a puxava para o chão.*

*Perguntada se a constelação era esclarecedora para ela, respondeu: “Ela me emociona, mas eu não sei por quê.” Ela desconhecia a existência de fatos em sua família que dessem um sentido ao que se manifestava. Contudo, parecia aliviada, porém, no decorrer do seminário, ela se sentiu cada vez pior e nem mesmo conversas durante os intervalos puderam ajudá-la. Dois meses depois, ela escreveu que se sentia muito mal e não sabia o que fazer. Queria interromper a sua formação. O terapeuta lhe sugeriu que pedisse informações na família. Então ela procurou o seu pai, já bem idoso — sua mãe já tinha falecido - e lhe perguntou o que acontecera na família. Soube então que o pai, quando era um soldado em sua juventude, foi por três vezes o único a salvar-se de todo o seu grupo e que, numa das vezes, estando de vigia, não conseguiu alertar a tempo sua tropa sobre um ataque inimigo e apenas pôde escapar sozinho. Isto talvez explicasse a marcha militar do representante da doença na constelação.*

*Como segunda informação importante, ela soube que sua avó materna, no final da guerra, teve de hospedar um oficial inglês, relacionou-se com ele e ficou grávida. Ninguém sabia do destino da criança.*

*Isso dava um sentido ao segundo movimento na constelação, em que o sintoma a levou para o chão e se aninhou em seu ventre como uma criança pequena. Sua ligação de destino com seu pai e com a avó ficou então clara a seus olhos. Com essas informações, a cliente recebeu um grande reforço de energia, concluiu seu treinamento e atualmente trabalha com constelações.*

## Como o cliente lida com a constelação

Terminada a constelação, o cliente deveria ficar em paz e deixar, por algum tempo, que fizesse efeito em si o que foi vivenciado. Critica-se, às vezes, esse trabalho por não se fazer uma reflexão posterior, com o cliente ou também com o grupo, sobre o que foi vivenciado, mas que efeito teria essa reflexão? O conteúdo informacional da constelação talvez ficasse mais preciso, mas perderia em amplitude. O efeito da imagem seria menor, com o aporte dos esclarecimentos. Talvez fosse preciso justificar as percepções, mas sem a possibilidade de retomar o que aconteceu na constelação. Com isso, a alma do cliente não teria liberdade de deixar atuar a constelação da forma que lhe conviesse.

Vivenciar algo e comentar essa vivência são coisas diferentes. As explicações são “menores” e menos eficazes do que os *insights*. A constelação familiar talvez funcione como um processo hipnoterapêutico para a alma do grupo. Os processos conscientes e os processos inconscientes, que confluem na percepção do que ocorre na constelação, colaboram de formas bem diferenciadas. O critério para a “adequação” da constelação não é sua explicabilidade, mas a força, o alívio e a clareza que proporciona ao cliente, imediatamente após a sua conclusão ou, com frequência, apenas muito tempo depois.

Embora a constelação familiar seja um método de terapia breve, suas soluções raramente são instantâneas. Uma constelação pode durar apenas uma meia hora, mas seu efeito se processa pouco a pouco, no dia-a-dia. Um homem escreveu, cinco anos depois de sua participação num grupo: “Somente agora entendi. Obrigado!” Uma mulher que sofria com um câncer grave e que, em sua constelação, queria impedir que a morte se colocasse amorosamente ao seu lado, escreveu um ano depois do curso: “Há muito tempo não luto mais contra a morte. Aceitei-a ao meu lado e ainda estou viva.” Mesmo quando um terapeuta ou uma constelação confronta o cliente com aspectos desagradáveis para ele, o *setting* deixa o cliente livre para lidar com isso como lhe convier.

Depois de uma constelação, frequentemente clientes perguntam se devem fazer logo algo concreto, por exemplo, contar a constelação ao parceiro, aos pais ou aos filhos, procurar o meio-irmão desconhecido, ou coisas semelhantes. Geralmente a resposta é esta: “Espere. Quando o processo se instalar em sua alma, você saberá, no devido tempo e na situação oportuna, se algo dentro de você quer agir, e o que isso é.” Essa atitude coincide com a sabedora taoísta de agir não agindo.

Quando o terapeuta diz que o cliente deve fazer isto ou aquilo, ele o faz para ressaltar o que se manifestou numa constelação. O cliente sabe - e em determinadas condições precisa ser advertido disso - que é sua a responsabilidade por suas decisões. Depois de uma constelação, o terapeuta não procura saber o que o cliente fez com ela. Ele se retira totalmente da execução real. Essa autonomia e responsabilidade em lidar com uma constelação é grandemente apreciada pela maioria dos clientes, pois sentem-se respeitados em sua responsabilidade.

Entretanto, quando o cliente não consegue lidar com sua vivência ou com o resultado de uma constelação, quando se sente permanentemente mal depois dela, quando recebe novas informações sobre a história familiar e não sabe lidar com elas, quando a remoção de uma “casca” libera uma “camada” ulterior na alma ou quando emergem novos problemas, ou os antigos de uma nova maneira, então um novo contato com o terapeuta deve ser possível, seja através de uma ligação telefônica, de uma carta, de uma sessão individual, da participação num novo grupo ou de uma recomendação a outro terapeuta. Não se trata de uma reelaboração, mas de um novo passo. Quando convém que um cliente, depois de algum tempo, faça uma nova constelação, ele entra outra vez num processo único, centrado no que se defronta nesse momento.

## 6. Considerações sobre uma teoria das Constelações Familiares

Não se elaborou ainda uma teoria sobre o método da constelação familiar. Bert Hellinger trabalha totalmente orientado para a prática, em problemas de relacionamento de pessoas que o procuram por uma necessidade da alma. Dispondo de uma formação filosófica e teológica e com vasta experiência espiritual, ele percorreu um longo caminho, desde a cura de almas e a pedagogia, através da dinâmica de grupos, da psicanálise, da terapia primal, da terapia familiar e da análise transacional. Frequentou diversas direções terapêuticas emergentes, como a hipnoterapia de Milton Erickson, a programação neurolinguística e o método de representar, com a ajuda de intérpretes, as interações nos sistemas de relações. Embora conheça as respectivas abordagens teóricas, interessa-se, sobretudo, pelo efeito dos métodos. Ele sempre integrou, simplificou, adensou, tomou e abandonou o que lhe pareceu adequado e proveitoso com respeito a soluções anímicas. O que ele adapta toma-se sempre algo de próprio, toma-se o seu estilo totalmente pessoal. Em última análise, ele confia em sua percepção sistêmica e em sua sensibilidade em relação aos efeitos. Hellinger não é um cientista, um acadêmico e, embora tenha sido sacerdote, jamais se sentiu como representante de uma instituição. Ele não está interessado em fundamentar cientificamente o que faz nem em fundar uma escola.

Não obstante, Hellinger esclarece e generaliza os *insights* que lhe ocorreram na prática do seu trabalho prático ou em conexão com ela. Com isso as constelações familiares têm naturalmente referências teóricas, pelo menos implícitas. Além disso, na medida em que outros psicoterapeutas e aconselhadores adotam o método das constelações familiares e o integram em sua própria práxis e em sua visão do mundo, o método e suas pressuposições básicas refletem-se, naturalmente, em suas abordagens. As reflexões teóricas se aprofundarão à medida que as constelações familiares revelem a sua utilidade como um método autônomo, numa perspectiva de mais longa duração. Isso proporcionará à prática das constelações novos estímulos para sua maior eficácia, abrindo, por sua vez, nossas possibilidades de experiência dos processos anímicos nas relações humanas.

O conceito de “teoria” provém do antigo grego e originalmente se referia à “contemplação de deus”, da forma como era vivenciada pelos espectadores no teatro. O conceito foi posteriormente ampliado, passando a designar toda visão intelectual de determinados contextos. Em nossa perspectiva atual, “teoria” significa qualquer síntese e generalização sistemática de conhecimentos que explicam realidades. Num sentido mais restrito, associamos a teoria à necessidade de comprovar experimentalmente afirmações e de fazer previsões.

Como acontece com a maioria das teorias sociológicas e psicológicas, os elementos teóricos desse método resultam da generalização de experiências ou de pressupostos gerais que só podem ser comprovados na própria prática das constelações. Até o momento, praticamente não existem regras experimentalmente controladas e reflexões mais precisas sobre a possibilidade e o significado dessas experiências. Pelo contrário, existe uma grande reserva em relação a pesquisas de resultados, sobretudo quantitativas, devido ao receio de desfazer o caráter único das experiências da constelação e de perturbar os clientes quanto ao modo de aplicá-las.

Até o momento, a abordagem teórica das constelações familiares se faz sentir principalmente através de afirmações sobre a consciência e os processos conscientes e inconscientes de vínculo e de liberação, de modo que já podemos falar de uma “teoria do vínculo sistêmico”. Também existem respostas iniciais sobre a questão de saber como se articulam o trauma pessoal e o trauma sistêmico.<sup>15</sup> São discutidas questões epistemológicas sobre a fenomenologia e o construtivismo, com o objetivo de estabelecer até que ponto a “verdade” sistêmica de uma constelação se apresenta a nós ou é por nós construída.

Abordo a seguir algumas questões gerais relativas à percepção representativa, à constelação familiar como método fenomenológico e sistêmico, ao fenômeno da “ajuda” e, conseqüentemente, ao “lugar” da

---

<sup>15</sup>Tema tratado por Ruppert, F.: *Trauma, Bindung und Familienstellen. Seelische Verletzungen verstehen und heilen* (Trauma, vínculo e constelações familiares. Para compreender e curar feridas da alma). Stuttgart (Pfeiffer), 2005.

constelação familiar em relação à psicoterapia, à ajuda à vida e à filosofia prática. O que menciono nesse particular de modo ainda provisório e um tanto ousado poderá talvez esclarecer alguns aspectos fundamentais presentes na discussão que se trava em torno da constelação familiar. Estou convencido de que tanto as experiências hauridas nas constelações familiares quanto as conclusões e perguntas que daí decorrem ampliarão significativamente nossa compreensão dos fenômenos anímicos.

## A percepção representativa

O que acontece quando representantes nas constelações reproduzem de modo preciso pessoas desconhecidas, inclusive na escolha de palavras, nos gestos, sentimentos, comportamentos e sintomas? Lamentavelmente, muito pouca coisa tem sido documentada nesse particular, a não ser nos vídeos e livros de Bert Hellinger e nas publicações de outros autores, quando relatam exemplos de casos. A quantidade dessas experiências cresceu imensamente. Fica a questão de saber com que precisão se podem observar os processos da representação e da interpretação e como é possível explicá-los.

Para caracterizar o processo que se desenvolve nas constelações, foi introduzido o conceito de “campo ciente” (Albrecht Mahr). O que isso pode significar?

## Modelos de explicação

Uma reflexão científica sobre a percepção representativa busca inicialmente as explicações mais óbvias. São comparadas as informações fornecidas pelo cliente e as correspondentes reações dos representantes. Em muitas constelações os representantes não recebem informações, seja porque não foram perguntadas antes da constelação ou porque o próprio cliente não as possui. Além disso, observa-se que os representantes, em sua maioria, não se deixam influenciar pelas informações prestadas, mas acompanham imperturbavelmente o que sentem no campo da constelação.

Podemos investigar as menores e mais sutis expressões mímicas e verbais do cliente e também do terapeuta e testar se elas podem ser percebidas pelos representantes e, com isso, explicar suas surpreendentes reações. A percepção representativa nas constelações deve ser precedida pela questão de como acontecem na família os processos de percepção. Como é que as informações passam de uma geração para outra? Além da transmissão consciente de informações, existem seguramente processos informativos mais sutis. As teorias sobre a comunicação e as formas de comportamento, as descrições de processos hipnóticos e as investigações sobre as interações entre mãe e filho, na pesquisa sobre as ligações, tentam explicar como e através de que canais as informações inconscientes e pré-conscientes são recebidas e elaboradas pelas pessoas. Essas tentativas talvez sejam suficientes para entender os fenômenos da dinâmica familiar através de gerações, mas poderão também esclarecer os surpreendentes processos da percepção representativa inversamente? A forma de percepção que se manifesta nas reações dos representantes não acontece também e principalmente, nas próprias famílias? As experiências com a percepção representativa não sugerem uma nova compreensão da forma como participamos do saber e da sabedoria nas redes de relações?

Podemos partir do pressuposto de que a estrutura espacial de uma constelação evoca um saber implícito, armazenado no cérebro dos representantes, através dos genes ou do aprendizado. Todos nós sabemos intuitivamente algo que é também sugerido por experimentos científicos,<sup>16</sup> a saber, que determinadas posições e movimentos num grupo podem suscitar determinados sentimentos e pensamentos, que podem ser sentidos e entendidos por todos de forma semelhante. No entanto, observamos frequentemente em imagens quase idênticas de constelações o aparecimento de reações diferentes e inesperadas por parte dos representantes. Como se explica que o representante de uma criança, colocado com as costas apoiadas em seus pais, numa vez se vire e caia chorando nos braços dos pais e, em outras vezes, caminhe para a frente, na direção de uma janela ou tenha câimbras ou se atire no chão? Como explicar que essas diferentes atitudes reproduzem a situação real nas famílias das pessoas representadas? O que é preciso acrescentar à posição no espaço para explicar por que razão o representante de um avô sente uma pressão no pescoço, embora não saiba que o referido avô se enforcou, e quando às vezes o próprio cliente só vem a saber desse fato depois da constelação?

---

<sup>16</sup> Consultar Schlötter, P.: *Vertraute Sprache und ihre Entdeckung. Systemaufstellungen sind kein Zufallsprodukt - der empirische Nachweis* (Linguagem familiar e sua descoberta. As constelações sistêmicas não são produtos do acaso - a comprovação empírica). Heidelberg (Carl- Auer), 2005.

Em círculos de consteladores são muitas vezes mencionadas como tentativas de explicação as idéias e investigações do biólogo Rupert Sheldrake sobre os campos mórficos. Segundo Sheldrake, os campos mórficos conferem uma estrutura e um padrão aos processos casuais e indeterminados nos sistemas que presidem. Através de fatores de atração, eles orientam os sistemas para metas futuras. Têm uma história e contêm, em razão dos processos de ressonância mórfica, uma memória imanente que abrange espaço e tempo e atua sobre o presente a partir do passado. Nos sistemas organizados por tais campos, todas as partes interagem através do campo do sistema. As atividades do espírito são intimamente associadas à atividade cerebral, porém pela atenção e pela intenção a superam de muito. Sheldrake postula, portanto, nos campos biológicos, uma mente que transcende o cérebro e nos é acessível através de um “sétimo sentido”.

Contudo, ninguém sabe o que são e como atuam os campos mórficos. Uma explicação baseada nos campos físicos não deve entrar em consideração. Provavelmente deveria ser aceita a existência de um novo campo, desconhecido pela Física ou ainda pouco pesquisado. Alguns físicos postulam a existência de um campo dessa natureza. Ervin Laszlo, músico e físico autodidata, descreve-o como um “quinto campo” ou um “campo-psi”. Sua existência poderia explicar as conexões entre a mente e o cosmos, a matéria e a vida, e conectar os pressentimentos de antigas doutrinas esotéricas e das grandes religiões com uma nova compreensão das ciências naturais. Se os objetos e os eventos que existem separadamente no universo realmente são interligados entre si, “as partículas elementares de um determinado sistema de coordenadas podem conhecer reciprocamente suas respectivas condições; os genomas de organismos vivos podem adaptar-se aos aspectos relevantes de seu ambiente, e os cérebros humanos e a consciência humana podem comunicar-se entre si de uma forma transpessoal, superando o tempo e o espaço”.<sup>17</sup>

De uma forma semelhante, a jornalista Lynne McTaggart, depois de amplas pesquisas no mundo da Física, postulou o “Campo do Ponto Zero”. Segundo ela, os resultados da Física moderna, principalmente a teoria quântica, sugerem a existência de um universal e inesgotável oceano de energia, onde todos nós nos ligamos entre nós e com o mundo. Por meio de processos quânticos de informação, que pulsam simultaneamente através de nosso corpo e de nosso espírito, estamos em ressonância com o mundo. Nossa percepção humana se baseia nas interações entre as partículas subatômicas do cérebro e esse oceano de energia quântica. Diz a apresentação de seu livro: “Fenômenos até aqui não esclarecidos, como a transmissão de pensamento ou a comunicação entre as células, e mesmo o que C. G. Jung chamou de ‘inconsciente coletivo’ acham assim um plausível modelo de explicação. Também o ‘campo morfogenético’ postulado por Rupert Sheldrake é confirmado pelos conhecimentos de McTaggart”.<sup>18</sup>

A Física Quântica parece ter em si o potencial de mudar completamente nossa imagem da realidade física no cosmos e no mundo subatômico. Além disso, ela apresenta um modelo de realidade totalmente diferente, que permite entender de uma nova maneira os processos da psique e da mente. Talvez resulte daí um pensamento global que volte a unir numa base comum a ciência natural e a ciência do espírito e associe as experiências da religião e da espiritualidade universal, assim como fenômenos especiais, como transmissão de pensamento ou premonições, às atuais certezas da ciência natural clássica.

O físico Anton Zeilinger, insuspeito de teorias esotéricas, chegou diretamente, através da pesquisa da Física Quântica, a esta conclusão: “A informação é a matéria-prima do universo” e “Realidade e informação são a mesma coisa”. Ele conclui: “Por isso deveríamos cunhar um novo conceito que envolva ambas as coisas, a realidade e a informação. O fato de não existir um tal conceito e de termos tanta dificuldade em pensá-lo leva-nos a reconhecer como são difíceis os problemas conceituais pertinentes”.<sup>19</sup>

Para essa tarefa ele pede auxílio aos filósofos. Para mim, como um leigo em ciências naturais e

---

<sup>17</sup> Laszlo, E.: *Das fünfte Feld. Materie, Geist und Leben - Vision der neuen Wissenschaften* (O quinto campo. Matéria, espírito e vida - Visão das novas ciências). Bergisch Gladbach (Bastei Lübbe), 2002, p. 207 s.

<sup>18</sup> McTaggart, L.: *Das Nullpunkt-Feld — Auf der Suche nach der kosmischen Ur-Energie*. (O campo do ponto-zero — A busca da energia cósmica primordial). Munique (Arkana). (Título original em inglês: *The Field*).

<sup>19</sup> Zeilinger, A.: *Einsteins Schleier — Die neue Welt der Quantenphysik* (O véu de Einstein - o novo mundo da Física quântica). Munique (C.H.Beck), 2003, p. 217 e 229.

filosóficas, parece extremamente ousado chamar de “alma” esse conceito que está sendo buscado, pois a “alma”, tal como é descrita no capítulo 3 deste livro, é uma palavra que carrega desde a antiguidade muitos níveis de significação. No entanto, já Aristóteles tinha tentado conciliar o materialismo monista de um Demócrito com as concepções dualistas, que atribuíam à alma uma existência imaterial e espiritual independente do corpo. Aristóteles realizou isso descrevendo a alma como princípio da forma e de atuação, como algo que dá à realidade uma “forma”, se bem que restrita ao reino dos seres vivos. Assim, o que denominamos “espírito” talvez esteja sempre ligado à matéria como o reverso da medalha, sendo a alma essa conexão, desde o início da criação ou da explosão primordial.

Numa exposição lógica muito clara, que expressamente inclui processos mentais e anímicos, o físico Thomas Görnitz e a psicóloga Birgit Görnitz fazem uma ligação entre os conhecimentos da teoria da informação quântica e a atual compreensão do cérebro e da consciência: “Uma informação quântica abstrata, cosmologicamente fundamentada, fornece a base para a matéria e o espírito. A evolução do universo, da vida e da consciência pode assim ser entendida numa perspectiva unitária, que reconcilia numa base científica nossas experiências psicológicas e os conhecimentos da física e da biologia contemporâneas.” Baseando-se na ideia de C.F. von Weizsäcker de um elemento primordial, que seda a informação cósmica mais abstrata possível, descreve-se aí um caminho que vai da Física Quântica até a consciência reflexa. Passo a passo, os autores explicam como se deve entender a informação quântica, com suas leis que ultrapassam totalmente nossa experiência cotidiana, como uma pré-condição para a consciência. Também os fenômenos psíquicos interpessoais e transpessoais podem harmonizar-se com as leis da Física Quântica. “A informação quântica não precisa limitar-se ao corpo de seu produtor. Embora ainda não tenhamos hoje a possibilidade de trabalhar experimentalmente com esses problemas, e embora existam razões para acreditar que isso jamais venha a ocorrer, o fenômeno de entrelaçamento descrito por nós é plenamente apto para confeccionarmos um modelo para isso. Contudo, deve ser ressaltado, com toda a clareza, que tais fenômenos nada têm em comum com o modelo autoritário das ciências clássicas da natureza. Com esses fenômenos não é possível buscar efeitos de causalidade. Como acontecimentos individuais, eles estão, em princípio, além de qualquer possibilidade de comprovação científica.”<sup>20</sup>

Menciono aqui essas correntes de pesquisas apenas porque elas indicam que o fenômeno da percepção representativa, o recebimento de informações além dos processos usuais de comunicação e também os processos anímicos, de modo geral, podem absolutamente ter um fundamento físico. A Física Quântica parece ter hoje mais condições para proporcionar, pelo menos em princípio, modelos para isso, seja pela admissão de um campo quântico que tudo penetra e liga, seja através dos fenômenos de interconexão de partículas, mesmo distantes entre si, para formar um “todo”. Se as partículas que se interconectam constituem um todo, elas não precisam de processos energéticos para “saber” umas das outras. Se os processos mentais e psíquicos, tanto no cérebro quanto fora dele, têm um fundamento “real”, isso provavelmente acontece com base nos princípios “matéria”, “energia” e “informação”, tais como se esclarecem na Física Quântica.

Estas observações pretendem apenas mostrar que os fenômenos da percepção representativa, frequentemente impressionantes, podem realmente encontrar, pelo menos em princípio, uma explicação física e não devem ser liminarmente descartados a título de charlatanismo, autossugestão ou manifestação histérica de grupo ou de massa.

Em sua importância prática, os fenômenos nas constelações não dependem das possíveis explicações e metáforas científicas. Não obstante, as ideias aqui mencionadas, bem como outras idéias, podem abrir a clientes e a terapeutas a possibilidade de compreender, pelo menos em princípio, dentro de um quadro de possíveis explicações futuras, o que ainda não foi esclarecido no trabalho das constelações. Inversamente, os fenômenos observáveis da percepção representativa podem estimular também teóricos e práticos de outros domínios da psicologia, da sociologia ou também da pesquisa do cérebro, a alargar substancialmente as ideias sobre os processos de informação na psique e a comunicação entre seres humanos.

---

<sup>20</sup> Görnitz, T. e B.Görnitz: *Der kreative Kosmos - Geist und Materie aus Information*. (O universo criativo - Espírito e matéria a partir da informação). Heidelberg (Spektrum), 2002, p. 338.

## A pessoa do representante

Quando observamos com cuidado as constelações, ocorrem outras perguntas importantes. Por exemplo, será que o cliente escolhe inconscientemente representantes que correspondem ao seu sistema familiar? Muitos representantes observam, com surpresa, que frequentemente são chamados a desempenhar papéis semelhantes. Se assim for, isso não falsifica o processo da constelação; pelo contrário, aprofunda-o, por meio da correspondente sensibilidade do representante. Frequentemente o próprio terapeuta escolhe os representantes mais ou menos ao acaso, pelo menos aqueles que, depois do posicionamento inicial, feito pelo próprio cliente, *são* introduzidos na constelação, e isso parece não fazer nenhuma diferença em seu transcurso. Contudo essas questões ainda não foram objetivamente testadas.

Em que medida os representantes em seus papéis são livres de suas próprias experiências e preconceitos? Eles não o são, mas isso parece não ter maior importância na representação. Contudo, os representantes, em sua maioria, reagem de forma totalmente diferente em diferentes papéis. Eles carregam consigo, naturalmente, suas características emocionais e seu repertório de gestos. Existem representantes que, em qualquer constelação, tendem a fechar os olhos inicialmente ou a cair logo no chão ou coisas semelhantes. É tarefa do terapeuta verificar, “por trás” da forma de expressão de um representante, a adequação do movimento de alma que lhe corresponde. Raramente um representante encena um teatro pessoal, sem conexão com as forças da constelação. Ele não encontraria ressonância nos outros representantes, a não ser que toda a constelação perdesse o caminho e a orientação e desenvolvesse uma dinâmica peculiar que nada mais teria a ver com o cliente e com sua família. Aqui se exige a experiência do terapeuta e sua “visão geral”. As questões que se colocam aqui só podem ser respondidas através de uma observação precisa.

## A representação "relativa"

Um outro campo de problemas resulta do fato de que escolhemos representantes não só para pessoas atuais, mas também para um sintoma, um segredo, a guerra, a morte, uma criança abortada, pessoas mortas há muito tempo ou também para uma profissão ou um país. O que uma pessoa pode realmente representar numa constelação e o que exatamente é representado ali?

Com respeito a um sintoma, uma doença ou mesmo a morte, é interessante perceber que algumas vezes os representantes reagem como se realmente fossem a doença, o sintoma ou a morte. Reagem com energia, “não-envolvidos”, como uma realidade que simplesmente lhes pertence. Com maior frequência, porém, reagem como se fossem uma pessoa doente ou falecida dessa família, portanto, como “envolvidos”. Com isso, muitas vezes aparece o “sentido” que faz a constelação progredir, quando o “sintoma” ou outra entidade abstrata aponta para alguma pessoa ou evento no sistema familiar do cliente. O que é, porém, representado numa “doença” ou, por exemplo, na “guerra”? Como se sente um embrião de três meses? Pode uma pessoa abarcar a alma de todo um país?

As representações não são, em sua “substância”, aquilo que apresentam. Elas operam deslocamentos de imagens e de relações anímicas. Por exemplo, o embrião “fala” e se “move” na alma dos vivos ou na ligação anímica do sistema. Quando se representa um país, não é o próprio país que comparece num determinado aspecto, mas uma relação a ele ou o valor desse país na alma de um grupo. O fato de que pessoas ausentes podem ser sentidas indica que o que se mostra nos representantes são principalmente relações, processos e efeitos psíquicos e não as próprias pessoas ou as coisas “em si”. Também ocorrem deslocamentos. Por exemplo, num determinado caso um representante sente com clareza que seu pai não é seu pai. Na realidade, verifica-se que quem teve um falso pai foi o avô do cliente. O que um “filho” numa constelação sente sobre o próprio “pai” pode representar na realidade o sentimento do avô do cliente em sua família.

As constelações funcionam, às vezes, como fábulas onde todas as realidades falam como se fossem pessoas, para exprimir aspectos essenciais de uma realidade que não mobilizaria se fosse expressa e experimentada de uma outra maneira. Essa referência à realidade na representação, a ligação clara, mesmo que não exata, dos eventos e relações na alma, é, em última análise, uma condição de eficácia das constelações.

## Verdade e realidade – O método fenomenológico

Com que realidade lidamos nas constelações? Até que ponto uma constelação é “verdadeira”? Sem pretender entrar aqui em discussões epistemológicas, gostaria de esclarecer alguns conceitos fundamentais sobre realidade, verdade e método de conhecimento, que estão na base nas constelações familiares.

Como “realidade”, entendemos tanto o mundo dos fenômenos, portanto dos fatos, quanto nossa interpretação desses fenômenos. A realidade se “mostra” a nós através de nossa percepção, por meio da qual nos relacionamos com ela. De acordo com o ponto de vista, a realidade, isto é, o que atua,<sup>21</sup> pode deparar-se conosco de formas muito diversas. Nas constelações observamos os representantes, seus movimentos, suas palavras, suas emoções e seus efeitos sobre a constelação, o cliente, o grupo, o terapeuta. Não observamos a família em si mesma, pois ela geralmente só comparece na pessoa do cliente e, mesmo nele, apenas num contexto anímico extremamente complexo. A realidade do método é a realidade da constelação.

Com que fidedignidade a constelação reproduz os processos numa família? O que é “objetivo”, no sentido de estar diante do observador, é apenas o próprio processo da constelação, não a realidade da família. Se a referência à realidade familiar do cliente não estivesse presente ou fosse apenas casual ou imaginada ou apenas socialmente construída no que acontece na constelação seria muito difícil entender alguns dos fenômenos que ali ocorrem. Por mais que as modernas teorias do conhecimento enfatizem a construção subjetiva e social da informação, a própria informação precisa referir-se a algum objeto. O método das constelações familiares parte do pressuposto de que o mundo existe independentemente da consciência e que as informações que nos proporciona não são arbitrárias ou apenas “subjetivamente construídas”, embora nos sejam acessíveis através de nossa experiência, e apesar de sabermos o quanto a observação condiciona o observado. Podemos descrever a descoberta da verdade como um processo “dialógico”, no qual tanto o observador quanto a realidade observada aportam elementos separados, que se unem no processo da percepção. Na percepção confluem o acontecimento - do qual não podemos dispor - e o entendimento que constrói o significado.

Assim sendo, como podemos entender a relação que as constelações têm com a realidade?

Seguramente, não no sentido de que as constelações simplesmente reproduziriam os acontecimentos e as relações na história de uma família como num filme documentário (se bem que certas palavras ou gestos, no dizer de clientes, funcionam de uma forma quase documentária). Não se trata de uma concordância entre a realidade objetiva, a nossa língua e o nosso conhecimento.

A verdade nas constelações é antes comparável à verdade de uma peça teatral. Algo se condensa em imagens e palavras, permitindo que a realidade, que antes estava oculta, apresente-se à nossa experiência. Algo semelhante acontece com a verdade na arte. A arte traz à luz, de uma forma condensada e configuradora, o lado invisível da realidade.

O próprio Bert Hellinger, apoiando-se em Heidegger, evoca o antigo conceito grego da verdade, a *alétheia* ou o “não-oculto”. Através das constelações vem “à luz” algo da realidade de um sistema de relações ou de um acontecimento. Algo se mostra “espontaneamente”, mas apenas de uma forma que podemos perceber, dentro dos condicionamentos de nossa consciência. Para usar uma outra metáfora, à semelhança de uma novela policial, onde se procura desvendar um crime, procuramos nas constelações acontecimentos e conexões entre acontecimentos, que inicialmente não são claros mas precisam vir à luz através dos representantes - desde a descoberta dos “indícios” até o esclarecimento. Nessa “novela”, os terapeutas são, basicamente, “detetives do amor”.

O método fenomenológico é aquele que nos permite perceber uma realidade complexa. A fenomenologia consiste, de modo geral, em perceber e descrever a realidade em suas manifestações. Num sentido filosófico mais apurado, a fenomenologia se refere a uma forma de experiência na qual a realidade, através de sua manifestação, dá-se a conhecer em sua estrutura, em sua essência mais profunda, em seu *logos*. No conhecimento fenomenológico, o fenômeno e o *logos* coincidem.

Para proceder fenomenologicamente nas constelações, não nos basta contemplar apenas os fenômenos. É preciso que uma estrutura mais profunda dos fenômenos seja percebida pelos

---

<sup>21</sup> Em alemão, *Wirklichkeit*, a realidade, deriva etimologicamente de *wirken*, atuar, produzir efeito. (N.T.)

observadores e faça sentido para eles, de modo que os fenômenos também sejam entendidos em linguagem, pelo menos na linguagem das imagens. Existe uma grande dificuldade, pelo menos no âmbito da psique, para reproduzir com conceitos exatos a percepção fenomenológica. Isso também fica patente neste livro pelo uso frequente das aspas. O conhecimento fenomenológico frequentemente só pode ser expresso na linguagem das imagens e com múltiplos sentidos.

Na maior parte das referências sociais - e muitas vezes também no início do conhecimento das ciências naturais - dependemos da compreensão fenomenológica. Ao observarmos, temos critérios e pressupostos que nos auxiliam a pesquisar a realidade. Ao percebermos, algo se mostra a nós em sua totalidade. Nós o “tomamos” em nós. Temos talvez uma “inspiração” ou algo surpreendente se mostra, às vezes numa “fulguração” de conhecimento. A percepção fenomenológica abre-se para o “inesperado dentro do esperado”, para aquilo “que nos faz escutar ou nos assusta”, como diz Bernhard Waldenfels. Em alguma novela policial (e elas dão excelentes indicações para a percepção fenomenológica), encontrei esta citação: “Muitas luzes atravessam a cabeça como um relâmpago - não preparadas nem esperadas, sem qualquer prévia associação (Petros Makaris).

O que assim se mostra nas constelações, com a ajuda do método fenomenológico, só pode ser comprovado por sua concordância com as informações sobre a família em questão, por seus efeitos sobre o cliente e sua família e também por permitir que também outras pessoas vejam, num relance, o que antes estava oculto. Não podemos deixar de olhar para os fenômenos, embora saibamos como essa visão é sujeita a fantasias, interpretações erradas, falsas conclusões, meras associações, construções e erros. No trabalho *com as constelações, o terapeuta precisa ser extremamente* reservado em sua percepção, no que toca aos seus próprios condicionamentos, à sua interpretação e ao seu modo de agir, para que possa vir à luz uma realidade significativa para o cliente. Isso requer dele constante treinamento, ânimo intrépido, liberdade com respeito a ideias e preconceitos e isenção de intenções diante daquilo que se mostra como uma realidade do relacionamento.

### O método sistêmico

Para os complexos sistemas de relações, não bastam modelos de explicação lineares e causais. Reconhecemos isso, no mais tardar, na prática do aconselhamento familiar quando ouvimos cada um dos parceiros e depois concluímos que ambos têm razão. Por esse motivo, no domínio psicossocial coloca-se há muito tempo esta pergunta: como é possível intervir adequadamente em sistemas de relações, sem se deixar prender nas armadilhas do pensamento e da linguagem linear e causais e respeitando a determinação estrutural dos sistemas vivos? Como se pode proceder sistemicamente, de um modo bem geral, tendo em mente a conexão das partes dentro de um todo ordenado e articulado, onde o todo é mais do que a soma de suas partes e funções?

A constelação familiar é entendida como um método sistêmico, em muitos sentidos. Ela vê o cliente individual, desde o princípio, junto com as pessoas relevantes em seus campos de relações. Dificilmente haverá um método que permita vivenciar tão explicitamente, e de uma forma tão condensada, abrangendo espaço e tempo, as influências numa família. Nas constelações, vemos os sistemas de relações, de certa maneira, “em ação”. O conceito do “envolvimento” exprime a interconexão dos destinos que se manifestam, em número maior ou menor, mais ou menos simultaneamente.

Esse procedimento sistêmico está acoplado a uma visão histórica da família. O “aqui e agora” de uma constelação, com as influências recíprocas dos representantes, é função do “vir-a-ser” de uma família. Os sistemas estão inseridos na corrente irreversível do tempo. As histórias familiares e seus efeitos sobre a psique se estendem entre um “antes” e um “depois”, em eventos e nos efeitos deles. Para fazer justiça aos relacionamentos, para entender e influenciar seus efeitos, precisamos unir o pensamento sistêmico e o pensamento linear. Se simbolizarmos o pensamento linear por uma linha e o pensamento sistêmico por um círculo, a união deles pode ser visualizada através da espiral. Esse movimento temporal sistêmico é captado pela linguagem com o auxílio de conceitos como “a espiral da violência”. O conceito de “envolvimento” engloba o conceito linear e energético de “repressão”, tomado da psicanálise e a ideia da interconexão circular entre informação e comunicação.

A constelação familiar não é um método sistêmico, se entendermos “sistêmico” em relação aos processos circulares da comunicação nas famílias, que não podem ser decididos em termos de causa e

efeito. Nas constelações não se pergunta pelas estruturas de comunicação de uma família, e os representantes só comunicam muito pouco disso nas constelações. O que está em primeiro plano não é a comunicação circular, mas o emaranhamento em destinos alheios. Processos sistêmicos mostram-se mais sob a forma de compartilhamento de um saber num campo comum do que sob a forma de processos de comunicação. Sistema e alma equiparam-se, de certa maneira.

Num sentido mais amplo, as constelações podem chamar-se “sistêmicas” porque se desenvolvem como um processo por imagens. Os sistemas, na medida em que não podem ser descritos em termos causais em sua realimentação e em sua complexidade, só podem ser apresentados numa linguagem visual, através de histórias e imagens. Uma imagem nos dá a perceber, como um todo e simultaneamente uma variedade de informações e de processos. Nesse sentido, nossa percepção (ao contrário da reflexão) é sempre um processo sistêmico. Por exemplo, às vezes nos lembramos de um conto de fadas apenas visualizando a respectiva figura no livro. Aquela figura armazenou as informações essenciais sobre a história e as comunica como um olhar sobre o acontecimento, que aciona a história, o fio condutor que a sustenta e o fim que a resolve.

Assim se mostra nas constelações uma “imagem da família”, com uma história, mas sem que os processos relacionais sejam individualmente analisados em termos lineares e causais. As frases que exprimem o vínculo e a solução são formuladas, na maioria dos casos, em termos muito gerais e sob forma de imagens, sem conexão causai, mas de maneira a permitir a compreensão das conexões. Por exemplo, uma possível conexão entre a própria falta de filhos e a primeira mulher do avô, falecida no nascimento de uma criança, pode ser expressa por esta frase: “Querido vovô, quando vejo como você sofreu com a perda de sua primeira mulher, eu renuncio a ter um filho.” Ou então: “Seja amável se eu tenho coragem de ter um filho, mesmo que você tenha perdido sua primeira mulher e a criança no nascimento.” Essas frases frequentemente também não são formuladas em termos lógicos, mas dependem do inconsciente de um cliente e de sua família. Quando os processos são expressos como causais, isso se destina principalmente a despertar na reflexão do cliente um movimento que para ele seja conclusivo e liberador, sem que se possa destrinchar no detalhe o entrelaçamento dos efeitos. As afirmações causais nas constelações não se destinam a esclarecer um acontecimento, mas a “fundamentar” uma conexão. A causa e o efeito são considerados, e às vezes também são expressos, sem que as ligações sejam individualmente decifradas.

Em seu processo de evolução, as constelações tomaram-se cada vez menos faladas e comentadas e passaram a confiar cada vez mais naquilo que se pode ver. Assim a dinâmica sistêmica não é encoberta ou coarctada pelas palavras, mas pode vibrar na alma sob a forma de imagens. Contudo, algumas vezes são necessárias palavras de esclarecimento pelos representantes ou pelo terapeuta, porque as imagens podem não ser percebidas de maneira suficientemente clara. O trabalho sistêmico baseado em imagens tem o defeito de comportar, às vezes, múltiplos significados, mas nisso reside também a sua força. Isso dá à alma do cliente a liberdade para permanecer amplamente aberta, na constelação e depois dela, e para encontrar por si mesma a necessária correção ou verdade em relação ao modo de agir para o futuro.

## **Psicoterapia, aconselhamento, ajuda à vida, filosofia aplicada?**

Bert Hellinger desenvolveu constantemente o método das constelações familiares. Muitas das críticas levantadas a esse trabalho se acenderam em virtude de suas declarações recentes, por exemplo, sobre vítimas e criminosos, e sobre os procedimentos dos “movimentos da alma”. Essas críticas ignoram a continuidade que atravessa toda a evolução de Bert Hellinger e das constelações familiares, pois os passos ulteriores, às vezes bem diferentes, não excluem os procedimentos anteriores. Com essa evolução, abriu-se um amplo espectro de possibilidades de ação, com variadas maneiras de compreender e desenvolver atitudes terapêuticas e filosóficas no âmbito da ajuda.

A constelação familiar surgiu inicialmente como uma forma de psicoterapia e continua sendo aplicada em contextos da psicoterapia. Pessoas enfermas de corpo ou alma procuram alívio ou cura através das constelações familiares. Os terapeutas, que muitas vezes são formados nos mais diversos métodos psicoterapêuticos, procuram realizar algo no sentido da cura. Nas constelações, com ajuda do terapeuta, o problema essencial é mencionado e busca-se uma solução, por exemplo, pelo abandono de uma identificação. Se as pessoas estão em dificuldades num assunto conjugal, o aconselhador procura encontrar, através de uma constelação, o conselho que trará ajuda.

A partir da experiência da ligação dos representantes a um campo anímico que envolve toda a família e da importância de suas reações para soluções que exigem demasiado do saber e das forças de uma família, o movimento livre dos representantes, complementado por poucas intervenções do terapeuta, tomou-se um novo elemento para novos *insights* e frequentemente para surpreendentes soluções. As constelações entram em contato com poderes do destino, em face dos quais também o terapeuta permanece pequeno e ignorante. Quando um perpetrador sente o desejo de morrer para seguir sua vítima, na certeza de que somente esse movimento o reconciliará com ela, como se só a morte pudesse concluir algo que a vida não consegue curar, então a nossa ajuda e, muitas vezes também, aquilo que pessoalmente consideramos uma boa solução, esbarram num limite. A alma familiar se mostra inserida num “campo maior” e a constelação deixa o âmbito da psicoterapia, da terapia familiar ou do aconselhamento, para transformar-se num “caminhar com a alma” (Bert Hellinger), num processo que, pelos “movimentos da alma” nos liga a um acontecimento maior e incompreensível. O terapeuta coloca-se então a serviço de uma espécie de cura de almas, de ajuda à vida ou ajuda espiritual mais abrangente.

Finalmente, no mais recente desenvolvimento de Bert Hellinger, aparece um novo elemento. Ele o denomina “caminhar com o espírito”. Enquanto a constelação familiar “clássica” e os “movimentos da alma” olham para os sentimentos e para aquilo que percebemos através deles, colocando-nos num movimento sensível em contextos mais amplos, agora o terapeuta, junto com o cliente, olha para o “espírito”. No espírito somos capazes de ultrapassar a realidade que percebemos sensorialmente e a nossa experiência do bem e do mal, daquilo que é mau e não está em ordem. O terapeuta, junto com o cliente, percorre um caminho filosófico. Nas palavras de Bert Hellinger: “Explico isso com um exemplo. Um cliente se queixa de seus pais ou lamenta alguma experiência ruim que tenha tido em sua infância. Originalmente tínhamos compaixão por esse cliente e pensávamos: ‘Vamos ajudá-lo’. Se, porém eu penso filosoficamente, a partir do espírito, não existe nada que seja ruim. Não pode existir. Se por trás de tudo atua uma força criadora, nada existe que possa opor-se a ela. Dessa maneira, agora eu olho filosoficamente para a situação e exijo do cliente que também olhe filosoficamente a sua situação e diga: ‘O que quer que tenha sido, eu agradeço! Eu o tomo como uma força. Eu assumo os meus pais como esses pais especiais, e eles me dão uma força especial, básica para minha vida.’ De repente, tudo o que acontece se transfigura e fica precioso.”<sup>22</sup>

A constelação familiar, que nesse nível já não é uma constelação familiar, orienta agora a alma com todos os seus processos e ligações para o espírito. Conclui Hellinger: “O espírito é leve. Quem caminha no espírito tem os pés leves e pesa pouco sobre a terra. Pesa pouco sobre o cliente. É feliz em presença de tudo, tal como é. Portanto, caminhar com o espírito simplifica tudo.” Nessa linha, a constelação familiar irá deixar o solo do aconselhamento, da psicoterapia e da ajuda à vida? Só poderá trilhar esse caminho o terapeuta que procede filosoficamente nesse sentido ou, até mesmo, que seja “iluminado”? Se assim fosse, também valeria aqui o dito: “Depois da iluminação, venha limpar o chão.” No relato bíblico, Jesus transfigurado no Monte Tabor só permitiu aos seus discípulos o olhar iluminado por um breve momento, e depois reconduziu-os às planuras do dia-a-dia, com seus terrores e dúvidas. A evolução de Bert Hellinger na direção de uma “filosofia aplicada” - seja como for que se possa avaliá-la filosoficamente - não consiste em reduzir a constelação familiar a um acontecimento espiritual, tomando-a supérflua como método terapêutico, mas na atitude e no “espírito” com que a ajuda ordinária, nas mais diversas áreas sociais e baseada nos processos anímicos do vínculo e da liberação, é penetrada, ampliada e aprofundada. Nesse particular, talvez possamos aplicar, noutro contexto, um dito de Bert Hellinger em relação ao homem e à mulher, dizendo: a alma segue o espírito, e o espírito serve ao anímico.

A questão decisiva permanece esta: como é possível superar os eventos traumáticos que vivenciamos em nós ou percebemos em outros e que muitas vezes continuam a atuar através de gerações, de forma a trazer alívio e reconciliação? Como isso pode ser lembrado de uma tal forma que também possa ser esquecido, sem repressão individual ou social? Como pode ser esquecido, de modo que permaneçamos abertos para o futuro crescimento e para o amor? Usar a palavra “precioso”, no contexto do imenso sofrimento dos seres humanos, leva sem dúvida à extrema fronteira espiritual. Místicos de todas as religiões e a “filosofia perene” (Aldous Huxley) sempre se aproximaram dela. Como terapeutas, somente podemos tentar esse pensamento filosófico, espiritual ou místico-religioso quando, em face

---

<sup>22</sup> Texto extraído de palestra pronunciada num congresso em Garmisch-Partenkirchen, Alemanha, em fevereiro de 2004.

de um destino pessoal, encararmos o seu efeito, como liberador de sofrimento. Uma visão do mundo, onde tudo o que acontece está englobado num crescimento universal e num amor abrangente, precisa da conexão com aquilo que faz bem a um cliente individual e pode ser aceito por ele. Essa visão é sustentada quando vivenciamos com quanta coragem, força e aceitação muitas pessoas, através de seu sofrimento, encontram uma vida plena, mas é questionada e desafiada em face de terríveis sofrimentos e de modos cruéis de infligir sofrimentos.

A constelação familiar poderá preencher o seu lugar entre os vários métodos e nas diversas áreas da ajuda quando, em seu caminho para tornar-se uma “filosofia aplicada”, permanecer próxima dos problemas que afligem a alma das pessoas e quando nas “ordens do espírito” permanecer conectada aos processos de ligação e liberação em nossa alma e em nossas relações. Dessa maneira poderá contribuir para uma integração da psicoterapia, do aconselhamento, da cura de almas e da espiritualidade e, assim, para uma ajuda integrada, quando não bastarem as terapias específicas. A constelação familiar, amplamente aberta para todos os domínios da alma, constitui uma ajuda à vida.

## Indicações Bibliográficas

FRANKE, Ursula. *Quando fecho os olhos vejo você*, as constelações familiares no atendimento individual. Patos de Minas, Atman, 2006.

FRANKE-GRICKSCH, Mariane. *Você é um de nós-*, percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos. Patos de Minas, Atman, 2005.

HELLINGER, Bert. *Ordens do amor*, um guia para o trabalho com constelações familiares. São Paulo, Cultrix, 2003.

HELLINGER, Bert. *No centro sentimos leveza-*, conferências e histórias. São Paulo, Cultrix, 2004.

HELLINGER, Bert. *O essencial é simples-*, terapias breves. 2 ed. Patos de Minas, Atman, 2006.

HELLINGER, Bert. *A fonte não precisa perguntar pelo caminho-*, um livro de consulta. Patos de Minas, Atman, 2005.

HELLINGER, Bert. *Ordens da ajuda*. Patos de Minas, Atman, 2005.

HELLINGER, Bert & ten HÖVEL, Gabrielle. *Constelações familiares-*, conversas sobre emaranhamentos e solução. São Paulo; Cultrix, 2001.

HELLINGER, Bert. *Um lugar para os excluídos*. Patos de Minas, Atman, 2006.

SCHNEIDER, Jakob & GROSS Brigitte. *Ah! Que bom que eu sei!A visão sistêmica nos contos de fadas*. Patos de Minas, Atman, 2005.

SHELDRAKE, Ruppert. *A sensação de estar sendo observado*. São Paulo, Cultrix, 2004.

PSICOTERAPIA RELAÇÕES HUMANAS

**J**AKOB ROBERT SCHNEIDER, UM DOS MAIS EXPERIENTES TERAPEUTAS NA LINHA CRIADA POR BERT HELLINGER, APRESENTA EM SEU NOVO LIVRO UMA AMPLA VISÃO DE CONJUNTO SOBRE AS CONSTELAÇÕES FAMILIARES, EXPONDO E ANALISANDO SEUS PRESSUPOSTOS, CONCEITOS BÁSICOS, PROCEDIMENTOS, EFEITOS, ÁREAS DE APLICAÇÃO E MODELOS TEÓRICOS.

A EXPOSIÇÃO, CLARA, DIDÁTICA E BEM ESTRUTURADA, É ENRIQUECIDA POR BREVES RELATOS DE NUMEROSOS CASOS ACONTECIDOS NA PRÁTICA TERAPÊUTICA DO AUTOR E NOS TREINAMENTOS POR ELE DIRIGIDOS EM DIVERSOS PAÍSES.

UM LIVRO FUNDAMENTAL PARA PESSOAS INTERESSADAS, EM TREINAMENTO OU QUE JÁ TRABALHAM COM ESSE MÉTODO QUE REVOLUCIONOU A PRÁTICA TERAPÊUTICA NOS ÚLTIMOS DECÊNIOS.

"O LIVRO NUNCA É PROFESSORAL, TENDENCIOSO OU AUTORITÁRIO. COM UM ESTILO SIMPLES E VIVO, QUE DEIXA EM ABERTO O ESPAÇO E O SENTIDO DAS POSSIBILIDADES, ELE CONVIDA O LEITOR A FAZER UMA IMAGEM PESSOAL DAS CONSTELAÇÕES FAMILIARES E DE SEUS EFEITOS, E A TIRAR SUAS PRÓPRIAS CONCLUSÕES."

(GUNTARD WEBER)

ISBN 978-85-540-14-6



EDITORA ATMAN - EDITORA@ATMANEDITORA.COM.BR - WWW.ATMANEDITORA.COM.BR